



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E CONEXÕES
ATLÂNTICAS: CULTURAS E PODERES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

TATIANA OLEGÁRIO DA SILVA

**“MÁRTIR DA PUREZA, HEROÍNA DA CASTIDADE”: A CONSTRUÇÃO DA
SANTIDADE DE BENIGNA CARDOSO EM SANTANA DO CARIRI/CE-(1941-2022)**

SÃO LUIS

2023

TATIANA OLEGÁRIO DA SILVA

“MÁRTIR DA PUREZA, HEROÍNA DA CASTIDADE”: A CONSTRUÇÃO DA
SANTIDADE DE BENIGNA CARDOSO EM SANTANA DO CARIRI/CE-(1941-2022)

Dissertação apresentada ao curso do Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof^o Dr^o Ítalo Domingos Santirocchi.

SÃO LUIS

2023

TATIANA OLEGÁRIO DA SILVA

“MÁRTIR DA PUREZA, HEROÍNA DA CASTIDADE”: A CONSTRUÇÃO DA
SANTIDADE DE BENIGNA CARDOSO EM SANTANA DO CARIRI/CE-(1941-2022)

Dissertação apresentada ao curso do Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas: Culturas e Poderes da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Ítalo Domingos Santirocchi (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profº Drº Lyndon de Araújo Santos
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profº Drº Francisco Régis Lopes Ramos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Tatiana Olegário da.
MÁRTIR DA PUREZA, HEROÍNA DA CASTIDADE: : A CONSTRUÇÃO
DA SANTIDADE DE BENIGNA CARDOSO EM SANTANA DO CARIRI/CE-
1941-2022 / Tatiana Olegário da Silva. - 2023.
195 p.

Orientador(a): Ítalo Domingos Santirocchi.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2023.

1. Construção de Santidade. 2. Devoção. 3. Igreja
Católica. I. Santirocchi, Ítalo Domingos. II. Título.

Dedico este trabalho a Deus, por ter me dado força, perseverança e inspiração para chegar até aqui. À Benigna, por sempre me guiar, proteger e me mostrar os melhores caminhos durante este processo, permitindo-me contar um pouco da sua história. Á minha vó Francisca (*in memoriam*) que sempre foi minha base e fonte de inspiração. À minha mainha, Socorro, dona de um coração gigante e uma força imensurável; a ela, dedico não apenas este trabalho, como também minha vida e meu amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Apesar da escrita acadêmica ser solitária, eu nunca estive só. Começo os meus agradecimentos com essa frase para que, aqueles que estiveram ao meu lado durante essa trajetória, sintam o quanto sou grata pela companhia, parceria e, sobretudo, por todo apoio durante esses dois anos de estudos intensos, momentos confusos e abdicções.

Externar em palavras meus agradecimentos torna-se uma tarefa difícil considerando que foram inúmeras pessoas que me ajudaram nessa trajetória e que contribuíram de maneira direta e indireta na elaboração deste trabalho. Logo, se por alguma falha na memória eu venha esquecer alguém, desde já, peço desculpas.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e a Benigna, pelo amor incondicional, cuidado durante toda minha vida e por me guiar nos melhores caminhos.

À minha mãe (mainha) Socorro Olegário, meu exemplo de parceria, amor, coragem e fortaleza, sem ela eu nada seria e a ela, dedico tudo que existe de melhor em mim. Gratidão pelas orações e por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida.

Às minhas tias, Antonieta, Maria Alta, Maria de Fátima, Érica, Antônia, Maria e ao meu tio José, por sempre me incentivarem, acreditarem em mim e por todo amor que me dedicaram. Minha família é minha base e, a vocês, toda minha gratidão.

Aos amigos Delailton e Allan, por sempre me apoiarem e me incentivarem ao longo dessa caminhada, obrigada por tanto.

As minhas amigas de infância, Luana Nunes e Franciele Mendes que sempre estiveram ao meu lado, incentivando-me e me apoiando, sobretudo nos momentos difíceis dessa trajetória. À Rebeca Fonseca, pelo carinho, pelos conselhos e por sempre me auxiliar em momentos em que eu precisei tomar grandes decisões, gratidão por acreditar em mim, e por ser essa amiga incrível.

Aos meus amigos desde a graduação que por muitas vezes expressaram suas palavras de apoio e incentivo, Welinaidia, Noélio, Maykelly, Kévia, Éder, Cinara, Simone e Tatiane. A vocês os meus mais sinceros obrigada.

A Rafael Duarte, por todas as vezes que acreditou em meu potencial, ajudou-me em meus momentos conturbados e ansiosos, por compartilhar as angustias e inquietudes e por sempre me apoiar quando precisei.

Aos meus professores da graduação, Arleilma, Ana Cristina e Roberto Viana, obrigada por acompanharem de perto minha trajetória acadêmica e por todas as contribuições que fizeram.

Ao meu querido professor Leonardo Feitosa, obrigada por confiar em mim, por me incentivar, por me mostrar que sempre posso ir além do que eu imaginei e por todo apoio que sempre me deu desde o ensino fundamental.

À toda minha turma do mestrado 2021, vocês foram um presente em minha vida e tornaram esse processo bem mais leve e satisfatório, a vocês, gratidão pela troca e por compartilhar os sabores e dissabores dessa trajetória. Em especial, à Ravenna, Darlene e Karla. Gratidão por tanta troca de experiência, aprendizados e aventuras.

Aos amigos que conheci no PPGH UFCG e que permanecerão sempre comigo, Adolfo, Vando, Kaline e Ramon, vocês são bênçãos em minha vida, obrigada por tanto apoio e incentivo.

Ao meu orientador, Ítalo Domingos Santirocchi, pela paciência, pelas contribuições e por me auxiliar durante esses dois anos de mestrado. Aos professores do PPGHis- UFMA, por tantas trocas e pelo auxílio quando precisei, em especial ao professor Lyndon que sempre foi solícito quando o procurava.

As pessoas que eu tive o prazer de entrevistar, que me acolheram tão bem e cederam suas memórias, vivências e sensibilidades para serem externadas neste trabalho, Sandro Cidrão, Ary Gomes, Ypsilon Félix, Penha, Fabiene, Lica Fontes, João Paulo Cabral, César, Carlinhos, Maria Josecisa, Terezinha, Nair Sobreira, Vicência, Maria Socorro, Antônia, padre Paulo e padre Thiago.

As pessoas que foram extremamente importantes no processo de busca de fontes, auxiliando-me e traçando caminhos mais leves para que eu pudesse seguir, Danilo Sobreira, Davidson Linard e Henrique Duarte.

Por fim, e não menos importante, agradeço a todos que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em História PPGhis-UFMA, por contribuírem de forma significativa em minha vida acadêmica, assim como agradeço à FAPEMA, pela bolsa concedida desde o primeiro semestre, esta foi fundamental para o desenvolvimento e concretização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de construção de uma “santidade feminina” entre os séculos XX e XXI, período no qual a ideia de castidade, honra e feminilidade está em constante mudança/transformação. Propomos realizar esta análise, a partir da história de Benigna Cardoso da Silva, jovem que no dia 24 de outubro de 1941, ao realizar uma atividade corriqueira: ir pegar água de um poço para sua casa, foi estuprada e assassinada por um colega de classe, Raul Alves Ribeiro, na cidade de Santana do Cariri/CE. À época, Benigna tinha recém completados 13 anos, e Raul, 17 anos. O assassinato despertou a sensibilidade na população e, ao longo do tempo, a história de Benigna vem ganhando admiradores, tornando-se assim para os seus devotos uma “santinha” e “heroína da castidade”. Tal fenômeno deu origem, a partir do ano de 2004, à peregrinação de romeiros ao local do assassinato. Com o passar dos anos, a devoção foi ganhando maior notoriedade e incentivo por parte de leigos e pessoas da cidade. Após 2011, a Igreja começou a incentivar a devoção, divulgando o culto, inserindo símbolos na história da vida e morte de Benigna e iniciando o processo de beatificação. Para a realização desta pesquisa, utiliza-se a metodologia da história oral, análise de documentos e imagens. Diante disso, tendo a influência das instituições da Igreja e do Poder Público como eixo de problematização desta devoção, questionamos como estes construíram a imagem de Benigna, tornando-a santa nos moldes canônicos e levando-a a tornar-se oficialmente beata. Para melhor entendermos esses aspectos, recorreremos aos conceitos e contribuições de alguns autores que serão primordiais nesta pesquisa: Roger Chartier (1990), Michel de Foucault (2012), Michel de Certeau (2000), dentre outros que nos auxiliarão para um melhor embasamento teórico.

Palavras-chave: Devoção. Construção de santidade. Igreja Católica.

ABSTRACT

The work aims to analyze the process of building a “feminine sanctity” between the 20th and 21st centuries, Where the idea of chastity, honor and femininity are in constant change/transformation. We propose to carry out this analysis based on the story of Benigna Cardoso da Silva, a Young Woman who, on October 24, 1941, When carrying out a common activity, going to get water from a well for her home, was raped and murdered by a classmate, Raul Alves Ribeiro, in the city of Santana do Cariri/CE. At the time, Benigna was just 13 years old and Raul was 17. The murder aroused sensivity in the population and, throughout Benigna’s history, there has been time, admirers, thus becoming for her devotees a “saint” and “admirers complete “hero of chastity”. This phenomenon gave rise, from the year 2004 onwards, to the pilgrimage of pilgrims to the place of the murder. With the passing, the devotion went to more sincere people of the notoriety and encourage devotion, publicizing the cult, inserting symbols in the history of lite and death Benigna and initiating the beatifications is used, having the influence of institutions, the Church and the public power as the axis of the problematization of thi devotion, questioning how They built the image of Benigna transform – a in the canonical and oficial blessed molds. To better understand these aspects, we resort to the concepts and contributions of some outhors thtat will be essential in this research, Roger Chartier (1990), Michel de Foucault (2012), Michel de Certeau (2000) among other authors that help us to have a better theoretical foundation.

Keywords: Devotion. Construction of holiness. Catholic Church.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa da Região Metropolitana do Cariri (RMC).....	25
Figura 2 - Mapa das devoções femininas na região do Cariri	27
Figura 3 - Página do Livro de Batizados	45
Figura 4 - Cruz Santa Benigna	53
Figura 5 - Cruz Santa Benigna	55
Figura 6 - Primeiro retrato falado de Benigna.....	60
Figura 7 - Primeiro painel alusivo à Benigna exposto na primeira romaria.....	64
Figura 8 - Santuário de Benigna.....	71
Figura 9 - Cópia do nihil obstat.....	97
Figura 10 - Primeira representação de Benigna (1989).....	110
Figura 11 - Benigna desenhada por Sandro Cidrão.....	112
Figura 12 - Imagem oficial de Benigna até o ano de 2022.....	115
Figura 13 - Estátua que se encontra na entrada da cidade.....	118
Figura 14 - Desenho feito na época da pandemia.....	119
Figura 15 - Imagem oficial de Benigna.....	120
Figura 16 - Projeto oficial da estátua de Benigna.....	122
Figura 17 - Instagram oficial da Beata Benigna Cardoso da Silva.....	128
Figura 18 - Comentários na página do instagram da Beata Benigna.....	129
Figura 19 - Arte de divulgação da Romaria de 2020.....	132
Figura 20 - Chat ao vivo da transmissão da Romaria de Benigna 2020.....	134
Figura 21 - Número de visitantes no ano de 2022 do Santuário Menina Benigna.....	156
Figura 22 - Postagem sobre o Santuário Menina Benigna	157
Figura 23 - Comentários da postagem sobre o Santuário Menina Benigna	158
Figura 24 - Trajeto do santuário de Benigna até a cacimba e local do martírio.....	162
Figura 25 - Túmulo no local do martírio de Benigna.....	164
Figura 26 - Túmulo no local em que Benigna foi assassinada.....	165
Figura 27 - Local em que Benigna foi assassinada	166
Figura 28 - Cacimba que Benigna buscava água.....	167
Figura 29 - Devotos enchendo suas garrafas e molhando o corpo com a água da cacimba..	168
Figura 30 - Mapa Caminhos da Fé	169
Figura 31 - Logotipo da beatificação.....	171
Figura 32 - Dia da beatificação.....	174

Figura 33 - Dia da beatificação de Benigna	176
--	-----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Breve percurso teórico	17
2 “O SANGUE QUE BANHOU A TERRA DO OITI”: O ASSASSINATO DE BENIGNA CARDOSO E O INÍCIO DA DEVOÇÃO.....	24
2.1 Na cidade de Santana: o povo fez sua santa.....	24
2.2 “Vox Populi, Vox Dei”: A santidade atestada nas graças relatadas.....	49
2.3 Quando a visão de Deus se manifesta no devoto: início das peregrinações e a importância dos idealizadores da causa Benigna	58
3 “MORRER POR UMA CAUSA É RENASCER PARA DEUS”: A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE DE BENIGNA COMO MÁRTIR DA PUREZA E INÍCIO DO PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO	73
3.1 “O teu exemplo vale mais que tua vida”: a representação da imagem de Benigna como modelo ideal santificado	73
3.2 A “Colcha de retalhos” que compõe o “Nihil Obstat”: caminhos que culminaram na abertura oficial do processo de beatificação	91
3.3 “Virgem, pura e casta”: a sacralização feminina na construção da imagem física de Benigna	109
4 DA BEATIFICAÇÃO AO ALTAR: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA E DO PODER PÚBLICO NO PROCESSO DE DIVULGAÇÃO, INCENTIVO E VISIBILIDADE À DEVOÇÃO.....	124
4.1 As redes sociais e sua importância na divulgação e visibilidade do culto à Benigna.....	124
4.2 Os olhos do mundo voltado para Santana: a importância do Poder Público no turismo religioso.....	141
4.3 Caminhos da fé no sertão nordestino: os lugares de memória e suas transformações por ocasião da beatificação	159
4.4 Viva, viva!! “Temos uma Beata no céu vestida de chita”	170
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	179
REFERÊNCIAS	183
TIPOLOGIA DAS FONTES	192

1 INTRODUÇÃO

*“Para todos os devotos
De nossa comunidade
Temos na jovem Benigna
Exemplo de santidade
Nossa querida “santinha”
Heroína da castidade¹.”*

O historiador, à medida que é produto da história e dos fatos históricos que participa, produz significados à cultura e à sociedade em que está inserido. Partindo desse ponto, a devoção à Benigna, expressa nessa estrofe do cordel, faz parte desse conjunto de significados que atribuímos a vida e a comunidade na qual fazemos parte. Neste sentido, antes de explicar o breve percurso que me fez conhecer a respeito da história da vida, morte e devoção à Benigna, ressalto que em sentido figurado, conforme escolhemos nossos temas de pesquisas, eles também nos escolhem, nos tocam, nos sensibilizam e de alguma maneira, nos induzem a pesquisar, problematizar e escrever a respeito.

Assim, toda pesquisa tem uma trajetória, um caminho pelo qual o pesquisador percorre até chegar ao produto final da dissertação. Muitas vezes, esse longo percurso, inicia-se antes mesmo do ingresso no mestrado, pois parte de uma dúvida, inquietação e de pequenas produções ao longo da vida pessoal e acadêmica do pesquisador. Neste caso, o contato com a história e devoção à Benigna, iniciou-se antes da graduação, e, perante isso, considero que foi a partir desse primeiro contato que escolhi esse tema para iniciar essa longa caminhada até chegar aqui.

O primeiro contato a respeito da devoção à Benigna, ocorreu ainda no ensino fundamental. Por estudar em um distrito de Santana do Cariri, ouvíamos, sempre em dias, que antecediam o dia 24 de outubro, pessoas falando a respeito das romarias e da história do assassinato da jovem. À época, as peregrinações limitavam-se a cidade e aos distritos circunvizinhos. Contudo, mesmo que ainda não houvesse divulgações através da internet e canais de televisão, moradores das cidades vizinhas, tinham conhecimento e transmitiam a programação dos eventos por meio da oralidade. Concordamos, com Santos (2021, p. 105), quando destaca que o "traço fundamental em todas as religiões, a oralidade e a memória se constituíram como meios de preservação e de transmissão de narrativas que estruturavam as próprias sociedades organizadas em torno do sagrado." Diante disso, o compartilhamento

¹ Cordel “heroína da castidade” dos autores Marcos Danilo Estevam Sobreira e Josenilda Estevam Sobreira. Sem data, p. 8.

dessas narrativas compõe as memórias socialmente estabelecidas e aceitas pelos grupos sociais. Neste caso, o primeiro meio de divulgação da história de Benigna, se deu a partir das narrativas orais dos moradores da região que objetivavam, sobretudo, preservar sua história.

Logo, os relatos que se teve conhecimento ocorreram de forma vaga e não muito profunda, possibilitando o despertar para diversos questionamentos e curiosidades. Reinhart Koselleck (2006) aponta que, quando o historiador mergulha no passado, ele ultrapassa suas próprias vivências e recordações, sendo conduzido por perguntas, desejos, esperanças e inquietudes. Foi a partir dessa inquietude que após ingressar no curso de História, ainda no primeiro semestre, ao ler uma dissertação da professora Ana Cristina de Sales, na qual tratava a respeito do culto à cruz da Baixa Rasa, prática presente na cidade de Crato², tive ainda mais curiosidade de iniciar uma pesquisa histórica, voltada, sobretudo, para a ênfase na cultura regional e na prática religiosa presente em Santana.

A dissertação então citada, me possibilitou um primeiro contato com o que seria o fazer do historiador: questionamentos, análise de fontes, senso crítico, conceitos e métodos. Era um mundo novo, mas extremamente fascinante. A partir de então, tive ainda mais certeza de que iria pesquisar a respeito da devoção à Benigna e defenderia o TCC com esse tema³.

No terceiro semestre de graduação, iniciei de fato a pesquisa histórica voltada para o culto à Benigna. De antemão, o que eu tinha ao meu alcance era apenas a biografia que a Igreja disponibilizava para venda. Contudo, sentia a necessidade de aprofundar ainda mais o conhecimento, para além do que estava dado na fonte que dispunha. Veio-me então a ideia de conversar com as pessoas que construíram/escreveram aquele documento, foi assim que comecei a realizar as entrevistas com os moradores de Santana: devotos, padres e pessoas que alcançaram graças, investigando, sobretudo, a importância da devoção para a localidade.

Os relatos orais foram extremamente importantes nesse contato inicial com a pesquisa, a maneira como as pessoas me acolhiam, abriam as portas de suas casas e disponibilizavam seu tempo e suas memórias, fizeram-me gostar e admirar ainda mais o tema escolhido. E, através da troca dialógica proporcionada pelas conversas e pela história oral, o fazer historiográfico tornou-se mais leve e sensível.

Isso posto, para que pudesse levar a história da vida e devoção à Benigna em um nível de mestrado, a graduação foi extremamente importante, pois foi o alicerce de uma longa

² SALES, Ana Cristina. Narrativas sobre o culto à cruz da baixa rasa em Crato/CE: sensibilidades mimetizadas. Campina Grande, 2014.

³ SILVA, Tatiana Olegário. “O povo fez sua santa, a igreja construiu a mártir”: devoção à Benigna Cardoso em Santana do Cariri/CE.

caminhada de aprendizados, questionamentos e possibilidades, mesmo residindo na cidade em que essa devoção acontece, a academia me possibilitou um olhar mais crítico e questionador para essa manifestação religiosa. A escolha por esse tema ainda na graduação me possibilitou enxergar com um outro olhar e ter contato com um mundo de devoção, santidade, fé e sensibilidades que eu jamais imaginaria conhecer.

Assim, à medida que as entrevistas foram sendo realizadas, novas fontes, elementos e descobertas iam surgindo. Consequentemente mais questionamentos emergiam e considerando que o TCC da graduação foi uma pesquisa inicial, senti a necessidade de dar continuidade ao tema, ingressando no mestrado e abordando questões que não tinham sido problematizadas há anos. Portanto, a presente dissertação partiu principalmente do desejo de dar continuidade a uma pesquisa que abrange diversos aspectos e que alguns deles necessitavam de mais ênfase e aprofundamento.

Logo, considerando que o historiador, também, faz parte da história construída, continuar as pesquisas relacionadas à santidade de Benigna em Santana do Cariri, é uma forma de representar a minha história, a história da minha avó, da minha mãe e dos meus familiares, que são devotos e que atribuem à Benigna, o papel de interceder a Deus nos momentos difíceis. É uma maneira de externar e levar para a academia as múltiplas dimensões da religiosidade presentes na região, representar e de alguma forma dar visibilidade e aduzir para a academia as pessoas que fazem parte desse processo de construção de santidade e dessa pesquisa. Sujeitos, esses que cederam por diversas vezes suas memórias, suas casas e suas histórias para falarem sobre suas sensibilidades e vivências na fé.

Considerando que novos caminhos foram trilhados, novas informações, questionamentos e indagações foram incorporadas a essa pesquisa histórica, percebo que apesar de anos de pesquisa, ainda assim, existe muito a saber, pois o conhecimento não é finito, somos seres em constante processo de aprendizado e partilha. Portanto, esse trabalho é fruto da contribuição de várias pessoas que se disponibilizaram a ajudar-me e o construir junto comigo esta pesquisa.

Em face do exposto, adentrarei aos objetivos, métodos e percursos teóricos que serviram como base para construção desta dissertação. Tais elementos partem de um olhar subjetivo, do ponto de vista pessoal e técnico do historiador, onde o contexto histórico/social em que ele está inserido, assim como as fontes em que este escolhe, influenciam diretamente em sua forma de olhar e problematizar os fatos. Certeau (2000, p. 66) destaca que:

Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de estudo ou de ensino, uma categoria de letrados etc. encontra-se, portanto, submetida a opressões, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se precisa uma topografia de interesses, que se organizam os dossiers e as indagações relativas aos documentos.

Partindo dessas escolhas e seleções que precisam ser feitas para a elaboração de um trabalho historiográfico, esta dissertação tem por objetivo analisar a construção da santidade de Benigna Cardoso, através de um conjunto de narrativas (orais, iconográfica, poéticas), construídas ao longo do tempo, que constituíram as representações de santidade de Benigna, oficiais ou não. Buscamos perceber os elementos que perpassam essa construção de santidade assim como os discursos que contribuem para sedimentar as memórias a respeito da vida e morte da jovem.

Notamos que com o passar dos anos essa devoção atravessou o espaço/tempo fazendo-se necessário estabelecermos limites para esta pesquisa. Dessa forma, o recorte temporal desse estudo atenta-se, sobretudo, na disponibilidade e particularidades impostas por nossas fontes, sobretudo, as orais. Mesmo considerando difícil situar relatos orais em um tempo rigidamente estabelecido, pois entendemos que estas perpassam entre passado e presente, para melhor compreendermos a devoção optamos por estabelecer um recorte temporal que corresponde a segunda metade do século XX até os dias atuais.

Achamos pertinente esse recorte por duas razões: a primeira parte da necessidade de entender o contexto da época em que Benigna foi assassinada, assim como o contexto social da cidade em que essa devoção se manifestou. A segunda diz respeito às transformações ocorridas na devoção ao longo dos anos, influenciando na construção da santidade de Benigna até os dias atuais. Estabelecemos, como marco final desse recorte, o dia da beatificação e a romaria de outubro de 2022. Na qual consideramos, até o momento, a solenidade máxima desse processo.

Dessa forma, analisar a devoção à Benigna nos fez perceber que esta é composta de aspectos oficiais e não oficiais, e que sua santidade foi construída ao longo dos anos. Logo, os procedimentos metodológicos que conduziram a pesquisa foram, sobretudo, a metodologia da história oral e a análise de fontes como, iconografia, cordel, poema, documentos eclesiásticos disponibilizados pela casa paroquial de Santana do Cariri, jornais, redes sociais, inquérito policial e entrevistas.

No que se refere as metodologias de seleção e trato com essas fontes, iniciarei enfatizando a iconografia. Assim sendo, as imagens a respeito da construção da santidade de Benigna foram sendo elaborada ao longo do tempo e através de imagens físicas da jovem e dos

espaços que ela frequentou. Optei por selecionar as imagens em uma linha cronológica desde os primeiros acontecimentos até os dias atuais. Através do contato com o memorialista Sandro Cidrão, que dispõe de um vasto acervo iconográfico, tive acesso as primeiras imagens a respeito do espaço em que Benigna foi assassinada, assim como a cruz que foi estabelecida, pelos devotos, pouco tempo depois do assassinato e as transformações que ocorreram nesses lugares com o passar dos anos.

Assim, de início, através do acervo iconográfico atual e das imagens disponibilizadas por Sandro Cidrão, tive a possibilidade de analisar essas mudanças, contrastes e evolução da devoção ao longo do tempo. Quanto as imagens que retratam a figura física de Benigna, foi seguida a mesma lógica e linha cronológica anteriormente citada. As primeiras foram adquiridas através do acervo de Sandro e posteriormente consegui acompanhar essa transformação na fisionomia de Benigna ao longo do tempo. Além disso, à medida que sua santidade ia sendo construída institucionalmente, até chegar-se ao retrato considerado “oficial” e mais divulgado pela Igreja, este que foi o “rosto” da beatificação e que hoje é difundida em todos os espaços, íamos acompanhando de perto e em tempo real essas mudanças.

As imagens analisadas nesta pesquisa partiram de uma seleção do acervo tanto do memorialista então citado, quanto de meu acervo pessoal. Assim sendo, percebi que através das imagens poderia analisar, problematizar e perceber esse “caminho da santificação” que a história de Benigna percorreu até a sua beatificação, uma vez que consigo notar as mudanças, os interesses e as mensagens que a imagem quer transmitir através de seus detalhes, percebo que a instituição católica influencia nesse processo, e a fonte iconográfica possibilita que tenhamos esse olhar mais aguçado perante os detalhes e o que eles irão transmitir.

No que diz respeito as fontes escritas: cordel, poemas, documentos eclesiásticos e jornais, estes foram selecionados da seguinte forma: o poema intitulado “A história da menina que foi matada a facão” do poeta Pedro Bandeira e o cordel “Heroína da castidade” de autoria de Marcos Danilo Estevam Sobreira, assim como os documentos disponibilizados pela casa paroquial de Santana do Cariri, dentre estes o “Nihil Obstat”, livros de batizados e orações foram selecionados por entender que tais documentos poderiam analisar a construção da santidade tanto a partir de membros da Igreja como de devotos e leigos.

Os documentos eclesiásticos permitiram que pudéssemos analisar o processo de construção da santidade de Benigna de forma institucional, e a maneira com que a Igreja observa e externa essa devoção. O cordel e o poema me permitiram analisar a construção da santidade através da população e do devoto, uma vez que esses gêneros literários são

manifestações comuns e presentes na região, tendo como característica narrar determinados acontecimentos.

Através destes, pode-se perceber como a figura de Benigna é vista e interpretada pela população, assim como problematizar os aspectos que estão destacados nesses versos. Quanto aos jornais, enfatizamos que estes me permitiram analisar a evolução dessa devoção. Considerando que não tínhamos informações de jornais que pudessem relatar o assassinato em 1941. Nota-se que, após 2011, ano que iniciou o processo de beatificação, essa ferramenta vem possibilitando maior divulgação e visibilidade da devoção. Assim, escolhi como fonte o jornal “O povo”, por ter um grande alcance na região para fazer uma breve análise das informações e discursos que são propagados a respeito da vida, morte e devoção à Benigna, buscando entender a influência da Igreja nesses discursos.

As redes sociais, dentre elas, *instagram*, *facebook* e *youtube*, sendo a mais destacada, o *instagram*, utilizo como fonte para analisar a importância delas no processo de divulgação da devoção à Benigna e sua influência na atualidade. Dessa maneira, o romeiro agora encontra-se inserido nesse meio digital e interage de maneira incisiva nessas redes. Sobre essa metodologia, Almeida (2022, p. 118-119) destaca:

Apesar de necessitar, em alguns casos, de técnica e metodologias particulares, a historiografia pós-internet continua utilizando- de maneira geral- os paradigmas e abordagens já consagrados na pesquisa histórica, apenas adaptados ao formato digital. Trabalhar sob uma incerteza calculada não é novidade para o historiador, pois os métodos históricos não são totalmente precisos. As fontes “tradicionais” não são mais confiáveis do que as fontes digitais. Um documento impresso pode ser falso. Uma fotografia antiga pode ser fraudulenta. Um depoimento oral pode modificar os fatos.

As redes sociais e mídias digitais são passíveis de manipulações assim como qualquer outro tipo de fonte. Dessa forma, o papel do pesquisador é problematizar e analisar o que está implícito. Não poderia deixar de observar a contribuição dessas redes na construção da imagem de Benigna, enquanto santa e beata cearense, difundindo a história para diversos lugares e se tornando de extrema importância na romaria virtual como também na beatificação.

As tecnologias ajudaram na divulgação da imagem de Benigna. Além disso, houve a inserção das transmissões ao vivo e em tempo real, através disso, os devotos poderiam acompanhar os eventos em qualquer lugar que estivessem. Assim, achei importante analisar essas tecnologias digitais para além do óbvio, das curtidas e interações, sobretudo, por elas serem as mais usadas pelos romeiros.

Quanto ao inquérito policial, esse documento é extremamente importante para a pesquisa, pois, ele aborda como ocorreu o assassinato de Benigna. Percebem-se os detalhes de cada

depoimento, inclusive, do assassino, e nos possibilita obter informações a respeito da sua pena, do estupro que Benigna sofreu e não foi divulgado nas narrativas oficiais, dentre outros aspectos. Logo, por esse documento ter sido escrito em 1941, foi preciso fazer um trabalho de transcrição e paleografia, por conta das rasuras e de algumas dificuldades, como por exemplo, a compreensão de algumas palavras.

Diante o que foi exposto, ainda que possa dispor de um considerável acervo de fontes que possibilitam trabalhar a devoção à Benigna, em diversos aspectos, considero que para o que me proponho abordar, as entrevistas foram extremamente importantes nesse processo. Primeiramente optei por selecionar as pessoas entrevistadas, Sandro Cidrão e Ary Gomes, idealizadores da causa e conhecedores da história e evolução da devoção à Benigna; Ypsilon Félix e João Paulo Cabral, além de participarem ativamente nos eventos voltados para a Igreja, estes fazem parte do Poder Público local, secretário de cultura, turismo e romaria e o outro vice-prefeito da cidade, respectivamente. Também achei importante realizar entrevistas com pessoas da localidade, sobretudo, do bairro Inhumas, dona Penha, César, Josecisa, entre outros que, citarei ao longo deste trabalho e que me relataram a respeito do assassinato, das mudanças ocorridas no bairro e como se constituiu o início da devoção.

Também realizei entrevistas com os padres, Paulo e Thiago, ambos acompanharam o processo de beatificação. Sendo que este último foi responsável pela limpeza dos restos mortais de Benigna, assim como a organização das relíquias. Para além desses, achei pertinente fazer entrevistas com pessoas que conheceram Benigna, como por exemplo, dona Nair, Terezinha, irmã adotiva, dona Lica (*in memoriam*). Também foram realizadas entrevistas com devotos que relataram sua fé e as graças alcançadas.

A realização dessas entrevistas se deu pelo fato de eu querer conhecer ainda mais essa devoção. Além disso, senti a necessidade de fazer um cruzamento de narrativas orais, institucionais, iconográficas, poéticas e midiáticas. Desta forma, a fonte oral complementou esse leque de possibilidades para melhor analisar essa manifestação religiosa.

No que se refere aos procedimentos metodológicos das entrevistas, elaborei de antemão um roteiro com algumas perguntas. Entretanto, estas poderiam sofrer modificações, a depender de como o diálogo se desenvolveria. De acordo com a pessoa entrevistada poderiam haver mudanças em algumas perguntas, umas mais gerais e outras mais direcionadas. Optei por este meio para que tivéssemos um maior domínio a respeito das perguntas e para que pudéssemos priorizar algumas informações.

Sendo assim, o critério para os entrevistados, consistiu a princípio em ouvir os primeiros idealizadores das romarias de Benigna, uma vez que eles foram os pioneiros a organizar a

devoção, sistematicamente nos modelos oficiais. Depois entrevistamos padres, devotos e pessoas que moraram no bairro Inhumas e que acompanharam de perto a evolução dessa devoção ao longo dos anos. Em um terceiro momento, optamos por entrevistar membros do Poder Público, uma vez que este órgão, tem uma considerável importância no incentivo e divulgação das romarias. Por fim, essas entrevistas foram transcritas de forma literal, analisadas e citadas, quando necessárias, neste trabalho.

Sendo assim, analisando todas essas fontes, constatamos que a história dessa jovem nos possibilita abordar diversos temas que possuem relevância na sociedade, dentre estes, podemos citar: a violência contra a mulher, o estupro e os efeitos do machismo. Contudo, optamos por dar ênfase, nesse momento, aos aspectos voltados ao campo da história das religiões e religiosidade, assim como a dimensão religiosa em torno da figura de Benigna Cardoso.

1.1 Breve percurso teórico

Como já enfatizamos anteriormente, o tema aqui abordado trata acerca das discussões que envolvem santidade e devoção. Diante disso, possui como eixo a problematização e a importância da Igreja Católica, do Poder Público e dos devotos no processo de construção de santidade de Benigna. Estes constituem um intercruzamento de narrativas que “desaguam” na vida da mártir. Logo, propomos analisar a representação e a construção da santidade que perpassam a história da jovem.

Levando em conta que, esta pesquisa se insere no bojo da história social da cultura, pois perpassa por aspectos culturais e sociais. Achamos pertinente abordar conceitos a partir de alguns autores, como Foucault (2012), Chartier (1990), Certeau (1998), dentre outros que, inseridos nessa história da cultura, como apresenta Lynn Hunt (1992), nos proporcionarão uma análise adequada a respeito da maneira pelo qual devemos lidar com as experiências, possibilidades, discursos, práticas e representações do mundo material.

Notamos que a devoção à Benigna, sobretudo, em sua origem, insere-se no que chamamos de cultura popular, sendo o termo entendido como um “conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico” (GINZBURG, 2006, p. 12). Logo, na ausência de algum apoio psicológico, financeiro, ou em momentos de aflições, as pessoas recorrem aos “santos” que são mais familiares para que possam interceder a Deus na resolução dos problemas enfrentados no dia a dia. No caso desse culto, observamos que existem devotos de todas as classes sociais. Entretanto, a maioria dos relatos de graças partem de pessoas que não têm condições financeiras

para ir ao médico, fazer um exame e que por este motivo, em momento de angústia clamam pela jovem.

Até o ano de 2004 essa devoção era local, ou seja, as pessoas da região, diante esses momentos conturbados, faziam pedidos, orações e rezavam no local do assassinato, mas a devoção não tinha muita notoriedade. A história de Benigna começa a ter maior visibilidade em nível nacional por conta da influência e incentivo da Igreja e do Poder Público da cidade. Estes percebendo que essa devoção possui também um potencial econômico e de desenvolvimento local, começaram a investir nas romarias. Sendo assim, tem início o processo de construção da santidade de Benigna, de acordo com os modelos canônicos de outras santas já beatificadas.

Em face do exposto, durante o levantamento das fontes, nos deparamos com alguns problemas importantes que cercam a experiência de santificação (popular e eclesiástica) de Benigna. Uma questão se destaca no meio dessas é: qual foi a influência que o poder público e eclesiástico desempenhou no processo de construção de uma narrativa e do discurso de santidade sobre Benigna?

Considerando que o principal desafio que se apresenta à história cultural é como pensar a articulação entre os discursos e as práticas (CHARTIER, 2009). Essa pergunta pode ser melhor traduzida se nos aproximarmos de algumas reflexões teóricas. Tendo em vista o fato de que abordamos os discursos proferidos por autoridades políticas, devotos e membros da Igreja Católica, os caminhos teóricos pelos quais trilhamos nos ajudarão na tradução do tema para essa linguagem acadêmica.

Dentre tais teorias, podemos destacar as contribuições empreendidos por Michel Foucault, com o intuito de pensarmos as tensões discursivas presentes no território de Santana do Cariri, município este marcado fortemente pelo exercício do poder da Igreja Católica. Além disso, a imagem de Benigna é um exemplo para os jovens da cidade, induzindo-os através do discurso e da propagação de condutas e valores, institucionalmente amparados pela Igreja Católica.

Para Michel Foucault, o discurso exerce uma posição de controle, estruturando imaginários sociais, de forma que ele considera esses fatos do discurso como “jogos estratégicos de ação e reação, de perguntas e respostas, de dominação e de esquivas, como também de luta” (FOUCAULT, 2002, p. 9). Analisando o discurso como forma de estabelecimento de poder e estratégias, percebemos que nenhuma fala ocorre por acaso, tudo é construído em torno da imagem de Benigna. Dessa maneira, as narrativas possuem uma intencionalidade específica, seja esta relacionada a influência da Igreja, seja de outras instituições que apoiam e divulgam a causa.

Em Foucault (1997), também podemos encontrar essa discussão a respeito do discurso, como maneira de exercer poder e controle sobre os demais. Ao fazermos uma ponte com a pesquisa então tratada, observamos que esse estabelecimento de poder e controle se encontram de maneira implícita, através de falas de membros eclesiais, homilias, internet e jornais. Construindo, dessa maneira, a imagem de Benigna como uma adolescente de fé, temente a Deus e que preferiu morrer para não pecar contra a castidade, colocando-a como um modelo ideal de jovem a ser seguido.

Contudo, Foucault (2002, p. 15), com base em Nietzsche, enfatiza que o ideal “não tem origem. Ele também foi inventado, fabricado, produzido por uma série de mecanismos”. Logo, percebemos o que concerne a algumas narrativas, a respeito da história de Benigna que há uma construção desse modelo ideal cujo propósito é de tornar essa jovem santa de acordo com os modelos canônicos, pois a ênfase no sofrimento e martírio, não é por acaso. Segundo Jurkevics (2004, p. 110) “No contexto dos primeiros tempos da Igreja, foram considerados santos e venerados pela comunidade de fiéis, a Virgem, os apóstolos e os mártires”, tendo o próprio Cristo como símbolo maior de um corpo martirizado.

Faz-se necessário, esse olhar e um ouvir mais aguçado para os discursos presentes nesta devoção, tornando-se necessário observar com exatidão o que é dito (VEINE, 1930), para que a partir disso, possamos analisar as múltiplas dimensões da religiosidade, presente na devoção à Benigna, compreendendo que “religião e religiosidade são produções humanas situadas na esfera da cultura” (MANOEL, 2008, p. 105). Logo, são manifestações sociais que representam uma história ou algo que identifica um grupo de pessoas com anseios comuns.

Considerando que nem sempre a religião se manifesta de maneira institucionalizada, essa devoção, por muito tempo, foi negligenciada pela Igreja local. Assim, a manifestação religiosa partiu do povo, e, se não tivesse tido a interferência destes, provavelmente Benigna, teria caído no esquecimento. De 1941 até o ano de 2004, as primeiras expressões de fé referentes ao culto à Benigna ocorreram de maneira particular, em locais representativos que foram o cenário do assassinato e, sobretudo, não institucional.

Contudo, essa não é uma característica apenas desse culto, corroboramos com o pensamento de Durkheim (2000, p. 30), quando afirma que essas manifestações individuais ocorreram em praticamente todas as sociedades, “esses cultos individuais constituem, não só sistemas individuais e autônomos, mas simples aspectos da religião comum a toda Igreja da qual os indivíduos fazem parte.”

Nota-se que, os elementos que são incorporados aos cultos não institucionais, por um grupo de indivíduos isolados, como ocorreu no início da devoção à Benigna, em sua maioria,

são retirados de um conjunto de normas e regras estabelecidos pela Igreja institucionalmente. O que faltava, nesse caso, era apenas a representação de maneira efetiva dessa instituição. Assim, percebemos que essa religiosidade não se restringe aos espaços estabelecidos, mas sim busca o sagrado independentemente de suas especificações.

Na devoção à Benigna, após a inserção da Igreja e de seus membros nas romarias, identificamos que ocorreram numerosas mudanças, dentre estas, o estabelecimento “oficial” de espaços sagrados, a organização de forma sistemática do culto, construção ainda mais incisiva da santidade, ênfase do seu gesto heroico e no epíteto de “heroína da castidade”, assim como a criação de hinos em sua homenagem, a construção de uma imagem oficial divulgada pela Igreja, um maior incentivo à devoção, dentre outros elementos que contribuíram de forma significativa para que Benigna viesse a tornar-se a primeira beata cearense.

Com essas mudanças, ocorridas ao longo dos anos, notamos que houve disputas pela memória, uma vez que esta é primordial para atestar maior veracidade aos fatos. De maneira geral, entendemos o conceito de memória como um processo de seleções e esquecimentos, partindo sempre de experiências já vivenciadas. Concordamos com Rousso (2000, p. 94), quando considera que a memória “é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional”. É evidente que, o campo da memória, é um campo de conflitos e a questão do passado pode ser pensada de muitos modos, a simples contraposição entre memória completa e esquecimento não é a única possível (SARLO, 2007).

Sendo assim, problematizar os relatos que partem das memórias a respeito da história de Benigna, implica, sobretudo, em entender que ela é feita de continuidades e descontinuidades. Para isso, é necessário que tenhamos um “olhar sensível”, perante elas, contextualizando-as no tempo e no espaço. Entendemos essa sensibilidade como “uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico” (PESAVENTO, 2015, p. 10). Este conceito torna-se pertinente não apenas ao problematizarmos os relatos, como também quando estamos fazendo análise das fontes, permitindo-nos atentar para as particularidades, para os “não ditos”, deixando subentendido.

A memória é uma seleção de fatos significativos, onde podemos encontrar lacunas, dispersões e esquecimentos. Portanto, sabemos que jamais poderemos relatar os fatos tal como aconteceram. Entretanto, no que concerne a essa devoção, conseguiremos entender os motivos pelos quais a Igreja e os devotos de Benigna utilizaram dessas memórias para legitimar sua fé, devoção e dar significado as suas vidas.

Diante do que foi exposto, para entendermos a devoção e o processo de construção da santidade de Benigna, observando, assim, suas vivências e experiências, dividimos este trabalho por capítulos.

No primeiro abordaremos a origem dessa devoção, enfatizando o contexto histórico em que Benigna estava inserida, seu assassinato, e como teve início a devoção não institucional, um culto que era limitado apenas as pessoas de Santana do Cariri e regiões circunvizinhas. Trataremos também de como esse culto foi sendo desenvolvido ao longo dos anos, ressaltando a importância dos primeiros idealizadores das romarias e como estes articularam-se para tornar essa manifestação visível e institucional apoiada pela Igreja Católica. Nesse capítulo, utilizamos como fonte os relatos desses primeiros idealizadores e de pessoas que residem em Inhumas e presenciaram a evolução da devoção ao longo dos anos, considerado como uma primeira parte do culto. Este capítulo abordará, primeiramente, o ano do assassinato de Benigna, que ocorreu em 1941. Assim, discorrendo sobre os acontecimentos, durante esse tempo, até chegar ao ano de 2011, momento este, em que o bispo participa pela primeira vez da romaria e, a partir de então, esta torna-se institucional e aceita pela Igreja.

No segundo capítulo, trataremos de um segundo momento da devoção, onde o recorte temporal teve início no ano de 2011 até os dias atuais. Enfatizamos a construção da santidade em torno de Benigna, difundida pela Igreja Católica, cujo intuito principal consiste em torná-la santa de acordo com os modelos canônicos. Destacamos as etapas institucionais que foram necessárias percorrer para que Benigna ganhasse o título de beata e a sua importância como ideal a ser seguido, sobretudo, para as jovens. No último tópico do capítulo, analisamos a representação de Benigna nas imagens construídas ao longo dos anos, problematizando como estas estabeleceram um modelo de mulher e jovem a ser seguido. Dessa maneira, enquadramos a figura da jovem em um estereótipo de santa. Para isso, utilizamos como fontes: entrevistas com padres, pessoas que conviveram com a mártir, as imagens que são encontradas na casa paroquial de Santana do Cariri e no santuário de Benigna.

No terceiro capítulo, abordaremos a importância das mídias e redes sociais na construção e difusão da imagem de Benigna, destacando como a beatificação foi comentada e divulgada nesse meio. Versaremos a respeito da influência do Poder Público na devoção, através da elaboração de Projetos de Leis que possuem a beata como símbolo de combate ao feminicídio, como por exemplo, a Lei nº 16.906, de 18 de junho de 2019 e a Lei nº 16.906, de 18 de junho de 2019, em que instituiu a romaria de Benigna no calendário oficial do estado do Ceará. Assim, como a construção de um roteiro turístico religioso em que se abrange todos os espaços sagrados relacionados a vida de Benigna, dentre outras formas que o Poder Público

contribuiu com o intuito de atrair visitantes e turistas para a cidade. Por fim, apresentaremos os caminhos da fé, nos quais através de mapas, demonstraremos o percurso que o romeiro percorre nas romarias. Durante o processo de beatificação foram construídos espaços para que o devoto visitasse e fortalecesse sua fé.

Perante o exposto, ao longo dessa pesquisa, podemos observar que a santidade de Benigna partiu de uma construção que teve início após o seu assassinato. Como afirma o padre Cristiano Coelho, em que ele salienta que havia sido martirizada uma “santinha” e heroína da castidade. Após isso, mesmo que a Igreja não tenha institucionalizado a devoção, as pessoas designaram que ela se tornasse santa e foram construindo aos poucos, e ao longo dos anos esse modelo ideal em torno dela.

Com os primeiros idealizadores e, posteriormente, com o incentivo da Igreja, notamos essa construção da santidade se intensificar e adquirir novos elementos, sendo capaz de alterar a própria estrutura do culto. Salientamos, então, que as mudanças ocorridas na devoção à Benigna, sobretudo nesses últimos anos, não acontecem de maneira gradual, mas de forma rápida, à medida em que a pesquisa está ocorrendo. Por este motivo, em alguns casos, a escrita ocorre no dia em que os eventos vão acontecendo, o que torna a história do presente fascinante e, ao mesmo tempo, desafiadora.

Ressaltamos que para trabalhar essa história que ocorre no presente, precisamos estar atentos para acompanharmos em tempo real os acontecimentos e problemas, e, ao utilizarmos como fontes meios digitais e jornais estamos constantemente abordando a história conectada que ultrapassa fronteiras e expande o conhecimento historiográfico.

As histórias conectadas, ou “histórias interconectadas”, surgiram nesse mesmo grande movimento que se tem constituído em torno da sugestão de favorecer a ultrapassagem das fronteiras historiográficas artificiais. Não constituem necessariamente “histórias transnacionais”, embora frequentemente também o sejam, no sentido que o historiador é quem define o que está conectado. Por outro lado, certos objetos e problemas históricos, demandam a combinação entre história conectada e história transnacional. (BARROS, 2019, p. 11).

Tendo em vista que, para analisar a construção da santidade de Benigna, necessitamos fazer uma abordagem teórica em que se possibilite um levantamento de informações que perpassam do micro ao macro da região de Santana do Cariri à Roma, e sua influência nesse processo de santidade. Esta pesquisa se conecta em uma história mais ampla, ultrapassa fronteiras, tanto teóricas, quanto metodológicas, e nos permite analisar desde a construção de santidade de Benigna, que ocorre na região caririense, como debater a respeito de outras santas que têm histórias semelhantes e que viveram em outras partes do mundo.

Sendo assim, a pesquisa nos possibilita enxergar de perto um processo de construção, tanto popular, como institucional, bem como de apropriação múltipla da imagem de Benigna: santa, casta e modelo para as jovens. Contribuindo, significativamente, para o turismo religioso da cidade, além de percebermos o processo de apropriação da história de Benigna no âmbito jurídico, por estarmos tratando de um ato infracional ocorrido em 1941, mas muito comum nos dias atuais, que se encaixam no crime de feminicídio. Diante disso, todas essas vertentes, que perpassam a devoção, vêm ganhando visibilidade nacional e internacional, tendo apoio não apenas dos moradores da cidade de Santana do Cariri, mas dos devotos, da Igreja e do Poder Público municipal e estadual.

2 “O SANGUE QUE BANHOU A TERRA DO OITI”: O ASSASSINATO DE BENIGNA CARDOSO E O INÍCIO DA DEVOÇÃO

*No Oiti dos Cirineus nasceu Benigna de Deus
Sofreu e padeceu em nome do senhor
Anjo de luz que partiu desse mundo voando nas asas do amor.
Heroína da castidade, seu coração de criança era puro, era todo bondade
Se mudou para o céu deixando em nós imensa saudade.⁴*

Pedindo, adorando e bendizendo graças alcançadas, essas e outras canções ecoam nas vozes dos romeiros que jornadeiam no pequeno percurso do distrito de Inhumas para o centro da cidade de Santana do Cariri, exaltando a “heroína da castidade”, Benigna. Ela é tida pelos seus devotos como a “santinha”, que preferiu morrer para não pecar contra os mandamentos de Cristo. Posto isso, acreditamos não ser possível entender essa devoção sem compreender o contexto histórico e social em que a cidade que a originou se encontra inserida. Portanto, levando em conta que toda expressão religiosa se manifesta em um dado contexto, uma vez que, “até as experiências místicas mais pessoais e mais transcendentais sofrem a influência do momento histórico” (ELIADE, 1993, p. 8). Analisaremos neste capítulo, as condições históricas que possibilitaram a constituição da devoção à Benigna como fenômeno religioso e fundador de uma das maiores peregrinações do Ceará. Abordamos, também, ao longo dos três tópicos a seguir o surgimento e a evolução dessa devoção, ressaltando, sobretudo, a importância dos devotos e dos idealizadores da causa para o processo de constituição inicial das romarias.

2.1 Na cidade de Santana: o povo fez sua santa

Santana do Cariri encontra-se localizada na região sul do Ceará, possuindo uma população de, aproximadamente, 17.170 pessoas, sendo uma das cidades que compreendem o Cariri Cearense.⁵ Distante da capital, aproximadamente 600 km, o município, atualmente, atrai inúmeros visitantes durante o ano em razão de seus belos pontos turísticos, assim como por conta do Museu de Paleontologia, reconhecido como patrimônio cultural desta cidade.⁶ O mapa da Figura 1 nos possibilita observar a região metropolitana do Cariri. Destacamos que as

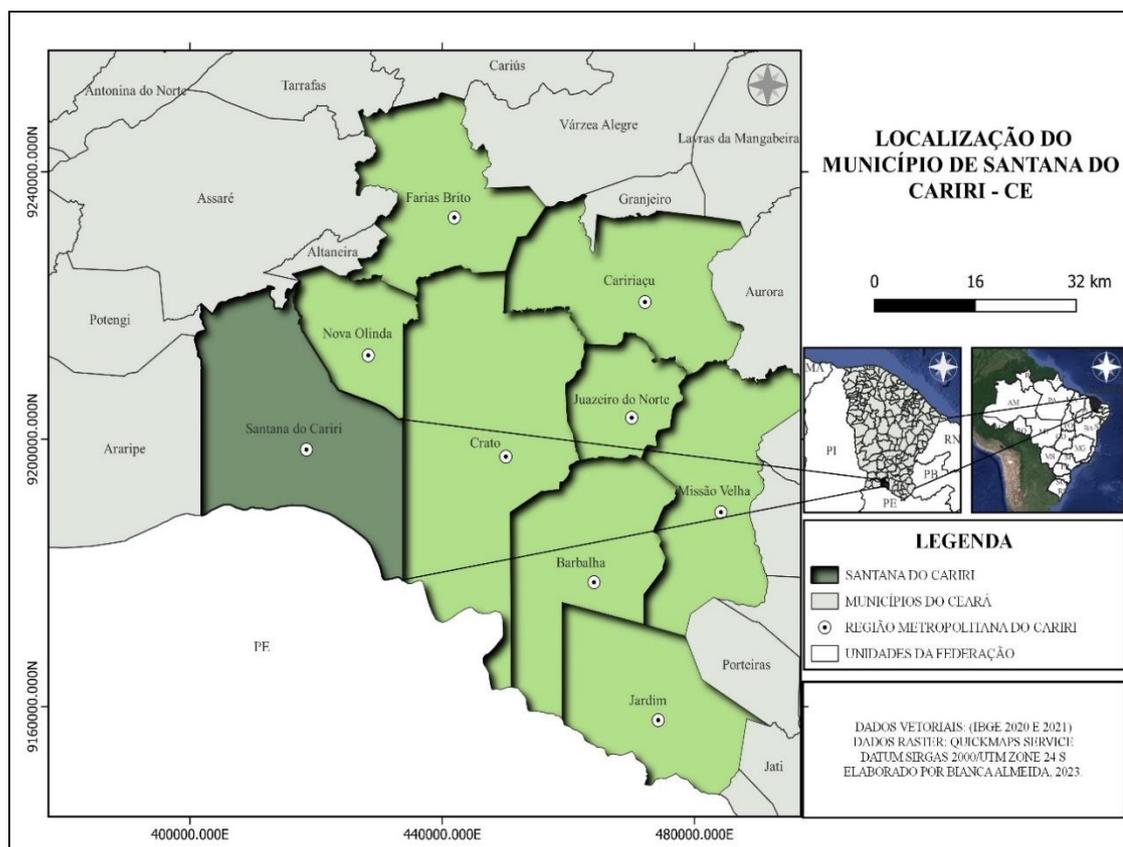
⁴ MONTEIRO, Alcymar Benigna de Deus. Disponível em: <https://youtu.be/BCMeeUpsrH0>. Acesso em: 18 fev. 2022.

⁵ A região do Cariri compreende um total de 28 municípios do estado do Ceará, sendo Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha os principais polos econômicos. Dados obtidos de acordo com o último censo de 2012. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/santana-do-cariri/panorama>. Acesso em: 23 fev. 2022.

⁶ Dentre outros pontos turísticos que atraem centenas de pessoas em Santana do Cariri, podemos citar o Pontal de Santa Cruz, Eurovile medieval e casa de pedra.

idades no entorno de Santana têm uma forte influência, não apenas comercial e turística, como também religiosa, caso de Juazeiro do Norte, que há muito tempo destaca-se no turismo religioso por conta da devoção ao Padre Cicero.

Figura 1 - Mapa da Região Metropolitana do Cariri (RMC)⁷



Fonte: Idealizado por Tatiana Olegário da Silva. Realizado pela geógrafa Bianca Almeida (2023).

A respeito da cidade em que Benigna nasceu, Santana foi elevada à categoria de município em 1885. Mesmo com o passar dos anos, a principal atividade econômica da região continua sendo a agricultura. Sendo assim, as transformações sociais e estruturais em Santana aconteceram de maneira gradual. Há poucas décadas, a população não possuía, em suas casas, água encanada, e a seca era o temor dos moradores daquela localidade, “as pessoas pegavam água e armazenavam em potes, latas de querosene vazias, tambores ou tanques” (CIDRÃO, 2017, p. 30). Percebe-se que as dificuldades da vida eram constantes, sobretudo, por volta da primeira metade do século XX.

⁷ Marcelo Martins de Moura-Fé. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-politico-da-Regiao-Metropolitana-do-Cariri-RMC_fig1_336217471. Acesso em: 29 jul. 2023.

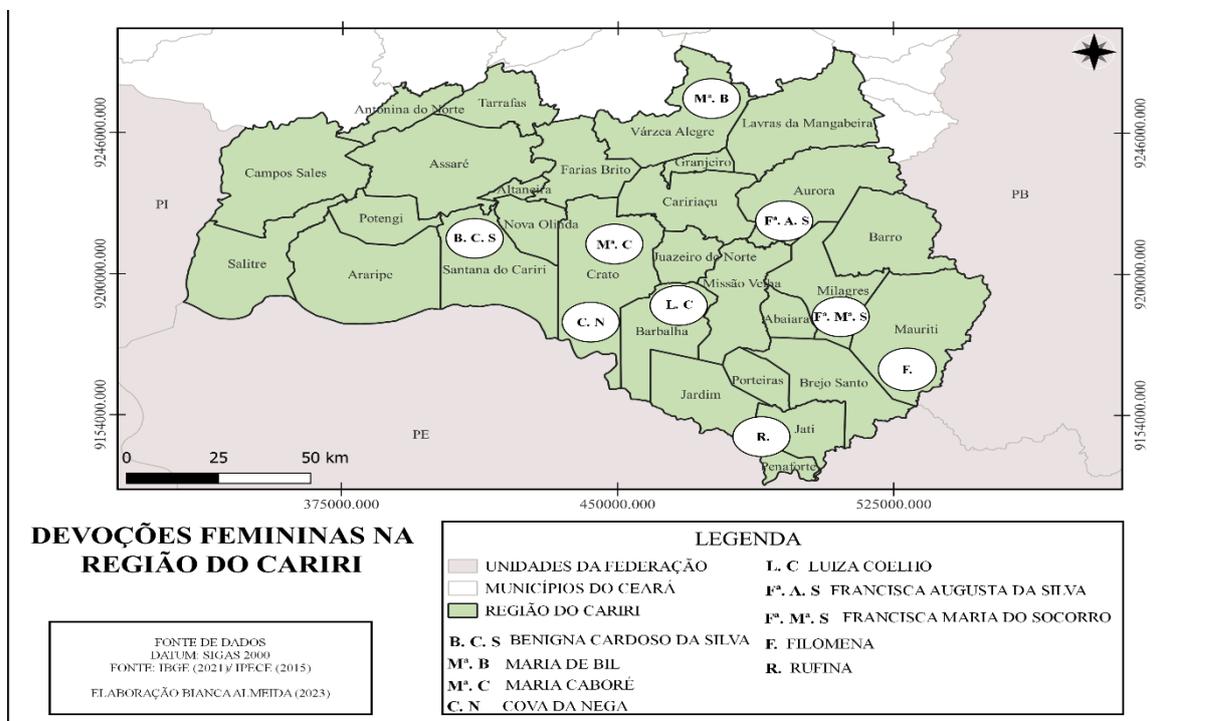
Assim, muitas vezes as pessoas se apegavam a religiosidade para que pudessem aliviar o peso dos dias, confiando em um propósito maior ou em alguém que pudesse ajudá-los nos momentos de aflições. Neste processo, a religião seria, portanto, uma espécie de fuga da realidade. As ideias religiosas ganharam receptividade na vida das pessoas por apresentar uma maneira de dá sentido ao incompreensível, as perguntas que não podiam ser respondidas, as dores que não podiam ser amenizadas. Assim, a religião seria uma representação coletiva que permite a crença no sagrado e no mistério. Corroboramos com a abordagem em que defende a religião como um importante meio na manutenção do vínculo social, produção de sentimentos, pertencimentos, constituição de laços e comunidades que compartilham valores, crenças e práticas em comum (DURKHEIM, 2000).

Em Santana do Cariri, a religião estava presente em vários aspectos da sociedade. Entretanto, após a primeira metade do século XX, um fato ocasionou a constituição de uma comunidade que partilha essa prática comum. No ano de 1941, o sítio Oiti dos Cirineus, hoje bairro Inhumas da referida cidade, foi cenário de um acontecimento, que até a atualidade ecoa na memória, ressignifica os espaços e transforma sua paisagem. Sendo este, o assassinato de Benigna Cardoso. Esse crime transformou a vida das pessoas da localidade, trouxe maior visibilidade para a cidade e, com o passar dos anos, tem movimentado a economia do município.

Desde o ocorrido, a devoção local tem ganhado visibilidade, e, sobretudo, a partir de 2004, gradativamente a cidade tem atraído milhares de romeiros de diversos locais do país que se deslocam para venerar a “mártir da pureza”, Benigna Cardoso da Silva. Esta, de acordo com as narrativas que ajudam a construir sua santidade, preferiu morrer para não pecar contra os mandamentos divinos, obtendo assim, o título de “santinha”, agregando ainda mais a devoção não oficial presente na região.

A princípio, enfatizamos que essa devoção acrescentou mais uma possibilidade de culto espontâneo e crença a santidade não oficial existente no Cariri cearense, sobretudo, na temporalidade que remete entre finais do século XIX e início do século XX. Edianne Nobre (2010, p. 36) destaca que “essas práticas pautadas em uma relação mais íntima com a divindade encontram solo fértil nas terras úmidas do vale do Cariri.” Diante disso, crimes semelhantes ao que aconteceu com Benigna, ocorreram em outras cidades da região. As vítimas também ganharam apreço popular, sendo cultuadas em suas respectivas cidades. Como podemos analisar no mapa da Figura 2:

Figura 2 - Mapa das devoções femininas na região do Cariri



Fonte: Idealizado por Tatiana Olegário da Silva. Realizado pela geógrafa Bianca Almeida (2023).

Neste mapa destacamos oito casos de mulheres assassinadas e que são atualmente cultuadas no âmbito do catolicismo. Suas histórias se encontram em lugares e temporalidades distintas. Contudo, situadas em um espaço geográfico de proximidade. Ao fazermos uma análise comparativa entre essas santas, destacamos algumas semelhanças e divergências, as quais iremos enfatizar a partir das informações que possuímos delas. Em seguida, tratamos de suas semelhanças com o assassinato de Benigna.

Iniciaremos com o caso de Maria de Bil, ela é cultuada na cidade de Várzea Alegre e o crime ocorreu no ano de 1926. O assassinato de Maria de Bil retrata mais um episódio em que o homem, inconformado com o fim do relacionamento interrompe a vida da mulher. O crime foi cometido e o agressor saiu impune por conta das falhas do Poder Judiciário perante a proteção da mulher. Conforme Daniele Alves (2017, p. 2):

Quando Maria estava na sua terceira gravidez desentendera-se com Bil. O motivo de tal contenda foi o fato dele manter um relacionamento amoroso com a irmã de Maria. Após tal situação, houve a separação. Inconformado, Bil passou a arquitetar a morte da companheira. Em onze de março de 1926, por volta das dez horas, ele a esfaqueou até a morte. Há relatos que Bil arrancou-lhe toda a roupa e comeu parte da panturrilha da vítima, numa espécie de pacto com o “além”. Logo depois do episódio, o mesmo fugiu e com tal sumiço surgiram várias narrativas a respeito do autor do crime.

Observamos que, nesses casos, mesmo havendo traição por parte dele, o mesmo não aceita a separação e sente-se no direito de tirar a vida da companheira. Percebe-se que, um dos pontos em comum nesses assassinatos, corresponde ao fato de que, geralmente, o objeto do crime é uma faca ou facão, pois, além de ser um instrumento de trabalho, “as armas brancas utilizadas majoritariamente em todo o território desde o período colonial, eram as facas e os facões” (ALMEIDA, 2015, p. 102). Assim, muitas mulheres eram agredidas e assassinadas com esses objetos e, na maioria dos casos, sofriam com vários golpes antes da morte, como o próximo caso que iremos abordar.

O assassinato de Francisca Augusta Silva, aconteceu em Aurora, em 1958. De acordo com Moraes (2008), Francisca Augusta Silva, aos 16 anos de idade foi morta por seu noivo, Francisco Ferreira Barnabé, em 09 de fevereiro de 1958 na cidade de Aurora. O noivado dos dois havia sido rompido e ele não aceitava o término. Assim, movido pelo ciúme, tirou a vida da moça. A respeito de como ocorreu o assassinato. Silva (2017, p. 4) destaca:

Neste dia quando a jovem saiu da missa, voltando para casa em um sítio afastado da cidade, foi abordada por Chico Belo que vinha montado em um cavalo, portando uma peixeira golpeou-a cerca de uma dúzia de vezes, deixando seu corpo já sem vida embaixo da sombra de uma árvore.

Francisco Ferreira foi condenado. Cumpriu sua pena e, ao retornar para Aurora, foi morto anos depois em uma briga. Desde o ocorrido, o local de sepultamento da jovem se tornou espaço de devoção, visitas e orações. Posteriormente, foi construída uma capela em sua homenagem. O terceiro caso que iremos abordar tem muitas semelhanças com a história de Benigna, desde objetos que a vítima portava até a idade que esta foi assassinada.

O assassinato de Francisca Maria do Socorro, ocorreu em Milagres, no ano de 1943. No dia 07 de dezembro de 1943, Francisca Maria do Socorro, que tinha entre 13 e 14 anos de idade, foi encontrada violentada e sem vida. De acordo com Silva (2017, p. 5):

Registros oficiais e advindos da memória da população relatam que, a menor havia saído para pegar água como de costume, tempo depois sua avó escuta o barulho do pote caindo ao chão, pronta para repreendê-la, manda outro neto ir atrás da menina. Nesse espaço de tempo a mãe de Francisca chega à casa da avó reclamando a demora da filha, como o neto retorna e anuncia não tê-la encontrado, a mãe, Maria Júlia Correia, sai a sua procura. Sem vestígios da menina dirige-se a casa de uma mulher que ficava nas proximidades e pergunta se ela sabe da filha, no entanto a resposta foi, não. Ao caminhar mais um pouco encontra o pote e cuia, objetos utilizados por Francisca para pegar à água. Desesperada entra na mata e após pouco caminho andado se depara com o corpo da jovem adolescente já sem vida, todo ensanguentado e em estado de semi-nudez, apresentava na região supra laríngea uma perfuração,

obviamente produzido por um instrumento pontiagudo e cortante. A menina foi barbaramente violentada e assassinada.

Elízio Pereira Maia foi apontado como o suspeito do crime, pois possuía o costume de rondar nas proximidades da casa da jovem. Contudo, esse caso nunca foi esclarecido. No local do assassinato, os moradores ergueram uma estátua em homenagem a Francisca do Socorro, assim como o espaço transformou-se em local de visitação e devoção. O próximo caso que iremos apresentar trata-se de um assassinato de uma mulher casada. Contudo, a forma brutal com que ocorreu o crime despertou a sensibilidade na população.

Maria Caboré é um caso emblemático, no qual temos poucas informações a seu respeito. Segundo Barreto (2019, p. 52), esse caso ocorreu por volta de 1920/30 e Maria Caboré era “mulher tida como louca e que encontra santidade diante da dedicação aos doentes do cólera.” De acordo, com outros relatos, ela morreu em decorrência de uma doença: “a peste bubônica chegou, fez-lhe uma visita. Dizem que morreu santa” (OLIVEIRA *et al.*, 2003, p. 140). Após a morte, seu túmulo passou a ser venerado por alguns moradores do Crato.

A história de Maria Caboré foge um pouco das demais por não se tratar de um assassinato. No entanto, achamos pertinente colocá-la nesse rol de santas caririenses por se tratar de uma mulher da região que foi santificada pelo povo.

Dando prosseguimento aos assassinatos de mulheres, o crime cometido contra Luzia Coelho Macedo, conhecida por Luzi, sucedeu-se em Barbalha, no ano de 1952. Segundo Silva e Queiroz (2017), Luzi casou-se aos 19 anos com um homem de 54 anos de idade. Este já tinha outros filhos e o único que, Luzi não se dava muito bem, era Luiz. Sendo este, muito grosseiro com ela e acabou se torando o autor da sua morte. A respeito de como ocorreu esse crime, Silva e Queiroz (2017, p. 6) destacam que:

No dia 08 de janeiro de 1952, Luzi não estava bem de saúde e não pode ir à missa que Frei Damiano celebraria em Barbalha, onde havia um momento dedicado ao sermão dos casais, impossibilitada, Antônio Joaquim (esposo de Luzi) vai sozinho representando o matrimônio dos dois. Às 15:00 horas o esposo sai para à missa, por volta das 18:30 é chegada a hora do lamentoso crime. ‘Luzi vai ao quarto, suspende aos armadores as redinhas das crianças e passa a embalar o filhinho menor’ quando Luiz entra no local de surpresa, não se sabe como de fato se deu a tragédia, só escutavam os gritos de Luzi pedindo socorro e proclamando ao sagrado coração de Jesus. E depois, sobra apenas um cadáver de uma mulher completamente esfaqueada por dezenove facadas e uma criança de um ano ‘banhada’ de sangue. No terceiro os filhos entram em desespero, em Barbalha o marido não fazia ideia da tragédia.

O assassino, por ter um histórico de internações em hospitais para doentes mentais, é apresentado como louco. Após isso, algumas pessoas começaram a pedir graças a Luzi e esta

se tornou referência de santidade para alguns moradores da região. Não se possui muitas informações sobre a próxima santa cultuada na região. Porém, o local de seu sepultamento tornou-se sagrado e ponto de visitação, sobretudo, no dia de finados.

Este fato passou-se na cidade do Crato, ainda no século XIX. Um caso emblemático de violência e santidade feminina no Cariri é a popularmente conhecida como “cova da nêga”, não há registro de seu nome e pouco se sabe a seu respeito. Em um blog da comunidade, encontramos algumas informações a respeito da história.

De acordo com os mais antigos moradores, no século XIX, uma escrava negra fugiu de uma fazenda para escapar de um castigo por parte do seu dono. Correndo pela mata noite adentro chegou até uma casa de fazenda nessa localidade. Era madrugada e após várias tentativas em acordar a família, com medo de onças, à época espécie abundante na região, resolveu dormir no alpendre. Ao amanhecer foi encontrada morta com marcas de uma intensa luta pelo corpo. Logo, atribuiu-se a causa da morte a um ataque de onça. O corpo da negra foi enterrado na beira da estrada e o local passou a ser chamado de Cova da nêga. Com o tempo as pessoas foram acendendo velas, ofertando flores. Uma capela foi erguida no local, reforçando a devoção popular. Hoje, principalmente em dia de finados muita gente visita o local e faz promessas para a nêga pedindo chuva, uma boa safra, restabelecimento da saúde, dentre outros pedidos. No entanto, cabe alguns questionamentos: Quem era a “nêga”? Ela não tinha nome? Porque o álibi “onça” foi aceito com tanta naturalidade? Porque a enterram na beira da estrada, sem que o proprietário reclamasse o corpo? Como era o trabalho dos negros/as na região? Como ficou a situação da população negra, pós 1884, data da “abolição” no Ceará? (SAMPAIO, 2010, p. 1).⁸

Apesar de encontrarmos poucas informações a respeito desse caso, percebemos que, mais uma vez, uma mulher é negligenciada na região. Mesmo após o assassinato, não houve investigação para obter respostas a respeito de quem de fato a matou. As pessoas naturalizaram a narrativa sem analisar sua veracidade. Isso demonstra que a mulher é vulnerável para os mais diversos tipos de violência e, raramente, os criminosos serão punidos. Desta maneira, santificar essas mulheres torna-se, também, uma forma de resistência e justiça divina perante a impunidade.

Ao contrário, desse último caso, no assassinato da próxima mulher, que iremos abordar, o autor do delito foi preso e condenado. A construção da santidade dessa mulher perpassa aspectos que dizem respeito, sobretudo, a sua abdicação, a vida matrimonial e a sua adesão aos dogmas da Igreja, sendo considerada uma boa esposa, dona de casa e muito religiosa.

Em 1975, na cidade de Mauriti, ocorreu o caso de Filomena Lacerda. Ela tinha 50 anos quando foi brutalmente assassinada em 21 de julho de 1975. Enquanto dormia em sua casa no sítio Pereiros, localizado na cidade de Mauriti/CE. O autor do crime foi o seu esposo, Manuel

⁸A COVA DA NEGA. Blog da Ponta da Serra. 2010. Disponível em: <http://blogdapontadaserra.blogspot.com/2010/03/110310-cova-da-nega.html>. Acesso em: 29 jul. 2023.

Nazário, que vivia uma vida extraconjugal com outra mulher, como destaca Generoso (2023, p. 46), a respeito deste dia:

Ao anoitecer, Manoel resolveu dormir na casa dos pais de Antônia. Esse fato já era corriqueiro na vida do casal de amantes, mas aquela noite seria diferente e marcaria a comunidade de Mauriti por muitos anos. Durante a madrugada Manoel e Antônia seguem pela estrada de terra com destino ao Sítio Pereiros. No Sítio Pereiros Filomena estava a dormir. Ao chegar na propriedade, o casal de amantes adentra a casa, Filomena não se dá conta da presença deles, em seu quarto ela é surpreendida por Manoel que a agarra abafando sua voz para que ninguém pudesse ouvir seu grito de socorro. Enquanto Manoel a segura, ordena que Antônia lhe dê um golpe no pescoço, golpe este que ceifou sua vida. Naquela madrugada do dia 21 de julho de 1975 padeceu Maria Filomena de Lacerda, vítima de um assassinato praticado de forma fria e cruel.

Manoel Nazário e Antônia, sua amante, foram presos e condenados. E, após o assassinato, Filomena Lacerda tornou-se para as pessoas da região, uma santa e intercessora nos momentos difíceis.

Dentre esses casos, o que nos chama atenção é o fato de algumas delas também sofrerem a violência sexual antes do assassinato, histórias como a de Francisca Maria do Socorro, Benigna e Rufina, que apresentaremos agora, comovem ainda mais a população por se tratar de crimes que em que os assassinos violam o corpo da mulher, invadem e dilaceram, antes mesmo do assassinato, um exemplo é o caso de Rufina.

A morte de Rufina ocorreu entre meados do século XIX e o início do século XX. No caso de Rufina não se sabe ao certo a data que teria ocorrido o assassinato, contudo, segundo o pesquisador Joaquim Santos (2010, p. 2):

Rufina teria sido violentada, assassinada a facadas e esquartejada. O crime correspondia a punição física sobre o corpo adúltero, pecador da mulher que, por possuir um relacionamento amoroso com um abastado senhor de engenho, fora vítima da fúria da esposa traída, que mandara assassiná-la.

Após o ocorrido, no local do assassinato foi erguida uma cruz e o espaço tornou-se ambiente de devoção, conhecido popularmente como cruz da Rufina.

Arelado a esses casos, temos o assassinato de Benigna Cardoso, em 24 de outubro de 1941, cometido por Raul Alves. Benigna, ao fazer uma atividade corriqueira, ir pegar água em um poço para uso doméstico, foi abordada por Raul, que tentando ter relações com ela e tendo uma recusa como resposta, inicia uma luta corporal com a jovem que derruba o pote com água no chão e começa se defender. Sem sucesso em sua defesa, Benigna é violentada por Raul, como consta no exame de corpo delito do processo-crime:

Chegando ao meu conhecimento que ontem por volta das quatro horas da tarde mais ou menos **foi barbaramente estuprada e assassinada a menor impúbere Benigna Cardoso da Silva**, no Sítio “Oiti” deste Termo, cujo cadáver tendo sido transportado para esta cidade, onde se encontra nesta delegacia para o competente exame... (INQUÉRITO POLICIAL, 1941, p. 1, grifo nosso).

Após sofrer abuso, Benigna foi golpeada várias vezes até vir a óbito. Mais tarde, quando sua mãe adotiva sente sua falta, pede para que o irmão vá a sua procura, o mesmo a encontra já sem vida. Essa narrativa do estupro que encontramos no inquérito policial não é divulgada pela Igreja e por pessoas que têm conhecimento do fato. Dessa forma, observamos que prezar pelo epíteto de “mártir da pureza” e “heroína da castidade”, é uma escolha para que a imagem de Benigna não possa ser associada ao crime de estupro que ela sofreu ou para não deixar margens para questionamentos de sua santidade.

Diante das histórias que foram expostas, observa-se que apesar de algumas santidades femininas presentes no Cariri e regiões vizinhas estarem atreladas a mulheres casadas, noivas, solteiras, novas e até de idades mais avançadas, o fio condutor que liga essas tramas é o fato de serem mulheres que foram assassinadas e violentadas em seu corpo e dignidade por homens que movidos pelo desejo de posse, ceifaram suas vidas por não aceitarem uma negativa como resposta.

Apesar da diferença de idade entre elas, percebe-se que as histórias se conectam e assemelham-se, sobretudo, no que se refere ao objeto que foi utilizado para cometer o crime, o facão. Outro aspecto análogo é o fato de que tanto nas narrativas que se referem a Francisca Maria Socorro como Benigna, ambas portavam um pote e estavam realizando atividades domésticas ao serem abordadas, também aos 13 anos de idade, e apenas com dois anos de diferença entre um caso e outro.

A partir dessas histórias percebemos que o Cariri possui um histórico de santificação espontânea por parte da população e em contrapartida notamos que esta é, também, uma região marcada pelo patriarcado, machismo e, sobretudo, pelo feminicídio. A respeito dessa terminologia, Brito Filho (2017, p. 187-188) destaca:

Referem-se aos assassinatos sexuais de mulheres e, por conseguinte, diferenciam-se do neutral homicídio. Porém, algumas correntes sustentam que o termo feminicídio não dá conta da complexidade nem da gravidade dos delitos contra a vida das mulheres por sua condição de gênero, pois etimologicamente significa unicamente dar morte a uma mulher.

Apesar dessa expressão ter sido utilizada, pela primeira vez, em 1976, e esses casos, à época, não terem sido considerados como feminicídios, enfatiza-se que foram assassinatos de mulheres, motivados pela sua condição de gênero. O feminicídio ultrapassa as barreiras da misoginia, ele gera terror, agressões físicas, estupro, perseguição e morte das mulheres. Isso se dá pelo fato de o homem sentir-se no direito de sentir-se superior e considerar a mulher como sua propriedade. Na região do Cariri, essa situação perpassou séculos e continua até a atualidade. Trazendo dados mais atuais, segundo Nascimento (2023, p. 1), jornalista do Diário do Nordeste:

De janeiro de 2018 até janeiro de 2023 (período mais atualizado com dados consolidados da SSPDS), apenas os meses de abril de 2018 [...] Das 72 cidades que tiveram feminicídios nesse tempo, 13 são da Região do Cariri. Entre os 10 municípios nos quais há o maior número de assassinato de mulheres por serem mulheres no Ceará, entre 2018 e janeiro de 2023, três também são do Cariri: Juazeiro do Norte, Crato e Brejo Santo⁹.

Assim, o feminino submisso e dilacerado, por outro lado, abre espaço ao feminino sagrado, mártir, que transcendeu e tornou-se vitorioso perante o mundo cruel. Desse modo, a santidade de Benigna não se encontra isolada no cariri cearense, ela tem início de forma tênue e ao longo do tempo vai ganhando espaço, visibilidade e se firmando como uma das maiores devoções da região, mas em meio a todas as outras anteriormente citadas. Santificar essas mulheres é uma forma de fazer justiça em meio a tantos casos de assassinatos e violência, dado que inúmeras vezes, a justiça tem falhado.

Todas essas mulheres foram santificadas pelo povo, assim como fizeram com Benigna. O estudioso argentino, Felix Coluccio, em seu livro *Cultos y canonizaciones populares de Argentina* (2003) a respeito do conceito de canonização defende: “segundo a Real Academia Espanhola é declarar solenemente santo e por papa no catálogo dos mesmos servos de Deus já beatificados¹⁰” (COLUCCIO, 2003, p. 7). Contudo, este retifica que “a religiosidade popular, nem sempre respeitosa a ortodoxia romana, costuma canonizar de fato pessoas reais, e também imaginárias, às quais a tradição oral concede verdadeiros milagres¹¹” (COLUCCIO, 2003, p. 7). Diante disso, Coluccio nos faz pensar que essas manifestações não oficiais não precisam

⁹ NASCIMENTO, Thatiany. Morte de Yanny: com 27 assassinatos de mulheres em 5 anos, Cariri é marcado por feminicídios. Diários do Nordeste. 2023. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/seguranca/morte-de-yanny-com-27-assassinatos-de-mulheres-em-5-anos-cariri-e-marcado-por-feminicidios-1.3342625>. Acesso em: 29 jul. 2023.

¹⁰ Trecho original: “según la Real Academia Española, es declarar solenemente santo y poner el papa em el catalogo los mismos a um siervo de Dios ya beatificado”.

¹¹ Trecho original: “la religiosidad popular, no siempre repetuosa de la ortodoxia romana, suele canonizar de hecho a personas reales, e incluso imaginarias, a las que la tradición oral adjudica la realización de verdaderos milagros.”

necessariamente da aprovação da Igreja em sua ortodoxia, a população escolhe as pessoas a quem devem tornar-se santo e obter tal significado para elas.

Caso semelhante, ainda no Cariri, ocorreu também com o padre Cícero Romão Batista, considerado um dos maiores e mais conhecidos santos de devoção não oficial no Brasil, sobretudo, no Nordeste (GOMES, 2013). As peregrinações em sua homenagem têm como espaço a cidade de Juazeiro do Norte, polo de recepção de romeiros de todos os estados do país.

Sua história não tem semelhança com a de Benigna, mas essa cidade localizada próxima à Santana do Cariri representa as transformações que um município experimenta no que concerne a peregrinações e grande fluxo de devotos, sendo também, de certa forma um espelho para Santana.

Diante disso, observa-se que esta religiosidade, presente na vida da população caririense, se manifesta de diversas formas. Em Santana do Cariri, podemos perceber celebrações e participações em missas, festas de padroeiros, culto em cemitérios, visitas à cruz à beira da estrada, as tradicionais renovações que consistem em cultos ao Sagrado Coração de Jesus, realizadas anualmente (CIDRÃO, 2017). Essas manifestações ainda permanecem na atualidade e são transmitidas de geração em geração.

É nesse contexto que iremos observar estas demonstrações de crenças a estes santos não oficiais¹². Entende-se que a cidade e a comunidade se tornam um fator de aglutinação da manifestação progressiva da devoção para a santidade atribuída a Benigna. A jovem, vai tornando-se santa ao longo do tempo, não pelos milagres a ela atribuídos, mas através do imaginário religioso da população de Santana. O povo vai aglutinando vestígios de santidade atribuídos a ela, assim, inicia-se e organiza o culto.

O apreço e a veneração que as pessoas dispõem por estes santos(as) existentes em suas localidades, neste caso, pela Benigna, não necessitam inevitavelmente do aceite ou incentivo de padres, clérigos ou da igreja local. Concordamos com Pedro Ribeiro de Oliveira (1975, p. 4), ao elaborar uma definição de santo em que:

A concepção popular de santo é muito mais abrangente, pois inclui, além dos santos canonizados pela Igreja, todas as denominações locais e titulares de Maria Santíssima, de Jesus, bem como os santos locais e familiares. Uma criança assassinada com requintes de crueldade, uma pessoa morta tragicamente, ou um leproso que morre sem se queixar da vida, todos esses passam à categoria de santos.

¹² Ressaltamos que santo não oficial caracteriza-se por aquele que ainda não passou por todos os processos canônicos de beatificação e que na maioria dos casos a devoção e poder miraculoso que as pessoas atribuem a eles, não tem incentivo da instituição então mencionada.

Deste modo, por mais que estes não tenham passado pelos processos canônicos de santificação, eles não perdem seus valores místicos, seu poder miraculoso e em nada altera a fé que as pessoas depositam neles. Em alguns casos, o aceite da Igreja é apenas uma forma de oficializar o que o povo já havia escolhido para seguir e cultivar.

Desta maneira, as práticas como romarias, exposição de ex-votos em lugares simbólicos, constituem alguns elementos presentes no culto institucionalizado e não institucionalizado. Entretanto, a devoção aos santos sem altares, não canonizados, existe aqui no Brasil, desde o início da colonização portuguesa e perdura até hoje ao lado dos santos regulares canonicamente.

A veneração às “Santas Almas Benditas” que, de acordo com Cascudo (2002), apresentou-se, no Brasil, com as primeiras famílias portuguesas no povoamento de algumas capitâneas, representa um acordo entre o devoto que age de maneira penitencial, suplicando em momentos difíceis, e o santo de estima, que atende seus pedidos livrando-os dos males e protegendo-os em momentos de aflição. Assim, considera-se esses cultos como uma prática cultural das classes menos favorecidas, pois começa, sobretudo, a partir da necessidade que as pessoas sentem de ter a quem pedir e confiar quando não existem possibilidades para que os problemas sejam resolvidos, sejam estes físicos ou emocionais.

Essas almas santas, são escolhidas por seus devotos para defender-lhes do mal. Diante disso, temos santos para diversos tipos de necessidades: problemas de saúde, relações amorosas, familiares, pessoais e das causas perdidas. Sendo estes, recorridos em momentos específicos e estabelecidos para representarem seus devotos diante de Deus. Concordamos com Rubem Alves (1999, p. 9-10) ao defender que:

É aqui que surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza. Não é composta de itens extraordinários. Há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros...E também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações.

Esta religiosidade refere-se a uma forma de catolicismo não oficial em que o santo é fiel a quem a ele recorre, e, sobretudo, aqueles que se sentem identificados. Sendo, uma fé pautada na relação de troca mútua. No caso da devoção à Benigna, notamos que seus devotos não a procuram por uma necessidade única, ou seja, ela não é santa de “um milagre só”, os devotos recorrem para todos os tipos de problemas e afirmam serem atendidos, como relata Dona Vicência, moradora de Santana do Cariri.

A minha mãe caiu da moto, ela tem problema de epilepsia, ai já tem esse agravamento, ela sofreu uma queda de moto e bateu a cabeça, caiu de cabeça no chão, praticamente morreu, levamos ela para o hospital, ela ficou toda inchada, a cabeça o cérebro dela inchou, fizemos vários exames, os médicos não davam esperança a gente, era séria a situação, mais ai me apeguei muito a ela (Benigna), sempre me apegava com ela eu e minha irmã, mais cada dia que passava o quadro se agravava mais, o rosto dela estava deformado irreconhecível, pedi uma graça, se minha mãe ficasse boa eu ia assistir a romaria e ela também ia para a missa, eu assistia as três missas daqui descalço e ia pra Santana também descalço no dia da romaria. Ai minha mãe com três dias depois da promessa foi melhorando, fizemos outra tomografia e o cérebro dela estava desinchado, com dois dias depois ela já recebeu foi alta. E eu só acredito que foi a intercessão de Benigna (informação verbal)¹³.

Para Vicência, a cura de sua mãe deve-se a promessa que ela fez para Benigna, pois, foi através de sua intercessão, que o quadro da doença começou a amenizar. Nesse relato, também destacamos o simbolismo de ambas irem assistir à missa descalças, assim como participar da romaria, caso o pedido seja atendido. Essa seria a forma de agradecimento pela promessa atendida. Riolando Azzi (1994, p. 296) destaca que “a devoção ao santo constitui para o fiel uma garantia do auxílio celeste para suas necessidades. A lealdade ao santo manifesta-se, sobretudo, no exato cumprimento das promessas feitas.” Elemento importante nas devoções oficiais e não-oficiais, a promessa é fundamental para estreitar esse “elo de ligação” entre o natural e o sobrenatural, o mundo mítico e o místico, o santo e o devoto.

Existe uma troca simbólica entre santo e devoto, nessa relação o povo pede faz orações e depositam sua confiança, em contrapartida, o santo realiza o pedido e intercede a Deus pelos seus devotos nos momentos difíceis. A partir desse contato íntimo de fidelidade a promessa é atendida. Caso um desses não consiga cumprir com a promessa ou realização do pedido, o vínculo é rompido, dificultando uma nova aproximação no imaginário religioso. Logo, a promessa constitui uma via de mão dupla entre fiel e santo de devoção.

Essas práticas e crenças constituem um catolicismo, segundo Montes (1998, p.103)

Impregnado de magia, uma religião íntima e próxima que tem nos santos benévolos intercessores dos homens juntos a divindade. E que dos santos se possa esperar com confiante e inocente certeza o milagre sempre possível, numa infinita variedade de situações do dia-a-dia.

Do período colonial até os dias atuais, ocorreram mudanças na maneira como as pessoas vivenciam essa religiosidade, mas manteve-se a contínua busca na intervenção dos santos para atender os pedidos e necessidades. Foi neste contexto de catolicismo multifacetado que a devoção encontrou características e expressões nas quais estão presentes tanto elementos da fé

¹³ Entrevista realizada com Vicência Pereira da Silva, concedida a Tatiana Olegário, em 02 de novembro de 2016.

institucionalizada, aceita pela Igreja Católica, quanto uma subjetiva, emocional que se legitima sem formalidades institucionais, de acordo com as necessidades e desejos dos devotos, daí ser identificada como manifestação de religiosidade ou piedade popular (JURKEVICS, 2004).

Diante disso, refletir acerca da santidade de Benigna implica considerar esses elementos então citados e levar em conta que essa devoção perpassou por dois momentos importantes, uma instituída prioritariamente por parte de seus devotos na qual trataremos neste capítulo e a segunda consiste na aceitação e incentivo da Igreja Católica.

De início, esse culto partiu, sobretudo, da iniciativa dos residentes do sítio Oiti. Assim, consideramos importante entender essa devoção iniciou a partir das características já mencionadas do que consideramos o santo não oficial, uma vez que inicialmente a devoção não teve acolhida pela Igreja Católica e que apenas posteriormente, o culto e as romarias institucionalizaram-se e oficializaram-se.

Posto isso, a fim de explicarmos melhor como iniciou-se essa devoção, vamos nos reportar ao dia 24 de outubro de 1941, data esta que um crime impactou a cidade de Santana do Cariri e regiões circunvizinhas¹⁴. “Por volta das quatro horas da tarde mais ou menos, foi barbaramente estuprada e assassinada a menor impúbere Benigna Cardoso da Silva, no sítio Oiti¹⁵”. Ao realizar uma atividade cotidiana, pegar água em um poço para abastecimento familiar, Benigna, aos seus recém completados 13 anos foi abordada por seu colega de classe, Raul Alves Ribeiro, de 17 anos¹⁶.

Ao propor relações sexuais com a jovem e ter a recusa como resposta, Raul a estuprou, e, com medo que ela contasse para sua família o que aconteceu, desferiu vários golpes de facão no corpo da jovem deixando sua cabeça quase decepada. De acordo com relatos orais, o fato comoveu a população da pequena cidade de Santana do Cariri e do sítio Oiti dos Cirineus.

A respeito de Raul, obtivemos poucas informações através das entrevistas orais, mas o inquérito policial nos possibilita traçar um perfil desse jovem de acordo com as informações ali explicitas. Dois dias após o assassinato, ele foi prestar depoimento acerca do ocorrido, nesse primeiro momento podemos observar a forma que ele relatou o crime, assim como nos fornece informações de nome, idade, profissão, filiação e nos autos do processo-crime consta:

¹⁴ Destacamos que, no âmbito do direito, o assassinato cometido por Raul não se caracteriza como crime, mas um ato infracional, por ele ser menor de idade na época do ocorrido. Entretanto, para um melhor entendimento utilizaremos a nomenclatura crime, ao referirmos a tal acontecimento.

¹⁵ Autos do inquérito policial de Raul Alves Ribeiro (1941), p.02.

¹⁶ Não sabemos ao certo a idade que Raul tinha antes de assassinar Benigna, em algumas fontes consultadas, constam 16 anos e, em outras, 17. Já no inquérito policial, 15. Contudo, a informação mais divulgada é de que, na época do assassinato, ele tinha 17 anos.

Aos vinte e seis (26) dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e quarenta e um nesta cidade de Santanópolis da Comarca de Crato, Estado do Ceará, as nove (9) horas na Delegacia de Polícia onde se achava o terceiro Sargento da Força Policial do Estado e Delegado Especial deste município, José Carneiro Monteiro, comigo primeiro escrivão do crime abaixo assinado, compareceu o indivíduo Raimundo Raul Alves Ribeiro, “vulgo” Raul, a quem o delegado fez as perguntas seguintes: Qual o seu nome, idade, estado, profissão, filiação, naturalidade, residência e se sabe ler e escrever? Respondeu chamar-se Raimundo Raul Alves Ribeiro, conhecido por Raul com quinze (15) anos de idade, filho de José Alves de Oliveira e Ana Alves Ribeiro, agricultor natural do sítio Inhumas deste termo, onde reside, sabendo apenas assinar o nome. (INQUÉRITO POLICIAL, 1941, p. 14-15).

Através do que consta no documento, Raul residia na mesma localidade em que Benigna, por este motivo estudavam na mesma escola. Quando indagado pelo juiz a respeito de como ocorreu o crime ele então relatou:

No dia de sexta-feira vinte e quatro do corrente mês, das três pras quatro horas da tarde vindo à roça de Irineu Sisnando no Sítio Oiti, vizinho ao Sítio Inhumas buscar um jumento do pai dele, declarante, armado de um facão, quando se encontra ele, declarante, na cacimba do mesmo sítio “Oiti”, com a menor Benigna Cardoso perguntando à mesma se ela queria casar, digo, se ela queria ter relações sexuais com ele, declarante, ao que respondeu dita menor que NÃO, chamando-o em seguida de ladrão e bandido; que a vítima pondo seu pote no chão, correu sendo agarrada pelo declarante que a derrubou e serviu-se da mesma à força; **que tendo se servido da vítima abandonou-a e esta declarando que ia dizer à titia, que é avó da vítima, correu em direção de sua própria casa e temendo, o declarante, ser descoberto o que fizera, correu à procura de sua vítima alcançando-a cerca de dez (10) braças aproximadamente, que logo, imediatamente desfechou com o facão com que se achava armado o golpe fatídico no pescoço da vítima.** (INQUÉRITO POLICIAL, 1941, p. 15-16, grifo nosso).

Como podemos perceber, Raul após estuprar Benigna, a assassinou, após ela afirmou que iria contar para a tia, outros ferimentos em seu corpo foi constatado para além do golpe fatídico, mas o que esse depoimento deixa explícito é que mesmo ela recusando a proposta, ele abusou da mesma. Enfatizamos ainda que não se tem conhecimento dessas informações nas narrativas ditas “oficiais”, tanto a Igreja quanto o Poder Público e outras poucas pessoas que têm acesso ao inquérito e conhecimento do que de fato ocorreu, preferiram ocultar esses detalhes e seguir com a narrativa de que Benigna preferiu morrer para não pecar e ir contra os mandamentos divinos. Nesse aspecto existe essa discordância de narrativas entre o que está posto no inquérito policial e o que a Igreja divulga como “verdade”.

São encontrados nesse documento outros depoimentos, em que atestavam que o autor do crime agiu de maneira perversa e dissimulada. Partindo de tais argumentos a defesa do acusado alegou que ele teria problemas psíquicos. A alegação de loucura em casos de homicídios contra a mulher é bem recorrente, pois:

Embora a persecução penal de quem tenha tirado a vida de uma mulher por razões de gênero possa ser alcançada pela norma jurídica neutra do homicídio, não é possível visualizar o contexto em que essas mortes têm lugar, tampouco o caráter social e generalizado da violência baseada no gênero, já que são registradas simplesmente como homicídios, tendentes a ser tratadas como assunto pessoal ou privado, resultantes de problemas passionais, cujos agressores são retratados como “loucos”, “fora de controle” ou “animais”, quando, na realidade, há um caráter profundamente social e político, resultado de relações de poder entre homens e mulheres na sociedade. (CARCEDO CABAÑAS; SAGOT RODRÍGUEZ, 2002, p. 69).

O homem nesse caso, é sempre visto como louco, tomado de grande desejo, apaixonado, a ponto de sua sanidade mental ficar prejudicada e cometer tal delito. Várias são as maneiras de justificar um crime tão perverso. Contudo, neste caso, além da defesa afirmar insanidade mental do acusado, ainda enfatizou que ele agiu por paixão:

Que cometeu o crime contra a menor Benigna Cardozo da Silva por um impulso violento de paixão; que quando chega o amor ou a paixão, como é sabido, a razão desaparece, tendo sido, justamente esse o motivo principal que levou seu curatelado a prática do crime porque foi denunciado; que mesmo botando de parte a paixão o seu curatelado cometeu o crime inconsciente, pois não tem as faculdades mentais perfeitas, o que já tem demonstrado por algumas vezes e por alguns de seus atos. (INQUÉRITO POLICIAL, 1941, p. 38).

Alegando tais sentimentos dá-se a entender que o acusado agiu sem pensar, por força da emoção que aliada a paixão, exposta pelo curador do menor Raul, causou danos psicológicos a ponto do acusado cometer crimes, sem se dar conta do mal que está fazendo, pois “Paixão é uma emoção mais irresistível, mais persistente e mais violenta. É caracterizado pela impetuosidade e persistência com que atua no espírito” (VIEIRA, 1997, p. 152). Algo incapaz de ser controlado, um sentimento profundo e duradouro, é uma “crise psicológica que ofende a integridade do espírito e do corpo, arrastando muitas vezes ao crime” (NORONHA, 1967, p. 201). Destacamos que o fato da defesa alegar que o acusado agiu movido pela paixão não justifica de forma alguma ele ter assassinado Benigna. Esta foi apenas uma das maneiras que seu curador encontrou para reverter a situação e tentar livrar o Raul da pena.

Ainda com essas alegações após o exame de sanidade mental, foi constatado pelos médicos que ele não possuía problemas psíquicos e a conclusão do processo deu-se que o acusado deveria responder pelos crimes que cometera contra Benigna Cardoso:

O réu segundo a prova dos autos, é pervertido e como tal está sujeito ao que dispõe o art. 69, parágrafo 3º do Código de Menores, isto é, deve ser internado em uma escola de reforma por todo o tempo necessário à sua educação, que pode ser de três anos, no mínimo e de sete anos no máximo. Isto posto, e considerando que está provado que o réu praticara as infrações penais previstas nos artigos 268 e 294, parágrafo 1º da Consolidação das Leis Penais em vigor ao tempo da perpetração do crime. Considerando que a infração foi grave e que o réu revelou perversidade; considerando

que a prova testemunhal tem a reforçá-la a confissão do réu; considerando que, não tendo o réu ao tempo da perpetração do delito dezesseis anos de idade, não está sujeito à prescrição do art. 71 do Código dos Menores e sim à do art. 69 do mesmo código. Considerando finalmente todo o exposto e o mais que dos autos consta; julgo por sentença, procedente à denúncia de folhas 2, para julgando o menor, Raimundo Raul Alves Ribeiro, incurso na sanção penal dos artigos 268 e 294 parágrafo 1º da Consolidação das Leis Penais, modificado pelo art. 69 parágrafo 3º do Código dos Menores, determinar como determino seja o mesmo no Instituto Carneiro de Mendonça, neste estado pelo prazo de cinco a sete anos, subordinada a duração dessa internação ao prescrito do art. 80 do código citado. Lance-se seu nome no Rol dos Culpados. (INQUÉRITO POLICIAL, 1941, p. 26-27).

Raul cumpriu sua pena no Instituto Carneiro de Mendonça, em Fortaleza, e após isso, foi embora para São Paulo, constituiu família e faleceu já com idade avançada. Segundo Cidrão (2014, p. 78) “cinquenta anos depois ele voltou ao mesmo lugar do crime, dizem que para chorar, elevar preces e pedir perdão a Benigna.” Porém, ninguém sabe ao certo se essa afirmativa é verdadeira por não haver provas concretas de que Raul teria de fato vindo.

Porém, como já enfatizamos anteriormente, esses aspectos pouco são tratados e externados para os devotos, a morte fria e cruel, o amor incondicional aos mandamentos de Deus e que fizeram Benigna preferir morrer a pecar contra a castidade, é a narrativa mais difundida.

Esse acontecimento trágico culminou posteriormente na reconstrução das narrativas a respeito de Benigna, despertou múltiplas sensibilidades e originou a devoção, de início “silenciosa” e local, mas que foi ganhando maiores proporções ao longo dos anos.

Consideramos que, para melhor compreender essa devoção, é importante entender também o cenário social em que esta se constituiu. Destacamos, de início, o contexto em que Benigna nasceu, em 15 de outubro de 1928, na cidade de Santana do Cariri, ainda prevalecia o coronelismo, sistema que permaneceu do final do século XIX até o início do século XX, presente, sobretudo, em cidades do interior. Victor Nunes Leal (2012, p. 23) define o coronelismo

Como resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. [...] é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras.

Neste entendimento, as cidades menores e a população rural menos favorecida, eram as mais prejudicadas por esse sistema, uma vez que o Poder Público desconsiderava as desigualdades sociais e as necessidades das pessoas, havendo assim, muita dificuldade de sobrevivência. Logo, o principal meio de subsistência na época, em Santana do Cariri era a

agricultura, com o agravante de que a região enfrentava periódicas secas, como afirma Cidrão (2014, p. 19): “a seca era o temor de todo agricultor, pois representava êxodo, fome e morte.” Nesta cidade, havia instabilidade política e o então administrador do município era o Coronel Felinto Cruz, que controlava a região. Entretanto, existiam ataques constantes, sobretudo, por parte do Major Manoel Alexandre Gomes que queria poder sobre a cidade.

Os confrontos políticos representavam o temor dos moradores da localidade, pois “nessas investidas muitas pessoas morriam tanto de um lado, quanto de outro e as vítimas eram enterradas em grandes valas [...] Santana do Cariri era tida nessa época como um dos municípios mais violentos da região” (CIDRÃO, 2017, p. 38-39). Diante disso, podemos perceber que a população vivia sem amparo social, político e econômico e essa situação perdurou por décadas.

Assim, em 1941 em meio a uma cidade abalada por tantas repressões e violência, considerando a realidade de boa parte dos moradores da cidade, a participação em missas ou em festejos religiosos promovidos pela Igreja Católica restringiam-se às poucas atividades de lazer acessível à população, por estes possibilitarem distração e também pela fé em uma vida melhor e mais digna. Concordamos com Sergio da Mata (2010, p. 120), quando destaca que “a religião aponta na forma em que tenta resolver a contínua incerteza em relação ao futuro”, ou seja, é um amparo diante da insegurança da vida. Rubem Alves (1999) ainda esclarece que a marca de todas as religiões constitui em pensar a realidade a partir da exigência de que a vida faça sentido.

Logo, podemos observar que essa fragilidade, na qual encontravam-se as pessoas, foi terreno fértil para a devoção a Benigna manifestar-se e desenvolver-se, pois a população sentia-se identificada com a sua história, por ela ter morado na mesma cidade e conhecer seus problemas. Assim, por haver esse reconhecimento ela é tida como símbolo, exemplo de fé, coragem e intercessora perante Deus. Logo:

Esta é a razão por que, fazendo uma abstração dos sentimentos e experiências pessoais que acompanham o encontro com o sagrado, a religião se nos apresenta como um certo tipo de fala, um discurso, uma rede de símbolos. Com estes símbolos os homens discriminam objetos, tempos e espaços, construindo, com o seu auxílio, uma abóbada sagrada com que recobrem o seu mundo. Por quê? Talvez porque, sem ela, o mundo seja por demais frio e escuro. Com seus símbolos sagrados o homem exorciza o medo e constrói diques contra o caos. (ALVES, 1999, p. 10).

Para além de um contexto em que a região é marcada pela forte religiosidade não oficial, a figura de Benigna também surgiu em um momento em que as pessoas precisavam se amparar em algo para obter uma melhor perspectiva futura, ver uma luz em meio a tanto caos. Desta forma, consideramos o assassinato de Benigna como evento fundador, ou mito fundador, uma

vez que foi a partir dessa causalidade que tudo começou (ALBERTI, 2005). Observamos que o valor significativo do evento foi reconstruído e rememorado ao longo do tempo. Deste modo, “entender um acontecimento, enquanto um evento fundador ou mito de origem representa compreendê-lo como algo que principia uma experiência social, desencadeada no devir das temporalidades e gerações sucessoras” (SANTOS, 2009, p. 24). Logo, esse pensamento vai de acordo com a origem dessa experiência religiosa, dado que depois desse fato, surgiram mudanças e experiências sociais que ultrapassaram gerações e influenciaram a vida das pessoas da localidade.

Posto isso, a morte muitas vezes entendida como um fim último, no caso de Benigna, ganha múltiplas sensibilidades e significados. A oralidade, de início, fator fundamental para que se propagassem as narrativas sobre as primeiras graças atribuídas à jovem, demonstra que mais que reproduzir um discurso a respeito de uma benção alcançada, o devoto fala da vida de Benigna, do seu contexto familiar, econômico, envolve-a em uma trama e sua trajetória aos poucos vai ganhando significado e características transcendentais. Assim, “aquilo que é narrado se torna também um fato, rememorado e reinventado em cada narrativa, pois tanto os fatos, como as narrativas se engendram e se processam nas redes de relações em que estão imersas” (KHUORY, 2004, p. 123). O produto da narrativa também é composto por uma série de outras narrativas que já estão nas políticas de lembrança e rememoração.

As narrativas elucidadas a respeito de Benigna, nos permitem entender o contexto social em que essas memórias foram evocadas, elaboradas e reelaboradas. Sobretudo, a partir do momento em que os moradores da região sentem a necessidade de difundir os relatos de contemporâneos e pessoas que viveram na época, para manter viva a história que faz parte da memória das pessoas da localidade.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afeitiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica [...]. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história só conhece o relativo. (NORA, 1993, p. 9).

Essa memória deve ser observada como um fenômeno coletivo, que vive na tradição, na qual os conteúdos modificam-se e atualizam-se, sendo resultado de um processo coletivo, deixa de ter uma dimensão individual, pois estamos nos referindo a um acontecimento que fez parte da vida de um grupo de pessoas. Assim, “se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (HALBWACHS, 2013, p. 69). No que concerne ao objeto então estudado, destacamos a importância do processo de rememoração para o entendimento do contexto social e da devoção. Neste sentido, concordamos com Halbwachs (2013, p. 31) quando destaca que:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso.

Nessas memórias nota-se o entrecruzamento do presente e passado. À medida que vão sendo lembradas, constrói-se sentido aos acontecimentos vividos por Benigna em seus poucos anos de vida e, também, sua história. Como destaca esse narrador a respeito da forma com que Benigna tratava os demais:

Todo mundo a considerava uma alma Santa que ela era uma pessoa boa uma garota boa assim que gostava de ajudar que não gostava de ver maltratando os outros, na escola mesmo quando ela via os alunos serem castigados com a palmatória ela não gostava que chorava né (informação verbal)¹⁷.

Nas narrativas que temos a respeito da jovem, dá-se ênfase ao fato dela ter uma “alma santa”, antes mesmo de ser assassinada. Assim, percebemos que sua história vai ganhando qualidades especiais, e, seus feitos em vida, são justificadores de sua santidade. As pessoas que conheceram Benigna e que tornaram-se nossos narradores evidenciaram a diferença das demais meninas da mesma idade em relação à Benigna. Relatando sua compaixão com os colegas, seu carinho pelos animais e seu amor incondicional pelos mandamentos divinos. Observa-se que há uma construção e enredo da morte e da vida de Benigna, a fim de legitimá-la enquanto santa a partir de seus atos em vida.

Partindo da importância de ouvir e sentir o que o devoto tem a dizer, ao nos depararmos com as narrativas orais, percebemos a emotividade presente nas falas, gestos e ações que fazem parte dos discursos de pessoas que viveram à época ou que através de gerações anteriores, a

¹⁷ Entrevista realizada com Sandro Cidrão, concedida a Tatiana Olegário da Silva, dia 23 de outubro de 2021. O entrevistado reside na cidade de Santana do Cariri, foi um dos primeiros idealizadores da causa, autor de alguns livros a respeito da vida de Benigna e memorialista da cidade.

partir de sua integração com indivíduos daquele grupo e do compartilhamento de experiências, reconstruíram um passado (FREITAS, 2006), passado este no qual Benigna é tida como santa, exemplo de amor a Deus e capaz de atender seus devotos em todos os momentos. Como relata Fabiene Santos:

Ela me socorreu no momento de aflição né [...] foi um tempo muito difícil pra mim porque era, meu pai precisava fazer uma cirurgia por conta de um câncer de próstata e eu me vi muito aflita e sem saber o que fazer aí só me restou recorrer aos santos né, é, daí eu lembrei de várias histórias de pessoas que fizeram promessas com ela e foram atendidas daí eu lembrei e fiz a promessa porque eu estava com medo, muito medo dessa cirurgia de meu pai, dele não sair vivo né, aí graças a Deus e a menina Benigna que ele tá bem né, saiu vivo da cirurgia [...] eu cortaria meus cabelos, eu cortei e uma parte eu levaria pra lá, e rezaria o terço lá também e usaria o vestido, um vestido semelhante ao vestido dela né que ela morreu, um vestido que ela morreu na verdade, que era um vestido vermelho com bolinhas brancas (informação verbal)¹⁸.

Nesse relato, percebemos que o imaginário religioso acompanha o sentimento popular com os símbolos e elementos que fazem parte da religiosidade. O pagamento da promessa, o corte de cabelo e a réplica de uma peça de roupa semelhante ao que Benigna usava no dia do assassinato, são elementos carregados de afeto que demonstram o quanto a devota confia na santidade de Benigna para a cura de seu pai.

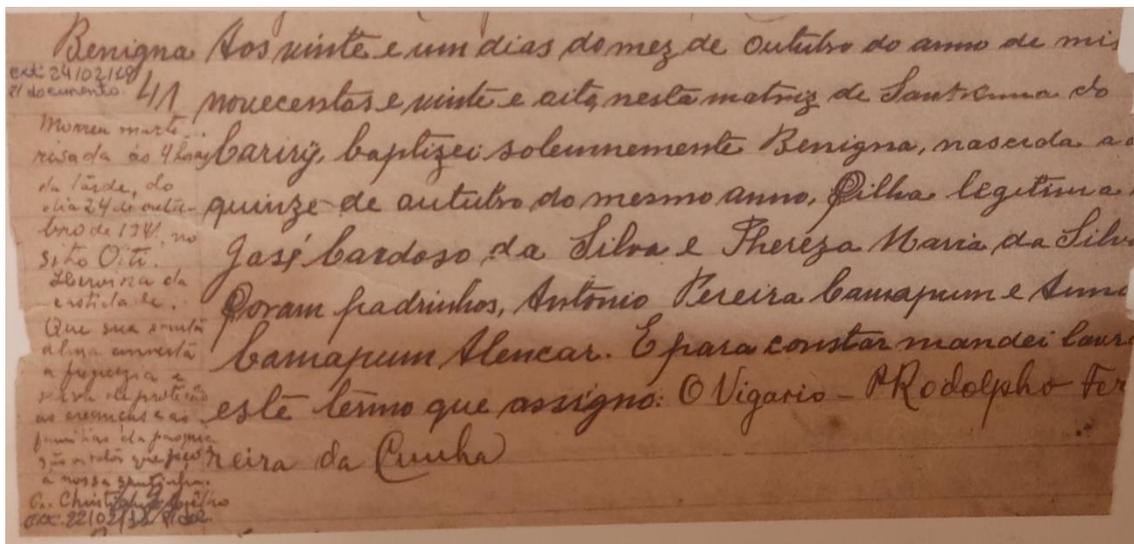
As sensibilidades representadas nos mostram que as pessoas se sentem parte da vida de Benigna, as narrativas para além das graças alcançadas, remetem a vida e morte da mártir e são também formas de recordações da instituição familiar, a qual os devotos, de início, moradores de Inhumas, pertencem. Entre eles, o ato de narrar histórias remete-os às recordações dos momentos de conversas entre familiares, elementos estes que compõem essa experiência religiosa (SANTOS, 2009). Por conta disso, consideramos importante captar essas subjetividades presentes nas narrativas a nós concedidas, pois estamos lidando com um fato e uma temporalidade transcorrida, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado (PESAVENTO, 2003).

Apesar dessa devoção iniciar-se de maneira particular, por parte dos moradores da localidade, destaca-se a importância de uma pessoa que está muito presente em boa parte dos relatos, pois, de acordo com os narradores, atuou de forma incisiva na vida de Benigna, o padre Cristiano Coelho, pároco da Igreja de Santana do Cariri na época. Este foi uma figura de destaque que, por meio de suas palavras, concedeu, à Benigna, o título que ela tem até hoje. Na época ao escrever/registrar ao lado dos dados de nascimento de Benigna, nos livros dos

¹⁸ Entrevista realizada com Fabiene dos Santos, concedida a Tatiana Olegário, em 30 de setembro de 2018.

batizados da paróquia, que havia sido morta a “santinha e heroína da castidade” (CIDRÃO, 2014, p. 55). Como podemos observar na Figura 3:

Figura 3 - Página do Livro de Batizados



Fonte: Página 36 do Livro de Batizados da Igreja de Santana do Cariri (1928).

Nessa imagem, consta, primeiramente, o registro de batizado de Benigna, no qual está escrito: “Benigna aos vinte e um dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e vinte e oito, nesta matriz de Sant’Ana do Cariry, batizei solenemente Benigna, nascida aos quinze de outubro do mesmo ano, filha de José Cardoso da Silva e Thereza Maria da Silva. Foram padrinhos, Antônio Pereira Camapum e Anna Camapum de Alencar. E para constar mandei lavrar este termo que assigno: o vigário- pe. Rodolpho Ferreira da Cunha”.

Notamos, que esse registro data do ano de 1928. Logo, o escrito oficial do livro de registro de batismo de Benigna corresponde ao sexto dia após seu nascimento, observamos que esse fato até hoje é enfatizado em narrativas eclesiais, no que se refere a agilidade da família ao fazer com que Benigna em seus poucos dias de vida recebesse o sacramento que a tornaria uma verdadeira cristã, pois nessa tradição:

Até o século V o batismo e a confirmação são compreendidos como iniciação cristã, formando uma unidade cujos elementos mais importantes são: o catecumenato, os ritos batismais (unção, banho de água, imposição de mãos, crisma, participação na eucaristia), a experiência celebrativa e o encontro com a comunidade (mistagogia). (KALMBACH, 2002, p. 23).

Nota-se que esse sacramento se torna um dos mais importantes por ser o primeiro que a criança recebe após o nascimento. Destaca-se a importância da mistagogia então ressaltada anteriormente, esta tem a ver com a iniciação ao sagrado, aos ministérios de uma religião e com

a vivência desta. Corresponde ao caminho que o homem percorre para conseguir as experiências com o transcendente. Com o passar dos anos, esses caminhos percorridos por Benigna, no que se refere a religião católica e a iniciação ao encontro com Cristo, serão ressaltados por esta instituição, com intuito de legitimar sua santidade. Iniciando-se, assim, uma narrativa hagiográfica da sua vida santa.

Entretanto, ao observarmos essa primeira narrativa, que se refere ao batismo de Benigna, não se percebe nenhuma singularidade atribuída à criança. Os dados, então mencionados, correspondem apenas a uma formalidade feita pelo padre que realizou o sacramento. A relevância, atribuída ao batismo de Benigna, será ressaltada apenas posteriormente por parte da Igreja católica. Isso nos faz concordar com o pensamento de que “nenhum fato, coisa ou gesto, entretanto, é encontrado já com as marcas do sagrado. Este não é uma eficácia inerente às coisas. Ao contrário, coisas e gestos se tornam religiosos quando os homens os balizam como tais” (ALVES, 1999, p. 10).

Assim, em um outro elemento desse registro podemos notar as marcas do sagrado, ao lado esquerdo da imagem, em letras menores, há uma narrativa que se refere a segunda temporalidade presente no documento, este corresponde ao momento após a morte de Benigna. Neste caso, o padre Cristiano Coelho escreveu: “morreu martirizada às 4 horas da tarde, do dia 24 de outubro de 1941, no sítio Oiti. Heroína da Castidade. Que sua alma converta a freguesia e sirva de proteção às crianças e às famílias da paróquia. São os votos que faço na nossa santinha” (LIVRO DE BATIZADOS, 1928, p. 36).

Ao comparar-se as duas narrativas, percebe-se que essa segunda tem um teor sagrado quando o padre se refere a jovem, sobretudo, enfatizando a forma que ela foi morta, atribuindo a esta o título de heroína da castidade, que posteriormente tornou seu epíteto. Assim, observa-se que essa foi uma das primeiras menções na qual retrata Benigna como santa. E atribuímos a esse relato, a primeira manifestação da construção da santidade de Benigna. Diante disso, salientamos a contribuição do padre Cristiano Coelho no processo de identificação de Benigna como “santinha” desde a sua morte.

Cristiano Coelho, que era natural da cidade de Ouricuri/PE, por décadas, foi pároco de Santana. Ganhou destaque e notoriedade nas narrativas, não apenas no que se refere ao título de heroína da castidade que ele atribuiu a Benigna, mas a respeito de seu trato zeloso com a jovem. Inclusive, ao presentear-lhe com uma bíblia, e por supostamente ser confidenciado por ela a respeito dos assédios que sofria com Raul. Este, tendo conhecimento dos fatos “chegou a sugerir a Benigna que viesse morar na cidade, onde, além de ficar livre das insinuações de Raul, ainda teria oportunidade de dar continuidade a seus estudos” (CIDRÃO, 2014, p. 63).

Informação esta que encontramos na biografia oficial de Benigna e em escritos do autor Sandro Cidrão, memorialista da cidade. Logo, percebe-se o enaltecimento do padre Cristiano nesses registros, sobretudo, na maneira com que é retratada sua amizade com Benigna.

Diante do exposto, e levando em conta sua importância nessa construção de santidade em torno da imagem de Benigna. Achamos pertinente levantar algumas questões a respeito da vida do padre Cristiano. Em primeiro lugar, a família Coelho era conhecida por ser bastante influente em algumas regiões pernambucanas. Até os anos de 1940, as atividades comerciais da família atingiram cidades como Petrolina, Ouricuri, Bodocó, Araripina e estados vizinhos, como Paraíba e Ceará (AQUINO, 2011, p. 85). Para além, das atividades comerciais, essa família destacou-se politicamente em todo o estado galgando uma posição de destaque na região do São Francisco; e, posteriormente, expandindo sua influência (AQUINO, 2011, p. 85).

Em vista disso, levando em conta o poder não apenas político, mas econômico da família Coelho, julgamos que seus descendentes, tais como o padre Cristiano Coelho, tinham um grau de instrução elevado o suficiente para presumir o poder de suas palavras na posterioridade. Assim sendo, o título de heroína da castidade atribuído à Benigna partiu de uma intenção de santificar a jovem desde o momento que ele destaca que ela era uma santinha e que morreu martirizada. Consideramos que sua fala não foi visionária, mas fundamentou-se em um conhecimento prévio que este tinha a respeito do conceito e importância das palavras então escritas por ele.

Esse fato é corroborado em um segundo aspecto presente na nota escrita no livro de batizados pelo padre Cristiano, destacando a ênfase na concepção de mártir. Ao destacar que Benigna “morreu martirizada” e registrar tais palavras, pressupõe-se que ele tenha conhecimento da influência que o termo possui no catolicismo. Além de ser essencial em um processo de santificação oficial nos moldes canônicos, no que concerne a história dos santos, os mártires foram os primeiros a serem cultuados. As devoções por esses santos foram iniciadas de maneira espontânea, através do reconhecimento do povo perante aquele que sofreu (SERAFIM, 2016).

A concepção do martírio, de acordo com a Igreja, sofreu algumas alterações no tempo, abrangendo não apenas aqueles que doavam a vida para defender a palavra de Cristo, mas também, aqueles que morriam de forma violenta, provocada por homicídio ou doenças graves que causavam períodos prolongados de dor e sofrimento (SERAFIM, 2016, p. 414). Por este motivo, iremos observar que, ao longo da história de Benigna, será mencionado várias vezes o ato heroico da mártir e a ênfase em seu sofrimento.

O santo que sofreu em sua vida terrena torna-se para os seus devotos um exemplo de fé, amor e esperança em dias melhores, possibilitando que as pessoas cultivem um sentimento de identificação e suas histórias de vida passam a ter como referencial o momento em que sua santidade se manifestou. “O tempo faz com que sua vida de pessoa comum seja completamente transformada em detalhes que se tornam justificadores da ação sagrada” (ANDRADE, 2010, p. 138). Logo, os santos que doaram sua vida por amor a causa cristã acabam realizando o papel de intercessores perante Deus, ouvindo os seus pedidos e intercedendo por eles nos momentos difíceis.

Com Benigna não foi diferente: houve a comoção perante sua morte violenta e prematura, e posteriormente, o reconhecimento popular de sua santidade atrelado a identificação da comunidade com sua história de vida e morte, pois:

O homem religioso deseja viver o mais perto possível do sagrado. Ele sente necessidade do sagrado no seu dia-a-dia e, como Deus, o Ser supremo está distante, “afastado”, o homem procura experiências religiosas mais “concretas”. Ao substituir a própria divindade, ao deixar de ser um intermediário, o santo pode realizar a sua manifestação máxima: o milagre. (ANDRADE, 2008, p. 253).

Como afirma padre Paulo Lemos sobre esse sentimento identitário e esse desejo de viver perto do sagrado: “o povo se identifica com o sofrimento de Benigna né, um povo sofrido, a maioria das pessoas (informação verbal)¹⁹.” E, percebemos que foi por conta dessa identificação inicial que a jovem ganhou graças populares, tornando-se inicialmente a santa do povo, pois o processo de identificação nesse caso, configura-se como a principal força impulsionadora da fé.

Nesse sentido, mesmo que os santos mártires sejam cultuados inicialmente de maneira espontânea, o martírio enfatizado por Cristiano Coelho representa um importante elemento na construção da santidade dos santos ao longo do tempo, constituindo-se assim, como um caminho mais certo para a canonização (ANDRADE, 2008, p. 248)²⁰. Vários são os exemplos de santos e santas que tiveram o martírio em suas histórias de vida e foram santificados posteriormente.

A *Legenda Aurea*, coletânea escrita por Jacopo de Varazze no século XIII apesar de resumir a vida de diversos santos já canonizados pela Igreja, nos possibilita compreender o

¹⁹ Entrevista realizada com Padre Paulo Lemos Pereira, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 30 de setembro de 2018.

²⁰ Para Woodward (1992, p. 17), canonizar em seu conceito mais restrito, significa declarar oficialmente que a pessoa é digna de um culto público, esta declaração é feita através do papa e implica em algumas mudanças no culto ao santo. Assunto que será abordado posteriormente nesse estudo.

enredo das histórias dos mártires, pois, na maioria das vezes, suas mortes trágicas têm como fio condutor a recusa do pecado, a morte por adesão à fé cristã e amor incondicional a um Deus maior. Sendo assim, esse texto se torna de extrema importância por apresentar relatos de vidas exemplares e por se destacar como modelo hagiográfico para escrita da vida de vários santos, uma vez que este faz um compilado de histórias indispensáveis nos discursos católicos.

Com efeito, nosso compilador ainda via os santos como pessoas cujas mortes, apesar de serem brutais, são acompanhadas por sons harmoniosos, pessoas cujos corpos torturados e mutilados emanam odor agradável, pessoas cujos restos mortais são imputrefatos e têm poderes taumatúrgicos que beneficiam a todos os que peregrinam até seu local de descanso e veneração. (FRANCO JÚNIOR, 2003, p. 16).

Assim, a morte trágica é um fator importante na construção de santidade, de acordo com os moldes canônicos, pois as vidas dos santos representam um importante meio de transmitir o sentido da fé cristã. Essa é a fé que a Igreja prega a ser seguida por todos os fiéis. Desde que o cristianismo existe, as pessoas contam e recontam as histórias dos santos, por conta disso, ressaltamos a importância do martírio e da santidade para compreendermos a devoção à Benigna, pois a narrativa popular e eclesiástica enfatiza que ela morreu em defesa de sua honra e por seu amor aos mandamentos divinos.

Esse fato na vida da mártir possibilitou a população nutrir a certeza de que seu ato de amor a causa cristã a levaria próximo a Jesus. Naquele contexto, após passados a sensação de dor e consternação pela perda, o sentimento referente as pessoas da localidade no que diz respeito à Benigna, transformou-se em devoção. Mesmo que, de maneira singela e natural, a devoção à Benigna teve seu início logo após o seu assassinato e será, dessa devoção, a qual consideramos “silenciosa”, que iremos trabalhar a seguir.

2.2 “Vox Populi, Vox Dei”: A santidade atestada nas graças relatadas

O culto à Benigna no início se dividiu entre espaços que eram considerados representativos. O local do assassinato, no qual existe um túmulo simbólico e uma cruz, que entendemos como uma forma de lembrar a morte, uma vez que foi naquele lugar em que ela foi assassinada. E, ao lado, tem a cacimba, como era chamado o poço na época, lugar onde Benigna pegou água pela última vez, sendo a água daquele espaço considerada sagrada pelos devotos.

Nos dois primeiros anos após o assassinato, segundo narradores que presenciaram as modificações desse culto com o passar do tempo, apenas o local do martírio era visitado. As pessoas prestavam homenagens, cuidavam da cruz que foi erguida após a morte e esse espaço

ao longo dos anos foi sendo modificado pelas pessoas da região. Construíram um túmulo e assim o lugar servia para que os devotos depositassem flores, acendessem velas e realizassem preces. Dessa forma, entendemos que a memória se materializava através desse cuidado com o túmulo no local do martírio. Dona Penha²¹, ao rememorar a devoção em sua fase inicial destaca:

Assim, antes tinha um cruzeiro e a gente até se culpa porque eu cheguei a ver, muita gente da comunidade chegou a ver ainda, as pedras que tinham as manchas de sangue, entendeu? E a gente nunca se preocupou em pegar uma pedra dessa, em guardar. E lá, esse cruzeiro é igual a esse que tem aqui na frente, ele vai mudando. Porque tem gente que diz assim, faz uma promessa, alcança uma graça e termina que quando consegue vai lá e dá uma arrumada né, aí vem aí passa um tempo e se deterioriza, vem outro e da outra arrumada aí sempre teve lá viu esse cruzeiro (informação verbal).

Nota-se, a partir desse relato, que as pessoas que visitavam a cruz ficavam responsáveis pelas mudanças ocorridas naquele local, sobretudo, pelo zelo. Dona Penha ainda demonstra sua aflição por não ter guardado pedras, que segundo ela, ainda tinham as manchas do sangue de Benigna. Diante disso, percebe-se o quanto essas pessoas consideram aquele espaço sagrado, uma vez que:

Coisas inertes — pedras, plantas, fontes — e gestos, em si vulgares, passam a ser os sinais visíveis desta teia invisível de significações, que vem a existir pelo poder humano de dar nomes às coisas, atribuindo-lhes um valor. Não foi sem razão que nos referimos à religião como "a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza". De fato, objetos e gestos, em si insensíveis e indiferentes ao destino humano, são magicamente a ele integrados. (ALVES, 1999, p. 10).

É nesse contexto que, entre dois a quatro anos após o assassinato, outra representação do lugar surgiu, de acordo com os moradores do distrito e devotos de Benigna. O cruzeiro denominado “cruz santa Benigna” que se originou da necessidade de um local de fácil acesso, uma vez que o túmulo se localiza em uma propriedade privada. As pessoas optaram por fazer suas orações e depositarem seus ex-votos nesse cruzeiro, construído à beira da estrada que interligava a cidade de Santana do Cariri ao sítio Oiti, onde era mais comum a visitação.

Percebemos que essa devoção se originou através das próprias pessoas que reproduziam a história de Benigna, dos curiosos que por ali passavam e tinham o interesse em acender velas e conhecer melhor essa história. Nota-se que chamava a atenção do devoto, não era a Benigna enquanto adolescente assassinada, mas a ideia reproduzida pelas pessoas de que ela teria sido

²¹ Maria da Penha Eliodório Pereira é moradora do bairro Inhumas e atualmente é guia no santuário de Benigna, recebe os devotos e conta a história da jovem. Entrevista realizada com Maria da Penha, concedida a Tatiana Olegário, em 01 de fevereiro de 2022.

morta por amor a Deus e aos ensinamentos instituídos pela Igreja, sobretudo, de manter-se fiel a castidade.

Tal constatação corrobora com Michel De Certeau (1998, p. 278), quando define “[...] por ‘crença’ não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma ‘modalidade’ da afirmação e não seu conteúdo”. Logo, o ato das pessoas compartilharem as narrativas sobre Benigna diz respeito ao considerar verdadeira a ideia dela ter sido assassinada por amor aos mandamentos divinos, condizendo, nas tipologias de Certeau, para quem a crença constitui-se a partir do resultado das “vitórias do ‘fraco’ sobre o mais ‘forte’, pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de ‘caçadores’, mobilidades da mão-de-obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos” (CERTEAU, 1994, p. 47).

Consequentemente, foi através do investimento das pessoas, nessa ideia de exemplo de castidade, amor a Deus e honra, que fizeram com que a história de Benigna tivesse destaque perante outros casos parecidos, tornando-se, assim, santa para seus devotos. Portanto, um aspecto fundamental para o início da construção da vida de um santo é a dimensão do exemplo, a vida exemplar de amor a Deus, a família, as pessoas e a honra. Esses aspectos foram enfatizados pelos devotos de Benigna no início da devoção e realçado pela Igreja posteriormente.

As pessoas experienciavam essa religiosidade a partir do momento em que sua crença demanda um posicionar-se, um agir de acordo com aquela ideia então defendida. Assim, eles sentem-se na responsabilidade de propagar sua fé, devoção e a história da santa. Desta forma, a santidade atribuída a determinado santo, nesse caso, à Benigna, é construída a partir de exemplos de vida, virtudes e milagres muito mais que o povo atribui. A construção dessas virtudes perpassa, sobretudo, pelo imaginário religioso.

Essa manifestação religiosa se originou dessas pessoas que moravam na região e mesmo sentindo falta de uma participação ativa da Igreja, iniciaram a devoção de maneira não institucionalizada. Por um lado, encontrava-se a crença e a fé do povo, por outro, a instituição da Igreja Católica que pouco interferia na devoção. Essas pessoas, de certa forma, apegaram-se a religiosidade, a crença, e à Benigna como uma tática para aliviar o peso dos dias difíceis e a falta de assistência física, psicológica e espiritual à época.

Diante disso, para definir essa tática, nos pautamos em Michel De Certeau (1998), que considera estratégias e táticas como tensões entre grupos sociais e nessa situação, cada grupo ou indivíduo elabora e reelabora mecanismos de imposição de suas necessidades/vontades.

Assim, consideramos que as estratégias são utilizadas pela Igreja católica, quando esta instituição tenta estabelecer seu poder para manter uma unidade oficial já estabelecida, pouco interferindo nas manifestações religiosas de cunho popular.

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar. (CERTEAU, 1998, p. 99).

Mesmo a Igreja, enquanto detentora de “poder e querer”, produtora de uma ordem, de acordo com os modelos tradicionais, não consegue impossibilitar as pessoas de instituir seus próprios lugares sagrados, suas maneiras de crer e agir. A essa “rebeldia”, por parte das pessoas e devotos, denominamos de tática. Logo:

A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, a distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1998, p. 100).

Pensar nesse sentido, a tática como arte do fraco, não significa compreendê-lo como vencida. Uma vez que são formas que as pessoas encontram de subverter a ordem para que a partir disso a cultura possa formalizar suas práticas. Portanto, considerando que “as estratégias são capazes de produzir, mapear, impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar” (CERTEAU, 1998, p. 87). Observa-se que elementos das devoções não oficiais, posteriormente passam a ser incorporadas pela Igreja. Assim, esse conceito de estratégias e táticas refere-se muito ao início da devoção, dessa rebeldia dos primeiros idealizadores, mesmo diante a resistência da instituição católica.

Tais conceitos nos ajudam a compreender esse início de culto à Benigna, uma vez que, sem incentivo da paróquia da cidade, os devotos utilizavam suas táticas para manter viva na memória a história da jovem, escolhendo esses espaços não oficiais para o culto.

Sendo assim, com o intuito de preservar esses dois locais simbólicos, as mesmas práticas que ocorriam no túmulo do local do martírio aconteciam também na cruz popular santa Benigna. Porém, havia maior número de visitação das pessoas, inclusive de romeiros e tropeiros como afirma essa narradora: “essa estrada tinha uma travessia muito grande de Romeiros e de tropeiros, e quando eles passavam aqui que eles queriam fazer uma oração, eles não queriam adentrar o terreno que era particular” (informação verbal)²², e assim, o cruzeiro denominado de cruz santa Benigna, foi sendo visitado e modificado ao longo do tempo.

Abaixo vemos uma das últimas imagens retratadas da cruz popular, vale destacar que na ocasião em que foi tirada essa foto, iniciava-se o processo de construção do memorial e já tinha ocorrido a primeira romaria. Logo após, a cruz foi retirada do local sendo substituída pelo memorial, no qual falaremos posteriormente. Como podemos observar na imagem, os devotos depositavam ex-votos²³, flores, velas, símbolos que remetem o cuidado que as pessoas tinham para com aquele espaço.

Figura 4 - Cruz Santa Benigna



Fonte: Fotografia do acervo pessoal de Sandro Cidrão (2005).

²² Entrevista realizada com Penha, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

²³ Ex-voto em seu sentido geral, refere-se a prática de doações de quadros, pinturas, estátuas, cabelos cortados, imagens e qualquer objeto de valor simbólico, em forma de agradecimento ao santo por algum pedido atendido.

Por sessenta e seis anos a cruz foi símbolo de devoção popular dos moradores de Santana do Cariri. Durante esse tempo as pessoas circulavam entre o local do assassinato e a cruz à beira da estrada que era mais acessível. Como afirma um morador de Inhumas a respeito de seu primeiro contato com a história de Benigna: “veio das visitas na cruz Popular Santa Benigna, nós já tínhamos na verdade essa Cruz desde 46 então essa popularidade surgiu das pessoas que iam pagar promessas justamente à beira da estrada.”²⁴ Diante disso, nota-se que muitas vezes as pessoas tinham conhecimento a respeito da história de Benigna através da cruz popular, pois ela chamava atenção das pessoas que por ali passavam, contribuindo para que houvesse indagações em relação ao significado dos ex-votos depositados e também da participação popular que ali se destacava.

É importante frisar também que há controvérsias nos relatos coletados no que tange ao ano em que essa cruz foi erguida, alguns dizem que foi em 1944 e outros em 1946, mas o que nos importa é perceber que o fato da cruz estar presente à beira da estrada possibilitou maior destaque para a causa de Benigna. Devido ao seu acesso facilitado e visibilidade. Sendo assim, a visitação desse lugar considerado sagrado sem nenhum incentivo de membros da Igreja, ocorreu de forma espontânea e sinaliza que o sagrado continuou ocupando espaços que o mundo secularizado não conseguiu preencher²⁵. Por mais que estejamos vivendo em um mundo de individualidades e racionalidade, muitas pessoas ainda se sentem preenchidas através do sagrado e das emoções e segurança que a fé proporciona.

Assim, de acordo com as mudanças no decorrer dos anos, as percepções sobre os espaços sagrados também foram alterando-se. À medida que novos elementos e lugares foram sendo incorporados nessa devoção. O próprio cruzeiro vai sofrendo alterações a depender das necessidades dos devotos, “tinha tempo que a gente via uma lápide só com uma pedra, tinha tempo que ele voltava um cruzeiro normal. Assim, ia sendo de acordo com as promessas que as pessoas conseguiam que eu ia mandando refazer” (informação verbal)²⁶. Segundo essa devota que ainda lembra da época que existia o cruzeiro, podemos observar que as promessas eram constantes, não existia um tempo ou momento específico para depósito de ex-voto, uma vez que o local se modifica à medida que o tempo passa e a depender das promessas.

Corroborando com o relato anterior, observa-se outra imagem. Sendo da mesma cruz, no mesmo ano, porém em um dia diferente do anteriormente registrado. Nesta já podemos

²⁴ Entrevista realizada com Carlos Sousa, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

²⁵ Serafim, *op. cit.*, p. 414.

²⁶ Entrevista realizada com Penha, concedida a Tatiana Olegário da Silva, dia 01 de fevereiro de 2022.

perceber mudanças ocorridas quanto ao espaço e também a organização, não possui ex-votos, apenas algumas flores e bandeirolas. Demonstra-se o cuidado que as pessoas tinham para o com o espaço.

Figura 5 - Cruz Santa Benigna



Fonte: Fotografia do acervo pessoal de Sandro Cidrão (2005).

De acordo com a fala dos narradores percebe-se a devoção dos indivíduos perante os símbolos que remetem a Benigna, esses lugares caracterizam-se como locais onde o sagrado se manifesta: o cruzeiro, o poço e o local do martírio, não são vistos apenas como uma forma física de relação entre o devoto e a santa, eles vão além disso e significam um elo de ligação com o mundo sagrado, um espaço transcendente. Logo, devemos pensar a religião como uma rede de símbolos, onde estes:

Deixam de ser hipóteses da imaginação e passam a ser tratados como manifestações da realidade. Certos símbolos derivam o seu sucesso do seu poder para congregar os homens, que os usam para definir a sua situação e articular um projeto comum de vida. Tal é o caso das religiões, das ideologias, das utopias. (ALVES, 1999, p. 17).

Em vista disso, esses símbolos sagrados como o túmulo, as cruzes e o poço, conferem significado a vida, devoção e religiosidade não apenas da mártir, como também dos devotos e moradores da região. Um aspecto que nos chamou bastante atenção nos relatos foi que com o passar dos anos, algumas mulheres do sitio Oiti dos Cirineus, que tinham bebês nascidos mortos, enterravam seus filhos no entorno dessa cruz. Indo geralmente acender velas posteriormente e enfeitar o lugar onde essas crianças eram sepultadas.

Segundo Santos (2010, p. 2) “há espaços que são tidos como referências simbólicas de acontecimentos que, por marcarem um momento da vida social de uma comunidade, são revestidos de significados, fazendo rememorar o ocorrido.” Essa região que marcou a vida social dos moradores de Inhumas caracteriza-se no local do martírio e também na cruz, por isso é tido como um elemento simbólico, sendo rememorado por aqueles que ali frequentavam mesmo após alguns anos.

Levando em conta a escolha do local do enterro, é possível que todas estas crianças sejam pagãs, ou seja, da classe dos que não se batizaram. Sobre a classe dos pagãos, Cascudo (2002, p. 30) disserta “há a classe dos que não se batizaram, menino pagão, sem pecado e sem virtude. Esses ficarão no limbo, lugar sombrio e tranquilo, monótono pela igualdade do tempo.” Diante disso, uma das mães que enterrou seu filho no local relata: “ela (a criança) era pagã, ela não tinha se batizado, aí acharam melhor, [...] enterrar ali por que o nome já era santa Benigna, ela é santa, várias pessoas aqui enterravam” (informação verbal).²⁷ Normalmente os pagãos eram enterrados fora dos cemitérios, local considerado oficial pela Igreja. Para Vailati (2010), o enterramento do pagão fora destes espaços oficiais é uma herança do antigo controle da Igreja Católica sobre os ritos de inumação e a seletividade relacionada ao direito de possuir uma sepultura no sagrado. Sendo assim, uma das alternativas era enterrar esses bebês em locais simbólicos que denotava alguma complacência com o universo da tradição cristã. Portanto, destacamos que essa não era uma prática apenas da cidade de Santana, mas no Cariri e em especial na serra da Chapada do Araripe.

As cruzes, nas estradas interioranas, que denotam suas formas, intituladas popularmente de encruzilhadas, eram “tomadas como ambientes propícios para os sepultamentos infantis” (SANTOS, 2010, p. 11). Essa manutenção da tradição do cristianismo nos fez perceber, a partir dos relatos, que por tornar-se inviável o enterro no espaço sagrado, as pessoas buscavam algo que pudesse remeter o transcendental, abençoado, e no caso dos moradores do distrito de Inhumas, encontravam na cruz santa Benigna. Esse espaço de acolhimento santificado, por remeter a jovem mártir. Dessa maneira, como destaca essa narradora:

Quando nasciam prematuros né, que tinha uma morte imediata, naquele tempo não tinha declaração de nascido vivo, né, era muito comum as pessoas é, quando tem um bebê nascido em casa enterrar pertinho de uma cruz e aqui teve muitos viu, muitas crianças que foram enterradas inclusive teve um cigantino, né que faleceu aqui e foi enterrado bem próximo a esse Cruzeiro²⁸.

²⁷ Entrevista realizada com Maria Josecisa de Lima, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

²⁸ Dona Penha, *ibidem*. Cigantino enfatizado por Dona Penha refere-se a crianças filhos de ciganos, pessoas que não tem uma moradia fixa e deslocam-se constantemente para outros lugares.

Notamos que as pessoas fizeram em torno dessa cruz um pequeno cemitério e não só o local de visitas em homenagens à Benigna. As velas, rosas, eram também em homenagem as crianças pagãs enterradas em seu entorno²⁹. Contudo, o fator primordial para o enterro dessas crianças nesse lugar, era o fato de aquela cruz ser um símbolo que remetia a história de Benigna e sua santidade. A imagem de pureza que as pessoas tinham a respeito de Benigna, possibilitou às mães enterrarem seus anjinhos naquele lugar que para eles, já era protegida por ela.

Outro ponto destacado nos relatos orais, dizem respeito a condição financeira das pessoas que enterravam seus filhos no entorno da cruz. A pesquisa realizada por Titus Riedl³⁰ nos permite compreender melhor esse contexto, uma vez que o autor analisou como ocorriam os sepultamentos dessas crianças. Para as famílias que tinham maior poder aquisitivo o enterro ocorria em caixões, já aqueles que eram de famílias menos abastadas eram sepultados em caixinhas de frutas ornamentadas ou em caixas de sapato, como podemos perceber nesse relato:

Aí eu vi vários movimentos aqui importante, as mulheres enterraram seus filhos quando nasciam mortos [...] em caixas de sapatos e outras pessoas [...] que tinha condições mandavam fazer o caixão de madeira, o caixão de madeira que cobria de tecidos para arranjos, entendeu? Rosa para mulher azul para homem, ou mulher ou branco para qualquer sexo, e daí então essa Cruz se tornou atrativa para pagamentos de promessas, rezar o terço em Dia de Finados e acender velas, então aqui surge a popularidade, eu quando era pequeno passava muito por aqui cansei de muitas vezes lavar isso aqui, decorar, decorei ainda o caixão da filha dela [aponta para uma imagem] que faleceu bem aqui no centro eu decorei (informação verbal)³¹.

Nesse contexto, a comemoração do dia dos finados também ganhava um valor simbólico a mais, como destacado nesse relato, era muito comum que as pessoas acendessem velas, fizessem suas orações, e, atrelado ao cemitério de anjos, a popularidade da cruz e da história de Benigna aumentava. Então, todas essas práticas enfatizam o valor particular e a importância que os moradores da localidade atribuem às memórias que perpassam a cruz Santa Benigna. O tempo e o espaço, segundo Delgado (2003), encontram, na memória, sua salvação, quando os moradores recorrem as suas lembranças para ressignificar aquele lugar e estabelecer uma sacralidade. Reforçando essa ideia, reportamos a Paulet (1992, p. 54-55), que afirma:

²⁹ Vale salientar que, com o passar do século XX, houve uma ampliação da categoria cultural do anjo. Inicialmente considerados apenas os que morriam após o batismo, “Portanto, a criança não batizada passou a receber socialmente o entendimento do cerne angelical. Nesse processo o anjinho que também poderia ser pagão” (SANTOS, 2010, p. 13).

³⁰ RIEDL, Titus. Últimas lembranças: retratos da morte, no Cariri, região do Nordeste brasileiro. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002.

³¹ Carlos Sousa, *ibidem*.

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança.

Diante disso, o espaço do cruzeiro e o próprio monumento, ganharam novos significados ao longo do tempo, e sua importância para as pessoas que transitam naquela localidade também vai aumentando. Atribuindo, assim, mais sentido à vida dos moradores da região. Portanto, consideramos a cruz santa Benigna um marco do início dessa devoção, e símbolo da identidade dos moradores de Inhumas.

2.3 Quando a visão de Deus se manifesta no devoto: início das peregrinações e a importância dos idealizadores da causa Benigna

Desde o assassinato de Benigna até o ano de 2004, considera-se que a devoção caracteriza-se por ser local, sem haver organização em dias específicos para visitas e com poucas informações a respeito da divulgação da história. Contudo, no ano de 1994, o escritor santanense, Raimundo Sandro Cidrão publicou um livro sobre a cidade de Santana, mencionando a história de vida e morte de Benigna em duas páginas deste, quando ele se referiu às características do distrito de Inhumas³². Esse foi um dos primeiros escritos a respeito da jovem. Percebe-se nessas poucas páginas que determinadas informações ainda estavam com algumas imprecisões, como o ano de nascimento de Benigna, por exemplo:

Quando falamos da religiosidade e da fé do povo inhumense, temos que lembrar da jovem mártir Benigna, ou “santa Benigna” como é mais conhecida e por muitos venerada. Benigna nasceu no dia 17 de outubro de 1928 no povoado de Inhumas, onde estudou com a professora Dona Conceição Terto. (CIDRÃO, 1994, p. 38).

Por meio desse trecho, percebe-se que as informações, na época da escrita do livro, ainda eram vagas, sem que houvesse uma pesquisa mais detalhada sobre a vida e morte da jovem. Contudo, em 2001, com dados e informações mais atualizadas, Cidrão lançou outro livro, no qual podemos constatar significativas diferenças no que concerne a história de Benigna³³.

Neste, o autor já destaca a data correta de seu nascimento e algumas características de sua fisionomia a partir de relatos de familiares. “Ela era magra, morena clara, rosto arredondado e queixo fino; de estatura média e cabelos lisos ralos, que lhe caíam até os ombros. Não era

³² O livro, então mencionado, é intitulado “Resgatando a memória de Santana do Cariri”, impressão: tipografia e papelaria do Cariri, 1994.

³³ O segundo livro lançado por Cidrão é intitulado “Ainda Resgatando”, datado de 2001.

muito bonita, mas com simplicidade acolhia a simpatia de todos” (CIDRÃO, 2001, p. 73). Para além dessas informações o autor detalha com mais precisão o cotidiano de Benigna, assim como a forma que ocorreu seu assassinato, sepultamento e julgamento de Raul. O livro também cita a cruz de Benigna à beira da estrada e sua constante movimentação pelos devotos.

Diante disso, a partir das diferenças nas informações percebidas nos dois livros, nota-se que a evolução dessa devoção transcorreu de acordo com as mudanças ocorridas no espaço, tempo e narrativas. À medida em que mais detalhes da vida de Benigna eram esclarecidas por pessoas que a conheceram, incorporavam-se mais elementos na devoção, contribuindo para que a história tivesse um alcance maior. Considerando a importância da temporalidade na modificação desse processo de devoção, corroboramos com o pensamento de Delgado (2003, p. 10), quando defende que:

O tempo é um movimento de múltiplas faces, característica e ritmos, que inserido à vida humana, implica durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades e sensações (a demora, a lentidão, a rapidez). É um processo em eterno curso e permanente devir. Orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro. Assim sendo [...] são os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história.

Tendo em vista que, os homens representam as temporalidades e os acontecimentos de determinados fatos que marcaram sua história, uma das representações que mais nos chamou atenção nesses primeiros escritos a respeito de Benigna, foi o fato do autor ter apresentado o primeiro retrato falado de Benigna, desenhado por ele mesmo, no dia 15 de dezembro de 1997. Essa imagem foi por algum tempo, considerada o retrato mais fiel de como seria o rosto da mártir. De antemão, já podemos notar que, as transformações nas representações iconográficas de Benigna, dizem muito no processo de construção de sua santidade. Como podemos observar na Figura 6.

Figura 6 - Primeiro retrato falado de Benigna



Fonte: Fotografia do acervo pessoal de Sandro Cidrão (1997).

No retrato, podemos notar o símbolo da santidade representada pela auréola, o vestido de gola, indicando que ela não gostava de usar roupas decotadas, como afirma algumas narrativas, os cabelos eram médios e lisos. Nota-se a representação de um olhar distante e triste. Por fim, há alguns ferimentos em seu rosto, indo de encontro com o que foi escrito sobre a maneira que Raul havia a assassinado: “deferiu-lhe golpes de facão por todo seu corpo. O primeiro no pescoço, o segundo na cabeça, que também lhe cortou os dedos da mão direita quando esboçava um gesto automático de autodefesa” (CIDRÃO, 2001, p. 75). A partir desse livro, os posteriores que foram escritos, agregaram ainda mais informações a história de Benigna, através de pesquisas mais densas por parte do autor.

Entretanto, esse exemplar, publicado em 2001, ganhou notoriedade e visibilidade. Foi por meio dele que Ary Gomes, cidadão Potiguar, teve conhecimento da história de Benigna, fazendo uma promessa a ela e comprometendo-se, caso a graça fosse alcançada, celebrar a primeira missa para em homenagem a santa. A graça foi alcançada e como prometido, o devoto cumpriu, como ele destaca:

Eu procurei saber se ela nunca teve uma missa de sétimo dia, então na minha visão veio uma lembrança de fazer uma missa pra menina onde ela morreu [...] aí eu fiz uma comissão de pessoas lá de Inhumas, a maioria das pessoas de Inhumas. Eu digo: Olhe,

eu quero celebrar a primeira missa, fui ao padre e lá combinamos com o padre (informação verbal).³⁴

Considera-se então esse momento como uma segunda etapa que constitui a devoção à Benigna. Pois a partir de então o culto adquire uma nova fase. Inicia-se as tentativas de inserir a Igreja local nessa crença. E, através desses dois personagens, Sandro Cidrão e Ary Gomes, a romaria ganha maior impulso tanto no sentido de atingir um maior número de devotos, por conta da divulgação, quanto em termos organizacionais.

Considera-se que a partir de 2004 teve início o processo de construção da santidade de Benigna, de acordo com os modelos oficiais da Igreja Católica. Vários elementos e características foram inseridos e enfatizados na devoção. A história de vida da jovem vai ganhando novos significados e seu “legado” é propagado em diversos meios, sejam midiáticos, escritos ou orais.

Acha-se pertinente discorrermos acerca do lugar social dessas duas figuras importantes no processo de divulgação e organização da devoção à Benigna, uma vez que foram eles que deram o pontapé inicial nessa causa. Raimundo Sandro Cidrão é natural de Santana do Cariri, sempre morou na cidade, é professor e católico, além disso, é autor de vários livros, dentre estes “Resgatando a memória de Santana do Cariri” (1994), “Ainda resgatando...” (2001), “Resgatando uma história de fé: Benigna” (2014), “Resgatando a memória de Santana do Cariri” (2017)³⁵. Ele também fez parte da construção da biografia oficial “Benigna: um lírio no sertão cearense” (2014), dentre outros nos quais a ideia central consiste em discorrer sobre a memória histórica da cidade e seus grandes nomes. Nota-se que em seus livros existe uma preocupação na ideia de “resgate” da história, em buscar uma verdade dos fatos memoráveis da cidade.

Outra característica importante desse escritor é o fato dele se considerar “historiador por vocação”³⁶. Logo, em diversos momentos em seus livros há ênfase no “resgate” da história local e preocupação para que a população conheça a respeito do município em que vivem. Organizando projetos em escolas e comunidade local, Sandro possui um rico acervo documental a respeito da cidade de Santana do Cariri, seus eventos e personalidades, como ele destaca em um de seus livros:

³⁴ Entrevista realizada com Ary Gomes, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 23 de outubro de 2021.

³⁵ Esse livro corresponde a uma terceira edição revisada e atualizada da primeira.

³⁶ Em relatos concedidos através de entrevistas, Sandro sempre enfatiza que é um amante da história e historiador por vocação. Formado em letras, este preserva um grande acervo histórico da cidade de Santana e sua constituição.

Como amante de minha terra natal, isso me despertou então, para desenvolver com os alunos das minhas turmas de 5º a 8º série, um projeto para resgatar a história e a memória do município de Santana do Cariri. Juntei ao material que eu já possuía, como matérias de jornais e revistas, mapas, livros, folhetos[...] tudo se transformou em um extenso portfólio que passou a ser uma fonte de pesquisa para todos, um ponto de referência. Cópias foram feitas e distribuídas. (CIDRÃO, 2014, p. 27).

Assim, através dos escritos sobre a cidade de Santana, suas características, sítios e bairros, a história de Benigna alcança destaque. Os relatos que antes eram transmitidos através de gerações, inserem-se nos documentos escritos, transformando-se em uma versão fixa da história que antes era baseada apenas na oralidade.

Diante disso, “a fixação na e através da escrita de uma tradição que foi oral necessariamente não põe fim a ela nem a marginaliza definitivamente” (PORDEUS, 2000, p. 247). Ao contrário, muitas vezes essa escrita contribui para manter viva as narrativas que com o tempo tendem a não existir e também possibilitam maior visibilidade ao acontecimento relatado. A devoção à Benigna ganhou maior destaque após o lançamento desses livros.

Foi assim que Ary Gomes do Nascimento, aposentado, cidadão potiguar, católico, nascido em Açú-RN, teve conhecimento da história de Benigna. Este sempre desenvolveu trabalhos comunitários em sua localidade e, através do livro de Sandro, veio para Santana conhecer de perto a cidade de Benigna se encantando por Santana e pelo que lhe foi relatado. Após receber a graça por intermédio da jovem, ele impulsionou a devoção, convidou a população para fazer parte de forma ativa e, junto com Sandro, idealizaram a primeira missa e romaria em homenagem à Benigna. Ary Gomes, posteriormente, recebeu o título de cidadão santanense e é muito querido, especialmente no distrito de Inhumas, local onde atuou de forma ativa nos primeiros anos de romaria.

Perante o exposto, a primeira missa organizada por Sandro, Ary e os moradores locais, foi realizada no local do martírio de Benigna, espaço esse que consideramos um dos mais importantes, além de, atualmente, possuir um grande número de visitas. Sendo o local em que os devotos idealizam os últimos momentos da vida da santa.

O evento que essa missa proporcionou, possibilitou aos moradores da localidade o estabelecimento de um maior vínculo com o local do assassinato, mesmo este estando em segundo plano no que se refere as visitas e depósito de ex-votos. Entretanto, aquele espaço juntamente com a cruz da santa Benigna, constitui-se em um espaço sagrado, em que os devotos buscam suas graças, pedem intercessão e se comunicam com a santa. Desta forma, torna-se importante perceber como a construção desses espaços se apresentaram. Para Eliade (2018, p. 26):

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras [...]. Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca.

Os espaços apresentam-se sagrados para aqueles que creem, através de sinais misteriosos. No caso do assassinato de Benigna, de acordo com os relatos orais, acontecimentos extraordinários ocorrem naquele lugar. Sendo assim, o local do martírio, antes apenas um espaço comum, torna-se cenário das manifestações do sagrado. Portanto, o homem religioso entende o martírio como um dos meios pelos quais institui-se aquela região santificada. A simbologia presente no sacrifício em prol de uma causa maior, certifica caráter transcendental por remeter ao ocorrido e despertar lembranças na população que vivenciou ou ouviu os relatos do fato.

Foram os moradores de Inhumas, juntamente com Ary Gomes, que instituíram e atribuíram simbologia sagrada aquela área ao celebrar a primeira missa em homenagem a Benigna. Deste modo, a celebração ocorreu no dia 24 de outubro de 2004, quando se completavam então, 63 anos da morte de Benigna. Sandro Cidrão, relata sobre essa ideia inicial: “o Ary Gomes, teve a ideia de realizar uma missa, uma primeira missa, assim comemorativa ao aniversário de morte de Benigna lá no Oiti e assim foi feito” (informação verbal).³⁷ A partir de então, essa data faz parte do calendário dos moradores da região e também dos devotos.

Concomitantemente às preparações para a missa em homenagem aos sessenta e três anos do martírio. Inicia-se o processo de construção e divulgação da imagem de Benigna, como símbolos que fizeram parte da sua vida e que as pessoas incorporaram à devoção para que pudessem chamar mais atenção da população. Logo, precisava-se criar uma imagem para Benigna, na qual as pessoas conseguissem olhar e remeter ao sagrado, que pudesse transmitir mais leveza e características da menina, pois até então a única imagem existente foi desenhada por Sandro. Contudo, de início, optaram por elaborar um painel onde a figura de Benigna aparecesse de maneira mais delicada, porém, sem rosto, com as costas virada para quem o observasse. Como podemos observar na Figura 7:

³⁷ Sandro Cidrão, *op. cit.*

Figura 7 - Primeiro painel alusivo à Benigna exposto na primeira romaria



Fonte: Fotografia do acervo pessoal de Sandro Cidrão (2004).

Esse painel, exposto na primeira missa e romaria em homenagem a Benigna, foi pensado detalhadamente por Ary Gomes. Pode-se notar, na imagem, a jovem de costas, cabelos pretos e um vestido vermelho com bolinhas brancas, andando em direção ao que seria a representação do céu e com um pote de barro no ombro. Destacam-se alguns elementos que fizeram parte da vida dela e também dos moradores da localidade. A região semiárida nordestina é enfatizada através dos cactos, das poucas florestas e do sol. O pote, em seus ombros, simboliza o déficit hídrico que existia à época e o percurso de Benigna em busca de água para os afazeres domésticos.

Nota-se, também que essa imagem se encontra sem rosto, sua face está em direção ao céu e todos os elementos presentes nesse painel representam aspectos não apenas da vida de Benigna, como dos moradores da região. Logo, percebe-se um certo interesse para que as pessoas se sintam representados com o que veem. De acordo com o relato do idealizador da imagem, um dos principais pontos que deveria ser exibido seria a imagem de Benigna em direção ao céu:

Quando eu preparei tudo lá, convidei um artista plástico que tinha aqui, que tem, que é o Francinildo. E aí ele fez um painel da menina Benigna vindo da cacimba, de costa. Eu disse a ele: faça uma visão que a menina tá indo para casa, como que tava indo para o céu (informação verbal)³⁸.

³⁸ Ary Gomes, *op. cit.*

A imagem do primeiro painel alusivo à Benigna, encontra-se disponível no arquivo do espaço literário organizado por Sandro e também pode-se ter acesso através do livro “Resgatando uma história de fé: Benigna.”³⁹ Entretanto, não é uma imagem muito divulgada. Logo, após sua exposição, foram elaborados outros modelos, os quais iremos apresentar com maiores detalhes em capítulos posteriores desse trabalho.

O relato de Ary Gomes nos permite entender que a ideia principal a ser transmitida era o fato de Benigna estar indo para o céu, ou seja, comprovando sua santidade e atestando uma fé legítima por parte dos devotos.

Essa ideia de representar Benigna como uma santa próxima, permite que as pessoas possam identificar-se e atrair-se por sua história, por se sentirem retratados em alguns detalhes pertencentes a vida daquela que eles escolheram como santa. Logo, ela é tida como pura, doce e amável. Sendo assim, há ênfase em sua luta diária. Estes elementos fazem com que os devotos possam reconhecer também como suas.

Outro elemento importante nesse processo foi a composição da comissão responsável por um movimento “em prol da mártir Benigna”, tendo como colaboradores pessoas do distrito. Tal comissão foi composta antes mesmo da primeira missa ocorrer.

Desta forma, no dia da celebração já havia certa organização por parte das pessoas quanto ao desejo de continuar participando e incentivando nos avanços relacionados a essas romarias futuras. Posto isso, a missa contou com grande participação popular por conta desse apoio em massa dos moradores da região. Segundo relatos, com a presença de mais de mil devotos, concentrando-se no bairro Casas Populares em Santana, estes seguiram até Inhumas, numa caminhada de fé, louvor e devoção. Fogos e carro de som com músicas religiosas animaram a peregrinação (CIDRÃO, 2014). Diante disso, após sessenta e três anos, tem-se início a primeira romaria de Benigna.

Além desse festejo em homenagem a mártir, o campo da arte também está muito presente nas devoções à Benigna. Nesse mesmo ano foi apresentada no distrito de Inhumas uma peça teatral intitulada “Mártir da pureza”, composta por um grupo de jovens e idealizada por Carlinhos Sousa, a peça teve início no ano de 2004, mas é reproduzida até os dias atuais, contando sempre com a participação das crianças e adolescentes do bairro.

³⁹ CIDRÃO, Raimundo Sandro. Resgatando uma história de fé: Benigna. Santana do Cariri, 2014. Este Livro contém um compilado de informações como teve início a devoção à Benigna, assim como as maneiras pelos quais os escritores da biografia oficial constituíram esse documento. Assim, nas páginas finais podemos encontrar um vasto acervo de imagens desde o início da devoção até o ano em que o livro foi escrito, infelizmente algumas dessas imagens não poderemos ter acesso.

A apresentação consiste na representação do dia do assassinato. Uma criança, com as vestes masculinas, retrata Raul, e outra, com o vestido vermelho de bolinhas brancas, Benigna. No centro do cenário se encontra uma réplica da cacimba e do balde. A criança que encena o papel de Benigna percorre poucos metros até ser abordada por “Raul”, este, portando um facão fictício, pergunta se ela quer namorar com ele, tendo um não como resposta, o mesmo encena o assassinato apenas com alguns golpes.

Após, feita essa demonstração, várias crianças entram no cenário em roda, cantando as músicas que Benigna cantava na infância, tendo a garota, que a representa no centro da roda. Observamos ao longo da peça que por ser retratada por crianças, a história de Benigna é romantizada como o fato de Raul a pedir em namoro. Existe também a ênfase na cultura local, como a cantiga de roda e outras brincadeiras executadas pelas crianças. Esse momento acontece ao ar livre, em frente ao museu da mártir Benigna, local este idealizado por Carlos Eduardo Sousa e que abriga vários materiais da vida de Benigna: como ruínas da casa que morou, imagens de seus familiares, etc.

Destaca-se que Carlos Eduardo, conhecido popularmente como Carlinhos, é uma figura importante no processo inicial de divulgação da história de Benigna. Ele foi um dos pioneiros na elaboração de projetos educativos para as crianças do sítio, as encenações retratam a história de vida e morte da jovem, tendo como base os relatos orais de pessoas que a conheceram. O destaque desse projeto consiste na valorização da cultura popular e cantigas que, segundo relatos, Benigna gostava quando brincava com seus amigos.

A respeito disso Carlinhos destaca: “quando surgiu a primeira romaria em 2004, aí eu entrei com toda força, fui convidado para ficar à frente do primeiro teatro, então o primeiro teatro de Benigna foi eu que fiz” (informação verbal).⁴⁰ A forma romantizada com que o assassinato é tratado na peça possibilita leveza na história, em contrapartida, oculta alguns acontecimentos considerados mais pesados para serem reproduzidos por crianças.

Para além do teatro, ocorreu também a criação de um hino em homenagem à Benigna. Composição elaborada por Sandro Cidrão, essa é cantada até os dias atuais em missas, romarias e demais ocasiões alusivas à jovem. Como pode-se observar, existem vários elementos no hino que nos fazem perceber a construção da santidade a partir dessas demonstrações simbólicas em forma de canção. A ênfase na pureza, na proteção à Santana e a bondade de Benigna estão presentes tanto nas narrativas populares, como também nesse canto.

Oh! Mártir da pureza

⁴⁰ Carlos Sousa, *op. cit.*

Benigna, menina santa
 Proteja nossa Santana
 Das mazelas que são tantas

Heroína da castidade
 Com a vida defendeu
 Sua honra, dom precioso
 Sua alma, dom de Deus

O bem tu trazes Benigna
 No nome e no coração
 Olha por nossas crianças
 Ouvi nossa oração

Naquela tarde fatídica
 De outubro quando ias
 Pegar água na cacimba
 Teu algoz te perseguia

Com instinto assassino
 Tua vida ele tirou
 Com maldade, sobre as pedras
 O teu sangue derramou

Do distrito de Inhumas
 Padroeira és também
 Com a fé dos seus devotos

E as graças de Deus, amém. (HINO BEATA BENIGNA, 2004).

Analisando-se alguns aspectos desse primeiro hino, pode-se notar que ele já inicia enfatizando Benigna, como mártir da pureza e heroína da castidade, epíteto bastante utilizado para que as pessoas consigam associar Benigna a essas características. Determinados elementos de sua história são reconstruídos em versos: como o percurso até a cacimba e o pote que a jovem portava. Contudo, notamos que o foco principal do cântico é destacar que, o ato de amor externado por Benigna, de doar sua vida em defesa de sua honra, levou a mesma a tornar-se santa, padroeira de Inhumas e digna da fé dos devotos.

Esse discurso, presente nesse hino, e em outros que foram elaborados posteriormente, é atroz, uma vez que não destaca a violência contra mulher, e sugere uma ideia de causa e efeito, em que ela doa sua vida em nome dos mandamentos de Cristo, será salva e digna. O agressor, colocado como algoz toma esse espaço de visibilidade apenas para que se comprove a ideia de que o martírio ocorreu, e que a santidade foi atestada como enfatiza João Paulo Cabral: "não há mártir sem o martírio e não há martírio sem o algoz." (informação verbal)⁴¹. Logo, nessa visão, o assassinato teria ocorrido em nome de algo muito maior, o martírio. O fato de Benigna ser

⁴¹ Entrevista realizada com João Paulo Cabral, concedida a Tatiana Olegário da Silva em 30 de outubro de 2017.

mártir sempre é destacado, por ela ter, segundo a Igreja, doado sua vida em função das normas cristãs. No cântico do artista Francisco Silva, também podemos notar esse aspecto.

Menina Benigna deu a sua vida para não pecar
 Menina Benigna lutou até a morte para não se entregar.
 Menina Benigna pela castidade foi martirizada,
 Naquele momento de dor e sofrimento a Jesus se entregava,
 Naquele momento de dor e sofrimento sua vida ofertava...

A vida é colocada como uma oferta, escolha que Benigna fez entre o “bem e o mal”, entre lutar não pela sobrevivência, mas pelos dogmas católicos, nos quais ela acreditava. Assim, as narrativas desses cânticos por terem muita influência da Igreja Católica, reproduzem esse discurso exemplar que levou a jovem a tornar-se santa.

Diante disso, considera-se que a escrita do primeiro hino exerce a função de registro, na qual também atua como memória fundadora, um ponto de “partida inteiramente novo, onde posteriormente fará parte da memória e singularidade da devoção” (PORDEUS, 2000, p. 250). No caso do culto à Benigna, essa canção exerceu a função de incentivadora, uma vez que, a partir disso, desencadeou uma série de novos elementos como orações, músicas e outros cânticos.

Nesse caso, as fontes escritas, orais e iconográficas fazem parte de um conjunto de narrativas cocriadas e que são posicionados como dimensões análogas, em que uma complementa e reforça a outra. A população interage e participa da construção do discurso em respeito a Benigna. Os relatos começaram a ser mais elaborados, construídos, e com ênfase em alguns aspectos da santidade de Benigna.

Logo, diante da criação do hino oficial, e da imagem de Benigna, exposta no painel, percebe-se a existência e a constituição de elementos simbólicos pensados, especialmente para a primeira romaria. Esse início, atingiu grandes proporções de pessoas, pelos quais nem os próprios organizadores poderiam esperar. Entretanto, a comunidade em si já estava engajada no processo de divulgação e difusão da causa para que houvesse maior participação popular.

Logo, após passar essa primeira romaria, é formada uma comissão central para projetar as próximas romarias que estariam por vir. Sendo, Sandro Cidrão e Ary Gomes, os principais impulsionadores desta devoção. A medida tomada por eles para ampliar ainda mais a devoção foi o planejamento da construção de um santuário. Esse santuário seria construído no local da cruz santa Benigna, por ser à beira da estrada e por haver maior movimentação de pessoas que a frequentavam, sobre a ideia inicial da construção desse santuário, Ary Gomes relata:

Eu chamei o proprietário lá onde tinha o terreno que tem a cruz na estrada, aí chamei ele, seu Assis, seu Assis o senhor me dá um pedaço do terreno para mim construir uma casinha o local que pode guardar os votos? [...]Aí ele disse: pois não, Ary, sendo para Benigna eu lhe dou. Aí eu chamei a comissão, disse: vamos trabalhar em fazer um santuário, um local para fazer o local de Benigna (informação verbal)⁴².

Entende-se, essa construção do santuário como uma necessidade, que as pessoas tinham de tornar aquele espaço, um lugar físico para realizarem suas orações e estabelecer um contato mais íntimo com Benigna. Concordamos com Eliade (1958, p. 40), quando este destaca que “deve existir uma ‘porta’ para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao céu.” No caso, dessa devoção, uma dessas portas torna-se posteriormente o santuário, local em que os devotos deixam ex-votos, fazem suas orações e comunicam-se com a mártir.

O sentir-se no céu muitas vezes está atrelado a emoções e sensações que aquele lugar proporciona, possibilitando sentimentos, que em outros espaços o devoto não sente, como podemos observar nesse relato “eu sinto uma paz, pra mim eu tô bem em paz quando eu estou lá, às vezes por nada eu vou pra lá, me sento lá, passo é tempo. Lá é bem tranquilo, a gente sente muita paz estando lá, quando eu entro na capela, até eu passando lá eu já sinto muita paz” (informação verbal)⁴³. Essa paz, que a devota relata, parte, sobretudo, da intimidade que ela estabelece com Benigna.

Destaca-se que, antes do santuário ser idealizado por Ary, Sandro já havia escrito em seu livro sobre esse desejo de construir um local que pudesse acolher os devotos. Assim, como para depósito de ex-votos que, muitas vezes, deterioravam-se ao longo do tempo, expostos na cruz popular. Percebe-se esse desejo quando destaca: “falta, da população local e das autoridades públicas, mais empenho no sentido de se construir uma capela para veneração à memória de santa Benigna, bem como um local para serem guardados os ex-votos, que em sua maioria, são danificados e destruídos” (CIDRÃO, 2001, p. 76). Com o impulso de Ary Gomes e da população local, o desejo foi realizado alguns anos depois.

O processo de construção desse santuário começou com uma campanha intitulada “campanha do real”, na qual se pedia que cada morador de Inhumas e quem mais quisesse, contribuísse com um real para essa construção. Importante destacar, que a população se envolvia de forma eficaz e ativa em todos esses processos, ajudando no que se refere as questões financeiras e de mão-de-obra. Dona Penha, que participou efetivamente, relata:

⁴² Ary Gomes, *op. cit.*

⁴³ Entrevista realizada com Maria Josecisa de Lima, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

A gente fez uma campanha na época e Sandro pegou uma folha de ofício e datilografou não tinha computador né, no verso, o verso pedia a contribuição de 1 real, que no caso eram aquelas cedulazinhas verdes qual era a finalidade que era construção do memorial e como muita ousadia a gente já convidava as pessoas para vir participar da inauguração e foi uma campanha bem interessante a gente deixou em muitas casas né (informação verbal)⁴⁴.

Aparentemente, a ajuda das pessoas contribuiu muito para a construção. De acordo com os narradores, alguns que não doavam em dinheiro, fornecia materiais. Com isso, o santuário de Benigna foi ganhando forma ao longo dos meses. Entretanto, as ajudas nem sempre eram suficientes, Ary enfatiza que:

Fizemos campanha em toda Santana do Cariri, eu com microfone de rua em rua pedindo R\$ 1 a cada morador para gente fazer. Até hoje eles não sabem que eu botava metade do meu salário dentro da construção, por quê? porque eu sabia que aquele real não ia dar, não ia chegar porque além dos trabalhadores fazerem de graça, mas tinha aqueles que a gente tinha que pagar (informação verbal)⁴⁵.

Com o passar do tempo, mais elementos foram sendo incorporados à romaria e a causa era ainda mais divulgada. No ano de 2005, houve uma romaria motorizada, paralelamente fazia-se um trabalho voluntario de divulgação da fama de Benigna. Cidrão (2014, p. 30) destaca que, até então, “esse movimento em torno da causa de Benigna, continuava sem o apoio da Igreja local. As iniciativas partiram dos idealizadores e ganharam impulso com o apoio popular.” A santidade de Benigna, então oficializada pelo povo de Inhumas, agora é divulgada através de banners, blogs, alguns jornais locais, sobretudo, nos dias que antecedem o 24 de outubro.

Após o dono do terreno doar o espaço para ser construído o santuário, exatamente onde era localizada a cruz santa Benigna, inicia-se um mutirão para erguer o santuário. A vontade do povo era tamanha para ver aquele espaço construído que, em um ano, o santuário estava pronto. Como podemos observar na Figura 8, datada de 2007, o monumento já estava em processo final e, na romaria do mesmo ano, foi inaugurado.

⁴⁴ Penha, *op. cit.*

⁴⁵ Ary Gomes, *op. cit.*

Figura 8 - Santuário de Benigna



Fonte: Acervo pessoal de Sandro Cidrão (2007).

Destacamos que, antes mesmo da construção desse santuário, ainda em 2006, foi a primeira vez que houve um convite para que o Bispo da Diocese participasse da romaria, na qual ele não compareceu.

Deste modo, essa manifestação religiosa apesar de ter alcançado grandes proporções, ainda se caracterizava como não institucional. Renata Paz (1998, p. 29) salienta que “o contato das populações sertanejas com a Igreja institucional, os padres e os sacramentos eram diminutos.” E, por haver esse pouco contato entre Igreja e organizadores das romarias, por muitos anos, a devoção constituiu-se no que consideramos como não oficial. Apenas a partir do momento em que a devoção esteve completamente encaminhada e constituída, com participações de milhares de devotos em dias de romaria, é que a Igreja se apropriou dessa devoção e teve início o processo de beatificação.

Diante disso, percebe-se que, o que se caracteriza como primeira parte da devoção à Benigna, é o fato de os sujeitos estabelecerem com a divindade um sentimento de troca

independe do aceite da Igreja. Atribuindo-se um valor significativo as práticas pelas quais esses devotos já desenvolviam cotidianamente.

A importância que essa devoção exerce na cidade e, sobretudo, no distrito de Inhumas, possibilita que a população tenha esperança em melhoria social, econômico e dias melhores. O sentimento de compaixão e pertencimento parte não apenas do assassinato de Benigna, mas do que ela passou ainda em vida, assemelhando-se com algumas histórias de pessoas da localidade. Assim, o assassinato, a cruz de devoção à beira da estrada, as promessas, foram elementos que emergiram e acentuaram a forte devoção já presente na região.

Diante disso, busca-se atribuir a devida importância aos principais precursores desses processos. Primeiramente, os moradores de Inhumas e devotos, e em um segundo momento, Sandro Cidrão e Ary Gomes, figuras que ganharam um enorme destaque por conta de suas valiosas contribuições nos primeiros anos de romaria. Porém, quando a Igreja começou a responsabilizar-se por essa manifestação, eles foram ficando, de alguma forma esquecidos e foram silenciados nas narrativas consideradas oficiais pela Igreja. Assim, atualmente pouco se fala da contribuição deles na difusão do culto à Benigna.

Portanto, para entender como essa devoção foi constituída, é necessário que se compreenda: o espaço social na qual está inserida, como teve início, quem foram os principais incentivadores, e por qual motivo, apenas, após muitos anos essa manifestação, veio tornar-se visível. Questões que foram levantadas ao longo desse capítulo e que nortearão outras problemáticas que serão desenvolvidas em capítulos posteriores.

3 “MORRER POR UMA CAUSA É RENASCER PARA DEUS”: A CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE DE BENIGNA COMO MÁRTIR DA PUREZA E INÍCIO DO PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO

“O nosso tempo precisa de santos e os santos mostram-nos, de muitas maneiras, como podemos viver o Evangelho hoje e como podemos ser sinais luminosos do amor de Deus”⁴⁶

Os santos, para a Igreja, são modelos do amor incondicional a Deus. Além, de pessoas que, seguem os mandamentos divinos e, sobretudo, servem de exemplos para os fiéis que desejam seguir o testemunho de Cristo. Assim, estes destacam-se por desempenharem um papel fundamental na vida dos cristãos, tornando-se espelhos e moldando a conduta dos que a seguem.

Diante disso, este capítulo tem como objetivo analisar a devoção a Benigna, sobretudo, a partir do momento em que sua santidade se torna institucional. A Igreja enquanto instituição começa a incentivar o culto e inicia o processo de beatificação. Considera-se, essa etapa como uma segunda fase do culto, onde vários elementos foram inseridos em sua história, construindo uma narrativa em que a coloca nos modelos canônicos de santificação. Suas virtudes, assim como sua vida familiar e social. São enfatizadas: a morte trágica, constantemente destacada, atesta o martírio por amor a uma causa e sua história de vida torna-se exemplo para os fiéis e, sobretudo, para os jovens.

Sendo assim, questiona-se neste capítulo como ocorreu o processo de construção da santidade de Benigna, desde que a Igreja apropria-se dessa história e inicia os trâmites eclesiais para a abertura do processo de beatificação, até o momento em que a paróquia de Santana recebe o parecer oficial, no qual atesta que Benigna irá tornar-se a primeira beata do Ceará. Apresenta-se ainda, o processo de construção e representação da imagem física de Benigna, percebendo como essa imagem torna-se modelo de jovem na concepção da Igreja Católica.

3.1 “O teu exemplo vale mais que tua vida”: a representação da imagem de Benigna como modelo ideal santificado

⁴⁶ Afirmação do Papa Bento XVI, após o Angelus, na solenidade de todos os santos 1 de novembro de 2012. Disponível em: <https://consolacaomisericordiosa.com.br/noticia/o-mundo-atual-precisa-de-santos-afirma-bento-xvi/> Acesso em: 01 nov. 2022.

À medida em que a devoção à Benigna vai tornando-se mais conhecida, emerge a necessidade de abordar alguns aspectos de sua vida. Dentre esses aspectos, a vida familiar e social ganha destaque, sua trajetória coloca-se como exemplar mesmo em seus poucos anos de vida e os símbolos inseridos em seu contexto tornam-se legitimadores de sua ação sagrada. Observa-se a constituição de uma teia de significados que transforma a vida dessa jovem, inspiradora, nos preceitos católicos.

Quando a Igreja e a paróquia local apropriam-se dessa devoção, percebe-se o quanto as narrativas, a respeito da existência de Benigna vão ganhando particularidades especiais. Nota-se que, a representação da imagem santificada de Benigna, como exemplo a ser seguido, ancora-se a partir de três elementos: família, virtude e martírio. Essa tríade é referência em hagiografias de outras santas como Santa Tereza de Jesus, Santa Rosa de Viterbo dentre outras. Assim, observa-se, que a construção da santidade de Benigna é semelhante a essas santas já canonizadas.

Benigna perdeu pai e mãe ainda criança⁴⁷, ficando órfã juntamente com seus três irmãos, Carmélia, Alderi e Cirineu. Após este ocorrido, ela foi adotada pelas irmãs, Maria Rosa Sisnando Leite e Honorinda Sisnando Leite, herdeiras do sítio Oiti, no qual o pai de Benigna, trabalhou por muitos anos. Diante dessa tragédia que, se coloca em seus primeiros anos de vida, quando se trata dos relatos orais e escritos a respeito da família biológica, há uma certa idealização da pobreza, do trabalho no campo exercidos por eles e destaca-se o cotidiano marcado pela religiosidade doméstica. Essas características são destacadas tanto na biografia quanto em outros escritos, como podemos observar nesse cordel:

Benigna Cardoso Silva
É o nome que recebeu
No dia do seu batismo
E aos pais agradeceu
Porem eles não sabiam
Nada do destino seu⁴⁸.

Os autores, abordam principalmente o fato de Benigna ter recebido o batismo, primeiro sacramento do cristianismo, pois este é um importante momento e sacramento da vida de quem segue os mandamentos da Igreja. Isso demonstra o quanto seus pais eram religiosos e preocupavam-se em inseri-la no meio católico. Assim, a família, é atribuída boa parte do mérito

⁴⁷ Não sabemos ao certo com quantos anos Benigna perdeu seu pai, entretanto, de acordo com a biografia, após ele falecer, Benigna perdeu a mãe, quando tinha cinco anos de vida.

⁴⁸ Cordel: heroína da castidade. Autores: Marcos Danilo Estevam Sobreira e Josenildo Estevam da Silva.

pela educação dada a jovem. O que determina seus valores cristãos. Da mesma forma, nota-se esse aspecto retratado na biografia:

Os seus pais eram pessoas tementes a Deus. A fé deles se pode constatar no fato de quererem rapidamente batizar os filhos, sem adiantamento por motivos fúteis, por tempo indeterminado. Benigna foi batizada com apenas seis dias de nascida. É verdade que seus pais viviam uma fé popular. Eles cresceram num ambiente cultural simples e antiquado, mas não se deve pensar que essa religiosidade ‘popular’, por não estar de acordo com os cânones científicos da teologia, seja menos sincera e profunda. [...] mesmo tendo ficado órfã com pouca idade, aquela sensibilidade religiosa infundida por sua mãe, quase com o leite materno, marcou sua personalidade de criança, e, na família adotiva encontrou espaço para dar continuidade e desenvolvimento a essa religiosidade. (CIDRÃO, 2014, p. 38).

Observa-se que, foi construído um ideal de santidade vivido primeiramente na família de Benigna. O local em que ela passou seus anos de vida adquire também um caráter sagrado. Essa seria então “uma forma de legitimar seu ato como consequência de uma boa formação” (ANTUNES, 2011, p. 30).

A construção desse “lar ideal”, propagador de normas, valores e bons modos, perpassa pela família adotiva. “Benigna nasceu e foi formada por uma família cristã. A família de adoção continuou a infundir-lhe os sentimentos religiosos que o Espírito Santo amadureceu na alma da jovem, tornando-a coerente com a sua fé e o amor a Jesus até o sacrifício de sua vida” (CIDRÃO, 2014, p. 55). Logo, a influência cristã familiar justificava o fato dela ter preferido morrer a pecar contra os mandamentos de Cristo.

Para além disso, outros detalhes da vida católica de Benigna são destacados: o batismo, a primeira comunhão, realização de orações, sua participação em missas e festejos religiosos. Nota-se que há um esforço para que essas características estejam enfatizadas ao curto período de sua existência. A partir da prática religiosa, se derivam as propensões à bondade, amor ao próximo, as virtudes e qualidades atribuídas a ela.

Assim, até em narrativas que se referem ao divertimento de Benigna com outras crianças se tornam parte de uma construção de sua vida moral e religiosa. Terezinha de Alencar Nuvens, irmã adotiva de Benigna, ao lembrar os momentos de brincadeiras entre elas relata:

Ela ia lá pra casa, a gente brincava de boneca [...] fazia batizado de boneca, fazia aniversário de boneca, ave Maria, quando era noite, assim a lua clara [...] nós brincando de roda, tinha a cantiguinha dela, a minha e a de Iranir [...] ai a cantiguinha dela, tu já sabe, né, o carneirinho, era [...] ‘carneirinho carneirão, neirão, neirão, olha para o céu, olha para o céu, para o céu, para o céu, para ver, nosso senhor, senhor,

senhor, para todos se ajoelhar'. Nós todos se ajoelhávamos e ficamos olhando para o céu (informação verbal)⁴⁹.

Essas interpretações a respeito da vida de Benigna estão vinculadas à construção de sua imagem enquanto santa. Até as músicas que ela gostava remetem ao sagrado, a Deus e ao céu. Dessa maneira, identifica-se que, como a morte é um elemento chave da santificação, sua conduta em vida também se torna imprescindível. Portanto, a jovem é usada pela igreja como um exemplo a ser seguido pelos fiéis, destacando, sobretudo, a partir de um segundo elemento, que seriam suas virtudes.

Difundidas em narrativas orais, jornais e também em poemas, entretanto, neste último de maneira bem mais idealizada. Percebemos a junção das principais virtudes e qualidades que são recorrentemente destacadas, quando nos deparamos com escritos sobre Benigna, como pode-se observar neste poema que iremos apresentar, intitulado: “*A história da menina que foi matada a facão, heroína da castidade*”, do poeta Pedro Bandeira:

[...] não esmagava lagartas
 Não matava passarinhos
 Não tocava nos filhotes
 Não desmantelava os ninhos
 Admirava as montanhas
 Poupava até as aranhas
 Que encontrava nos caminhos

Noites de céu estrelado
 Ela Irani e Tetê
 Ouviam a mãe da lua
 Cantando no pé de Ipê
 Rangendo nos arvoredos
 Criança que vê segredos
 Que outras crianças não ver

[...] esbelta, cabelos grandes
 Morena cor de canela
 Meiga, dócil e sorridente
 Autêntica pura e singela
 Por dentro da veiga infinda
 Sem se saber quem mais linda
 Se era as flores ou ela

Simple, reservada e leve
 Humilde e meditativa
 Generosa e carismática
 Obediente e prestativa
 Tímida suave e honesta
 Medianeira e modesta
 Lutadeira e criativa[...]

⁴⁹ Entrevista realizada com Terezinha de Alencar Nuvens, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

Partindo desses versos, observa-se que há certa personificação da imagem de Benigna. Demonstrando assim, um estereótipo de santidade. Atributos colocados no poema como, simples, reservada, humilde, dócil, carismática, obediente, prestativa, dentre outros “se comparada sua vida a de outros santos, poderemos notar facilmente que estas características são comuns a todos” (ANTUNES, 2011, p. 34).

Neste padrão, Benigna torna-se diferente de todas as crianças de sua época: uma jovem dotada de simplicidade, caridosa, amante da natureza e dos animais, “*criança que ver segredos/ que outras crianças não ver*”⁵⁰. Uma jovem dotada de dons extraordinários, que são comuns aos santos então canonizados. Logo, percebemos que esses são alguns dos pontos-chaves na construção da santidade e da vida de Benigna. À medida que se inserem novas qualidades manifestadas em seu cotidiano e características extraordinária em sua história, mais próxima ela fica da santidade. Sendo assim, as pessoas conseguem identificá-la como tal, pois:

É por meio do mito, enquanto uma narrativa original, que o homem religioso busca uma identificação com a divindade, com o transcendente. Quanto mais personificado for o transcendente, maior o sentimento de identificação a um projeto de salvação [...] Nessa perspectiva, o mito construído ou em construção, expressa uma experiência cotidiana, um imaginário vivido, coletivamente, além de ressaltar o modo pelo qual as relações sociais se estabelecem. (ANDRADE, 2010, p. 135).

A personificação está presente em boa parte das narrativas. Sendo necessário, deixar claro que Benigna era diferente. Ela desde o seu nascimento era santa e seus atos atestavam tal fato. Os relatos em que destacam sua religiosidade, vivida de maneira plena, enfatizam seu sacrifício por amor aos mandamentos divinos, atitude, esta, motivo de ensinamento e espelho para os demais.

Essas características são constantemente reproduzidas por membros eclesiais da cidade de Santana do Cariri, como uma forma de legitimar e atestar que assim como Benigna viveu uma vida de santidade, seus devotos também podem, desde que abdicarem dos prazeres terrenos e vivam para Cristo, como ela fez.

Entretanto, não se trata de normas propagadas apenas para exemplificar o caso de Benigna, em outros momentos por autoridades superiores da Igreja existe a ênfase nesses aspectos. Ao observarmos a homilia do papa Bento XVI, em 2006, percebemos uma grande propensão em ressaltar a importância do peso da cruz, das renúncias. Para ele, quem tem o desejo de ser santo, é necessário que sirva aos mandamentos de Deus e siga os mesmos passos que Jesus:

⁵⁰ Poema, “A história da menina que foi matada a facão”, Pedro Bandeira.

Mas como é que podemos tornar-nos santos, amigos de Deus? A esta interrogação pode-se responder antes de tudo de forma negativa: para ser santo não é necessário realizar acções nem obras extraordinárias, nem possuir carismas excepcionais. Depois, vem a resposta positiva: é preciso sobretudo ouvir Jesus e depois segui-lo sem desanimar diante das dificuldades. "Se alguém me serve Ele admoesta-nos que me siga, e onde Eu estiver, ali estará também o meu servo. Se alguém me servir, o Pai há-de honrá-lo" (*Jo* 12, 26). Quem nele confia e o ama com sinceridade, como o grão de trigo sepultado na terra, aceita morrer para si mesmo. Com efeito, Ele sabe que quem procura conservar a sua vida para si mesmo, perdê-la-á, e quem se entrega, se perde a si mesmo, precisamente assim encontra a própria vida (cf. *Jo* 12, 24-25). A experiência da Igreja demonstra que cada forma de santidade, embora siga diferentes percursos, passa sempre pelo caminho da cruz, pelo caminho da renúncia a si mesmo. As biografias dos santos descrevem homens e mulheres que, dóceis aos desígnios divinos, enfrentaram por vezes provações e sofrimentos indescritíveis, perseguições e o martírio. Perseveraram no seu compromisso, "vêm da grande tribulação lê-se no Apocalipse lavaram as suas túnicas e branquearam-nas no sangue do Cordeiro" (*Ap* 7, 14). Os seus nomes estão inscritos no livro da Vida (cf. *Ap* 20, 12); a sua morada eterna é o Paraíso. O exemplo dos santos constitui para nós um encorajamento a seguir os mesmos passos, a experimentar a alegria daqueles que confiam em Deus, porque a única verdadeira causa de tristeza e de infelicidade para o homem é o facto de viver longe de Deus. A santidade exige um esforço constante, mas é possível para todos porque, mais do que uma obra do homem, é sobretudo um dom de Deus, três vezes Santo (cf. *Is* 6, 3). (Homilia do Papa Bento XVI durante a celebração da Santa Missa na solenidade de todos os santos, 01 de novembro de 2016)⁵¹.

Existe, implicitamente, uma estratégia da Igreja a partir do discurso para persuadir o fiel a seguir os valores cristãos. Partindo-se da premissa de que, um dos caminhos que torna o homem comum em santo, é seguir o exemplo dos que já deram a vida por esta causa, “para a Igreja católica, o principal ingrediente para retratar seus escolhidos reside no destaque dado à sua adesão à fé cristã. As narrativas do Vaticano reforçam sempre o temor a Deus que sempre esteve presente em suas vidas” (ANDRADE, 2008, p. 241). Essas narrativas têm como características uma certa manipulação e poder de controle, fazendo com que o devoto siga as orientações.

Levando em conta o poder dos discursos no processo de construção da santidade de Benigna e da persuasão dos fiéis, concorda-se com Michel Foucault, quando este destaca que, o discurso exerce uma posição de controle, estruturando imaginários sociais, de forma que este “longe de ser [...] [um] elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica [...] [é, antes,] um dos lugares, nos quais elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (FOUCAULT, 2012, p. 9). Assim, percebe-se que os relatos referentes a reprodução da história de Benigna, tornam-se de certo modo influenciador,

⁵¹Homilia do Papa Bento XVI durante a celebração da Santa Missa na solenidade de todos os santos. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20061101_all-saints.html. Acesso em: 01 ago. 2022.

uma vez que membros eclesiais induzem os devotos a seguirem os mesmos passos que a jovem seguiu.

No centro dessas narrativas, nas quais têm o discurso como meio de controle, destacamos outro elemento constantemente enfatizado, sobretudo, nos relatos de membros eclesiais. Este corresponde ao fato de Benigna ter sido martirizada, pois “na perspectiva cristã, exatamente por terem morrido como seres humanos, fiéis à mensagem de Jesus, explicitada durante os suplícios da morte decorrentes desse credo, é que os mártires tiveram a glória do paraíso e alcançaram a eternidade” (ANDRADE, 2008, p. 241). Benigna destaca-se no discurso católico como serva que doou sua vida por amor a Cristo e para seguir os paradigmas católico.

E, por este motivo, um dos principais aspectos abordados em sua história, consiste em sua ação de ter resistido a violência sexual. Observa-se que, esse discurso torna-se base para legitimar, de acordo com a Igreja, um ato heroico e ideal cristão, o martírio. Logo, “o culto aos mártires radicou-se naquilo que o cristianismo tinha de mais autêntico e original em relação às outras religiões, a morte como redenção, como resgate do gênero humano pela fidelidade ao exemplo de Jesus” (PEIXOTO, 2006, p. 56). Desta maneira, a conquista da santidade deve-se, sobretudo, a submissão aos mandamentos divinos assim como as renúncias dos desejos terrenos.

Tendo em vista que estamos estudando um período em que algumas mudanças estão ocorrendo também no interior da Igreja, e considerando que o assassinato e início das romarias datam de finais dos anos 90 e perduram até os dias atuais, existe, assim, um modelo de santidade estabelecido por esta instituição, e este insere-se no tempo e no espaço. Logo, o fato de Benigna ter sido assassinada de forma violenta, ainda jovem, e por haver essa construção de sua vida exemplar, notamos que a Igreja acolhe essa devoção, sobretudo, pelo fato de Benigna representar um padrão de santidade adequado para atrair fiéis para a religião católica, uma vez que, sua história, assemelha-se a de outras santas mártires.

Diante disso, no período em que a devoção tem início e vai ganhando adeptos, coincide, justamente, com o ano em que ocorre, em Roma, o Concílio Vaticano II, 1962/1965, um dos objetivos, dentre muitos, era modernizar a Igreja, atualizá-la perante os desafios do mundo moderno. Esse acontecimento foi um marco na história da Igreja Católica, por provocar inúmeras mudanças em uma instituição intrinsecamente tradicional e conservadora. A maneira de entender a relação da Igreja com os acontecimentos da sociedade altera-se, assim:

A relação da Igreja com o mundo não é pura justaposição, mas imanência mútua. A presença da Igreja no mundo significa também interioridade do mundo na Igreja. A relação, portanto, não é unidirecional nem apendicular, mas constitutiva, tanto para a compreensão da Igreja quanto para uma compreensão cristã do mundo. (PALACIO, 1995, p. 337).

A partir dessa relação, a Igreja aproximou-se mais das questões voltadas ao mundo, a sociedade e, aos fiéis, tentando dialogar com todos e superando a concepção de uma Igreja voltada para si, tornando-se mais humilde. Apesar destes eventos, terem ocorrido em Roma, ao longo do tempo, as mudanças ocasionadas pelo concílio cruzaram o atlântico e influenciaram também as maneiras de pensar e agir no catolicismo brasileiro e latino-americano. Assim, considerando que ao fazer essa conexão do que ocorre no Vaticano os efeitos dessas mudanças aqui no Brasil, estamos fazendo uso da história conectada.

Considera-se que, até os dias atuais as ideias instituídas pelo Vaticano cruzam o atlântico e interferem diretamente nos processos de santidade aqui no Brasil. Observa-se que, esses movimentos de conexões influenciaram em mudanças significativas na forma como posteriormente a beatificação de Benigna foi tratada, uma vez que, foi um processo relativamente rápido em comparação com outros.

Portanto, as alterações no interior da Igreja com o concílio Vaticano e, sobretudo, a partir dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI, possibilitaram uma maior valorização do mártir pois:

Nesses dois pontificados a valorização do mártir, permite retomar a discussão sobre a importância da figura do mártir no contexto estratégico da instituição que, na esteira das determinações do Concílio Vaticano II (1962-1965), procura estar cada vez mais inserida no mundo moderno estabelecendo um perfil do que é ser cristão e, conseqüentemente, católico, e com quais modelos contar para estabelecer este estatuto religioso. (ANDRADE, 2008, p. 239).

Conseqüentemente, Na base desse perfil do que é ser católico, para a Igreja, observa-se a construção da santidade de Benigna com o título de “mártir da pureza”. A partir das ações que a jovem exerceu ainda em vida, encaixando-a nos moldes cristãos. Logo, as narrativas seguem uma lógica argumentativa que conduz a história da jovem nesse padrão.

Dona Nair, uma senhora que é muito procurada por membros da Igreja para relatar sua vivência com Benigna, enfatiza sua bondade quando estas iam a caminho da escola, suas ações, são realçadas na fala da devota e amiga de infância:

Pois bem, nesses caminhos ela segurava muito na minha mão, muito cuidadosa, muito caridosa aí sempre segurava na minha mão, mas a gente não falava brincadeira, conversávamos sobre a aula assunto da aula e sobre comportamento, ela falava sobre

religião, uma menina, eu já disse até os bispos que vieram aqui em casa, para mim hoje eu entendo bem, que ela era santa em vida, porque ela [...] não distorcia uma conversa a não ser sobre Deus nessa caminhada ida e volta (informação verbal).⁵²

Partindo desse relato, observa-se que, ela demonstra um modelo de santidade, a partir de características instituídas como corretas nas normas estabelecidas pela Igreja Católica. “A santidade e a perfeição era um convite e, acima de tudo, obrigação de cada fiel, e deveria ser buscada através de uma vida exemplar” (CUBAS, 2007, p. 33). No caso de Benigna, virtudes como compaixão, caridade e generosidade são veementemente enfatizadas nas narrativas orais e eclesiais.

Assim, a partir do momento em que se inicia o processo de beatificação de Benigna em sua fase local, suas características, história de vida e ações, serão destacadas de acordo com as normas católicas de ser e estar no mundo. Para além, de enfatizá-la, enquanto santa pela população, para a Igreja é importante pontuar essa santidade também em vida, para atestar ainda mais a veracidade das informações.

Logo, quando se iniciou o processo de levantamento dos dados a respeito de sua vida, as primeiras pessoas a serem procuradas pelos organizadores da causa foram os conterrâneos da época, amigos que conviveram e tiveram algum contato com ela. Dona Nair Sobreira, Lica Fontes, seu Chico Pezinho, entre outras. Algumas encontram-se lúcidas, e outras infelizmente não se encontram vivas. Porém, seus relatos permanecem sendo lembrados e reproduzidos. O intuito de procurar esse público era obter o maior número possível de informações de pessoas que pudessem validar as convicções de sua santidade em vida.

Dessa maneira, destaca-se a importância dessas memórias, tornando-se fundamental para conservar as experiências que foram vivenciadas e compartilhadas a respeito de Benigna. Por mais que, com o passar dos anos possamos encontrar lacunas e variações nos fatos relatados, devemos considerar que a memória se caracteriza como uma das principais formas de propagação do vivido. Concordamos com Nora (1984, p. 19), quando destaca que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Também problematizamos essa memória vulnerável, passível a manipulações, pois entendemos que não é nosso papel julgar se os relatos a respeito da história de Benigna são

⁵² Entrevista realizada com Nair Sobreira, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 25 de maio 2022.

verídicos ou não, mas questionar por qual motivo alguns aspectos são mais ressaltados e outros esquecidos. Diante disso, observa-se que, um dos pontos comuns nessas narrativas correspondem ao destaque que é dado a generosidade da jovem. Dona Lica Fontes, que a conheceu, relata:

Eu com cinco anos de idade morria de vontade de conhecer uma escola e com a idade que eu tinha muitas irmãs não queriam me levar e eu ficava chorando por que não ia, e por que era meu maior desejo, Benigna como muito generosa, apesar de difícil acesso me levou diversas vezes e me botava no colo enquanto fazia seus deveres (informação verbal)⁵³.

As narrativas dessas senhoras que conviveram, mesmo que brevemente com Benigna, seguem uma direção semelhante. Em nenhum momento elas falam de algo que as tivesse chateado. Assim como, não há relatos de alguma travessura que Benigna fez enquanto criança e adolescente. À face do exposto, entende-se que essas memórias podem ser selecionadas ou condicionadas para um fim específico, uma vez que elas ganharam notoriedade, sobretudo, a partir do momento que a Igreja instituiu a comissão para beatificação e busca essas narrativas para compor o dossiê enviado para Roma.

Diante disso, essa comissão teria como papel principal reunir esses depoimentos e reconstruir a história de Benigna. Levando em consideração que essas senhoras além de amigas de Benigna, tornaram-se devotas, observa-se em suas falas uma certa idealização da trajetória da jovem. Sendo assim, apenas as suas qualidades são exaltadas, uma vez que suas imperfeições não são mencionadas. Nesses relatos não há “lugar [...] para nada que não fosse próprio de uma vida santa. Não há espaço, por exemplo, para travessuras na infância, desavenças, irritações ou qualquer interesse por situações que não envolvessem uma vida religiosa” (SILVA, 2020, p. 96).

Para além dos depoimentos das pessoas que a conheceram, outros relatos também ganharam destaque: os de graças alcançadas, externados por devotos da região que não tiveram contato com Benigna, mas que pediram intercessão a ela e foram atendidos. Estes, até o ano de 2011, não tinham sido notados e organizados pela Igreja, mas, tendo em vista a importância desses relatos para comprovar a fama de santidade, estes ganharam um novo olhar, uma possibilidade de juntar-se a tantos outros a fim de comprovar a importância da devoção à Benigna para a região. Além de demonstrar que essa devoção existiu desde a época do

⁵³ Entrevista realizada com Lica Fontes, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 30 de setembro de 2018.

assassinato. Sendo assim, observa-se que foram coletadas uma grande quantidade de depoimentos, não apenas de moradores da cidade, mas de outras regiões.

Essa devoção ganhou impulso a partir de algumas figuras consideradas importantes nesse processo. Assim, não podemos desconsiderar a importância de alguns padres que passaram pela paróquia de Santana do Cariri e contribuíram de maneira significativa nesse percurso. No início da abertura do processo de beatificação, o padre que estava na paróquia era Adalmir Vasconcelos. Em menos de um ano, ele saiu, deixando-a em 2011, a cargo do novo pároco, o padre Paulo Lemos, figura marcante, que já tinha um histórico de experiência com romarias e devoção.

Com o novo pároco, essa crença ganhou impulso, pois para além do estímulo da Diocese o padre então citado destacou-se como um dos principais responsáveis no incentivo às romarias. Buscando manter contato com clérigos de outras paróquias, estabelecendo alianças com membros do Poder Público e empenhando-se para que o bispo estivesse sempre ciente de todos os passos que essa devoção tomava. Tendo em vista seu destaque nesse processo, achamos pertinente abordar alguns aspectos da vida do padre Paulo. Sendo uma figura um tanto emblemática para a cidade que, com o passar dos anos, dividiu opiniões a respeito de sua administração paroquial.

Padre Paulo Lemos, nascido na cidade de Juazeiro do Norte, em 1970, e ordenado em 1999, já havia sido pároco de algumas paróquias, mas em 2011 foi transferido da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores, de Juazeiro do Norte, para a cidade de Santana do Cariri, onde encontrou a causa de Benigna ainda em fase inicial e não mediu esforços para prosseguir com o processo até chegar à beatificação.

Sua contribuição foi tamanha que, em 2017, após seis anos servindo à paróquia, o bispo renovou por mais seis anos sua provisão. Ele se destacou, sobretudo, no apoio às romarias e incentivo à devoção à Benigna, de acordo com os meios de divulgação local. A respeito do padre Paulo, enfatiza-se: “Ao longo do seu ministério [...] tem desenvolvido um trabalho singular na organização pastoral da sede e das comunidades [...] Além disso tem dado apoio incontestável às Romarias e ao movimento em torno da Serva de Deus Benigna Cardoso.”⁵⁴

Nota-se que, ele já tinha experiência com as devoções e romarias, a partir das vivências em Juazeiro do Norte, considerado um polo comercial e de turismo religioso na região. Como podemos notar em sua mensagem de agradecimento ao se despedir da paróquia de Juazeiro e ir para Santana:

⁵⁴ PARÓQUIA SENHORA SANT'ANA. Blog Santana do Cariri. 2017. Disponível em: <http://pss1917.blogspot.com/2017/02/dom-gilberto-renova-provisao-do.html>. Acesso em: 03 ago. 2022.

Por quase cinco anos administrei essa comunidade “romeira e missionária” [...] a fé do povo nordestino (romeiro e juazeirense) guiaram-me para um forte crescimento espiritual. Em todas as romarias era possível sentir o calor da devoção da nossa gente simples, mas rica em amor e fidelidade a Deus, a Nossa Senhora e ao Pe. Cícero Romão. Também no cotidiano da paróquia o povo desta terra abençoada manifestava de igual forma devoção e piedade sincera que muito nos fortalece na caminhada pastoral⁵⁵.

Acreditamos que Paulo Lemos conduziu de forma tão incisiva essa devoção à Benigna, sobretudo, pelo fato deste entender os trâmites religiosos e burocráticos que constituem um processo de beatificação, assim como as formas de impulsionar uma romaria e atrair os devotos. Desta maneira, a mudança de paróquia fez com que este pudesse colocar em prática, na cidade de Santana, o que ele já tinha experiência e conhecimento na cidade de Juazeiro.

Entretanto, após onze anos comandando a paróquia de Santana, em agosto de 2022, padre Paulo foi transferido para outra paróquia, deixando a causa de Benigna já encaminhada, faltando apenas a cerimônia oficial de beatificação. Ademais, considera-se que o legado deixado por ele foi de suma importância para o prosseguimento nessa devoção, pois soube unir algumas instituições para uma causa específica. Sobretudo, aliar-se ao Poder Público para juntos poderem proporcionar melhor infraestrutura e acessibilidade aos romeiros. Outra característica desse pároco, foi o fato dele usar muito as mídias e redes sociais para atrair devotos e divulgar as romarias. A mídia influenciou não apenas na divulgação da causa de Benigna, mas no reconhecimento do padre Paulo como importante figura nesse processo.

Foram criadas páginas de *facebook* e *instagram*, além de jornais e blogs, cujo intuito era divulgar a causa, devoção e vida memorável de Benigna. Sempre que possível, o padre concedia entrevistas, a fim de fazer com que a história se tornasse ainda mais visível. A respeito dessa inserção das mídias na divulgação da devoção, concordamos com Silva (2015, p. 63-64), quando enfatiza que:

Tanto a religião quanto a mídia têm uma característica intrínseca comum às duas, que é exatamente o proselitismo, a tentativa incessante de converter o outro às suas doutrinas. Elas sempre se apresentam interessantes e sedutoras como um oásis no meio do deserto esperando por aqueles que anseiam saciar sua sede. Unindo a religião e a mídia tem-se a fórmula para aumentar os seus campos de atuação, tanto pelos mais tradicionais (rádio e televisão) quanto pelos mais atuais e tecnológicos, como é o caso da Internet e sua gama de possibilidades.

⁵⁵ PORTAL DE JUAZEIRO. Mensagem de agradecimento de Padre Paulo Lemos. 2011. Disponível em: <http://www.portaldejuazeiro.com/2011/01/mensagem-de-agradecimento-de-padre.html>. Acesso em: 03 ago. 2022.

Com o passar dos anos a mídia vem ganhando mais destaque e contribuindo de forma efusiva tanto no que se refere às romarias, quanto aos passos da beatificação. Logo, tudo é postado, compartilhado, divulgado de forma que não apenas o devoto, mas leigos e pessoas que não tem conhecimento da história, conheçam e sintam-se atraídos para participar, visitar, entender mais a respeito.

Porém, embora o papel da mídia tenha uma extrema relevância na divulgação. Observa-se que ela ainda está muito subordinada à Igreja, pois, na maioria dos casos, há apenas a reprodução da história de Benigna que, é construída pela Igreja e pelos membros eclesiais. Em um dos jornais *on-line* de grande repercussão no estado, ao lermos uma matéria sobre a vida da jovem percebemos essa submissão. Na maioria dos casos, apenas estas pessoas têm espaço para falar a respeito e as matérias são sempre embasadas em discursos católicos, “para estudiosos como Ypsilon Félix, teólogo e membro da comissão diocesana para beatificação da menina: ‘Benigna vem simbolizar o compromisso da família viver o Evangelho e seguir a Deus pela obediência às suas leis na fé, esperança e caridade.’”⁵⁶ Diante disso, observa-se que, em várias narrativas, sejam estas orais, jornalísticas ou poética, a história de Benigna sempre recai no modelo de santificação já destacado anteriormente, enfatizado pela Igreja Católica.

Observa-se que, posteriormente, outra particularidade foi adicionada a história e narrativas sobre Benigna. A ênfase em seu exemplo, especialmente para as mulheres, adolescentes e jovens, estabelece um padrão, no qual as pessoas precisam imitar se quiserem levar uma vida de sagrada. Esse discurso é reafirmado constantemente, desde o início das romarias até os dias atuais. Diante disso, Servilio Conti (1997, p. 516) afirma que:

[...] em cada época da história da igreja surgiram, providencialmente, modelos novos de santidade conforme as necessidades dos tempos, mas que também, pode-se encontrar modelos de santidades que se repetem, em diferentes momentos, denotando a permanência ou a retomada de alguns perfis.

Essa referência de santidade estabelecido pela Igreja para caracterizar a imagem de Benigna se repete e permanece ao longo do tempo, sendo incorporados alguns aspectos de acordo com o passar dos anos. Nesse caso, observa-se a ênfase no exemplo para os jovens, difundido, principalmente, por membros da Igreja de Santana, por haver grande quantidade de adolescentes da cidade que não participam de forma efetiva nos festejos católicos. Como enfatiza João Paulo “o pessoal de Santana deveria se apropriar mais e se apoderar mais desse

⁵⁶ VIEGAS, Larissa. Ícone de fé: conheça a história da menina Benigna. O povo. 2017. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/revistas/cultura/2017/05/31/notrcultura,3680649/icone-de-fe-conheca-a-historia-da-menina-benigna.shtml>. Acesso em: 03 ago. 2022.

significado de Benigna e dessa missão que Benigna passa. Infelizmente, não se apropria, infelizmente não seguem o exemplo” (informação verbal)⁵⁷.

Notamos que, mesmo havendo uma repetição no modelo de santidade que Benigna representa, existe a necessidade de fazer com que os jovens se apropriem da sua história e do que ela representa para a Igreja. O objetivo é que eles possam viver seguindo os mesmos preceitos que ela. Por este motivo, há um esforço para que Benigna seja representada de maneira que as pessoas sintam-se identificadas e se apropriem de sua causa.

Esse apelo por parte da Igreja não se restringe apenas ao âmbito local da cidade de Santana. A juventude também foi motivo de preocupação demonstrada pelo Vaticano. Durante o papado de João Paulo II, desenvolveram-se estratégias para incentivar a evangelização dos jovens, como exemplo, temos a jornada mundial da juventude que se matem até hoje, tendo início em 1985. Em 2013, a jornada ocorreu no Brasil, sendo um dos maiores eventos da Igreja Católica sediados no país. Nesse contexto em que a Igreja busca formar as novas gerações, a figura de Benigna entra no discurso católico da Igreja local como esse modelo ideal. Ao ser indagado, a respeito do exemplo de Benigna para os jovens, o idealizador da causa, Sandro Cidrão, destaca:

Nós sabemos que a nossa juventude do mundo moderno está praticamente digamos assim no mundo perdido no mundo sem norte né, você vê que a juventude não se mira no passado, não tem presente e não pensa no futuro. É tudo aquela coisa do imediatismo, é tudo ligado em redes sociais, em coisas supérfluas, coisa que não tem essência né. E Benigna vem para dizer e mostrar que o jovem embora não precisa ser santo, nem ser mártir como ela. Ele pode ter um estilo de vida que lhe traga o futuro exemplar, principalmente a mulher, que ela, a mulher tem que se autovalorizar (informação verbal).⁵⁸

Diante desse relato que destaca a imagem de Benigna como norte e exemplo, observamos, sobretudo, que o narrador reproduz, muitas vezes, o discurso de membros da Igreja, no sentido de enfatizar a autovalorização da mulher no que se refere a abdicar de estilos de vida considerados “mundanos”. Logo, é comum não apenas por parte dessas pessoas que idealizaram a romaria, mas devotos e padres enfatizarem tais características:

Observa-se que a Igreja mantém a postura pela defesa da manutenção dos seus princípios e valores, em especial no que tange a juventude, e tenta através dos seus discursos normatizantes manter um modelo de vida santa que, ainda que adaptável aos novos e modernos modos de vida, segue uma linha tradicional em favor da preservação dos corpos. (SILVA, 2020, p. 45).

⁵⁷ Entrevista realizada com João Paulo Cabral, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

⁵⁸ Entrevista realizada com Sandro Cidrão, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 23 de outubro de 2022.

Existe também um destaque na preservação dos valores femininos de acordo com o estabelecido pela Igreja, as formas de vestir e se comportar, moldam um padrão socialmente aceito como correto e santo. A vestimenta, os traços de bondade, o testemunho constante de fé que ainda em vida Benigna demonstrava, são pontos constantemente abordados em sua história como uma forma de preservar esses ideais e servir de testemunho.

Ypsilon Félix, secretário de cultura, turismo e romarias de Santana, também destaca, a respeito desse exemplo de Benigna, “com certeza, para juventude, para os jovens, principalmente as mulheres que hoje são ameaçadas, mesmo sentido é mais global de outros aspectos também então Benigna sem dúvidas é um exemplo para a juventude de fé e testemunho” (informação verbal)⁵⁹. O testemunho de amor a Deus que ela demonstrou é um dos pontos chave e evidenciados para que seus devotos possam seguir, até mesmo quando são abordadas em falas de membros do Poder Público, como pudemos observar.

Além da fé, da obediência à família e aos mandamentos da Igreja, Benigna, é caracterizada pelo cuidado com os afazeres domésticos. Sua amiga de infância relata: “Seis horas da manhã Benigna já tinha vassourado aquele terreirão, quem mora nos matos, Ave Maria, quase todos os dias eu olhava o terreiro bem limpinho, ela vassourava, até o da minha mãe [...] ai ia cuidar do almoço e ajeitar alguma coisa” (informação verbal)⁶⁰. Percebe-se que, o fato dela saber cozinhar, ajudar e cuidar de sua mãe adotiva, corrobora com a ideia de uma mulher, dona de casa ideal, pois, tradicionalmente, as mulheres foram designadas aos cuidados domésticos e da família.

Suas vestes também eram constantemente abordadas nas narrativas. A respeito disso, Sandro destaca que ela era “uma criança simples e se transformou em uma adolescente também bem simples, usava um vestido de gola de manga ela não usava roupas decotadas” (informação verbal)⁶¹. A partir desse relato, considera-se que, esta é mais uma maneira de ajustar o comportamento feminino, em que a “roupa composta” é ressaltada como sinônimo de simplicidade. O caráter disciplinador da vestimenta de Benigna, para além dos relatos orais, está presente em narrativas de cordel, como podemos observar nesta estrofe:

Desde cedo aparentava
Deste mundo mal não ser
Nunca usou vestido curto
Pois não queria aparecer

⁵⁹ Entrevista realizada com Ypsilon Félix, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

⁶⁰ Entrevista realizada com Nair Sobreira, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022

⁶¹ Sandro Cidrão, *op. cit.*

Suas roupas tinham mangas
E decote nem pra ver. (SOBREIRA, 2011, p. 3).

Conforme esse autor, usar roupas compostas é sinônimo de bondade, em contrapartida, decotes ou algo destoante aos ensinamentos da Igreja, é totalmente incabível, pois remete ao mundo mau e pecador. Logo, corroboramos com o pensamento de Bourdieu (2002, p. 20) quando este defende que “essas maneiras de usar o corpo, profundamente associadas à atitude moral e à contenção que convém às mulheres, continuam a lhes ser imposta pela roupa.” Prontamente na visão que ainda domina boa parte da sociedade, a roupa caracteriza se a mulher/jovem é “direita” ou não, se tem “moral” ou não.

Sendo assim, fica nítida a diferença que Benigna é tratada diante as “outras” meninas da época nos discursos eclesiásticos: “algumas jovens, com a desculpa do calor, o que é verdade, aproveitavam-se disso e vestiam-se de forma muito livre e provocante” (CIDRÃO, 2014, p. 52). Considerando a indumentária como elemento da cultura e parte das representações sociais, ainda hoje existe um pensamento de que a mulher que se veste da forma que quer, com roupas curtas ou decotes grandes, são consideradas vulgares, e, percebemos esse discurso claramente reproduzido nos escritos sobre Benigna. Logo:

A moral feminina se impõe, sobretudo, através de uma disciplina incessante, relativa a todas as partes do corpo, e que se faz lembrar e se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes ou aos penteados. Os princípios antagônicos da identidade feminina se inscrevem assim, sob forma de maneiras permanentes de se servir do corpo ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética. (BOURDIEU, 2002, p. 19).

Portanto, essa ênfase no corpo, nas vestimentas, posturas “naturais”, “éticas” e “santas” atribuídas a Benigna são destacados em discursos oficiais. Através, dessa construção de santidade, externam a construção da imagem de Benigna nesse modelo de jovem que ainda é muito aceito pela sociedade. Os discursos imbuídos de “verdades” que normatizam os corpos das mulheres. Assim, através do exemplo de Benigna, esta instituição normatiza como as mulheres devem seguir, se comportar, relacionar-se e atentar-se ao próprio corpo, em busca da manutenção de valores e princípios impostos.

O fato da ênfase na pureza, de não “permitir ser estuprada”, do uso de roupas longas, são formas de manter um discurso de controle dos corpos femininos. Foucault (1985, p. 138) sustenta que “estamos em uma sociedade do ‘sexo’, ou melhor, ‘de sexualidade’: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada.” Desse modo,

a sexualidade está relacionada aos dispositivos de poder que determinam valores sobre os corpos a partir das relações de poder que são impostas.

Enquanto instituição que detém o poder, nesse caso, a Igreja, usa a santidade católica como um dispositivo para legitimar determinados valores para as gerações, por exemplo, os discursos que perpassam as vidas memoráveis dos santos, “oferecem modelos passíveis de serem imitados pelos indivíduos de uma determinada sociedade” (SILVA, 2021, p. 10).

Á medida em que Benigna é vista como uma criança pura e santa, sua maturidade cristã a torna uma jovem capaz de discernir o certo do errado a ponto de “doar sua vida” por amor a uma causa.

Ela naquele momento crucial, né, cada um se coloque na pele dela, né, então ela teve aquela certeza, disse: não, não vou ofender a Deus a quem amo [...] Esta fé de Benigna, madura, foi fruto de uma vivência no dia-a-dia né, da eucaristia que ela desejava muito receber, das missas que ela participava, das atitudes como cristã que ela tomava em defesa do próximo, muitas vezes se condoía com o coleguinha que estava recebendo a palmatoria (...) ela se oferecia para receber a palmatória no lugar da coleguinha, o amor a natureza que ela tinha, então são virtudes de Benigna que demonstram que ela tinha uma fé engajada, uma fé madura, então foi a fé dela em Deus que levou ela a dizer não ao pecado e sim a Deus (informação verbal)⁶².

Muito se fala a respeito do exemplo de Benigna para os jovens, devotos e para as mulheres. Entretanto, temos que levar em consideração que os discursos produzidos a respeito desta, parte, sobretudo, após o assassinato. Sua história de vida está sujeita a produções, construções e representações, sobretudo, pelas autoridades católicas e pessoas que seguem a doutrina cristã.

Segundo as contribuições de Roger Chartier (2011, p. 23), “as representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é.” A partir dessa designação, e pensando nos aspectos anteriormente citados, essa representação, a respeito de tudo que envolve Benigna, tem um caráter de persuasão, convencendo o devoto e leigo que o passado, o assassinato, a vida e morte de Benigna são símbolos primordiais que perpassam a história de legítima de santidade da jovem.

Ainda, de acordo com esse entendimento, o autor anteriormente citado nos ajuda a pensar as representações como “estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação” (CHARTIER, 1990, p. 17). Ajustando esse pensamento, na perspectiva do objeto aqui tratado, constata-se a representação em torno da imagem de Benigna como uma forma de moldar o comportamento

⁶² Entrevista realizada com Padre Paulo Lemos Pereira, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 30 de setembro de 2018.

dos jovens e devotos. Isso perpassa os discursos de poder de quem estabelece determinadas normas para que outras pessoas sigam e tenham como verdade incontestável. Há assim, mesmo que indiretamente uma dominação por parte de quem mantém e elabora esses discursos.

Em vista disso, as características de Benigna constantemente enfatizadas, como bondade, amor a Deus e virgindade, são representações de práticas que por muito tempo e até hoje são aceitas como o modelo de mulher estabelecido por uma sociedade patriarcal. A Igreja prega esse modelo e quer que ele seja seguido. O lar da família de Benigna, a simplicidade, a vida humilde, o trabalho doméstico que ela exercia e o zelo da mãe adotiva com a manutenção das tradições católicas, são constantemente evocados em vários discursos, sejam estes orais ou transmitidos através de textos da Igreja:

Ela vivia em paz com os membros de sua comunidade. Sentia-se feliz todas as vezes que tinha oportunidade de ir à Igreja. Vivia de forma séria, compenetrada e responsável, a ponto de esse seu exemplar comportamento ter chamado atenção desse Pároco, padre Cristiano Coelho. A sua, não foi uma santidade espetacular, com rumores, mas vivida na intimidade e no segredo da própria consciência, vivida no cotidiano, nos afazeres domésticos, nutrida da comunhão profunda e frequente de Jesus-Eucaristia, com a confissão reparadora nas primeiras sextas-feiras do mês. Numa palavra: uma santidade leiga de uma jovem cristã que escolhe como programa de vida seguir Jesus fielmente e com todo o coração, até o último momento de sua breve existência. (CIDRÃO, 2014, p. 61).

Esses discursos católicos foram produzidos com o intuito de validar o amadurecimento da fé de Benigna através de suas ações, no que se refere aos valores cristãos. Ressaltando-se que, desde os primeiros anos, esses princípios fizeram parte da sua educação. Assim, a infância e a família sempre foram destacadas, como forma de legitimar sua santidade também em vida.

Diante disso, observa-se que essa construção se deu desde o início das primeiras romarias, quando os primeiros idealizadores inseriram símbolos que, a ela pertenciam para santificar sua imagem para torná-la exemplo. Entretanto, houve uma intensificação dessas ideias e maior notoriedade a partir do momento em que a Igreja se apropriou dessa devoção. Essas características foram melhor enfatizadas após obterem relatos dos conterrâneos, da família e através da comissão paroquiana e posteriormente diocesana, responsável por obter tais descrições.

Percebe-se que, havia essa preocupação na forma como a imagem de Benigna seria repassada para o público em geral e, sobretudo, para a Igreja. Assim, um dos principais aspectos a serem abordados e enfatizados foi o fato de Benigna em sua adolescência ter participado de missas, realizando a primeira comunhão e ter sido batizada, ou seja, ela se enquadrava em modelos cristãos instituídos pela Igreja oficial.

A imagem da menina pobre, boa família, que gostava de ajudar os demais, associado ao fato de ter sido assassinada de maneira brutal, contribuiu para que as pessoas de fato acreditassem na santidade e também no processo de beatificação. Levando em conta essa importância de criar ainda mais, na população, essa identidade com Benigna, em abril de 2012, houve uma peregrinação na cidade de Santana, com os objetos que faziam parte da vida da jovem. Tais objetos foram doados pelas irmãs e pessoas que tinham a posse.

Ressaltamos a escolha desses símbolos por parte da Igreja, uma vez que estes remetem a vida de Benigna, enquanto cristã. São eles: o terço da primeira comunhão e o livro das sagradas escrituras que teria sido presente do padre Cristiano. Foram apenas objetos voltados para sua vida religiosa, para que o povo pudesse sentir-se identificado com aquele modelo de santidade. Portanto, “é a pureza, a bondade e a inocência confrontadas com um mundo imerso em perigos, perdas e dores e a capacidade de interceder junto à divindade” (ANDRADE, 2008, p. 254).

Como podemos observar, depois que a Igreja se apropriou dessa devoção, os processos relacionados a Benigna ocorreram de maneira rápida, sendo que, ao longo do ano, vários eventos ocorreram. Como exemplo, citamos a exumação do corpo do Benigna, assim como o traslado dos restos mortais, em 26 de maio do mesmo ano, esse fato possibilitou uma grande romaria com imprensa e padres de diversos lugares. Observa-se que, havia a necessidade do apoio, sobretudo, das pessoas de Santana. Isso ficou evidente através dos convites que a Igreja local fez para que as pessoas participassem. Ainda, no mesmo mês, a Diocese do Crato solicitou ao Vaticano autorização para dar continuidade ao processo.

Na romaria de 2012, após esses acontecimentos e maior divulgação da causa, foi constatado de 15 a 20 mil pessoas, maior número de romeiros até então. Após isso, houve intensificação na divulgação. O Poder Público começou a atuar de maneira mais efetiva e o parecer de “nada impede” do Vaticano parecia algo menos distante e mais provável de ocorrer.

3.2 A “Colcha de retalhos” que compõe o “Nihil Obstat”: caminhos que culminaram na abertura oficial do processo de beatificação

Embora os devotos considerem Benigna um ser sagrado, e dotado de características transcendentais, para a Igreja, fez-se necessário institucionalizar essa devoção e santificá-la, de acordo com os modelos canônicos estabelecidos pela Santa Sé. Portanto, houve a inserção da história da jovem em um padrão católico já estabelecido, com o objetivo de seguir no processo de construção social de sua santidade.

Desde o momento em que o bispo participou pela primeira vez da romaria, a história de Benigna foi seguindo um percurso que a cada novo passo adquiria mais visibilidade e mais proximidade da beatificação. As orações, os títulos, os festejos a ela dedicados, faziam parte de um conjunto de etapas que culminariam em uma sacralidade, institucionalmente aceita. Diante disso, nos deteremos nesses percursos oficiais, desde o momento em que a Igreja regularizou a devoção até a divulgação oficial da data de beatificação.

Acreditamos que o dia em que marca esse estabelecimento institucional, sobretudo, nas romarias, foi 24 de outubro de 2010, quando o bispo da Diocese do Crato participou, pela primeira vez da peregrinação. O bispo então, encontrou um culto já instituído, com símbolos que remetiam a vida e morte de Benigna, além de uma grande quantidade de pessoas que esperavam para a celebração. Esse fato significou o reconhecimento e a adesão da Igreja e de seus membros à devoção. De acordo com Ary Gomes, houve tamanha surpresa por parte dele e também dos idealizadores da causa, uma vez que estes aguardavam o momento há muitos anos. Como podemos observar nesse relato:

Quando ele chegou que viu aquela multidão debaixo de chuva em uma tarde sombria de muitos trovões e relâmpagos, eu fiquei muito emocionado. Quando ele chegou no momento e eu perguntei: Bispo o senhor quer celebrar a missa aqui dentro ou lá fora? e ele disse: aonde vocês quiserem. E, nós tínhamos uma tenda, eu trouxe de Natal que era a barraquinha de vender o cachorro quente para ajudar a pagar o padre e a pagar o som. E aí nós tiramos a barraquinha, botamos em cima de um pedestal, tipo palco para o Bispo celebrar missa e quando ele viu, aí se encantou⁶³.

Percebe-se que, o bispo ainda não tinha noção da proporção que essa devoção havia tomado, e, após esse contato com os devotos, notando que as romarias já estavam constituídas no município de Santana, com numerosa participação de pessoas de outros estados, começou a incentivar a peregrinação.

A partir disso, esse culto ganha uma nova fase, novos símbolos e novas características. O que, até então, era considerado não oficial, torna-se oficial, aceito e propagado pela Igreja local, assim como destaca Sandro Cidrão:

Quando a gente conseguiu fazer com que dom Fernando o Bispo Diocesano viesse participar de uma Romaria. Nesse ano ele começou, deu o pontapé inicial para introdução do processo de beatificação de Benigna, nos chamou lá né e disse: reúna tudo que vocês têm de documentos, de informações, de matérias, que a gente vai fazer a introdução do processo de beatificação. Então eu passei dois anos a disposição da igreja buscando toda essa documentação para implementar a fase local do processo. Por que teve a fase local que foi essa da gente se reunir, juntar documentação e tudo

⁶³ Ary Gomes. *op. cit.*

que fosse possível para comprovar que Benigna existiu, que o martírio houve que o atentado houve que tudo era verdade (informação verbal)⁶⁴.

Tendo em vista essa fase local, citada no relato, como um dos primeiros passos na longa jornada de eventos e busca de documentos que desencadearia a beatificação de Benigna. Após a presença do bispo na romaria de outubro, alguns meses depois, já em 2011, iniciaram-se os trabalhos para a busca das documentações. Esse ano foi marcado pelo impulso que teve o movimento, pois, tanto a paróquia, quanto o bispo, uniram-se em prol de uma causa: o pedido de instauração do processo de beatificação.

Não demorou muito, em poucos meses Dom Fernando divulgou a oração oficial pela beatificação de Benigna, cujo objetivo era incentivar o devoto a também rezar pela causa. Como podemos observar na prece que segue:

Ó Deus trindade
 nós vos adoramos,
 louvamos e bendizemos!
 Nós vos agradecemos pela vida
 e o testemunho de Benigna,
 que preferiu morrer para não cometer pecado,
 oferecendo-vos sua vida em plena adolescência,
 defendendo sua pureza e sua virgindade.
 Pedimos-vos, humildemente,
 se for do vosso agrado, alcançarmos a graça de ver
 essa vossa serva beatificada
 e elevada à honra dos altares.
 Que os nossos adolescentes e jovens
 sejam imitadores de suas heroicas virtudes,
 fortes na fé e na esperança,
 a exemplo de Benigna.
 Virgem maria, Mãe de Deus e da Igreja,
 rainha dos mártires e das virgens,
 intercedei por nós, como nossa advogada
 junto a Deus Trindade,
 para que vossa filha Benigna
 possa merecer o reconhecimento de santidade.
 Amém!
 1 Pai-Nosso... 1 Ave-Maria... 1 Glória ao Pai.
 (Com aprovação Eclesiástica)

Alguns aspectos dessa oração devem ser abordados de maneira mais enfática, primeiramente destaca-se que, sua divulgação foi feita por diversos meios: redes sociais, sites da paróquia, Diocese e, de forma impressa, onde geralmente vinha no verso da imagem de Benigna. Havia o apelo para que os devotos orassem preferencialmente às 16 horas da tarde, horário este em que segundo relatos orais, corresponde ao momento do assassinato.

⁶⁴ Sando Cidrão, *op. cit.*

Ainda, enfatiza-se o fato de que, mais que pedir pela beatificação, observa-se a construção de uma imagem de Benigna enquanto heroína da castidade. Seu ato heroico de preferir morrer para não cometer pecado, sendo, dessa forma, exemplo para os demais, e modelo de testemunho fiel aos mandamentos da Igreja. Diante disso, notamos que se o bispo tomou a iniciativa, ainda no mesmo ano que participou da romaria, de iniciar o processo na fase local e elaborar essa oração, conseqüentemente, ele objetivava que, esses aspectos que estavam em torno da história da vida e da morte de Benigna, ajudassem-na a se tornar beata.

Tendo em vista que, esse foi um dos primeiros escritos publicados pela Igreja, com o intuito de levar Benigna à beatificação, infere-se que a partir desse momento, inicia-se o percurso que confere a ela o título de primeira beata do Ceará. Portanto, considerando que, normalmente os processos de beatificações perpassam por algumas etapas, iremos inicialmente apresentar alguns termos que o candidato vai adquirindo nessa trajetória, na qual denominamos de fases do processo canônico.

Atualmente, o percurso que leva o candidato a santidade, de acordo com as normas do Vaticano, percorre alguns estágios: servo de Deus, venerável, beato e santo. Julga-se pertinente ressaltar algumas características e diferenças presentes em cada um desses. De acordo com o historiador Hugo Ricardo Soares (2007, p. 5), em suas pesquisas a respeito da construção social do santo:

Primeiramente, o candidato a santo, ganha o título de “servo de Deus”. Isso quer dizer que o processo de beatificação ou canonização foi aceito pela “Congregação Para as Causas dos Santos”, um departamento do Vaticano responsável pela criação do santo em si.

Esse é um primeiro passo institucional que leva a todos os outros. Nessa fase, a Igreja pode produzir uma oração em nome do candidato. Após o processo de beatificação ser aceito, pede-se, o envio de documentações a respeito do candidato, sobretudo, aqueles que possam comprovar sua fama de santidade e martírio.

A documentação sendo legitimada e havendo a comprovação de que, o candidato, de fato serviu a Deus e que suas atitudes foram consideradas heroicas, o servo passa a ser considerado venerável. Nessa etapa, o culto público ainda não é permitido, tampouco vendas de imagens ou algo semelhante, mas o candidato pode ser considerado um exemplo a ser seguido por suas ações de bom cristão. Logo, torna-se também digno de veneração.

O beato, por sua vez ganha esse título após a comprovação de um milagre. Sendo analisado por uma comissão em Roma, destinada para esse fim. Neste caso, sua imagem pode

ser cultuada apenas no país onde morreu. Desta forma, a veneração caracteriza-se por ser local, não abrange todo o mundo e não pode estar em altares ou serem padroeiros, como podemos perceber com os santos. Contudo, as semelhanças entre beatos e santos são pouco visíveis, pois o beato, assim como o santo, dispõe de poderes para interceder junto a Deus por seus fiéis. Em termos gerais, os beatos estão a caminho, no processo de sua santidade.

O título de santo cabe então aqueles candidatos que após passarem pelo longo processo instituído pela Igreja, tornam-se aceitos, comprovando assim seus milagres. Dentre as implicações do “ser santo”, podemos destacar: o culto público em todo o mundo, a autorização para ser padroeiro de igrejas e capelas. O santo, é o último e mais importante estágio desse processo. Logo:

Canonização que é o ato de reconhecer alguém como santo. Se entendido de forma literal, canonização seria algo como colocar nos “cânones”, ou seja, nas listas de santos [...] o candidato atinge o reconhecimento máximo dentro da religião ganhando um dia específico para ser festejado e o privilégio de ter imagens suas colocadas em altares e templos. (SOARES, 2007, p. 26).

Para que um candidato a santidade chegue a tal estágio, é necessário que sua história percorra todos os processos que antecedem a santidade. Logo, iremos perceber que no caso de Benigna, não seria diferente, sua trajetória de vida perpassou por todos esses momentos que precedem a sua beatificação. De modo geral, a historiadora Maria Cristina Peixoto (2006, p. 99) resume essas fases da seguinte forma:

Durante o processo, são os seguintes os títulos concedidos: o primeiro, a partir da introdução da causa, é o de “servo(a) de Deus”; o segundo, na conclusão pelo martírio ou exercício heróico das virtudes cristãs, é o de “venerável”; o terceiro, quando da comprovação do milagre (exceto para os mártires), é o de “beato”; e o último, a partir da comprovação de mais um milagre, é o de “santo.”

Levando em conta a possibilidade de introduzir o processo que culminaria na beatificação de Benigna. Após a cerimônia do dia 24 de outubro de 2010, no mesmo ano, juntamente com o padre da cidade, o bispo convoca os idealizadores e inicia os preparativos para a junção de documentos concernentes a história de vida e morte da jovem.

Para que de fato fosse encaminhado para Roma o pedido de abertura do processo de beatificação, seria necessário primeiramente, alguns procedimentos, os quais consistiam em: comprovar perante a Igreja que a história de Benigna, para além de verídica, destacava-se como modelo.

Um dos elementos de extrema importância, seria a confirmação do martírio. Como já exposto anteriormente, a história de Benigna foi construída em torno de sua adesão à fé cristã. Entretanto, precisava-se da validação por parte da Igreja, atestando que de fato, suas virtudes foram heroicas e que houve o martírio, pois este continua sendo uma das alternativas mais eficientes para a canonização.

De acordo com a historiadora Solange Andrade “a única forma de uma criança tornar-se santa ou beata é a morte via sacrifício, suportar uma dor extremamente intensa, na qual tenha demonstrado coragem e determinação” (ANDRADE, 2008, p. 248). Assim, através do martírio, Benigna poderia vir a ocupar o lugar de beata na Igreja Católica.

Tendo em vista os fatores que culminaram na santidade “popular” de Benigna: o sofrimento, os relatos de graças alcançadas, a fama de santidade e a construção de sua vida exemplar. Em 23 de maio de 2012, já com um dossiê, o qual continha informações a respeito da vida e morte da jovem, assim como relatos de graças alcançadas. O bispo da Diocese, Dom Fernando, envia à congregação para causa dos santos uma correspondência na qual pedia a autorização para abertura do processo de beatificação⁶⁵. Atentando para o fato de que é competência do bispo local iniciar esse procedimento, a antropóloga Silvana Sobreira de Matos (2014, p. 82) destaca:

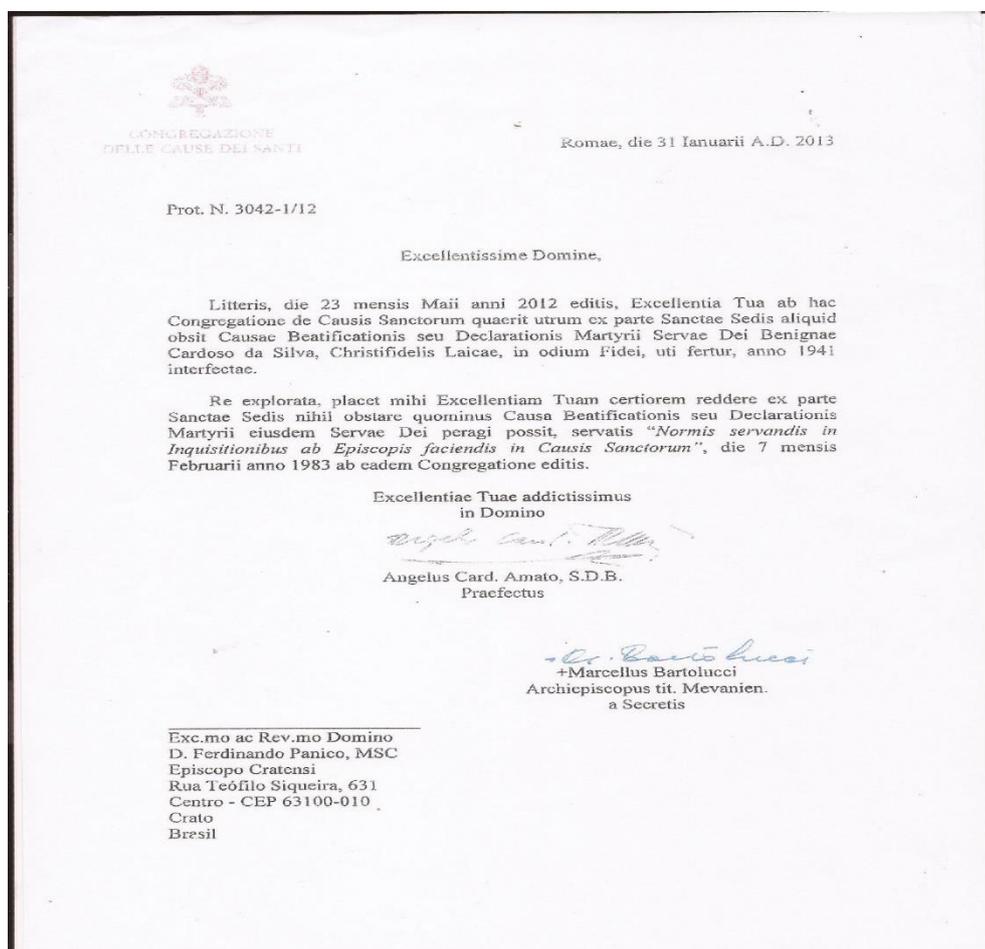
Em linhas gerais, os procedimentos de abertura de uma causa podem ser descritos da seguinte maneira. Após o prazo de cinco anos da morte do candidato, se o bispo observar que o candidato tem uma reputação sólida de santidade e que persiste a manifestação popular de devoção a essa pessoa, o bispo da Diocese onde morreu o candidato autoriza a abertura do processo, com o levantamento da biografia, que é enviada ao Vaticano. Após analisar o pedido, a Congregação para a Causa dos Santos emite um parecer. Se for favorável, o início do processo a nível diocesano é autorizado.

Por mais que o candidato ainda não possua uma biografia bem elaborada a respeito de sua vida, é necessário que o bispo envie à congregação ao menos um “resumo da vida [...] e uma justificativa da causa, o que passa por uma ‘checagem de segurança’, visando ao recebimento do *nihil obstat* da Santa Sé, uma comunicação formal de que não há obstáculos nos dicastérios romanos acerca da introdução da causa⁶⁶” (PEIXOTO, 2006, p. 101). No caso de Benigna, apenas oito meses depois, em janeiro de 2013, a Diocese de Crato recebe o *Nihil Obstat*, ou seja, “nada impede” para que o processo de beatificação pudesse ser aberto oficialmente como podemos observar no documento da Figura 9:

⁶⁵ De acordo com Oliveira (2008, p.560), congregação para a causa dos santos é a congregação que responde diretamente pelas várias beatificações e canonizações atuais.

⁶⁶ Em outras palavras, dicastérios são departamentos do governo da Igreja Católica que compõem a cúria romana.

Figura 9 - Cópia do nihil obstat



Fonte: Acervo da paróquia de Santana do Cariri (2013).

O Vaticano respondeu de forma rápida ao que se refere a abertura do processo. A partir do momento que a causa foi iniciada e a Igreja deu o *nihil obstat*⁶⁷, Benigna passou a ser chamada de serva de Deus. Nesta fase investigou-se a vida, a família, as virtudes, fama de santidade e tudo que envolveu sua história.

⁶⁷ Tradução nossa:

“Roma, 31 de janeiro de 2013.

Excelentíssimo Senhor,

Com a carta de 23 de maio de 2012, V.Excia. pergunta a essa Congregação da Causa dos Santos se existe algo que impeça a Causa de Beatificação ou de Declaração de Martírio da Serva de Deus Benigna Cardoso da Silva, leiga fiel de Cristo, assassinada em 1941, por ódio a fé como se sabe.

Sendo feita a pesquisa, me é agradável tornar ciente V.Excência de que parte da Santa Sé nada obsta (*nihil obstaré*) que a Causa da Beatificação ou Declaração do Martírio da mesma Serva de Deus possa acontecer, observando as ‘normas que se devem seguir nas pesquisas que devem se fazer pelos Bispos nas Causas dos Santos’, de 7 de fevereiro de 1983, publicadas na mesma Congregação.”

O bispo local indicou o padre Monsenhor Vitaliano Mattioli, para acompanhar o processo tanto na fase paróquiana⁶⁸, quanto diocesana. Criou-se também um conselho para que as funções ficassem divididas e assim o processo de beatificação pudesse ocorrer da melhor maneira possível. Sobre essas etapas Sandro Cidrão (2014, p. 35-36) destaca:

É formado o Tribunal Eclesiástico e a comissão Histórica Diocesana integrada por: Dom Fernando Panico (Bispo Diocesano), Mons. Vitaliano Mattioli (Postulador Geral da Causa), Terezinha Fernandes Costa (Atuária Notária), Mons. Bosco Cartaxo Esmeraldo (Juiz Delegado), Pe. José Vicente Pinto de Alencar da Silva (Promotor de Justiça), Prof. Raimundo Sandro Cidrão (Presidente da comissão histórica), Prof. Armando Lopes Rafael e Ypsilon Rodrigues Félix (Historiadores).

Para dar prosseguimento ao processo, era necessário organizar um dossiê que pudesse abarcar a vida de Benigna: depoimentos de milagres alcançados, pessoas que conheceram e conviveram com a mesma, assim como também dos familiares. Foi imprescindível elaborar uma biografia histórica e para isso, necessitava-se desse levantamento familiar, social histórico que pudesse comprovar sua existência e morte. Para Valentina Ciciliot (2008, p.49):

L'intento è quello di esaminare a fondo l'ambiente storico del futuro servo di Dio proprio per comprendere e valutare la forma di santità specifica del candidato nel suo preciso contesto storico. L'esame preventivo degli scritti editi previsto dalla nuova normativa permette di contestualizzarli e utilizzarli nella ricostruzione della vita del candidato, mentre in passato spesso ne veniva sottovalutata l'importanza a causa della scarsa conoscenza del contesto storico-ambientale ⁶⁹.

De modo geral, o ambiente histórico e a vida do candidato são de extrema importância nessa fase, como uma forma de atestar sua santidade. No caso de Benigna, a partir de 2013, inicia-se o processo de construção e levantamento de mais informações para escrita desse documento. Como destaca o padre Paulo:

Foi nomeada comissão paroquial e posteriormente comissão diocesana, né, então esta comissão foi a grande responsável sobre a orientação do Monsenhor Mattioli que era o grande postulador da causa para levantar todos os dados para mandar para o Vaticano né, então a comprovação do martírio, saber se de fato ela morreu por uma experiência de fé, preferiu morrer para não pecar né, milagres, graças alcançadas, né, testemunhos antigos e novos, reportagens, a história dela, quem foi Benigna antes de ser assassinada? O perfil de Benigna a gente foi reconstituir isso aí através das

⁶⁸ Citada anteriormente como fase local.

⁶⁹ Tradução nossa: A intenção é examinar minuciosamente o ambiente histórico do futuro servo de Deus precisamente para entender e avaliar a forma específica de santidade do candidato em seu contexto histórico preciso. O exame prévio dos escritos publicados exigidos pela nova legislação permite contextualizá-los e utilizá-los na reconstrução da vida do candidato, enquanto no passado muitas vezes isso era subestimado na importância por causa do escasso conhecimento do contexto histórico ambiental.

testemunhas que a conheceram, ou pessoas que conviveram com pessoas próxima a Benigna (informação verbal)⁷⁰.

Essa vasta quantidade dessas informações estão presentes na biografia, sob o título de “Benigna: um lírio no sertão cearense”, esta versa “sobre o contexto histórico, geográfico, sociopolítico e religioso; a família de Benigna, a infância e a adolescência; o martírio, o assassino Raul e a fama de santidade” (CIDRÃO, 2014, p. 38). Como podemos observar, este escrito segue todos os padrões instituídos pela Igreja, pois, para que Benigna pudesse ser apresentada como candidata a beatificação, seria necessário que houvesse o cumprimento de alguns desses requisitos em sua biografia, como:

Fama de santidade, exercício das virtudes cristãs em grau heróico ou martírio, ausência de obstáculos insuperáveis à canonização. As objeções possíveis a uma causa permanecem ligadas à existência de um culto indevido pelo julgamento da Igreja ou denúncias dirigidas contra o candidato. (PEIXOTO, 2006, p. 96).

Percebemos a ênfase nesses aspectos por partes dos escritores e, sobretudo, a tendência em uma intenção de convencer o leitor que o que está escrito é a verdade. Por ser um dos primeiros textos, com base em levantamento de muitos dados, o conteúdo presente na biografia torna-se, de certa forma, apontado como “oficial”.

Desta forma, consideramos esse exemplar um significativo meio de divulgação da história de Benigna, pois os discursos e informações então destacados ao longo dos capítulos dessa biografia, são na maioria dos casos, reproduzidos por jornais e diversos outros meios de comunicação tal qual está escrito. Por este motivo daremos destaque a alguns aspectos que fazem parte desse documento.

De início, ressalta-se que, no mesmo ano, o escritor Sandro Cidrão, intitulado historiador, publicou o livro “Resgatando uma história de fé: Benigna”, o autor detalha todos os passos percorridos por membros da Igreja e escritores para que pudessem chegar nesse processo de construção, junção de documentos e escrita da biografia. Enfatizando todos os acontecimentos que se referem a Benigna em ordem cronológica, ele apresenta os envolvidos na causa e, sobretudo, as dificuldades percorridas.

A respeito da divisão de tarefas e tópicos para compor a biografia, Cidrão (2014, p.38) destaca: “para a biografia histórica que englobava seis pontos, o trabalho foi dividido entre os seguintes historiadores: Armando Lopes Rafael, Plácido Cidade Nuvens, Pe. Neri Feitosa, João Paulo Cabral Alves, Ypsilon Rodrigues Félix, o monsenhor Vitaliano Mattioli e eu.”

⁷⁰ Entrevista concedida pelo padre Paulo Lemos a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de outubro de 2018.

Constatamos que nenhum desses envolvidos tinham de fato formação em história. Logo, a história, nesse caso foi utilizada para legitimar o discurso e conferir mais respaldo, uma vez que “o leitor de uma biografia espera encontrar nela fatos autênticos” (DOSSE, 2009, p. 59). Percebe-se que há, nessa busca, uma intenção de verdade para legitimação dos escritos.

Outra questão que consideramos pertinente abordar é o fato: dessas pessoas, então citadas, fazerem parte da comissão em prol da causa de Benigna. Antes de serem designadas para tais funções, estes já participavam ativamente em eventos relacionados a Igreja e tinham relações próximas com membros eclesiais.

Destarte, considerando que nenhum texto está isento de subjetividades, o olhar de quem escreve irá alterar-se de acordo com seus interesses, história de vida e trajetória. Assim, mesmo que estas pessoas não sejam consideradas historiadoras por formação, devemos levar em conta que a biografia escrita tem um cunho histórico. Sendo assim:

Toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção sócioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de estudo ou de ensino, uma categoria de letrados etc. encontra-se, portanto, submetida a opressões, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se precisa uma topografia de interesses, que se organizam os dossiers e as indagações relativas aos documentos. (CERTEAU, 2000, p. 66).

Os autores desempenharam papéis de pesquisadores, ao levantarem dados, organizar documentos e buscar as testemunhas. Logo, não devemos ignorar o fato de que eles partem de um lugar de produção, um contexto social, e sobretudo, com forte influência da Igreja. Assim as escolhas referentes ao que enfatizar, quais aspectos deverão ser destacados e quais terão pouca significância, resulta da subjetividade dos escritores, da intervenção da Igreja e no quanto esses sujeitos estão imersos nessa história.

Para além de um texto informativo a respeito da vida e morte de Benigna, que seria enviado para Roma, essa obra possui um caráter evangelizador. Voltando-se, sobretudo, para questões religiosas. As informações retiradas de fontes como inquérito policial, cartas que os devotos enviaram para a casa paroquial e depoimentos de familiares foram transcritas como um retrato fiel da realidade.

Para além disso, constatamos por diversas vezes, certa “romantização” dando destaque a uma vida sofrida, na qual, segundo os autores, Benigna vivenciou, mas nunca reclamou, pois “depois de atender nas tarefas de casa ela ia brincar com as coleguinhas” (CIDRÃO, 2014, p. 51). Independe das adversidades a “santidade” de Benigna, presente nesse escrito, manifestava-se de forma que ela tratava com leveza os infortúnios da sua vida. Em vista disso, “as narrativas

biográficas santoriais são marcadas pelo extraordinário e pelo maravilhoso, não obstante a intenção institucional da sua racionalização” (GUARIZA, 2015, p. 1260).

Essa biografia vem com uma capacidade de constituir um modelo de santidade, apresentando alguns elementos hagiográficos, pois as hagiografias não se referem “essencialmente ‘àquilo que se passou’, como faz a história, mas àquilo que é exemplar” (CERTEAU, 1982, p. 267), e em determinado período em que foram redigidas. Desta forma, existe uma linha tênue entre o que podemos considerar, nesse caso, aspectos de uma biografia ou hagiografia, haja vista que a biografia de Benigna, manifesta-se como um escrito, cujo principal aspecto é evidenciar esse alguém “exemplar”, digno de referência e modelo para os demais. Sendo assim:

De modo equivalente a qualquer biografia, a temática hagiográfica versa sobre a história de determinada vida. Entretanto, ficam ressaltadas as coerções éticas exercidas pela esfera de atividades religiosas, na qual circula a biografia dos santos. Também a composição, como modo de organização do texto, apresenta equivalências lá e cá. (DISCINI, 2012, p. 76).

Neste intento, mesmo esse documento sendo uma biografia, no caso da história de Benigna, o escrito sofre esse tipo de coerção, sobretudo, por parte da Igreja, para que esta possa se encaixar nos escritos ideais, cujos modelos são as hagiografias de santos já beatificados e canonizados. Por conta disso alguns aspectos são suprimidos, principalmente no que se refere ao estupro que ela sofreu. Logo, contando com a participação de membros da Igreja, nesta obra, são destacadas a vida, os hábitos e, sobretudo, as virtudes da jovem, seguindo uma linha cronológica.

A vida como um todo é construída em “um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva” (BOURDIEU, 1996, p. 184). Neste sentido, a construção da vida da mártir Benigna segue uma linha onde sua santidade é pautada, não apenas a partir do dia do seu assassinato, mas em uma adesão as normas cristãs presentes na estrutura familiar e na maneira que esta foi educada. “O segredo da espiritualidade de Benigna está na educação religiosa recebida na família” (CIDRÃO, 2014, p. 38). Assim, a família ganha destaque nesse processo de construção de sua identidade religiosa.

Como consequência disso, nota-se, claramente, que os autores e membros da Igreja constantemente enfatizam o “ato heroico” de Benigna por “preferir morrer” para não pecar contra os mandamentos de Cristo, prezando por sua virgindade e sendo uma fiel seguidora dos

ensinamentos da Igreja, legitimando, deste modo, o título de “heroína da castidade” “no imaginário popular”.

Encontra-se, nas narrativas, a esse respeito, uma grande semelhança dos atos heroicos de Benigna com a vida de outras santas já canonizadas, e muitas vezes até comparações por parte de padres e membros da Igreja. Nesses relatos, “as histórias retratam uma infância normal, até tranquila, quando um evento externo interrompe a vida da criança e a coloca numa situação de perigo e conseqüente morte, sem ter quem a defenda do agressor” (ANDRADE, 2008, p.251). Notamos que, histórias como a de Santa Maria Goretti, Albertina de Berkenbrock, Benigna Cardoso, e outras santas e beatas mártires, seguem um enredo pelo qual existem bastante semelhança, alterando-se apenas alguns detalhes particulares da vida de cada uma.

Na biografia, as características pessoais de Benigna são destacadas como modelos e as narrativas a respeito de sua morte enfatizam que ela foi uma vítima que lutou por seus ideais cristãos de não desrespeitar a Deus, entregando-se ao algoz. Assim, estes escritos constituem, “[...] espelhos de perfeição, que poderiam guiar as condutas de mulheres situadas em diferentes estados, como freiras, casadas, donzelas [...]” (MARTINS, 2013, p. 17). Desta maneira, constrói-se a história de Benigna dentro de um padrão que sirva de inspiração para todas as mulheres, independente de classe, idade, localidade ou condição social, desde que siga os mandamentos cristãos.

Portanto, identificamos nesses registros ditos “oficiais” e em discursos proferidos por padres e membros do Poder Público a construção de uma imagem santa com a preocupação em exaltar os seus pontos positivos como uma forma de legitimação de sua santidade. Assim, tendo essa biografia como meio de propagação de condutas, valores e normas institucionalmente aceitas, percebemos que os discursos então elaborados são claros e tem um intuito de convidar o leitor e os devotos a viverem essa vida de santidade:

Uma santidade proposta enquanto expressão de perfeição da caridade. Uma santidade que é apresentada como o cumprimento pleno da fé na vida ordinária de cada um e, por conseguinte, como um modelo de vida acessível a todos, com a ajuda de Deus. (ANDRADE, 2008, p. 244).

Os autores nos permitem observar a produção do discurso católico em torno dos aspectos da vida, morte e martírio de Benigna. Sendo este, um dos principais meios de exposição da história da jovem. No que se refere aos meios de propagação, boa parte das redes sociais, jornais, blogs, possuem como base o que é dito e difundido pela Igreja, sobretudo, o que está escrito na biografia.

Assim, tendo em vista a vasta quantidade de fontes que foram utilizadas para sua elaboração, acreditamos que esse é um dos materiais mais completos organizado por membros da Igreja. Entretanto, este escrito tem um cunho moralizador e não há problematizações quanto aos documentos utilizadas, pois o intuito principal é de fato construir um enredo que legitime a santidade de Benigna, a partir da sua trajetória de vida.

Mesmo assim, tal biografia extremamente importante, pois constituiu, um dos pilares fundamentais para que ocorresse tanto a construção da santidade em torno da história de Benigna como santa, quanto a autorização da beatificação por parte do Vaticano. A partir do momento em que houve a junção dessas informações que faziam parte da vida da mártir, sua história foi difundida com maior facilidade e à medida que mais pessoas tinham conhecimento, sua fama de santidade também aumentava, ocasionando em mais relatos de graças alcançadas.

A respeito do encerramento dessa primeira fase de buscas por documentos que remetiam a vida e morte de Benigna o padre Paulo Lemos destaca:

Então feito isso, foi fechado o processo diocesano, foi mandado para o Vaticano, depois o Vaticano novamente pediu mais testemunhas, da primeira vez nos mandamos dez testemunhos cada lauda de perguntas, quarenta e duas perguntas se não me falha a memória, sobre juramento, também documentado em cartório, então o Vaticano achou ainda pouco, queria mais, então mandamos mais vinte e cinco testemunho já foi outro pedido do Vaticano e acreditamos que com esses vinte e cinco o processo ficou mais completo e a última notícia que nós temos agora de Dom Gilberto que é o atual bispo de nossa diocese, ele esteve na causa da congregação dos santos, é que agora em outubro os teólogos já vão se reunir para analisar a *positio* o que é a *positio*, eu não sou perito no assunto mas você pode pesquisar isso ai, tipo o compêndio com tudo que já foi feito de Benigna, um livro onde se reúne todo processo de Benigna já para ser avaliado para ser analisado pelas últimas instancias da congregação, no caso agora em outubro, a congregação com os teólogos, vão analisar, se todos os teólogos aprovarem esse processo, então já vai para as mãos dos cardeais que é praticamente na mão do papa, os cardeais vão dar um último parecer, e passa para o santo padre papa, então nossa esperança é que em breve, a gente possa ter uma boa notícia a respeito da beatificação de Benigna (informação verbal)⁷¹.

O envio dessa documentação culminava no encerramento da fase diocesana que, de acordo com Peixoto (2006, p. 98) “a conclusão da parte diocesana dos processos resulta no Decreto sobre o Martírio ou no Decreto das Virtudes, passando o candidato a ser chamado de venerável.” Após o envio desses documentos para o Vaticano, ainda seria necessário que a Diocese esperasse que a Santa Sé analisasse a *positio*, ficasse atento aos novos pedidos, e assim, ansiar pelo parecer de que a história de Benigna adequava-se nos modelos católicos do que a Igreja considera mártir.

⁷¹ Entrevista realizada com o padre Paulo Lemos, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de outubro de 2018.

Atentando ao fato de que essa instituição atribui ao martírio uma via privilegiada que pudesse levar as pessoas a santidade, percebemos que, através de falas e escritos de alguns papas e demais membros eclesiásticos, há uma certa valorização das trajetórias e sacrifícios dos cristãos que preferiam a morte por amor aos dogmas católicos.

O papa João Paulo II na carta apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, ao episcopado, clero e aos fiéis, no ano de 1994, já enfatizava a importância do martírio para a Igreja, atestando este ato como um caminho para a santidade:

37. A Igreja do primeiro milénio nasceu do sangue dos mártires: « *sanguis martyrum — semen christianorum* », (sangue de mártires, semente de cristãos). [21] Os acontecimentos históricos relacionados com a figura de Constantino Magno nunca teriam podido garantir um desenvolvimento da Igreja como o que se verificou no primeiro milénio, se não tivesse havido aquela *sementeira de mártires e aquele património de santidade que caracterizaram as primeiras gerações cristãs*. No final do segundo milénio, a Igreja tornou-se novamente Igreja de mártires. As perseguições contra os crentes — sacerdotes, religiosos e leigos — realizaram uma grande sementeira de mártires em várias partes do mundo. O seu testemunho, dado por Cristo até ao derramamento do sangue, tornou-se património comum de católicos, ortodoxos, anglicanos e protestantes, como ressaltava já Paulo VI na homilia da canonização dos Mártires Ugandeses. [22] *É um testemunho que não se pode esquecer*. A Igreja dos primeiros séculos, apesar de encontrar notáveis dificuldades organizativas, esforçou-se por fixar em peculiares martirologios o testemunho dos mártires. Tais martirologios foram-se actualizando constantemente ao longo dos séculos [...] *No nosso século, voltaram os mártires*, muitas vezes desconhecidos, como que « *militi ignoti* » da grande causa de Deus. Tanto quanto seja possível, não se devem deixar perder na Igreja os seus testemunhos. Como foi sugerido no Consistório, *impõe-se que as Igrejas locais tudo façam para não deixar perecer a memória daqueles que sofreram o martírio*, recolhendo a necessária documentação. Isso não poderá deixar de ter uma dimensão e uma eloquência ecuménica. *O ecumenismo dos santos, dos mártires, é talvez o mais persuasivo*. *A communio sanctorum* fala com voz mais alta que os factores de divisão. *O martyrologium* dos primeiros séculos constituiu a base do culto dos Santos. Proclamando e venerando a santidade dos seus filhos e filhas, a Igreja prestava suprema honra ao próprio Deus; nos mártires, venerava Cristo, que estava na origem do seu martírio e santidade. Desenvolveu-se sucessivamente a prática da canonização, que perdura ainda na Igreja Católica e nas Igrejas Ortodoxas. Nestes anos, foram-se multiplicando as canonizações e as beatificações. Elas manifestam a *vivacidade das Igrejas locais*, muito mais numerosas hoje que nos primeiros séculos e no primeiro milénio [...] Será tarefa da Sé Apostólica, na perspectiva do ano 2000, *actualizar os martirologios* para a Igreja universal, prestando grande atenção à santidade de quantos, *também no nosso tempo*, viveram plenamente na verdade de Cristo⁷².

Observamos, nesta carta, a evidência da função do mártir no cristianismo, sendo considerado como a primeira manifestação do divino. A ideia de continuidade está explícita quando o pontífice ressalta a importância de garantir que a memória dos que deram sua vida em função da religião católica não sejam esquecidos. Esse enaltecimento do mártir na Igreja

⁷² CARTA APOSTÓLICA. A Santa Fé. 1994. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19941110_tertio-millennio-adveniente.html. Acesso em: 31 jul. 2023.

continua ao longo dos anos e em outros momentos, não é raro percebermos a importância dada pelo Vaticano na propagação dessas vidas exemplares. Em 7 de maio de 2000, em celebração ecumênica para recordar as testemunhas da fé do século XX. João Paulo II segue exaltando a figura do mártir:

Lá onde o ódio parecia deturpar toda a vida, sem a possibilidade de se eximir da sua lógica, elas demonstraram que “o amor é mais forte que a morte”. No interior de terríveis sistemas opressivos que desfiguravam o homem, nos lugares de sofrimento, entre privações inauditas, ao longo de marchas insensatas, expostas ao frio, à fome, torturadas, vítimas de vários tipos de sofrimento, elas fizeram ressoar em voz alta a sua adesão a Cristo morto e ressuscitado [...] Em cada continente e ao longo de todo o século XX houve quem preferiu morrer para não faltar à própria missão. Religiosos e religiosas viveram a sua consagração até à efusão do sangue. Homens e mulheres crentes morreram oferecendo a sua existência por amor dos fiéis, de forma especial dos mais pobres e frágeis. Não poucas mulheres perderam a própria vida para defender a sua dignidade e pureza⁷³.

Através desse relato, identificamos que para a Igreja, uma das maiores demonstrações de amor por uma causa é a morte via sacrifício, o cristão consegue a salvação por seu sofrimento assemelhar-se ao de Jesus. “O fundamento mágico essencial da salvação é o sacrifício de ‘morte-renascimento’, o sacrifício-do-deus-que-morre-para-ressuscitar. [...] Jesus é também, o Cordeiro pascal, cujo sacrifício, segundo a lei mosaica, consagra a passagem” (MORIN, 1997, p. 203).

Diante disso, a história de Benigna entra na lista de mártires que morreram em defesa dos mandamentos da Igreja e no que João Paulo II considera como perder a vida “para defender a sua dignidade e pureza”. Julgamos pertinente ressaltar a importância que os papas atribuem à morte sacrificial. Acreditamos que a consequência disso, é o fato de Benigna ter o seu martírio reconhecido *a posteriori*. Assim, atribuímos esse marco, sobretudo, a preferência da Igreja aos que morreram em função da causa cristã.

Para que a história de Benigna pudesse ser introduzida nesse modelo, percebemos que houve e ainda há, certa valorização e exaltação do sofrimento extremo, da morte trágica e do seu exemplo de fiel. Logo “a narrativa da morte violenta é tecida com detalhes que reforçam o aspecto bárbaro do ato assassino. Uma narrativa para despertar comoção” (ANDRADE, 2008, p. 256).

Um dos trechos do processo-crime, no qual atestam o sofrimento de Benigna ao detalhar como Raul a executou, é constantemente destacado em narrativas da Igreja Católica, sobretudo,

⁷³ HOMILIA. A Santa Fé. 2000. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000507_test-fede.html. Acesso em: 31 jul. 2023.

no que diz respeito a sua luta corporal contra o algoz para defender a sua virgindade. A ideia de que a jovem morreu defendendo-se do pecado, parte, sobretudo, desse fragmento em que se relata como aconteceu o delito:

Correu à procura de sua vítima alcançando-a cerca de dez (10) braços aproximadamente, que logo, imediatamente desfechou com o facão com que se achava armado o golpe fatídico no pescoço da vítima, que a prostrou por terra e logo em seguida, por julgar que o ferimento não era capaz de produzir a morte da vítima, desfechou sobre a pá mais dois (2) golpes de facão; que o ferimento produzido na mão e o do rosto da vítima foi ocasionado quando lhe desfechou o golpe do pescoço, pois ela procurou defender-se com a própria mão; que ele, declarante, julgando-a morta saiu em direção de sua casa e notando o facão ensanguentado lavou com urina. (INQUÉRITO POLICIAL, 1941, p. 5).

Alguns trechos desse documento são enfatizados também em narrativas orais, por parte de devotos, moradores de Santana e, sobretudo, em falas de membros eclesiais, que de certo modo, “romantizam” o fato dela ter sido assassinada, atestando que foi “por uma causa maior”. Diante da construção dessas evidências, o seu martírio estava predestinado, sua santidade já estava escrita, e o assassino tem sua devida importância nesse transcurso.

Como destaca João Paulo Cabral, um dos responsáveis por analisar o processo-crime e também membro da Igreja, “não fazendo aqui apologia ao crime, mas o algoz tem a sua importância pra formação do imaginário de santas e santos, não há mártires sem o martírio e não há o martírio sem o algoz” (informação verbal)⁷⁴. Observa-se que, para que Benigna pudesse a vir a se tornar santa, foi necessário que Raul a matasse. Nota-se, que é utilizada essa relação entre dor e santidade “para justificar a ideia de purificação, presente no sofrimento” (ANDRADE, 2008, p. 241).

No início de 2013, quando a Diocese recebeu o *nihil obstat*, o papa da Igreja era Bento XVI, e este destacou-se por beatificar uma considerável quantidade de mártires. Logo, considera-se que, esse detalhe também tem influência tanto na rapidez com que a causa dos santos tenha dado o parecer de *nihil obstat*, quanto na análise dos documentos que conferia a Benigna o título de mártir.

Assim, fundamentando-nos nas justificativas da antropóloga Silvana Sobreira de Matos, onde destaca que “há, portanto, a predominância de uma santidade martirial e [...] os séculos XX e XXI, restarão sem sombra de dúvidas na história do cristianismo como os séculos dos mártires” (MATOS, 2014, p. 108). Confere-se, a devida importância e influência as declarações papais nesse processo. Ao nos depararmos com a homilia do papa Bento XVI, em 25 de abril

⁷⁴ Entrevista realizada com João Paulo Cabral, concedida a Tatiana Olegário, em 01 de novembro de 2019.

de 2005, por ocasião da visita a basílica de *San Paolo fuori le mura*, em Roma, percebemos que ele preserva um pensamento semelhante ao de João Paulo II, no que se refere a importância dos mártires para a Igreja. Destaca-se a relevância dessas demonstrações de fé, sobretudo, para os novos cristãos:

Il secolo ventesimo è stato un tempo di martirio. Lo ha messo in grande risalto il Papa Giovanni Paolo II, che ha chiesto alla Chiesa di “aggiornare il Martirologio” e ha canonizzato e beatificato numerosi martiri della storia recente. Se dunque il sangue dei martiri è seme di nuovi cristiani, all’inizio del terzo millennio è lecito attendersi una rinnovata fioritura della Chiesa, specialmente là dove essa ha maggiormente sofferto per la fede e per la testimonianza del Vangelo⁷⁵.

Esse testemunho do evangelho é um aspecto pelo qual torna Benigna mártir. Para a Igreja, ela morreu defendendo as virtudes cristãs. O padre Paulo Lemos, ao diferenciar o caso de Benigna dos demais, destaca que “casos como o de Benigna tem aos montes, mas por que Benigna morreu, qual foi o motivo, né? O vaticano chama de ódio a fé” (informação verbal)⁷⁶. Assim, o motivo do martírio seria, sobretudo, o ódio que o assassino sentiu por ela defender os mandamentos cristãos. O padre Thiago, responsável pela limpeza dos ossos de Benigna, também relata:

A igreja ela olha Benigna como um exemplo particular podemos dizer, para a pessoa ser beatificada é preciso dois caminhos, podemos dizer que o caminho de um milagre acontecer para se tornar Beato e o caminho do martírio, que é a pessoa dar a vida por conta de sua fé, preferindo morrer do que negar Jesus Cristo. No caso de Benigna uma adolescente de 13 anos, ela tinha consciência de sua fé, daquilo que ela acreditava, e quando outro jovem quis ter algo com ela, ela não aceitou porque ela tinha consciência do pecado que ela iria cometer (informação verbal)⁷⁷.

Diante dos indícios de que a história de Benigna seria um exemplo de amor aos mandamentos de Cristo, e que seu assassinato resultou, para a Igreja, do ódio aos princípios cristãos que ela seguia, em 02 de outubro de 2019, seis anos após o *nihil obstat*, o papa Francisco reconheceu o martírio de Benigna e autorizou a beatificação, assinando em audiência, um decreto que, atestava sua virtude heroica. A respeito disso, o padre Thiago destaca: “a Igreja

⁷⁵ Tradução: O século XX, todos nós o sabemos, foi um tempo de martírio. Realçou bem isto o Papa João Paulo II, ao pedir à Igreja para “atualizar o Martirologio” e canonizando e beatificando numerosos mártires da história recente. Por conseguinte, se o sangue dos mártires é semente para novos cristãos, no início do terceiro milênio é lícito esperar um renovado florescimento da Igreja, sobretudo onde ela sofreu em maior medida pela fé e pelo testemunho do Evangelho. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050425_san-paolo.html. Acesso em: 27 jun. 2022.

⁷⁶ Entrevista realizada com Padre Paulo Lemos Pereira, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 30 de setembro de 2018.

⁷⁷ Entrevista realizada com Padre Thiago, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 24 de outubro de 2021.

olhando o testemunho de Benigna, olhando a vida dela, a Igreja constata que de fato ela derramou o sangue para defender a sua pureza” (informação verbal)⁷⁸. Assim, a declaração do martírio foi decisiva para a beatificação.

A partir desse dia, essa etapa, na trajetória que levaria a beatificação de Benigna, foi concluída. Após essa declaração, ela já poderia ser considerada venerável e a data de beatificação, a qualquer momento, poderia ser marcada. A informação foi divulgada em diversos meios, como podemos observar em um deles:

No dia 2 de outubro no Vaticano, o Cardeal Angelo Becciu, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos. Na Audiência, o Papa autorizou a Congregação a promulgar os Decretos concernentes a cinco novos Beatos para a Igreja e o reconhecimento das virtudes heroicas de 3 novos Servos de Deus.⁷⁹

Dentre esses cinco novos beatos, Benigna Cardoso estava presente. Essa notícia foi recepcionada com grande efervescência na cidade de Santana do Cariri e, sobretudo, pelos devotos. Desde então, nutria-se o desejo e a ansiedade para que houvesse um comunicado oficial com a data referente a cerimônia oficial.

Ao apresentar os caminhos que levaram a autorização da beatificação de Benigna. Observa-se que, esse caminho parte, sobretudo, de um conjunto de normas instituídas pela Igreja, e para que um candidato tenha sua santidade reconhecida, é necessário todo um processo de construção em torno de sua história. Inserindo-o nos modelos canônicos. Assim, é fundamental que várias instâncias trabalhem em comum: paróquia, Poder Público, Diocese, devotos e a família do candidato.

Deste modo, à medida que a história de Benigna foi sendo transformada em algo extraordinário e sagrado, alguns aspectos de sua vida foram sendo suprimidas e outras enfatizadas para que ela pudesse se encaixar nesse modelo ideal santificado. Para que as pessoas pudessem sentir-se ainda mais identificadas com essa história, foi necessário representar uma imagem física de Benigna que atraísse a atenção e apreço dos devotos, e, erão esses retratos de Benigna e suas simbologias que iremos abordar nesse próximo tópico.

⁷⁸ Entrevista realizada com Padre Thiago, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 24 de outubro de 2021.

⁷⁹ VATICAM NEWS. Benigna Cardoso da Silva próxima Beata brasileira. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-10/beata-brasileira-benigna-cardoso.html>. Acesso em: 31 jul. 2023.

3.3 “Virgem, pura e casta”: a sacralização feminina na construção da imagem física de Benigna

Na religiosidade católica, é impescindível que o santo tenha uma história memorável. Além de relatos de milagres concedidos, é necessária uma imagem que possibilite ao devoto um contato mais próximo, sobretudo, nos momentos de louvor e adoração. Assim, a imagem, neste caso, desempenha o papel de concretizar o abstrato, o ser supremo. Em vista disso, “a forma de representar os santos até hoje, no catolicismo, é através de imagens, de pinturas, de ícones, entre outras” (MESQUITA, 2015, p. 168). Logo, ao produzir uma imagem, os artistas apresentam alguns símbolos específicos, que permitem identificar e caracterizar quem está sendo representado.

Atentando para a definição de representação à luz do pensamento de Chartier, o qual defende que representar é tornar presente aquilo que está ausente, construir uma imagem de Benigna permite que o devoto, a enxergue com todas as suas características físicas. Dessa forma, ele pode materializar sua fé através da imagem que, por muito tempo foi imprecisa e esteve apenas na memória dos que a conheceram. Sendo assim:

A representação nos permite ver o “objeto ausente” (coisa, conceito ou pessoa), substituindo-o por uma “imagem” capaz de representá-lo adequadamente. Representar, portanto, é fazer conhecer as coisas mediatamente pela “pintura de um objeto”, “pelas palavras e gestos”, “por algumas figuras, por algumas marcas.” (CHARTIER, 2011, p. 17).

No caso de Benigna, sua representação, enquanto santa, não se restringe apenas às suas ações, palavras e atitudes, mas também perpassa pela imagem física, imbuída de diversos significados e simbologias, que vão alterando-se ao longo do tempo, à medida em que sua história avança nos estágios canônicos. Abordaremos esses elementos iconográficos que corroboram e visam legitimar a concepção de santidade anteriormente enfatizada. Percebe-se que, à medida em que se constrói a imagem de Benigna, há a produção de um modelo ideal de adolescente e jovem.

As primeiras imagens relacionadas à Benigna foram construídas com base em relatos orais de pessoas que conviveram com ela. Entretanto, pode-se observar que, conforme estas foram apresentadas, os elementos inseridos nos permitem entender não apenas os aspectos físicos com que Benigna era recordada pelos que a conheceram, mas o contexto histórico e social em que a devoção estava inserida.

A primeira imagem de Benigna que se tem conhecimento encontra-se presente no santuário, em Inhumas. De acordo com dona Penha, responsável pela manutenção do espaço e acolhida ao romeiro, essa imagem data por volta do ano de 1989. Ela foi construída pela artista Sônia Teixeira, natural de Fortaleza/CE. Sobre o processo de construção dessa imagem dona Penha relata:

Ela veio aqui conversou com os contemporâneos e baseado naquelas informações ela criou aquela imagem, por sinal bem bonita ela teve uma ideia excelente que foi a saída dela dentro do pote né, um pote quebrado mas assim, muita gente acha o corte de cabelo o jeito muito moderno para uma menina de 13 anos e para época então quando aí Sandro criou outra imagem e essa imagem ainda ficou por muito tempo (informação verbal)⁸⁰.

Atentando ao fato de que, esta foi uma imagem inicial e elaborada por uma artista que não reside na cidade. Logo, não tinha vivência com a devoção em seu início, gostaríamos de enfatizar algumas características presente nessa ilustração: primeiramente, o “jeito moderno” enfatizado no relato anterior, lábios vermelhos, cabelos ondulados e com corte contemporâneo. Como podemos observar na Figura 10:

Figura 10 - Primeira representação de Benigna (1989)



Fonte: Sônia Teixeira (1989).

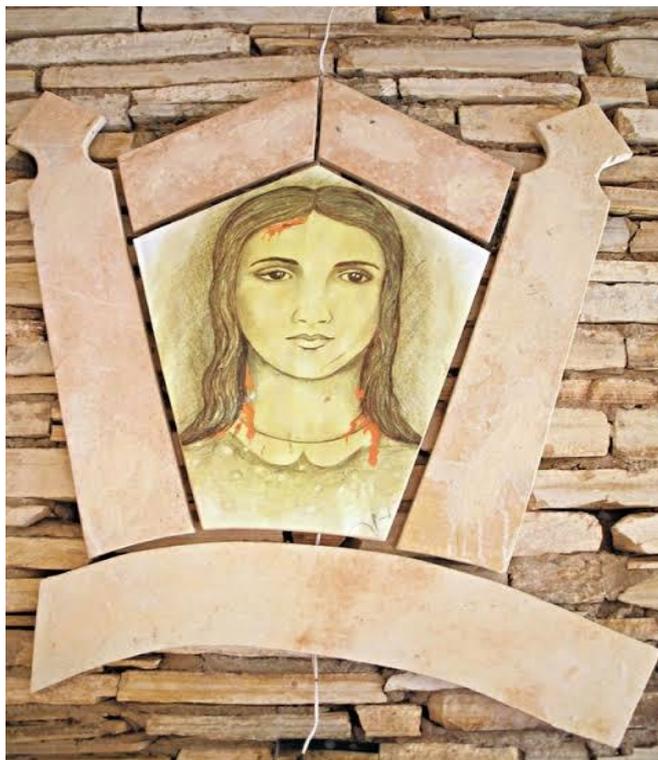
⁸⁰ Entrevista realizada com dona Penha, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

A gravura apresenta uma jovem, com olhos e pele claros, remetendo a sobriedade e serenidade em sua face. Seus cabelos estão curtos e levemente ondulados, dentro de um pote quebrado, este, simbolizando o que ela usava no dia do seu assassinato. O vestido, mesmo que pouco destacado, ainda nos permite perceber a cor vermelha com bolinhas brancas. As flores ao seu redor não indicam aparentemente um significado simbólico. Por fim, à primeira vista não dispõe de símbolos que remetam diretamente o sagrado.

Apesar de estar exposta em um local de muita visitação, essa imagem é pouco aceita. As pessoas não se sentiram identificadas, por mais que as informações tivessem sido embasadas em relatos dos conterrâneos de Benigna. A ideia transmitida pela artista não agradou boa parte dos devotos que passam pelo lugar, uma vez que a imagem se torna meramente ilustrativa. Em vista disso, percebemos que os traços modernos externados na gravura, como o cabelo cortado e os lábios rosados, tiraram a simplicidade que foi construída a imagem de Benigna.

Como já apresentamos no primeiro capítulo, outra imagem pioneira a respeito de Benigna foi desenhada no ano de 1997 e trata-se de um retrato falado feito por Sandro Cidrão, na qual tivemos conhecimento por ocasião de seu livro intitulado: “*Ainda resgatando*” (2001). Por se tratar de uma arte inicial, percebemos que os principais aspectos representados remetem, sobretudo, a maneira com que ocorreu o assassinato, muito por conta dos ferimentos no rosto e no pescoço. Observa-se que este retrato não apresenta cores. Entretanto, há destaque nos contornos faciais de Benigna, que são bem marcados, apresentando um semblante um pouco denso e pouca jovialidade.

Figura 11 - Benigna desenhada por Sandro Cidrão



Fonte: Sandro Cidrão (1997).

Essa imagem se encontra no santuário, e representa uma réplica do primeiro retrato falado. Sendo que, às vezes, pode-se encontrar ela exposta dessa forma e, outras vezes, é substituída pela última versão que não apresenta as marcas de ferimentos. Diante dessas características, observa-se, a partir dessa réplica do retrato falado, que à época, era essa imagem, presente no imaginário de algumas pessoas. Ao evocarem as memórias sobre a história de Benigna.

Enfatizamos que o artista sempre morou na cidade e vivenciava os relatos constantes a respeito do assassinato. Os elementos que caracterizavam o delito ainda estavam muito presentes. Lembrar da morte de Benigna, ainda é algo doloroso e observamos isso ao ouvirmos as pessoas que conviveram com ela. Elas se emocionam ao falar a respeito. Sendo assim, se hoje percebemos ainda, esse sentimento, em 1997, ele estava mais evidenciado. Isso explica o fato de que foram esses detalhes mais ressaltados de maneira implícita, através das cores, e explícitas, através da demonstração dos ferimentos. Como nos diz Pesavento (2003, p. 41):

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.

Observa-se que, o artista pretendeu representar a imagem de Benigna, a partir do momento e da realidade em que ele estava vivendo. No ano em que a imagem foi retratada, a devoção não tinha tanta visibilidade. Sendo assim, restrita apenas aos moradores da localidade, o sentimento de pertença quanto a santidade de Benigna não abarcava todas as pessoas da região. Em face do exposto, concordamos com Chartier (1990, p. 17), quando defende que as representações nos possibilitam “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” Assim, com o passar dos anos, à medida que a devoção crescia, essa realidade também foi transformando-se.

No ano de 2004, em alusão à primeira romaria, a segunda imagem foi elaborada. O painel, destacado no capítulo 1, onde não aparece o rosto de Benigna, apenas suas costas em direção ao que o artista chama de céu, caracteriza o que considera-se a segunda fase da devoção. Observa-se o momento em que a imagem densa, destacada no primeiro retrato falado, abre espaço para o sagrado. Nesse contexto, percebemos que os devotos e organizadores já estão produzindo outros sentidos sobre a percepção do assassinato de Benigna.

Explorando os detalhes exibidos no painel, identificamos que a morte ganha um novo significado: uma maneira de chegar ao céu. As cores já são inseridas, em tons claros, pois transmitem uma ideia de serenidade. Outros símbolos também são introduzidos: o vestido vermelho com bolinhas brancas, representando o que Benigna usava no dia do assassinato, o pote caracterizando o que ela carregava ao ir pegar água, e a vegetação local.

Esses aspectos são uma maneira de despertar o sentimento identitário da população de Santana. Tendo em vista que, as romarias estavam em fase inicial e necessitava-se desse reconhecimento por parte dos moradores para impulsionar a devoção. Logo, a representação do mundo social através das imagens de Benigna, foram forjadas pelos interesses dos grupos que ali estavam inseridos. Assim, “as percepções do social não são, de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade” (CHARTIER, 1990, p. 17). Contudo, essa autoridade nas imagens nem sempre é percebida, pois manifesta-se através das sutilezas e detalhes visando despertar múltiplos sentimentos através do sujeito representado.

Um dos símbolos fundamentais nessa imagem de Benigna corresponde ao vestido retratado. Este, veio associado a um discurso normatizador de que a jovem só gostava de usar roupas “compostas”. Essa seria uma das características pelas quais Benigna veio a tornar-se santa. Assim, esse vestido foi retratado com base nos relatos orais que indicavam o modelo da veste que ela usou no dia em que foi assassinada. Para além disso, a vestimenta reforça a mensagem de honradez e também da classe social da família de Benigna, por ser um vestido

simples, sem muitos detalhes. Como destaca Maria José Palla (1999, p. 65-66), “os vestemas prestam-se a um código social e podem tornar-se sinais de honradez ou de infâmia, de idade ou de classe social, desagrado ou de profano.”

A indumentária de Benigna torna-se essencial na representação de sua imagem. Os discursos que denotam os princípios e a manifestação do sagrado, constantemente perpassam pela simbologia presente neste. Considerando que, o discurso se forma em um ambiente social e está atrelado à coletividade, “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos” (FOUCAULT, 1996, p. 10). No caso de Benigna, essa escolha, por representar enfaticamente o vestido nas gravuras de Benigna, parte dos valores morais em que esse pode agregar a sua imagem e aos argumentos que validam sua castidade.

Diante disso, percebe-se que houve uma propensão de expressar o real através da imagem, legitimado pelo discurso dos conterrâneos. Assim, no imaginário dos devotos, o vestido presente nas imagens representa, tal qual o que Benigna usava, isento de seleções ou manipulações. Concorda-se com Pesavento (1995, p. 15), quando destaca que “o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão de pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.” A partir, dessa definição do real, após a primeira romaria, as pessoas começaram a fazer peregrinações até o local do assassinato, usando vestidos semelhantes ao que é retratado nas imagens.

A dimensão simbólica que essa indumentária abarcou foi muito grande, os devotos vestiam e vestem um modelo da réplica do vestido de Benigna em todas as romarias. Essas três imagens analisadas, estabelecem as primeiras representações de Benigna antes da inserção da Igreja na devoção. Essas serviram como base para as outras, sendo mais adiante adicionados outros símbolos que remetem ao catolicismo, uma vez que, “é comum verificarmos que os símbolos se alteram ao longo dos anos, especialmente no que se refere aos símbolos religiosos que estão associados e dependentes de argumentos teológicos e da fé do crente” (PINTO, 2014, p. 59). Desta forma, a quarta imagem e mais aceita até o momento, foi elaborada a partir de 2011, quando a Igreja iniciou o processo de beatificação. Segundo dona Penha:

Quando Padre Paulo chegou aqui que ele chegou aqui 2011, ele arranhou vários artistas plásticos e tentou com os contemporâneos pegar todas as características de Benigna, né, um pouco de estrabismo no olho como era o formato do cabelo e tudo e se chegou nessa imagem se eu disser que ela é unanimidade eu estou mentindo, mas pelas pessoas que visitam o Santuário e que foram contemporâneos 90% diz que ela é muito parecida com Benigna (informação verbal).

Outras imagens foram construídas ao longo do tempo. Entretanto, nenhuma tem um alcance de reprodução como esta teve, sendo considerada “oficial”. Diante disso, examinando a imagem mais difundida de Benigna, esta encontra-se na Igreja de Senhora Sant’Ana e caracteriza-se por apresentar alguns elementos fundamentais na religiosidade católica:

Figura 12 - Imagem oficial de Benigna até o ano de 2022



Fonte: Igreja de Senhora Sant’Ana (2011).

Destaca-se, inicialmente, que essa imagem se encontra posta na entrada da Igreja, na parte superior, em que está localizada a urna que conserva os restos mortais da jovem. Mais adiante, em um espaço no interior da Igreja, existe outra semelhante a esta, na qual exclui-se apenas o terço e a bíblia. Assim, tendo essa imagem como modelo, optamos por analisá-la, não negligenciando os símbolos que a integram, pois eles “compõem um conjunto de códigos essenciais à leitura iconográfica [...] estes códigos eram conhecidos e popularizados, especialmente por legitimarem a devoção e a santidade” (PINTO, 2014, p. 51). À medida em que vamos analisando tais elementos, percebemos que estes têm, como finalidade, validar a santidade de Benigna construída pela Igreja.

Ao observarmos os símbolos destacados, para além do vestido, anteriormente discutido, nota-se que, esta imagem já possui elementos sacralizados. Existem objetos nas mãos de Benigna que remetem a sua fé e que, são comumente usados em fotografias e imagens de outros santos católicos já canonizados. Neste sentido, a partir do momento em que a Igreja se apropria

da devoção, a imagem de Benigna é alterada para se encaixar nesse modelo canônico institucionalmente aceito.

Alguns de seus pertences pessoais, os quais tinham ligação com a Igreja, são inseridos tanto nas narrativas orais, quanto em seus retratos. Como podemos observar nesse relato de Sandro Cidrão, quando descreve como ocorreu o levantamento de dados a respeito da imagem física de Benigna:

Até o momento ninguém conseguiu ter acesso a foto dela. Da família até a gente conseguiu, do irmão eu consegui, da irmã, dos sobrinhos dela. Mas dela não conseguimos, e a família que adotou ela quando ela ficou órfã, que foi a família com a qual eu consegui o vestido e a Bíblia, né, as fotos e outros objetos que hoje estão também sob guarda da Paróquia (...) o texto né que Benigna fez a primeira comunhão, o pote que ela foi buscar água, (...)então com esses dados que eu perguntei por exemplo a essa família de criação, aos contemporâneos dela que viveram a época com ela, eles foram dizendo por exemplo, ela era magrinha, ela tem o cabelo liso preto, ela tinha o rostinho fino e ela tinha um olho um pouco mais baixo do que o outro, uma espécie de estrabismo no olho, né. Foi uma criança simples e se transformou em um adolescente também bem simples, usava um vestido de gola de manga ela não usava roupas decotadas então tudo isso foi construindo aquilo que resultou naquela imagem que eu fiz (informação verbal)⁸¹.

Atentando ao fato de que a imagem anteriormente citada está de acordo com a narrativa, sobretudo, no que se refere ao cabelo liso, vestido de gola e o rosto fino. Pode-se observar que, houve a tentativa de representar Benigna da forma que as pessoas que a conheceram relataram a seu respeito. Identificamos os seguintes elementos e suas respectivas simbologias cristãs: os lírios que são símbolo de pureza e santidade, faz referência a vida ilibada, ao puro, inocente, “sua blancura de nieve immaculada, sus flores asexuada, sin estambres, lo hicieron elegir como símbolo de la pureza, y más especialmente de la virgindad de María a quien san Bernardo llama “inviolabile castitatis lilium” (RÉAU, 2000, p. 192). O significado do lírio na iconografia cristã, representado aos pés de Benigna, tende a atestar a ideia de castidade vivida por ela. A ideia que se pretende transmitir é que ela “preferiu” morrer para não pecar contra a castidade.

Observa-se uma luz ao redor do corpo de Benigna, representando assim a aureola ou halo, simbolizando a pertença a Deus, seu elo com o sagrado. A bíblia é um importante elemento, pois “representa, portanto, uma mensagem divina, que está associada à forma como o santo pregava a sua doutrina durante as suas missões” (QUINTAS, 2011, p. 35). Neste aspecto, pretende-se enfatizar como Benigna exercia sua vida cristã, sobretudo, associando ao primeiro presente que ela ganhou do padre Cristiano Coelho: uma bíblia. O terço, em suas mãos,

⁸¹ Entrevista realizada com Sandro Cidrão, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 23 de outubro de 2022.

um símbolo da fé cristã e uma maneira de ligação entre o homem a Deus, sendo um símbolo que representa a devoção.

Diante essa imagem analisada, percebemos que os símbolos fazem referência à construção de sua história, enquanto santa. Posto isso, nota-se que existe uma teia de significados que vai sendo construída ao longo do tempo, cujo objetivo é produzir a santidade de Benigna, através dos diversos elementos que perpassaram sua vida. Os sujeitos que observam essas imagens vão se apropriando desses elementos, conferindo significados e produzindo sentido sobre eles, “são estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras, graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço passa a ser decifrado” (CHARTIER, 2002, p. 16-17). Essas percepções do real são compartilhadas entre os grupos de uma determinada sociedade e apropriadas a partir de uma construção, cujo objetivo é normatizar não apenas a vida de Benigna, mas daqueles que a seguem.

Em vista disso, outro aspecto relevante que consta em boa parte das imagens é a importância atribuída ao pote, símbolo este presente nas narrativas dos devotos e de pessoas que a conheceram. Também exibido em exposições, apresentações sobre a vida de Benigna, monumentos e até lembrancinhas. Esse elemento representa a construção de uma vida pobre que ela levava. Assim como a concepção de boa dona de casa, independe de sua pouca idade, mas que é constantemente exaltada e enfatizada por membros eclesiásticos.

Ressalta-se os traços físicos retratados na imagem. A simplicidade da veste, o cabelo sem cortes delimitados e nenhum tipo de adereço, conforme as concepções católicas em que atestam: “quero que as mulheres se apresentem em trajes honestos, decentes e modestos. Que os seus enfeites não consistam em tranças, em joias de ouro, nem em vestes luxuosas” – 1 tim. 2: 9).

As formas do corpo não são destacadas, pois seu vestido abaixo do joelho corrobora com os relatos orais e eclesiásticos de que ela não gostava de usar roupas curtas. Para a instituição católica, o uso de roupas curtas, pele à mostra e adornos no corpo representam luxúria e sensualidade. A imagem de Benigna é um dos atributos que a tornam santa. Ela possuía uma conduta digna de honradez, “sobre uma plataforma de valores que privilegiavam o recato, o pudor, a honestidade e os bons costumes” (ARAUJO, 2000, p. 17-18).

Essa imagem teve maior aceitação por parte da Igreja por demonstrar as características de um ideal feminino apoiada em sua história. Logo, essa é a imagem mais difundida, em redes sociais, na biografia oficial e também em quadros que são vendidos.

Outra imagem semelhante foi exposta na entrada da cidade como uma forma de atrair a atenção das pessoas que chegam para visitar e conhecer. Ao contrário da imagem exibida na Igreja, esta é uma estátua, onde os devotos que a visitam, na maioria dos casos, fotografam, acendem algumas velas e fazem suas orações. Até então, esse é o primeiro monumento de Benigna.

Figura 13 - Estátua que se encontra na entrada da cidade



Fonte: Registro da autora (2021).

Como podemos observar, os símbolos anteriormente citados serviram como base na construção desse monumento: a permanência do semblante de criança, o pote, o vestido vermelho com bolinhas, nos fazem perceber que “do mesmo modo que a representação presentifica uma ausência do real, ela manifesta a sua própria presença como uma imagem. Trata-se de uma construção a partir do real e que comporta o simbólico” (GRASSI, 2015, p. 4). Compreende-se que existe a construção simbólica das imagens de uma figura feminina santificada e a aceitação ou não dessas imagens partem, sobretudo, da produção de sentidos, em que as pessoas atribuem a esses símbolos em determinado tempo e sociedade.

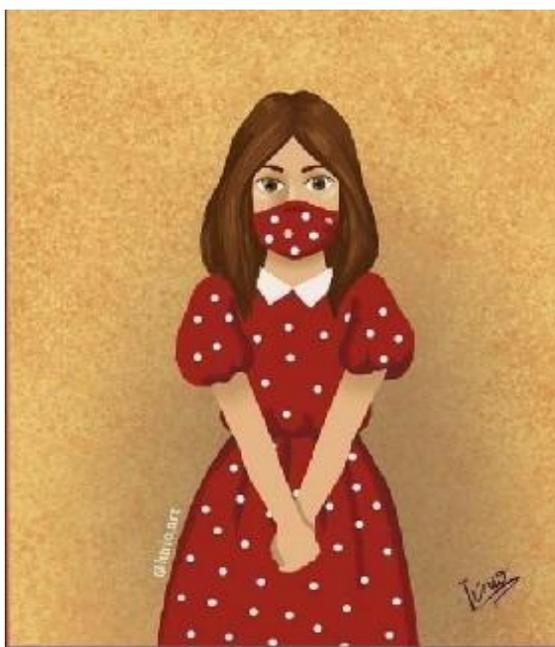
Não se representa apenas a imagem de Benigna, mostra-se um modelo ideal a ser seguido. Essas representações “seriam os sentidos que os indivíduos e os grupos conferem ao mundo, gerando condutas e práticas sociais” (GRASSI, 2015, p. 3). À medida em que a imagem

de Benigna é construída e aceita socialmente, os devotos e pessoas que a seguem, mudam suas condutas, acreditando ser aquele estilo uma forma de chegar a santidade e, concomitantemente produzem práticas sociais, por isso o aumento constante de romeiros que vão para a peregrinação com a representação de seu vestido.

Entendemos essa vestimenta como elemento da cultura e também parte das representações sociais. Ela destaca um comportamento social esperado, sobretudo, da mulher, uma vez que são modelos femininos veiculados pela Igreja, partindo do pressuposto de que as imagens mais aceitas e divulgadas a respeito de Benigna cumprem um determinado papel de enquadrar as mulheres nos princípios cristãos e são aceitos passivamente por esta. Nota-se que “existe uma grelha que tende a fixar imagens protótipos, isto é, modelos e padrões que balizam a sua visão das mulheres e que lhes são apresentados como ideais dos quais elas se devem aproximar” (TOLDY, 1998, p. 27).

O poder de persuasão presente na construção dessas imagens é extenso. Daremos destaque a outra que foi elaborada em 2020, durante o pico da pandemia do novo coronavírus. Observamos que o intuito principal foi de conscientizar as pessoas ao uso de máscaras, como podemos observar na Figura 14:

Figura 14 - Desenho feito na época da pandemia



Fonte: Instagram oficial da Beata Benigna Cardoso da Silva (2020).

Essa imagem foi divulgada nas redes sociais oficiais da beata Benigna, tanto no *instagram* quanto no *facebook*. Considerando que o ano de 2020 ocorreu a romaria virtual, essa imagem contribuiu para que os devotos, de certa forma, fossem se familiarizando com esse formato remoto da manifestação do sagrado. Observamos que os elementos vão alterando-se a depender das necessidades, do momento e das informações que a imagem quer transmitir.

A última imagem, então divulgada pela Igreja, é imbuída de significados e foi construída por ocasião do processo de beatificação. Esta foi feita a partir de um conjunto de elementos simbólicos que identificavam Benigna tanto como beata, quanto como pertencente a região cariense. A reconstrução facial de Benigna foi desenvolvida pelo designer Cícero Moraes, este, especializado em reconstrução facial forense. Ele construiu a imagem a partir do cruzamento das informações dos rostos de familiares de Benigna, assim como relatos orais de pessoas que a conheceram.

A divulgação da imagem oficial juntamente com a divulgação do projeto da estátua de Benigna que fora construída no distrito de Inhumas, ocorreu no dia 24 de agosto de 2022. Em uma coletiva de imprensa em que participavam bispos, padres, membros do Poder Público e familiares de Benigna, entre outras pessoas presentes. Como podemos observar na Figura 15, foram adicionados mais elementos e símbolos do catolicismo oficial em ambas as representações, uma vez que elas serão os modelos oficiais a partir de então.

Figura 15 - Imagem oficial de Benigna



Fonte: Instagram oficial da Beata Benigna Cardoso da Silva (2022).

Analisando, de início, a primeira gravura, notamos que o olhar se volta para o horizonte, simbolizando a firmeza na fé, o lírio e a palma, remetendo a pureza, castidade e a vida dedicada a Deus que a Igreja que Benigna seguiu. O vestido vermelho, nessa imagem já vem representando o sangue que foi derramado no dia de seu assassinato, e, as bolinhas brancas, simbolizam a santidade. Os cabelos castanhos e médios fazem parte das características destacadas através de relatos orais de pessoas que a conheceram. Já os traços do rosto, partem das imagens dos rostos de irmãos de Benigna que serviram como base para essa construção.

Para além disso, percebe-se que, existe uma “harmonização estética” que foi incluída na construção dessa imagem. A reconstrução facial de Benigna, apesar de ter sido construída com base nos dados faciais de parentes consanguíneos da jovem, conserva características de santas já canonizadas como Maria Goretti e Santa Luízia. Dessa forma, podemos notar várias semelhanças: desde o formato do rosto até as ondulações dos cabelos.

No que se refere ao projeto das estátuas, ao analisarmos de maneira mais minuciosa, identifica-se algumas diferenças em relação ao que apresentamos anteriormente e que encontra-se na entrada da cidade. Nesta “oficial” em questão, nota-se o olhar para o horizonte: o vestido, o lírio e palma então já explicadas. Contudo, observamos que, aos pés, foi colocado o pote, a mão esquerda no peito, indicando a vida interior e a sandália simples, indicando a simplicidade de sua vida e de seu coração. As formações rochosas de calcário laminado, representa o local em que Benigna viveu, e por fim, o braço direito para o alto apontando com o indicador representando a frase bíblica “buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus” Colossenses 3:1-3.

Figura 16 - Projeto oficial da estátua de Benigna



Fonte: Instagram oficial da Beata Benigna Cardoso da Silva (2022).

Os símbolos presentes em todas as imagens são úteis na reprodução do sentimento religioso. As representações de Benigna produzidas por diversos artistas, apresentadas nesse tópico, demonstram uma tipificação do feminino e um tipo ideal, não apenas de santa, mas de jovem. Assim, esta instituição atua:

Fornecendo um discurso povoado de imagens justificadoras – mas apresentadas como naturais e de origem divina -, o Cristianismo disponibiliza às mulheres modelos de representação que estas têm tendência a aceitar passivamente como naturais e não como histórica e socialmente construídos. (RIBEIRO, 2000, p. 2).

A virgindade e a castidade são destacadas através dos símbolos e corroboram com os discursos normatizantes da Igreja. Sendo assim, uma qualidade imprescindível para o sexo feminino, é nesse caso a virgindade, não se referindo apenas a abstinência sexual, mas pureza na alma e nos pensamentos.

A imagem de Benigna foi construída e projetada a partir dos mandamentos da Igreja. Sendo baseada em símbolos e conceitos, como a virtude, a castidade e o amor a Deus, que, muitas vezes, aparecem de forma implícita. Porém, mesmo indiretamente essas imagens transmitem uma mensagem em que associa Benigna a um conjunto de referências, baseadas no universo feminino. Instituinto sobretudo, normas de como as mulheres devem ser e agir. Assim:

A arte tem reflectido os modelos cristãos da mulher e contribuído para a difusão destas imagens tipificadas. Para além da exegese bíblica, dos documentos oficiais da Igreja e de uma multiplicidade de outros discursos que se vão disseminando, as características e os traços atribuídos a Eva e Maria encontram também eco na pintura, talvez de forma menos explícita, mas com grande eficácia ao nível da inculcação de modelos e padrões do feminino. (RIBEIRO, 2000, p. 2).

A arte sacra, contribui na difusão dessas imagens que conseguem externar modelos e padrões de mulheres fundamentados nos mandamentos da Igreja. Emitindo, assim, valores, regras, normas de comportamentos e enquadrando-as, a partir de simbologias, em dois modelos: Maria, sinônimo de amor, bondade, virgindade e pureza; e Eva, modelo de desobediência e pecado. No caso de Benigna, notamos o estabelecimento de sua vida como representante ideal não apenas dos desígnios de Deus, mas servidora fiel de Maria. Essa ideia é apresentada através das narrativas orais e atestada por meio dos objetos que ela porta nas imagens. Desta forma, “a arte, em geral, e a pintura, em particular, funcionam frequentemente como veículos de emissão de valores, quer políticos e sociais, quer religiosos” (RIBEIRO, 2000, p. 2).

A partir do que foi exposto, notamos que a imagem física de Benigna que, ganhou repercussão e foi considerada como oficial, parte do que a Igreja estabeleceu como ideal católico, expondo em Igrejas, livros e outros locais públicos. As demais representadas anteriormente não ganharam tanto respaldo por se tratarem de imagens que não demonstrarem sacralidade em seus traços ou símbolos inseridos.

Independente de todas essas mudanças ao longo dos anos na imagem de Benigna, o intuito principal foi: retratar um modelo ideal e propagador dos costumes cristãos. E nesse aspecto, considera-se que, a mídia ganha um papel fundamental: o de divulgar os principais eventos voltados para a devoção à Benigna e, sobretudo, essa imagem que é passada a seu respeito. Visto isso, no próximo capítulo, abordaremos, de maneira mais enfática, o papel da mídia e redes sociais nessa manifestação religiosa, sobretudo nos eventos direcionados a cerimônia de beatificação.

4 DA BEATIFICAÇÃO AO ALTAR: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA E DO PODER PÚBLICO NO PROCESSO DE DIVULGAÇÃO, INCENTIVO E VISIBILIDADE À DEVOÇÃO

Abrir as portas das igrejas significa também abri-las ao ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos (Papa Francisco)⁸²

Com o passar dos anos, nota-se que a cada romaria em homenagem à Benigna, as mídias e redes sociais estão sendo inseridas de maneira incisiva nessa devoção, assumindo um papel de extrema importância na divulgação e visibilidade do culto. Com a pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19), observamos o destaque e a importância atribuída a esses meios digitais como uma forma de manter oromeiro, mesmo que distante, em comunhão com Benigna e seus festejos. A partir de então, as notícias relacionadas as romarias, missas e beatificação, foram ainda mais inseridas no mundo digital. Sendo divulgadas e transmitidas através do *instagram*, *facebook*, blog e lives para aqueles que, de alguma forma não poderiam participar.

À medida que a devoção à Benigna se tornava mais visível por conta desses meios, o Poder Público cumpria um papel importante nesse processo, elaborando projetos de incentivos a devoção, revitalizando e construindo novos espaços sagrados e de apoio ao romeiro. E, em parceria com a paróquia local, a cidade de Santana foi se transformando para que a beatificação pudesse ocorrer, da melhor forma possível. Diante disso, este capítulo versa a respeito da importância do Poder Público e das redes sociais no processo de construção da santidade de Benigna. Sem deixar de enfatizar, sobretudo, a relevância do povo e da fé popular em Benigna, o que culminou na beatificação e na constituição das romarias na atualidade.

4.1 As redes sociais e sua importância na divulgação e visibilidade do culto à Benigna

O romeiro é a peça fundamental no processo de beatificação e construção da imagem de Benigna enquanto santa. Por influência deles, a santificação popular da jovem ocorreu em 1941, mesmo que esta não tivesse recebido tal título pela Igreja Católica. Não obstante, à

⁸²Mensagem do Papa Francisco para o XLVIII dia mundial das comunicações sociais. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papafrancesco_20140124_m_essaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 out. 2022.

medida que mais pessoas conheçam a história e tornavam-se devotos, outras formas de divulgação, para além da tradição oral, foram sendo incorporadas. As mídias e redes sociais destacam-se. Sem a influência desses meios digitais, a difusão da história e devoção à Benigna dar-se-ia de forma lenta e gradual.

Esses meios conseguem reunir uma grande quantidade de pessoas no mesmo momento. Assim, a divulgação de alguns eventos ganha proporções absurdas, considerando a velocidade em que as informações são divulgadas e compartilhadas. Consequentemente, faz-se necessário analisar essa devoção, partindo da história pública, ou, pensando a relação entre o historiador, seu público e as fontes que este utiliza para investigar como o passado está sendo usado e ressignificado, a partir da web e mídias digitais. Jurandi Malerba (2017, p. 142) destaca que:

A história não mais se produz somente na academia, muito menos se veicula apenas por meio do livro impresso. As plataformas digitais subverteram as bases da produção e circulação das narrativas sobre o passado. Existe uma longa discussão, já antiga e mais técnica, sobre as potencialidades da internet para a prática historiográfica: como depósito de fontes ou ela mesma como fonte.

Analisar a internet e os meios digitais como fonte ainda requer um certo cuidado, por ser um caminho de vasta informação, no qual estas circulam em tempo real à medida que pesquisamos. Contudo, esse meio nos permite perceber como as pessoas se conectam, sentem, divulgam e contribuem para a compreensão do passado e da história, conforme participam dela. O pesquisador do tempo presente busca na internet uma forma de encontrar respostas para seus questionamentos. E entende que, a construção da história, ultrapassa os limites da academia. Além de podermos construí-la a partir de outras fontes e meios, dentre eles estão: as plataformas digitais, as redes sociais e os relatos presentes nesses.

Ainda concordamos com Malerba (2017, p. 144) quando ele destaca que: “o antigo status de historiadores como os produtores, e de ‘leigos’ como o público consumidor da história, é agora posto em questão. Esse é um aspecto central: mais e mais pessoas comuns estão usando tecnologias on-line para acionar o passado.” Os historiadores precisam acompanhar essas mudanças, pois o público agora interage, publica, comenta, questiona e participa das ressignificações do passado. O historiador não é o único produtor do saber histórico. Sendo assim, o passado e suas fontes estão à disposição, a qualquer momento para que as pessoas possam interpretar da maneira que acharem pertinente.

Não basta apenas divulgar o conhecimento dado e acabado. É necessário que se trabalhe em conjunto com o seu público, com essas pessoas comuns que fazem parte da história, trata-

se do que Malerba (2017) caracteriza como a democratização da produção histórica. É nesse bojo da história pública que resolvemos analisar as redes sociais e mídias digitais voltadas para a devoção à Benigna. Entendemos que, o devoto da atualidade tem como característica a interação nas redes e a participação efetiva nesta.

Através de comentários, publicações e divulgação em massa de eventos que se relacionam a Benigna, os devotos elaboram uma interpretação particular do passado e da vida da jovem. Torna-se essencial entendermos como as narrativas desse passado que se refere a ela vem sendo divulgada, testada e aceita socialmente.

Iniciaremos, enfatizado que posteriormente a primeira romaria⁸³, foram criadas duas importantes páginas em redes sociais com o intuito de divulgar a história e devoção à Benigna: o *facebook jovem Benigna* e o *instagram @meninaBenigna*. Estes deram uma nova roupagem as divulgações e alteraram a maneira como as pessoas viam a Igreja perante as mídias sociais da atualidade, considerando que:

A ideia de rede social começou a ser usada há cerca de um século para designar um conjunto complexo de relações entre membros de um sistema social a diferentes dimensões. A partir do século XXI, surgiram as redes sociais na internet, e, do ponto de vista sociológico, permanecem os mesmos conceitos. A revolução das mídias sociais aconteceu sem se derramar uma gota de sangue, diferentemente da revolução francesa. (TELLES, 2010, p. 7).

As redes sociais revolucionaram o modo de vida das pessoas, conectando internautas de diversas localidades, em questão de segundos, fazendo com que as notícias e o conhecimento cheguem a um número maior de pessoas. Essas redes contribuíram de forma significativa na devoção à Benigna em especial nesses últimos 5 anos. Como enfatiza o secretário de cultura, turismo e romarias e também um dos gerenciadores dessas redes sociais:

Benigna tem até Twitter, então assim né, as redes sociais têm sido um canal não só de hoje, desde o início de 2010 para cá a gente utiliza muito as redes sociais para divulgar Benigna e com crescimento com essa chancela da igreja do processo de beatificação isso cresceu muito. Então até hoje a gente sempre recebe cartas e-mails do exterior, principalmente de pessoas do mundo todo, acho que, é a gente estava respondendo esses dias das Filipinas um e-mail, procurando saber. Então além desse incentivo através das plataformas, é orientar aqueles que vêm presencialmente. É como ouvi agora na romaria né, as pessoas acabaram vindo também para que seja mantida as medidas de segurança os protocolos da OMS que possam fazer essa Romaria com segurança⁸⁴.

⁸³ Desconhecemos a data precisa que foram criadas as duas redes sociais oficiais de Benigna.

⁸⁴ Ysilon Félix *Ibidem*.

Graças a estas redes sociais, pessoas de outros países tem a possibilidade de conhecer melhor a história de Benigna e dispõem de uma maior facilidade para saber mais a respeito. Assim, para o narrador que também faz parte do Poder Público, o objetivo dessas redes, para além de divulgar a causa, é faz com que as pessoas possam ter o desejo de visitar pessoalmente a cidade de Santana do Cariri e participar das romarias de forma presencial.

Percebemos um maior engajamento por parte dos devotos nessas páginas em homenagem a jovem. Com o apoio dos padres e membros da Igreja, os administradores produzem conteúdos a respeito de Benigna e mantêm os seguidores informados acerca do que ocorre na paróquia.

Mesmo a instituição que mantém sua tradição arraigada, como é o caso da Igreja, com o passar dos anos, ela se adaptou a nova geração e as novas tecnologias. Cumprindo seu papel de evangelização também no meio *on-line*. E, aceitando, de forma considerável, esses usos das mídias sociais no culto. Todavia, observamos que essa não é apenas uma exceção da paróquia de Santana do Cariri. O próprio papa considera válido a vivência da experiência dessas relações:

Abrir as portas das igrejas significa também abri-las ao ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos. (FRANCISCO, 2014, p. 1).

O meio digital possibilita uma maior democratização de informações. O fato da Igreja ter essa abertura para esses meios, possibilita que seus ensinamentos alcancem mais cristãos para além do templo, da Igreja física, viabilizando, nas palavras do papa, ir ao encontro de todos.

Quando não havia essa inserção massiva das redes sociais, no que se refere a devoção à Benigna, as missas ocorridas no santuário e na Igreja de Santana ficavam restritas apenas para as pessoas que podiam participar de maneira presencial, excluindo grande parte de devotos que moravam distante ou que, por outros motivos, não podiam participar. Contudo, após a criação do *facebook*, *instagram* e o canal do *youtube*, a maioria dos eventos que ocorreram de maneira presencial foram também transmitidos ao vivo. Isso possibilitou que o fiel pudesse acompanhar de sua casa os momentos religiosos. A respeito disso, Azevedo e Ferreira (2018, p. 64) enfatizam que:

Hoje, a rede se constituiu em um espaço de compartilhamento ou, melhor dizendo, de “comunhão”, se admitirmos a linguagem comum do catolicismo para expressar essa rede de solidariedade e partilha que se supõe existir entre fiéis católicos. A rede também se constituiria em uma forma de estar, ainda que sem estar fisicamente. A

tecnologia permite essa “presença”, essa aproximação efetiva, embora mediada, que se torna cada vez mais comum na vida cotidiana.

Assim como a rede conecta pessoas de diversos lugares e com diversos intuitos, esta também se torna um espaço de comunhão e compartilhamento do sagrado, da fé e de uma causa comum. Os fiéis católicos, mesmo não se conhecendo pessoalmente, sentem entre si uma afinidade por conta da devoção pela Benigna, pois compartilham relatos de fé e graças alcançadas.

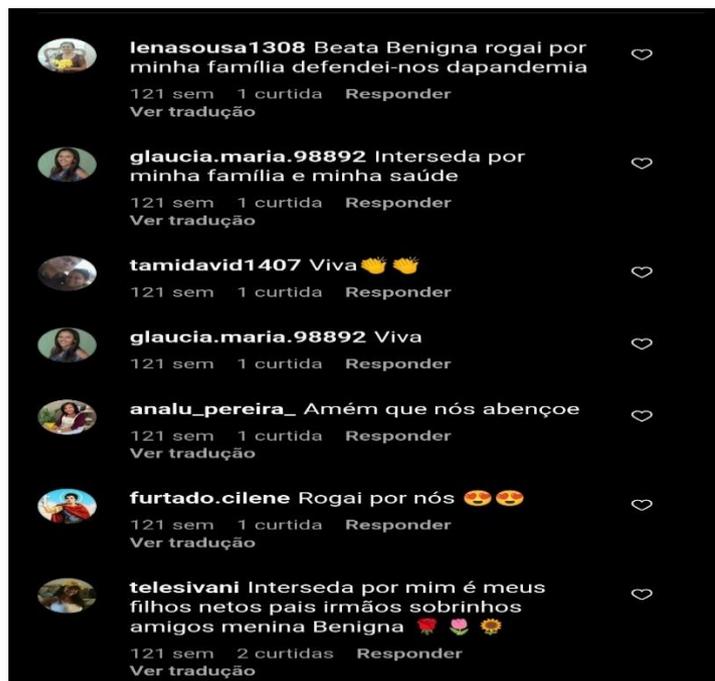
Uma das maneiras dos devotos externarem esse sentimento, na maioria dos casos, é relatando nessas redes sociais suas angústias e interagindo com os demais. Em comentários no *instagram*, notamos muitos casos de devotos manifestarem a devoção: fazendo pedidos, agradecendo, curtindo e compartilhando as postagens que são publicadas. Como podemos observar nas Figuras 17 e 18:

Figura 17 - Instagram oficial da Beata Benigna Cardoso da Silva



Fonte: Instagram oficial da Beata Benigna (2020).

Figura 18 - Comentários na página do instagram da Beata Benigna



Fonte: Instagram oficial da Beata Benigna (2020).

Vale ressaltar que, o ano dessas figuras, remetem justamente ao período de pico da pandemia do novo coronavírus. Assim, no dia 24 de outubro, foi postada essa publicação como forma de lembrar o dia do martírio. Podemos observar que, as pessoas pedem a intercessão de Benigna pela saúde, pelos filhos, familiares e pedem para que a jovem os livre da pandemia. Antes os pedidos eram feitos apenas em missas e em momentos de adoração. Já nos dias atuais podem ser externados através de comentários nessas redes sociais e, para esses devotos, Benigna os escuta da mesma forma, sem distinguir o meio pelo qual eles fazem essas preces.

As redes sociais além de aproximar o devoto, possibilitam que a devoção ganhe mais adeptos, por ser uma maneira de difundir ainda mais o discurso religioso. Concordamos, em partes, com Spadaro (2016, p. 10) quando destaca que “o homem tecnológico é igualmente o homem espiritual. [...] Eis, portanto, o ponto-chave, a ligação inegável, profunda e radical entre tecnologia e espiritualidade.” O homem tecnológico, não necessariamente precisa ser igualmente espiritual, contudo, quando espiritual, nada impede que ele se expresse através da tecnologia: sua fé. O devoto pode externar sua fé em Benigna através do contato direto no dia da romaria, assistindo a missa presencial ou através dessa interligação pelas redes sociais.

A expressão religiosa e a interação podem vir em forma de testemunho escrito para o público que visita a página, por meio de comentários em publicações ou até mesmo em forma de compartilhamentos do que é exibido. O fato de ser por uma rede social, não os tornam menos

ou mais devotos. Para eles, o indispensável é a participação, sentir-se presente independente do meio pelo qual façam isso.

No que se refere a página do *instagram*, ao analisarmos algumas características do que são postados nesta rede, notamos que as publicações são mais voltadas para o público jovem. As postagens são mais leves, menos formais, legendas curtas e explicativas. Há um discurso religioso adaptado, com foco midiático, com mais visualidade, mais coloquialidade e menos aprofundamento (BORELLI, 2010). Existe também um certo incentivo para que esses seguidores divulguem o que é postado nos *storys*⁸⁵, dando mais ênfase as postagens da Igreja. As ferramentas do *instagram* também possibilitam a interação de maneira mais descontraída para quem visita o perfil. Com o passar dos anos, essa página vem ganhando mais visibilidade e seguidores, chegando agora em 2023 a marca dos 38,5 mil seguidores. Diante disso, nota-se que:

O ambiente virtual tornou-se tão sedutor que nem mesmo a Igreja Católica escapou ilesa a este processo de virtualização de seus ambientes que antes existiam no espaço físico das igrejas e agora vivem também a partir de um domínio exclusivo na Internet. Agora o endereço da igreja é também digital. (SILVA, 2015, p. 58).

O ambiente virtual tornou-se extremamente importante nesse processo de difusão dos dogmas da Igreja. Já os espaços físicos, correspondem a mais um mecanismo de compartilhamento das ideias religiosas, agregando-se a esses ambientes, as mídias digitais. À vista disso, apontamos que nenhuma rede social é neutra. Nos casos das que são voltadas para a divulgação da história e devoção à Benigna, observamos que as publicações apresentam interesses distintos. Dentre eles: incentivar os devotos a participarem das romarias, divulgar a causa para outras pessoas, transmitir uma ideia de verdade incontestável a respeito do que é exposto da vida da jovem. Todos esses elementos são pensados previamente de maneira que as postagens possam contemplar os interesses ali imbuídos.

À medida que as redes sociais possibilitam a aproximação com o fiel, elas também alienam, pois nesses meios oficiais, nos casos do *facebook* e *instagram*, destinados à devoção à Benigna, é transmitido/publicado apenas um determinado ponto de vista, a respeito da sua história. E, notamos que esses discursos estão moldados de acordo com o que a Igreja Católica prega: o ideal de perfeição cristã, o martírio, o exemplo aos jovens, o modelo de mulher que seguiu os ensinamentos da Igreja e foi santificada popularmente. Esses são os principais temas

⁸⁵ Ferramenta do *instagram* pela qual possibilita que a postagem tenha uma maior visibilidade e alcance.

que norteiam essas publicações, e possuem como principal intuito convencer o devoto e, também, aqueles que ainda não tem conhecimento da história.

Neste entendimento, concordamos com Silva (2015, p. 62), quando destaca que “as religiões costumam utilizar a Internet como mídia difusora de suas doutrinas, mensagens, imagens, áudios e vídeos e assim aumentar sua área de influência, de controle e poder, vista pelos usuários como manifestação informativa.” Através dessa ideia informativa que a internet revela, existem interesses que visam o controle e o poder através de discursos imagéticos e audiovisuais. Consequentemente, as redes sociais por terem bastante seguidores, tendem a influenciar a vida das pessoas que acompanham e absorvem as informações a respeito de Benigna.

Da mesma maneira, quando se trata de assuntos relacionados à devoção, observamos poucas diferenças nos discursos das duas redes sociais anteriormente citadas (facebook e *instagram*). Temos a impressão de que as legendas são apenas copiadas e coladas de uma para outra. As narrativas pouco se modificam e é dado ênfase na vida e história memorável de Benigna que a igreja insiste em divulgar. O eixo martírio e santidade sempre estão presentes, tanto nas narrativas dos devotos quanto nas publicações das redes sociais.

Levando em consideração a característica comum da mídia e da religião de atrair a atenção das pessoas em prol de uma determinada causa, o assunto exibido nas páginas em homenagem à Benigna, já vem com essa intencionalidade. Logo, observamos que os assuntos voltados a jovem e que são postados nas redes sociais tem como principal intuito convencer o internauta da importância da devoção na vida das pessoas e do quanto o testemunho da fé pode transformar. O devoto, geralmente, é leigo. Sendo assim, normalmente é atraído através de convites e solicitações para assistir as lives de missas e vivenciar o momento de fé.

Nessa conjuntura, a partir de 2019, sobretudo, após a pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19), essas mídias sociais ganharam ainda mais destaque, pois exerceram o papel de manter o devoto conectado mesmo que em meio ao isolamento social. A percepção dos devotos a respeito da manifestação do sagrado foi alterando-se de acordo com as necessidades. Conforme a pandemia obrigou as pessoas a viverem nesse modelo de sociedade isolada, a internet tornou-se uma alternativa de estar presente mesmo que de forma virtual, nos festejos e em momentos de adoração, diante disso “as pessoas passam a encontrar uma oferta do sagrado não apenas nas igrejas de pedra, nos padres de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponibilizada, midiaticamente, na internet” (SBARDELOTTO, 2012, p. 372).

A participação nesses eventos virtuais possibilitava uma grande quantidade de interação e participação. Esses meios sociais se intensificaram ao longo dos anos, de acordo com, as novas regras de isolamento.

Em 2020, no auge da pandemia, a romaria de Benigna ocorreu de maneira virtual, uma inovação até então pois constituiu uma forma peculiar de manter as atividades. Diante uma publicação na página da Diocese, postada alguns dias antes, do início da romaria virtual, podemos perceber que esse foi um meio pelo qual a Igreja encontrou de não suspender os festejos e manter o devoto ativo, mesmo distante e em meio a um momento delicado:

A Paróquia de Senhora Sant'Ana, em Santana do Cariri, realizará a Romaria de Benigna Cardoso de forma virtual. A decisão leva em conta a atual situação de pandemia em que vive o Estado do Ceará e, particularmente, a região do Cariri. A data, no entanto, permanece a mesma: de 15 a 24 de outubro.⁸⁶

Essa mensagem exposta no site oficial da Diocese, foi divulgada também em outros meios, como jornais e blogs. Além disso, também foi elaborado um cartaz especificamente para essa romaria sendo postado e divulgado em todas as redes sociais. Como podemos notar na Figura 19:

Figura 19 - Arte de divulgação da Romaria de 2020



Fonte: Instagram oficial da Beata Benigna (2020).

⁸⁶DIOCESE DE CRATO. Romaria de Benigna Cardoso, em Santana do Cariri-CE, será virtual. 2020. Disponível em: <https://diocesedecrato.org/romaria-de-benigna-cardoso-em-santana-do-cariri-ce-sera-virtual/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Nesse post oficial de divulgação da romaria de 2020, podemos notar as páginas em que o evento foi transmitido ao vivo. Para além disso, no próprio cartaz já encontramos a ênfase na “romaria virtual”, indicando que todos os eventos iriam ocorrer de maneira remota. Constatamos que esse post segue o modelo de outros elaborados em romarias anteriores. Estes eram propagados com aspectos padrão, cores fortes e geralmente vermelho com branco, representando a cor da roupa que Benigna usava no dia de seu assassinato.

Ainda vale ressaltar que, as legendas são chamativas, fazendo com que não apenas o devoto, mas aqueles que nunca participaram, sintam-se instigados a acessar as lives e links de transmissão que se encontram presentes no cartaz. Diante desse avanço das redes sociais e da visibilidade da devoção à Benigna, expresso nesses meios, ousamos dizer que estamos discorrendo a respeito de uma “Benigna digital”, dentre todas as outras “Benignas” que já foram expostas nesse trabalho. Dentre elas, podemos citar: a da Igreja, a do devoto, e, agora a Benigna que é representada e construída nas redes sociais.

A pandemia possibilitou ainda mais a ascensão da história da beata na era digital. Vimos a Benigna na perspectiva dos devotos que, a santificaram em 1941, através dos discursos de santidade e martírio externados pela Igreja Católica, através das imagens e do que elas transmitiam, por exemplo, uma ideia de honra, santidade e castidade. E agora, observamos essa Benigna para além do físico, a Benigna e sua devoção nas redes sociais, externada a partir de relatos de fé, de pedidos em tempo real, através de lives, de publicações e compartilhamentos.

Ressaltamos que esse campo, assim como os outros, estão imbuídos de disputas e interesses, e sobretudo, de um discurso normatizador por parte dos administradores que fazem parte da Igreja. O tema da romaria virtual, como vimos anteriormente, já se torna sugestivo no que se refere a esse discurso que estabelece normas e condutas femininas por parte da Igreja. O testemunho do padre Paulo Lemos, responsável pela paróquia à época, reafirma:

Esse tema deve motivar os fiéis devotos de Benigna a viverem intensamente a romaria, como um período de espiritualidade no testemunho das virtudes da Heroína da Castidade, como modelo de cristã que bem vivenciou a experiência de Igreja doméstica, junto à sua família. Ao mesmo tempo, a temática também nos motiva para a beatificação⁸⁷.

Esse discurso serve para endossar a construção da santidade de Benigna que, é exposta nas redes sociais e para enfatizar o modelo de jovem/mulher que a Igreja divulga. Aquela que

⁸⁷ DIOCESE DE CRATO. Romaria de Benigna Cardoso, em Santana do Cariri-CE, será virtual. 2020. Disponível em: <https://diocesedecrato.org/romaria-de-benigna-cardoso-em-santana-do-cariri-ce-sera-virtual/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

participa dos festejos da Igreja, que cuida do lar, e que se destaca por sua santidade ter se manifestado em todas as instâncias da sua vida. Os romeiros absorvem esses discursos de maneira implícita e reproduzem em comentários.

Como podemos notar na Figura 20, em meio aos demais comentários, destacaremos dois em que os devotos expressam: “que o modelo da menina Benigna nos leve a ser pessoas amantes de Deus e a nós mesmos” e “que os jovens sigam o exemplo da venerável Benigna”⁸⁸. Nesses dois comentários os devotos corroboram com a ideia expressa pela Igreja de que as pessoas devem seguir seu exemplo, sobretudo, os jovens. Da mesma forma que, de maneira não intencional, notamos que, além de absorver esses discursos, esses meios sociais servem para que os devotos os reproduzam.

Figura 20 - Chat ao vivo da transmissão da Romaria de Benigna 2020



Fonte: Canal do youtube da Paróquia Senhora Sant’Ana (2020).

Ressaltamos ainda que, essa imagem se trata dos comentários em uma live da missa ocorrida no dia 24 de outubro de 2020, dentro da programação da romaria virtual. Podemos encontrar o registro desse momento na página oficial da paróquia de Santana do Cariri no

⁸⁸ ROMARIA DE BENIGNA. Paróquia Senhora Sant’Ana. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_P5Tk9qwc6g&t=7107s. Acesso em: 01 ago. 2023.

youtube. Assim como, na página da Diocese local. Nesta mesma ocasião, o bispo da Diocese, Dom Gilberto Pastana, fez um apelo para que as pessoas divulgassem os eventos da romaria virtual:

Estamos vivendo em um tempo em que agora nós não devemos informar onde fica a casa, a Igreja, mas devemos informar como acessar aquela rede ou aquela página da comunidade paroquial. É importante que vocês saibam, por exemplo, o endereço. Agora, vocês podem chegar em casa, pôr esse endereço no youtube e reviver esse momento. (DOM GILBERTO, 2020, informação verbal)⁸⁹.

Diante desse pronunciamento, atribuímos o crescente número de romeiros que participaram dessa romaria virtual de Benigna, à influência e incentivo por parte de membros eclesiais. Assim como, aos meios de comunicação e divulgação massiva dos devotos que proporcionaram e proporcionam maior visibilidade a essa manifestação. Não podemos deixar de levar em conta, a significativa contribuição dos devotos que já haviam participado dos festejos de maneira presencial, estes compartilhavam suas experiências com os demais. Além de, despertar neles a curiosidade para a participação e vivência daquele momento de maneira totalmente nova e diferente das que já haviam ocorrido.

Notamos a contribuição fundamental dos padres nessa romaria virtual. Estes faziam questão de postar vídeos constantemente nas páginas do *facebook*, do *instagram*, dos blogs e jornais. Assim, a romaria de 2020 ocorreu totalmente de maneira virtual, e contribuiu para dar uma maior visibilidade a cidade em que a devoção está inserida.

Esse processo de virtualização foi tão ativo durante esses anos da pandemia que, em 2021, ocorreu um dos primeiros eventos “híbridos⁹⁰”, intitulada como “Missa das relíquias”, sendo um dos momentos mais marcantes na programação da romaria de Benigna em 2021. Para melhor contextualizar, definiremos relíquia a partir de Guimarães (2012, p. 57), quando este destaca que:

Conforme a doutrina cristã, o corpo deixado na terra pela alma quando dele se separa e que são chamados de restos mortais, adquire a denominação de relíquia, do latim *reliquiae*, depois que a Igreja inclui seu nome na lista dos santos. Portanto, relíquia de um santo é o que dele resta depois de sua morte. A designação de relíquias não só define todo o corpo de um santo, como a todas as partes desse corpo por menores que sejam, contanto que possam ser vistas. Assim, a cabeça, os membros superiores e inferiores, os ossos, a carne, os dentes, as unhas, os cabelos, as cinzas e ainda o pó proveniente do que se reduziu parte de seu corpo, são também relíquias. Em sentido menos estrito, ainda são denominados de relíquias, os objetos que pertenceram aos

⁸⁹ PARÓQUIA SENHORA SANT’ANA. Romaria de Benigna – Santa Missa Solene direto da Matriz de Sra. Sant’Ana. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_P5Tk9qwc6g. Acesso em: 05 ago. 2023.

⁹⁰ Os eventos híbridos tem como características reunir aspectos tanto de eventos presenciais quanto virtuais, estes tiveram mais destaque sobretudo durante a Pandemia do coronavírus.

santos, tais como: calçados, vestidos, lenços e móveis que usaram, inclusive seu cilício e os instrumentos de seu martírio, entre outros. Em sentido mais lato, chamam-se relíquias os diversos objetos que tocaram os restos mortais de um santo ou às suas relíquias e que foram colocadas em seu túmulo, como flores, velas, inclusive o caixão e a mortalha que envolveram seu corpo. Relíquias são, pois, objetos preciosos por seu valor afetivo e material.

Diante dessa ampla definição de relíquia, notamos que, para a Igreja e, sobretudo, para os devotos, são fragmentos de valor e simbolismo inestimável, uma vez que remete a algo que liga diretamente o mundo material ao sobrenatural, desde partes do corpo, a objetos que tocaram ou que fizeram parte da vida do santo (a). Contudo, para que ocorra esse culto público às relíquias, a Igreja tem que oficializar a canonização ou beatificação. Assim, a cerimônia que apresenta essas relíquias torna-se um evento pomposo e arraigado de rituais que envolvem: a preparação dos objetos, procissão, orações e distribuição para os devotos.

Levando em conta a importância desse evento, além de atestar a santidade de maneira institucional, ainda contribui para que a história e devoção ao santo (a) seja reconhecido (a) e propagado. Com isso, a missa de apresentação e distribuição das relíquias de Benigna caracterizou-se como um momento de extrema importância no processo de divulgação e construção da santidade, pois, representou mais uma fase no processo de sua beatificação. Tendo como principais meios de propagação: as redes sociais.

Daremos ênfase, a este momento, por se tratar de um processo cujo intuito principal foi propagar a vida e devoção à Benigna através de retalhos de tecidos que envolveram os ossos da jovem. Durante a preparação dos restos mortais para a beatificação, os tecidos que envolveram esses ossos foram cortados em pequenos retalhos para serem distribuídos para os devotos nessa missa. Padre Thiago, que participou desse processo, relata:

Na história da igreja, a igreja sempre escolhe, vamos assim dizer, alguns exemplos para que a gente possa olhar a vida dessa pessoa e buscar imitá-la. Os nossos amigos do céu. E Benigna eu a conheci já bem antes da abertura, ou melhor, da oficialização da beatificação. Por conta da história de causas no Brasil que eu procuro trabalhar e também conhecer. Quando saiu a data da beatificação que era para ter sido, mas foi adiada por conta da pandemia, eu entrei em contato e falei: tem esse trabalho da preparação de relíquias e no caso, se for necessário, estou à disposição para colaborar porque eu já preparo para algumas causas. E aí então, quando oficializou certinho, foi marcado e eu vim, eu vim em janeiro para fazer o tratamento dos Ossos, quando fizeram a primeira exumação retirando os restos mortais do cemitério não passou pela sessão de tratamento. Porque quando se faz a exumação de um candidato a santidade é preciso a preparação dos Ossos que se passam pela limpeza, se passa o produto químico para poder conservar para não estragar com o tempo. Então em janeiro eu vim, de 12 a 15 de janeiro para fazer todo esse procedimento. Primeira limpeza para tirar as impurezas, terra, tudo que tinha nos ossos, para deixar o osso limpo e depois aplicar o produto químico que é a base de formol para conservação e ao mesmo tempo ele limpa os ossos, deixa o osso limpo branquinho, bem branco mesmo, bem claro. **Após essa sessão de tratamento então**

se envolve os ossos em tecidos, e esses tecidos são abençoados e guardados para confecção das relíquias de terceiro grau, porque o tecido ele teve contato direto com o osso do candidato, no caso aqui de Benigna então, são preparados As Relíquias de terceiro grau para poder entregar para todas as pessoas que pediram, pedirem Graças e buscarem a sua intercessão, e também uma parte foi reservada para confecção de relíquias de primeiro grau. Os dois relicários primeiros foram da catedral, melhor da beatificação e o da catedral, o da beatificação com fragmento maior dos Ossos dela, para entrada durante a cerimônia em que a missa presidida pelo delegado do Papa na diocese. Ele vai oficializar dizendo que Benigna a partir daquele momento, daquele ato está escrita nos livros dos beatos, dos bem-aventurados, então se entra com esta relíquia que é o fragmento maior dos Ossos dela, depois é o Relicário da catedral, da igreja Catedral contendo um fragmento do osso e do vestido que ela usava em vida. Então são esses dois relicários que foram preparados de forma oficial, foram lacrados na cerimônia dia 21 agora de forma solene e guardados em uma urna que só será aberta para celebração de beatificação e uma outra parte que eu levei eu retirei foi para confecção das tencas, são pequenos relicários que serão destinados às Paróquias da diocese e também para todas as igrejas do Brasil que solicitarem. Essas relíquias dos Ossos são somente para veneração pública dos fiéis e com elas que acompanham certificado de autenticidade uma bula em latim declarando que aquele fragmento de osso realmente foi da beata Benigna da bem-aventurada Benigna. Essas relíquias elas só serão entregues após a celebração de beatificação [...]então é todo o procedimento canônico da igreja podemos assim dizer tanto a preparação quanto a entrega e a distribuição das relíquias porque a relíquia traz a presença física do próprio Santo (informação verbal, grifo nosso)⁹¹.

Partindo do relato do padre Thiago, notamos que a relíquia tem a função de trazer a presença física do santo e para isso, existe um longo processo canônico para que esta sejam expostas ao público. Por conta dessa importância dada a cerimônia, mesmo não podendo haver a participação de muitas pessoas, o evento contou com uma grande quantidade de devotos de forma presencial e virtual, pois essa era uma possibilidade de eles sentirem-se ainda mais próximo de Benigna.

Para Guimarães (2012, p. 53) “a importância do culto aos santos e a fé em suas relíquias e seus relicários remontam aos primórdios do cristianismo, que precisou, naquele momento, de uma representação que mostrasse o modelo de santidade cristã.” Podemos notar, no início da fala do padre, que ele ressalta, justamente, essa figura exemplar. A Igreja escolhe essas pessoas como exemplo para que outros possam imitá-los. Logo, essas relíquias simbolizam a escolha, o sacrifício e o pertencimento do santo a um modelo ideal de perfeição cristã aceito institucionalmente por esta instituição e pregado para que todos sigam.

Por este motivo, um dos momentos importantes da cerimônia foi a entronização de uma urna/relicário lacrado com selo de autenticidade para ser usado no dia da beatificação, no altar da Igreja, nessa urna estavam fragmentos dos ossos de Benigna. Antes disso, o secretário de cultura, turismo e romarias de Santana do Cariri entrou com esse relicário em meio a Igreja

⁹¹ Entrevista realizada com Padre Thiago, concedida a Tatiana Olegário da Silva, dia 24 de outubro de 2021.

lotada de devotos que tentavam tocar a urna para obter um pouco do místico e sagrado que exalava naquele lugar. Em uma demonstração de fé e adoração observamos que os romeiros também tocavam o portador desses objetos, expandido o sagrado também para a pessoa comum que ao carregar, tornava-se sagrado/místico demonstrando as mesmas emoções e aura de santidade.

Sobre a oportunidade de vivenciar esse momento e transportar a urna com os ossos de Benigna, Ypsilon Félix relata:

Essa oportunidade única de tocar ali naquele tecido de acompanhar a preparação dos ossos, a gente acaba vivenciando e imaginando tudo como aconteceu e tendo a oportunidade tocar nos restos mortais de Benigna, é uma sensação sem muitas explicações é um momento único (informação verbal)⁹².

Assim, para além de ser uma autoridade pública e engajado nos eventos da Igreja, notamos também que Ypsilon é um devoto de Benigna e essa experiência foi extremamente especial em sua vida, por conta do simbolismo que essa manifestação representou.

Percebemos que o devoto sente a sacralidade para além da urna contendo os ossos de Benigna, eles externam isso até para quem estava transportando, logo, o que para o devoto trata-se exclusivamente da fé, para a Igreja, esses momentos envolvem uma série de questões burocráticas e institucionais que tem por finalidade atestar a santidade. Sobre isso, Ypsilon Félix, que participou tanto das questões institucionais, quanto da condução das relíquias e sentiu de perto os devotos, relata:

As Relíquias na igreja é antiga essa tradição do culto né As Relíquias tanto de primeiro grau, segundo grau, terceiro grau que no final Todas têm o mesmo grau então o padre Thiago ele já trabalha com isso há muito tempo e aí ele veio aqui se interessou muito pela causa e foi autorizado novamente a retirada dos restos mortais, foi feito um trabalho de preparação de limpeza, de aplicação de um produto que é um produto químico manipulado que dá uma maior resistência e durabilidade desse material dos restos mortais e também é feita a partir dali a preparação das relíquias e terceiro grau que são distribuídas para as capelas para as paróquias e para as pessoas que querem ter uma devoção que no caso são fragmentos do tecido que é utilizado na preparação dos Ossos foi um momento assim muito emocionante por que não somente devido a pandemia mais o primeiro momento ele aconteceu de forma sigilosa pela diocese autorizou aconteceu a exumação de forma sigilosa e depois com, aí teve uma cerimônia inclusive a cerimônia ela foi totalmente gravada em HD inclusive esse material deve ser disponibilizado em breve que foi o dia da cerimônia que foi sepultada novamente depois que foi feita essa preparação dos restos mortais também aí acontece todo momento burocrático das chancelas das assinaturas datas dos carimbos tudo é carimbado e chancelado com a cera quente com os carimbos próprios adequados tudo seguindo o protocolo e a igreja manda e aí foi um momento assim único inesquecível (informação verbal)⁹³.

⁹² Entrevista realizada com Ypsilon Félix, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

⁹³ Entrevista realizada com Ypsilon Félix, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

Analisando o relato de Ypsilon, concordamos com Guimarães (2012, p. 59), quando destaca que: “deve-se ressaltar o domínio e a autoridade absoluta que a Igreja exerceu sobre os devotos, tomando para si e legitimando, com firmeza, o poder de proibir, confirmar, decidir, autorizar e legalizar qualquer ação ou atitude referente ao culto dos santos e a veneração a suas relíquias.” A Igreja que determina e legitima, a partir de suas burocracias, como devem ser veneradas essas relíquias, a partir de quando, nesse caso, após a beatificação, e como os devotos deveriam agir perante tal.

Para além disso, outros interesses estão imbuídos nesse ritual da missa: um deles é o fato de que quanto mais pessoas receberem a relíquia do tecido que envolveu os ossos de Benigna, maiores probabilidades de haver mais graças alcançadas através dela. Dessa forma, nos momentos difíceis os devotos irão atribuir a relíquia um elo de ligação entre eles e a mártir, fazendo com que estes sintam-se mais amparados e peçam graças, depositando sua fé na intercessora. Assim, após a beatificação, quanto mais milagres, através de Benigna forem comprovados, maiores as chances dela tornar-se santa oficialmente. Logo, quanto mais pessoas conhecerem a causa, melhor será para os futuros passos rumo a santidade oficial. A respeito disso Ypsilon ressaltou:

Após a beatificação, inicia-se canonização e a maioria das Graças de milagres quando vai para o processo de canonização sempre está atrelado, sempre não, na maioria dos casos, as pessoas testemunham um milagre alcançado por intermédio de uma relíquia, que na hora da aflição pediram ali a relíquia daquele determinado Santo e alcançaram a graça. E aí inicia-se o processo de perícia do Vaticano em relação aquele tipo de milagre, elas tem esse poder né, e também acaba sendo ali aquele objeto um grande intercessor (informação verbal).

Para que possa haver milagre, é necessário que se conheça a história. É preciso que a fama de santidade de Benigna ganhe o mundo e ultrapasse as fronteiras do país. Nesse intuito, as redes sociais vieram para complementar essas cerimônias e momentos de destaque na devoção. Notamos que o foco, tanto dos relatos, quanto das mídias, é o fato de Benigna ser um exemplo a ser seguido, alguém que os devotos possam imitar. A construção da santidade de Benigna independe do meio de divulgação ou relato, sempre perpassa por um eixo principal: o martírio e a santidade conferidos a jovem, pois são esses os pontos-chaves que a tornam tanto santa no meio popular, quanto na instituição da Igreja Católica.

E, atribuindo destaque as mídias sociais nesse processo, enfatiza-se a significativa relevância destes para a propagação da missa anteriormente citada. Como esse evento foi aberto ao público, a cerimônia ocorreu dentro da Igreja com um número reduzido de fiéis, e na parte externa havia uma grande quantidade de pessoas, as quais assistiram, através de um enorme telão que transmitia ao vivo para as pessoas presentes e para os internautas.

Percebe-se que existe esse domínio da internet também dentro da Igreja enquanto instituição física, pois esta precisou se adequar as mídias sociais, para que houvesse um maior contato com os devotos.

Embora a Igreja ainda permaneça tradicional em alguns aspectos, a abertura para a inserção das mídias: redes sociais, jornais e diversos meios de comunicação, que preguem os mandamentos por ela aceitos, possibilitou um contato mais próximo com o fiel, fazendo com que este sintasse parte da religião. Dessa maneira, ele estaria inserido na Igreja, de forma remota.

Esse ambiente digital sistematiza as informações a respeito do que a Igreja prega, alcançando um maior número de pessoas, para além dos templos oficiais. Diante disso, ressalta-se que, essa abertura para os meios de comunicação social, surgiu a partir do Concílio Vaticano II, com o decreto *Inter Mirífica*, neste, destacamos o capítulo I: A Igreja e os meios de comunicação social, em que evidencia:

A Igreja Católica, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para levar a salvação a todos os homens, e por isso mesmo obrigada a evangelizar, considera seu dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social, e ensina aos homens a usar rectamente estes meios. À Igreja, pois, compete o direito nativo de usar e de possuir toda a espécie destes meios, enquanto são necessários ou úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas; compete, porém, aos sagrados pastores o dever de instruir e de dirigir os fiéis de modo que estes, servindo-se dos ditos meios, alcancem a sua própria salvação e perfeição, assim como a de todo o género humano. Além disso, compete principalmente aos leigos vivificar com espírito humano e cristão estes meios, a fim de que correspondam à grande esperança do género humano e aos desígnios divinos⁹⁴.

O uso correto desses meios, de acordo com a *Inter Mirífica*, consiste em pregar a educação cristã e os ensinamentos divinos para as pessoas. Esse decreto, de certa forma, serviu também para que a instituição ganhasse seguidores, uma vez que houve uma maior aproximação com os fiéis, através de missas, orações e da difusão de informações em tempo real. Dessa forma, não havia a necessidade de que as pessoas se deslocassem para serem evangelizadas.

⁹⁴ A SANTA FÉ. Decreto Inter mirifica sobre os meios de comunicação social. Disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 01 ago. 2023.

Perante o exposto, as redes sociais em homenagem à Benigna possibilitaram, e ainda possibilitam, esse espaço, no qual os fiéis compartilham interesses comuns. Para aqueles que não podiam se deslocar por conta do isolamento social e na atualidade, para aqueles que, por motivos diversos não podem participar dos eventos relacionados a esta, assistir ao vivo via *youtube*, *instagram* e *facebook*, além de proporcionar alívio aos dias difíceis, era/é sinal de que mesmo distante, a fé está ativa e presente naquele momento de fé e oração.

Em consequência disso, esses momentos de interação, quando ocorridas nos anos de pico da pandemia, alcançavam um número muito alto de pessoas de diferentes regiões do país. Com o passar do tempo, após a flexibilização para locomoção e diminuição dos casos de pessoas infectadas pelo vírus, as redes sociais continuaram sendo uma forma de escape dos momentos difíceis para os devotos. Sendo uma alternativa para aqueles que queriam participar presencialmente, mas não podiam.

Assim, tanto o *instagram*, *facebook* e o *youtube* ganharam um considerável número de seguidores, e esses números aumentam a cada ano, sobretudo, após a beatificação que ocorreu de forma presencial, e que foi transmitida em todas as páginas oficiais dedicadas a Benigna. Vale ressaltar que, além da Igreja, o Poder Público local tem incentivado de forma incisiva o processo de divulgação e propagação da história da mártir, assim como a difusão da devoção. Trataremos a seguir sobre a importância do Poder Público no processo de divulgação e propagação da fé em Benigna.

4.2 Os olhos do mundo voltado para Santana: a importância do Poder Público no turismo religioso

Como já destacamos anteriormente, no que se refere a devoção à Benigna, notamos a construção de diversas “Benignas”, a da Igreja, a dos devotos, das mídias digitais e também existe a do Poder Público, pois, para além de uma expressão da fé, essa manifestação religiosa está imbuída de interesses e disputas. Após a Igreja apropriar-se dessa devoção, o Poder Público também começou a incentivá-la. Como destaca João Cabral, atual vice-prefeito, ao ser indagado de que forma essa instituição contribui na manifestação religiosa:

Dando a estrutura para as romarias, você sabe que as romarias vêm crescente, a última se calcula mais de 30 mil pessoas em período pandêmico, ainda antes da pandemia se calcula a 50 mil pessoas. O poder público entra na estrutura, de organizar as vias de acesso, sinalizar, colocar segurança, atendimento de saúde, disponibilizar palco e som

porque a Igreja Católica não tem esses objetos dentro do seu patrimônio. Tem que ser alocado pelo poder público (informação verbal)⁹⁵.

De início esse incentivo ocorria de forma mais pontual, apenas nos dias destinados as romarias. Contudo, com o passar dos anos, essa instituição vem colaborando de forma incisiva na divulgação, em projetos de lei, projetos de obras e infraestrutura para melhor atender os devotos, dentre outros aspectos. Visando, sobretudo, o turismo religioso e uma maior visibilidade para a cidade.

Ressaltamos que, entendemos por turismo religioso: “o conjunto de atividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a ambientes que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões” (ANDRADE, 2001, p. 77). Esse turismo religioso pode ocorrer tanto de forma individual quanto coletiva. No entanto, o intuito principal dos romeiros é vivenciar o sagrado.

Partindo disso, esse romeiro/devoto que se desloca de sua região para visitar Santana, é a figura principal que suscita interesse dos políticos e demais membros do Poder Público de Santana do Cariri. Diante disso, é através do fluxo dessas pessoas que a economia local poderá se desenvolver. Esse incentivo, por parte do Poder Público, teve início logo após a Igreja começar a divulgar as romarias. A respeito disso, João Paulo Cabral destaca:

Depois da primeira missa de Dom Fernando aqui em Santana para Benigna, a diocese voltou os olhos para essa manifestação espontânea da população e trouxe rigores da igreja católica para dentro dessa manifestação. Daí um maior envolvimento do poder público. Mas você sabe que qualquer investimento do poder público ou de iniciativa privada se justifica muito pela evidência, pela publicidade que se dá ao acontecimento. Existem vários processos de beatificação ou tentativas de colocar figuras locais como postulantes à Santos, mas os que tem uma grande publicidade é que tem essa tensão maior do poder público (informação verbal).

Nesse relato observamos o destaque que ele atribui aos rigores da Igreja Católica, ou seja, a institucionalização do culto, a publicidade e a exposição que foi evidenciada, após a Igreja apropriar-se da devoção. Isso explica o fato dessa manifestação religiosa por muito tempo ter tido pouca visibilidade, não apenas para a Igreja, como também para o Poder Público e para outras instituições de Santana do Cariri. Percebe-se que a prefeitura começou a apoiar a propagação da fé em Benigna, apenas quando notou que a Igreja, enquanto instituição, estava envolvida e queria levar adiante o processo que culminaria na beatificação. Desta maneira, os

⁹⁵ Entrevista realizada com João Paulo Cabral, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

impactos das romarias em homenagem a Benigna poderiam ser rentáveis financeiramente para a cidade através do turismo religioso e da visibilidade que esta proporcionaria.

Após a paróquia de Santana do Cariri iniciar o processo de divulgação da história e devoção, aumentou o número de romeiros que participavam das romarias a cada ano. Em consequência, houve a necessidade de buscar meios de deixar este dia mais receptivo para os devotos, sobretudo, no que concerne aos aspectos estruturais. Conforme as romarias ganhavam mais destaque, por exemplo, começamos a perceber o aumento de banheiros químicos em locais com maior concentração de devotos. Além de pontos mais espaçosos para estacionamentos, carro de som para acompanhar a peregrinação e, a cada ano, notávamos mudanças significativas na forma como a romaria se estruturava.

Observamos também que esse incentivo independia do partido político que estivesse no poder em Santana do Cariri, pois todas as gestões após 2011, enxergava nas romarias uma forma de beneficiar-se. Contudo, na gestão atual, a Igreja e a política estão intrinsecamente relacionadas, pois, o secretário de cultura, turismo e romarias, Ypsilon Félix, não só é um dos responsáveis por ter escrito a biografia de Benigna, como participa ativamente de todos os eventos voltados para a devoção, juntamente com o pároco.

Com João Paulo Cabral, atual vice-prefeito, também ocorre o mesmo. Este conduz caravanas de romeiros que visitam os lugares da memória que fazem parte da vida e morte de Benigna. Ele ajudou a escrever a biografia e participa em dias de romarias e outros festejos como animador da Igreja. Assim, “o religioso influi no espaço público e é também por este influenciado” em uma lógica de aceitabilidade mútua” (PROCÓPIO, 2008, p. 11).

A política e religião não estão desagregadas e, por isso, essa manifestação religiosa, acaba tornando-se campo propício para disputas de poder. Como enfatiza, João Paulo, ao ser indagado a respeito de qual sua relação com a Igreja:

Ainda faço parte né, eu sou um leigo engajado na igreja católica aqui no nosso município e participo das atividades que envolvem a beatificação como toda a vida da igreja. Nesse momento as ações do leigo é motivar e propagar a devoção de Benigna porque a beatificação ocorre na estrutura da diocese e do Vaticano, a nossa parte paroquiana já se encerrou porque agora é diocesana e como gestor do município que ocupa o cargo de vice-prefeito, incentivo a estrutura, buscar recursos para desenvolver e atrair a atenção dos investimentos para nosso município (informação verbal)⁹⁶.

Em seu relato, o narrador tanto aborda aspectos voltados para sua devoção, enquanto leigo e engajado na Igreja, como também enfatiza seu lado político no que se refere a buscar

⁹⁶ Entrevista realizada com João Paulo Cabral, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

meios que possam desenvolver o município e obter mais investimentos. Ressaltamos que João Paulo já está no Poder Público de Santana há muito tempo e uma das grandes obras que ele acompanhou foi a construção do corredor da fé Monsenhor Vitaliano Matioli.

Esta obra foi um pedido da população para pavimentar os dois quilômetros de estrada que ligam o bairro Inhumas a cidade de Santana do Cariri. Os devotos percorrem esse lugar todos os anos, nos dias da romaria, em procissão e louvando a Benigna. Eles fazem essa caminhada do distrito de Inhumas até a Igreja Matriz. Sobre o corredor da fé, em entrevista concedida no ano de 2019, João Paulo já relatava:

Os pedidos de investimento para local do martírio e para Inhumas que era distrito e agora é bairro pelo processo de urbanização, vem desde os governos anteriores. No governo de Camilo Santana o então Governador Cid Gomes já havia recebido baixo assinado da comunidade de Inhumas pedindo que se fizesse um corredor da Fé que hoje está em fase de conclusão que é o corredor monsenhor Vitaliano Matioli que liga a sede do município ao bairro de Inhumas⁹⁷.

A obra do corredor da fé teve início em 2013 com a gestão da prefeita Daniele Machado, juntamente com o deputado Arnon Bezerra e foi concluído em 2019. Sendo entregue pelo prefeito Pedro Henrique Lopes. Diante disso, foi considerado grande avanço para o município. O corredor da fé viabilizou o deslocamento não apenas dos devotos, como também dos moradores da região.

O Poder Público também tem contribuído na divulgação da devoção e da história de Benigna através de importantes projetos a nível municipal e estadual. São estes: a Lei nº 16.906, de 18 de junho de 2019, a qual afirma que: “fica instituída, no calendário oficial de eventos do Estado do Ceará, a romaria da menina Benigna no município de Santana do Cariri”⁹⁸. A inclusão da romaria de Benigna no calendário de eventos do estado do Ceará compreende do dia 15 a 24 de outubro. O dia 15 marca a data em que Benigna nasceu, e o dia 24, data de seu assassinato. Esses detalhes possibilitam maior importância, visibilidade e crescimento da romaria, além de demonstrar que esse evento saiu do nível municipal e ganhou importância nas instâncias estaduais.

Para além das ações voltadas a religiosidade, daremos ênfase a outros projetos que são de extrema importância para a sociedade, pois contribuem para um melhor entendimento a

⁹⁷ Entrevista realizada com João Paulo Cabral, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de novembro de 2019.

⁹⁸ CEARÁ. Assembleia Legislativa do estado do Ceará. 2019. Disponível em: <https://bela.ce.gov.br/index.php/legislacaodoceara/datascomemorativas/itemlist/tag/Romaria%20Menina%20Benigna>. Acesso em: 02 ago. 2023.

respeito da violência contra a mulher e alerta a população para tais crimes, a partir do ato infracional que Raul cometeu contra a jovem.

O primeiro projeto municipal trata a respeito da violência contra a mulher, tendo como exemplo a história de Benigna. A respeito disso, João Paulo Cabral relata: “Há uma lei municipal que trata de Benigna na questão do feminicídio, que inclusive coloca o dia 24 de outubro como o dia de combate ao feminicídio e isso é inserido dentro das disciplinas das grades curriculares” (informação verbal).

A nível municipal, mesmo que de forma secundária, observa-se que já existe essa preocupação de divulgar a história de Benigna, não apenas como exemplo de mulher santa aceita institucionalmente pela Igreja Católica, mas existe a ênfase em sua história de luta pela sobrevivência, partindo, sobretudo, do contexto da violência contra a mulher que ela sofreu. Por ter semelhança com casos de inúmeras mulheres que são vítimas de seus companheiros e admiradores, a história de Benigna, analisada por esse viés, possibilita essa identificação e possui muita aceitação, sobretudo, nas escolas em que esses temas são trabalhados com os jovens.

Com essa Lei, houve uma maior visibilidade para o crime e a violência que Benigna sofreu, pois as escolas começaram a trabalhar a temática através de debates em sala e projetos extra classe. Mesmo não sendo um tema obrigatório, podemos citar, como exemplo, dois projetos desenvolvidos nas escolas da rede municipal de Santana do Cariri.

O primeiro deles, desenvolvido na EMEIF José Jucá de Sousa Castro, intitulado “Benigna, inspiração de fé e luta contra o feminicídio”, foi desenvolvido por alunos do 8º ano, com acompanhamento do professor orientador Márcio do Carmo da Silva. O objetivo desse projeto foi apresentar a história de Benigna, em forma de cordel, documentários e vídeos, tendo a participação de pessoas da região através de entrevistas realizadas pelos estudantes.

Ainda de acordo com os idealizadores desse projeto, um dos objetivos consiste em “associar a luta pela castidade diante do seu algoz como fonte de inspiração nos movimentos sociais que buscam combater o feminicídio”⁹⁹. Percebemos que os alunos envolvidos despertaram o interesse na história de Benigna, ultrapassando os aspectos religiosos e abordando outros temas que são extremamente importantes em nossa sociedade, como a violência contra a mulher e projetos sociais dessa natureza.

Essa provocação ocorreu também nesse segundo projeto que iremos apresentar, desenvolvido na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Escritora Raquel de

⁹⁹ Trecho da apresentação do projeto elaborado pelo professor Marcio do Carmo da Silva, 2020.

Queiroz, na qual a professora Jéssica Nuvens desenvolveu suas ações cujo título foi “igualdade de gênero, uma história em construção.” Uma das ações foi elaborar um festival de cordel debatendo a violência de gênero e o feminicídio através do tema: “Violência contra a mulher: nessa luta eu meto a colher!” Segundo a professora responsável por esse trabalho, o evento foi realizado em 2019, véspera do Dia de Combate ao Feminicídio no estado do Ceará. De acordo com Jessica Nuvens (2020, p. 201), autora desse projeto:

A data escolhida para realização do Festival faz alusão ao Projeto de Lei N° 162/19, aprovada em maio de 2019 pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. A data marca o assassinato de Benigna Cardoso da Silva, a “menina Benigna”, como é popularmente conhecida por seus fiéis. Natural de Santana do Cariri, Benigna foi barbaramente assassinada por um jovem da comunidade onde residia, lutando contra a tentativa de violência sexual impetrada por seu agressor.

Ressaltamos que, em ambos os projetos, o debate a respeito do feminicídio e da violência contra a mulher, estão presentes de forma significativa. Isso nos faz perceber que, apesar de, anos após o assassinato de Benigna, podemos notar uma reflexão crítica em torno do martírio, para além dos aspectos religiosos. Contudo, em nenhum desses casos encontramos a menção ao estupro que Benigna sofreu, esse aspecto muitas vezes, por falta de conhecimento ou até por existir um certo tabu por parte da Igreja sobre o assunto, não é falado, e não é de conhecimento geral. Mesmo diante disso, o Poder Público, de certa forma, está contribuindo para que novas perspectivas sejam pensadas a respeito desse assassinato. Outro exemplo se trata desse Projeto de Lei citado por Jessica Duarte, que explicaremos melhor a respeito.

Esse projeto, que já foi sancionado, consta na Lei n°16.893, de 24 de maio 2019, no art. 1º onde se lê: “Fica instituído o Dia Estadual de Combate ao Feminicídio, a ser realizado anualmente no dia 24 de outubro” (CEARÁ, 2019, p. 1). Este dia fica destinado a campanhas, palestras e eventos relacionados ao combate ao feminicídio, como apontado no art. 2º: “No Dia Estadual de Combate ao Feminicídio, serão realizadas campanhas, debates, seminários, palestras, entre outras atividades para conscientizar a população sobre a importância do combate ao feminicídio e a outras formas de violência contra a mulher”¹⁰⁰.

Embasados nesses Projetos ocorreram e ainda ocorrem eventos escolares em outras instâncias do município voltados para a conscientização sobre esse assunto. Assim, o Dia Estadual de Combate ao Feminicídio ganhou, a partir de então um rosto, o de Benigna.

¹⁰⁰ CEARÁ. Lei n° 16892, de 24 de maio de 2019. Disponível em: https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-doceara/datascomemorativas/item/download/6274_3251c416101c7354d8422adf20a1102c#:~:text=2.%C2%BA%20No%20Dia%20Estadual,na%20data%20de%20sua%20publica%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 02 ago. 2023.

Diante dessa Lei, podemos notar que o Poder Público começa a enxergar o assassinato de Benigna como feminicídio, a partir do momento em que ele escolhe essa data como dia de combate e conscientização para as diversas formas de violência contra a mulher. Consideramos importante enfatizar o termo e ressaltar a relevância dessa Lei para o município e para o estado do Ceará.

Para Meneghel *et al.* (2013, p. 253): “Femicídios são mortes violentas de mulheres, decorrentes do exercício do poder entre homens e mulheres.” Esse poder decorre, sobretudo, do fato do homem sentir-se superior a mulher não apenas no aspecto físico, mas a ponto de achar-se no direito de decidir sua vida por considerá-la sua propriedade.

No caso de Benigna não foi diferente, a jovem foi assassinada por ser mulher, por Raul não conseguir aceitar um “não” como resposta. Ele sentiu-se no direito de ceifar a vida de Benigna por conta da sua recusa. Por mais que estejamos falando de um adolescente de 16/17 anos, que cometeu um ato infracional, destacamos que esse é o reflexo de uma sociedade machista e patriarcal em que vivemos até hoje e que, infelizmente, de 1941 até os dias atuais, pouco mudou.

Essa suposta superioridade masculina é socialmente construída, e coloca a mulher como um ser submisso. Infelizmente, externa-se nas formas mais trágicas possíveis, seja através de agressões físicas, verbais ou assassinatos. Partindo disso, Simone de Beauvoir (2009) aborda o “ser mulher”, a partir de uma matriz relacional que contrapõe a “mulher” ao “homem”. A mulher nesse caso, é vista como “outro” onde a supremacia masculina é colocada como direito no decorrer da história da humanidade. Por este motivo, notamos a grande disparidade de gênero na atualidade, no qual o homem na maioria dos casos se sobrepõe a mulher.

Essa condição, construída historicamente, vem se perpetuando ao longo do tempo. Caracterizando-se a formação da identidade feminina como sendo resultado do que a sociedade espera da mulher, devendo obediência ao masculino e sendo subordinada ao sexo oposto, ocupando um lugar social de inferioridade e subalternização. Quando a mulher foge desses padrões estabelecidos, sofre as repressões tanto da sociedade, quanto de muitos homens, que não aceitam o “não” como resposta e cometem crimes hediondos contra elas, o caso de Raul.

Contudo, por mais que, em 1941, o ato infracional que Raul cometeu contra Benigna não seja considerado feminicídio, pois ainda não existia essa nomenclatura. Na atualidade, os crimes sofridos pelas mulheres que, passaram e passam pela mesma situação já recebem esse nome. Deste modo, a partir do momento em que se abre o espaço para pensar a morte de Benigna, para além de um contexto devocional, sua história começa entrar no rol dos diversos

casos de assassinatos de meninas e mulheres que aconteceram e acontecem todos os dias, não apenas na região, como em todo o mundo.

Centenas de mulheres são estupradas e assassinadas por ano. São crescentes os casos de adolescentes da idade de Benigna que já sofreram ou sofrem abusos físicos e psicológicos. A figura de Benigna é um símbolo de luta, e uma forma de proporcionar visibilidade para temas que ainda não são sensíveis em nossa sociedade, como por exemplo, os efeitos do machismo, a violência contra mulher e o feminicídio. Questões estas, que pouco são abordadas na Igreja, pois o assunto da santidade da jovem e sua vida memorável dedicada a Cristo, difundidos por membros eclesiásticos, sempre se sobressai.

Verificamos que essa resistência da Igreja e membros eclesiásticos, ao falar sobre esses temas, dizem respeito ao fato de que, por muito tempo, essa instituição reproduziu e ainda reproduz, em menor quantidade, esse (pré) conceito. O fato da santidade de Benigna ter sido institucionalmente aceita, ancora-se na ideia já enfatizada anteriormente: de uma construção em que a coloca como modelo ideal católico: pura, meiga e angelical. Seu epíteto de “heroína da castidade” a torna próxima da Virgem Maria e digna de santidade.

Para a Igreja, Benigna tem a imagem de “vítima perfeita”, duplamente digna de veneração, pois, a construção de sua santidade e os discursos divulgados para o público em geral, visam, sobretudo, o fato dela ser virgem e mártir. Mesmo tendo ocorrido o estupro, a virgindade da jovem é sempre colocada em evidência e a violência sexual sofrida por ela, muitas vezes ocultada. Visto isso, Simone de Beauvoir (1967, p.112) destaca que: “a civilização patriarcal votou a mulher à castidade.” E esse ainda continua sendo um modelo socialmente aceito, a mulher que destoa disso, é considerada impura e indigna.

Contudo, é interessante percebemos que a Igreja começou a aderir a essas causas para além do que é debatido no âmbito eclesiástico, a partir do momento em que o Poder Público começa a colocar essas questões em debate. O apoio dos padres ao divulgarem essa Lei concede maior ênfase a violência contra a mulher. Nas homilias já se discute sobre os índices de violência doméstica, mesmo que ainda não seja de forma significativa, mas já percebe-se uma nova visão da Igreja Católica.

Ainda, enfatizando essa relação entre a Igreja e o Poder Público, um dos momentos em que houve maior união entre membros dessas duas instituições foi na sessão solene em homenagem aos 80 anos do martírio e à beatificação de Benigna¹⁰¹. Este evento ocorrido na Assembleia Legislativa do estado do Ceará, contou com a participação de deputados,

¹⁰¹ Sessão realizada no dia 06 de junho de 2022. O evento ocorreu no plenário, em 13 de maio em Fortaleza e o autor do requerimento foi o deputado Fernando Santana(PT).

governadores, do prefeito de Santana do Cariri, vereadores, jornalistas, pesquisadores, membros da Igreja, como por exemplo: padres, o bispo da Diocese do Crato e de pessoas que acompanharam de perto e fizeram parte do processo que levaria Benigna a beatificação.

Na ocasião, foram homenageadas as pessoas que desempenharam valiosas contribuições no processo inicial da devoção, seus impulsionadores e primeiros incentivadores da causa. Esse foi um importante momento de condecorar pessoas como: Ary Gomes, Sandro Cidrão, dona Penha, dentre outros que, deram o pontapé inicial na manifestação religiosa. Ressaltamos que, esses dois primeiros, acabaram se desligando do movimento após a Igreja, apropriar-se da devoção. Sendo assim, homenageá-los por seus empenhos na causa, foi uma forma de expressar o quanto estes foram importantes para a continuidade e difusão do culto.

Neste intento, para além de se tratar de um evento em homenagem ao martírio de Benigna, tal sessão serviu também como espaço para que os governantes pudessem expor seus feitos e projetos futuros voltados as obras em Santana do Cariri, visando, sobretudo, o turismo religioso que a beatificação de Benigna poderia proporcionar. No momento, o deputado Fernando Santana anunciou a construção do complexo. Essa obra conta com um monumento de Benigna assim como uma área de lazer e templo para missa campal. Neste dia foi declarado, oficialmente, a liberação da verba de 12 bilhões para a construção desse espaço¹⁰². Contudo, esse projeto já havia sido planejado há algum tempo. Sobre esse início, Ypsilon Félix destaca:

Com o crescimento das romarias em 2010 antes mesmo de ser instalado o processo de beatificação, 2011/2012, Camilo Santana era secretário das cidades do Ceará. Em uma visita que ele fez em uma reunião comigo e com o padre na época. O padre Paulo ele já tem uma experiência de Romaria né, então ele já pensava em projetar algo que tivesse uma melhor acolhida porque infelizmente se Santana não tem (local de acolhida). Imagina Inhumas há 10 anos atrás, então como lá só tinha o Santuário ele solicitou na época ao secretário das cidades um projeto, apenas o projeto por quê contratar uma equipe de projetistas era muito caro, topógrafos, geógrafos, arquitetos... Então o Camilo de imediato se comprometeu que a secretaria das cidades iria fornecer esse projeto. Passaram-se anos de cobranças e esse projeto não saiu, mas depois em uma vinda do Governador, ele acabou dizendo que não tinha esquecido do projeto mas que iria pensar em algo mais avançado, é tanto que na romaria em 2019 ele se comprometeu de tudo, que iria avançar no projeto e agora ele como Governador depois de tantos anos saiu o projeto do complexo e o dinheiro tá na conta. Então, o que foi pensado, Benigna viveu em Inhumas, morreu ali, então teria que ser naquele local. Então a ideia do complexo é que tenha a estátua natural [...] o complexo ele é dividido em duas partes e nesse momento está sendo construída a fase 1, a primeira parte do projeto que é a grande esplanada, estacionamento e a estátua. A fase 2 compreende os acessos os locais onde ela morreu, o local do martírio, o local onde ela buscava água, uma trilha com as estações a reconstituição das Ruínas da casa. Inclusive Esperamos que ainda esteja lá e aí é um projeto que vai crescendo né, a comunidade vai se mobilizando e também a gente já vê algumas pessoas se

¹⁰² 48 mil metros quadrado de obra.

despertando e construindo espaços de acolhida de gastronomia de hospedagem (informação verbal)¹⁰³.

Como consta na fala do narrador, há nove anos a Igreja já havia comunicado o interesse e necessidade desse espaço de acolhida para o romeiro. Contudo, apenas no ano de 2022 esse projeto saiu do papel e a verba foi liberada. Vale destacar que isso ocorreu justamente após o Vaticano decidir a data oficial da beatificação de Benigna. Logo, esse evento transformou-se em objeto de interesse econômico e governamental. O incentivo e apoio do Poder Público traria/trará, também apoio político e visibilidade para aqueles que aderem a causa. O relato de João Paulo Cabral complementa o de Ypsilon Félix, quando destaca que foi um pedido de toda a comunidade, mas ele enaltece a gestão e o feito político com a liberação da verba para construção:

Esse complexo de Benigna foi pedido na gestão do Governador Camilo Santana e ele garantiu este recurso. Está em curso mais de 12 bilhões de reais para construção de um monumento e a urbanização dos caminhos até o local do martírio. Isso foi perdido pelo Município, pelo poder público, pela sociedade e principalmente pela comunidade católica para valorizar a história da nossa beata Benigna e também propiciar esse desenvolvimento local porque não adianta termos uma mártir, não adianta termos uma Beata, não adianta termos uma santa no futuro canonizada e não termos estruturas para receber o devoto e o Romeiro que vem de todo lugar do país conhecer Benigna (informação verbal)¹⁰⁴.

Notamos, tanto na fala de Ypsilon Félix, quanto na do vice-prefeito, que ambos têm uma visão de futuro e a longo prazo no que se refere a essa devoção. O ponto central, concentra-se na ênfase no turismo religioso e na economia local, seja com a construção de espaços de acolhida, gastronomia e hospedagem, ou seja relacionado a infraestrutura da cidade para receber esses romeiros. Mesmo sabendo a data de beatificação de Benigna, ele demonstra interesse em melhorar ainda mais a estrutura da cidade para receber os devotos, pensando, sobretudo, no fluxo de pessoas de diversos lugares que poderão se deslocar para Santana, não apenas no dia da beatificação, mas nos dias que a sucederem, uma vez que, após esse evento, Benigna será bem mais conhecida e reconhecida pela comunidade católica. Consequentemente, a visibilidade de Santana do Cariri também irá crescer.

Com isso, esse fenômeno religioso, sobretudo, nos últimos anos, vem atraindo uma grande quantidade de fiéis ao longo do ano e, principalmente, nas romarias ocorridas no dia 24

¹⁰³ Entrevista realizada com Ypsilon Félix, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

¹⁰⁴ Entrevista realizada com João Paulo Cabral, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

de outubro. Diante disso, consideramos que o sagrado se materializa em gestos, ações, imagens e orações, dentre outras formas. Os devotos, ao chegarem em Santana do Cariri, sobretudo, no santuário em Inhumas, geralmente questionam se há alguma loja ou barraca que eles possam comprar alguns objetos relacionados a Benigna. Notamos que os romeiros precisam de alguns artigos religiosos ou objeto de valor simbólico, como forma de materializar essa devoção e ter junto com eles algo que remeta a terra de Benigna. Diante disso, estes sempre buscam comprar terços, chaveiros, blusas, livros, quadros, imagens de Benigna e artefatos que representam o sagrado.

Contudo, ressaltamos que, até alguns anos atrás, existiam poucos pontos de vendas em Inhumas, e nem sempre esses lugares estavam abertos ou disponíveis para que os romeiros pudessem fazer suas compras. Então, a única alternativa era eles se deslocarem para o centro de Santana, há dois quilômetros, para comprarem esses objetos na casa paroquial. Essa falta de investimento, por parte da iniciativa privada, é uma preocupação dos membros do Poder Público e de alguns comerciantes que residem na localidade. Como relata o comerciante César, residente no bairro então citado:

Quando o pessoal chega de fora que vem comprar uma água, um doce, um refrigerante, uma água de coco e às vezes as pessoas querem um almoço, querem um canto para dormir, na cidade não tem isso daí. Na cidade não tem. aí aqui para o bairro [...] fica muito difícil, tem que ter incentivo (informação verbal)¹⁰⁵.

João Paulo Cabral expõe sua indignação quanto a essa falta de comerciantes locais nos investimentos relacionados as romarias de Benigna, destacando, sobretudo, que no dia em que o fluxo de pessoas é maior os comerciantes fecham seus estabelecimentos e vão acompanhar os festejos. As pessoas que vem de fora, ficam desassistidas quanto a compra de objetos, lembrancinhas e até comida.

Quando é dia de Romaria o nosso comércio local, o nosso empreendedor se torna o Romeiro e o Romeiro quando vem para cá não encontra o nosso comércio local aberto, nós temos que criar essa identidade que o juazeiro criou, romaria de empreendedores [...] que aquece a economia para acabar esta cultura em Santana que o Romeiro quando vem para cá não tem onde almoçar, não tem onde merendar, não tem onde beber água, não tem onde comprar uma lembrancinha, porque o nosso comércio para, para a romaria. [...] temos que ter essas estratégias, trazer o desenvolvimento que Benigna vai propiciar. [...] Santana tem que fazer, tem que acordar, Benigna é importante e a história é importante, mas só importância não basta, tem que ter o trabalho, tem que ter aquela doutrina que o Padre Cícero colocou no Juazeiro do Norte orar e trabalhar, é uma sala de Santo na frente e uma oficina no quintal. Nós temos que produzir desde velas a souvenirs de Benigna para poder aquecer a economia, mas

¹⁰⁵ Entrevista realizada com César Henrique Alves Fernandes, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

muito voltado com a educação, a nossa geração educar os nossos filhos, os nossos alunos com o sentimento de empreender¹⁰⁶.

Uma das preocupações, ainda constante dos gestores do município, é o fato deles perceberem que a população ainda não despertou totalmente para o potencial econômico que essas romarias podem possibilitar a médio e longo prazo. Assim, muitas vezes, pessoas de outras cidades se deslocam para Santana com barracas, onde vendem objetos, velas e chaveiros, dentre outros artigos religiosos e não religiosos.

O que inquieta os gestores no relato citado, é que para eles, alguns moradores da localidade não sabem ser comerciantes. Nota-se essa ênfase na fala do vice-prefeito, ao destacar a preocupação em fazer com que os comerciantes de Santana comecem a empreender nas romarias, pois essas ações impactam diretamente na economia local. O vice-prefeito deseja que a população compreenda o momento de serem empreendedores e de serem devotos. Sendo que, fechar o comércio para acompanhar a romaria, para João Cabral, não é uma boa ideia, pois, dessa forma, os visitantes não conseguem consumir no município.

No ano de 2019, a cidade, diocese e prefeitura local esperava cerca de 45 mil pessoas na romaria¹⁰⁷. Nota-se que mesmo que essa quantidade não correspondesse a realidade, essas pessoas não se deslocaram de suas cidades apenas por curiosidade, mas elas iam até Santana do Cariri para pagar suas promessas, fazerem orações e passear. A dinâmica da romaria possibilita que, vários setores da sociedade ganhem com isso. Sejam estes o religioso, econômico ou turístico.

Os devotos que chegam em Santana, consomem na cidade, procurando lanchonetes, padarias e lojas de artigos religiosos. Assim, buscam conhecer também pontos turísticos da região quando sobra tempo. Compram lembrancinhas para os conhecidos, fazem suas ofertas no dizimo da Igreja e realizam doações, seja em quantias em dinheiro ou objetos. Dessa maneira, geralmente, retornam em anos posteriores, juntamente com mais pessoas, mantendo o ciclo.

Diante disso, concordamos com Oliveira (2011, p. 260), quando destaca que essas pessoas “chegam [...] movidas pela curiosidade e fazem um pedido ou promessa, estabelecendo um vínculo mediado por um compromisso de retorno ao lugar, estabelecendo, assim, um fluxo periódico de visitas que se estende aos membros da família e à comunidade onde moram.” Esse fluxo constante de romeiros possibilita um crescimento na economia local. Portanto, é

¹⁰⁶ João Cabral, *op. cit.*

¹⁰⁷ <https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/santanadocariri/2019/10/24/mais-de-45-mil-fieis-sao-esperados-para-romaria-da-menina-benigna.html>. Acesso em 03 de agosto de 2023.

necessário que a cidade esteja preparada para essa demanda, por este motivo existe o interesse por parte do Poder Público nesse evento religioso, pois, para Cordeiro (2009, p. 4):

É possível perceber porque há essa expectativa de apropriação do fenômeno das romarias por parte do sistema econômico. Em primeiro lugar há caracterização da romaria como fato social total. Essa miscelânea de devoção, diversão, consumo e lazer, associada ao seu poder de atratividade regional, geram demandas dos romeiros. Seus gastos em hospedagem, alimentação, bens de consumo e serviços em geral movimentam e modificam o cenário econômico do lugar visitado. Numa época em que o turismo é visto como atividade promotora de desenvolvimento e gerador de um grande número de empregos diretos e indiretos, as romarias, por apresentar demandas semelhantes ao turismo, são bem vindas e os deslocamentos de pessoas são desejáveis nas comunidades de destino que, do ponto de vista empresarial e governamental procuram beneficiar-se desses eventos. Ao tentarem promover sua reclassificação, as instituições públicas e privadas estão, enfim, tentando tomar para si a gestão do evento e conseqüentemente seus benefícios econômicos.

O Poder Público apropria-se não apenas da romaria, como das narrativas, dos usos do passado que se relacionam com a história de vida e morte da mártir, assim como dos destaques que a devoção vem ganhando na mídia. Pode-se notar que só existe incentivo do Poder Público pelo fato de membros dessa instituição entenderem, sobretudo, que esse fenômeno religioso é rentável para o município.

A exemplo disso, temos a construção do complexo. O início de sua obra já gerou diretamente vagas de empregos para várias pessoas da localidade: mestre de obras, cozinheiras, serventes, dentre outros seguimentos. Observa-se em relatos de membros do Poder Público, essa ênfase no crescimento ordenado do município e na qualidade de vida que esses projetos podem possibilitar para os moradores de Santana e para as pessoas que chegam. Considerando que Santana do Cariri é uma cidade do interior do Ceará e que sua principal fonte de renda são o setor agrícola e o turismo o turismo religioso se destaca como opção para fomentar os rendimentos do município e fazer com que a economia local se desenvolva. Como relata Ypsilon Félix:

Esse complexo que está sendo construído agora, o projeto ele demorou três anos só para ser elaborado, a gente discutiu muito com os arquitetos, com os projetistas pensando a longo prazo para que também haja um crescimento mas que seja um crescimento ordenado [...] então a gente pensa a longo prazo, nesse sentido, que haja um crescimento, mas que seja um crescimento ordenado que todos possam ter qualidade de vida no sentido de crescimento econômico, mas também com saneamento, com segurança porque tudo que cresce demais ele acaba atraindo outras coisas, então que esse crescimento ele seja linear mas também de forma qualitativa e quantitativa (informação verbal)¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Ypsilon Félix, *op. cit.*

Existe uma grande expectativa para que esse complexo seja construído, e, em torno dele, outros pontos turísticos, localizados em Santana, também sejam melhorados. Logo, não apenas os membros do Poder Público de Santana, mas a população dessa cidade, enxergam, nas romarias, e no turismo religioso, uma maneira de impulsionar o comércio local, e uma outra possibilidade de renda para a população, assim como esperança de melhora na qualidade de vida.

Com a melhoria da infraestrutura e mais esse atrativo do complexo em Santana, o fluxo religioso tende a aumentar ao longo do ano, favorecendo os comerciantes da localidade. Barbosa (2007 *apud* ARAUJO, 2009, p. 50) enfatiza que “o romeiro se subtrai à sua vida privada quando chamado para caminhar e aparecer (dar as caras) no palco da vida pública da romaria. Age e movimenta, canta, reza, fala, compra e vende, troca gentilezas e estreita laços sociais.” O devoto, na maioria dos casos, não frequenta a romaria apenas para pedir e agradecer. Ele socializa, faz amizades, compra objeto, registra o momento vivido através de fotografias, postagens, compartilhamentos e divulgação dos locais em que passou.

Por este motivo, vemos o crescente interesse do Poder Público e da Igreja ao se esforçarem para tornar mais visível a romaria, pois esta é uma manifestação que envolve lucro e capitalização do evento religioso. Para além do devoto ir visitar os espaços que remetem a vida e morte de Benigna, também aproveitam para conhecer a cidade e outros pontos turísticos locais e regionais. O relato de João Cabral corrobora com isso quando ele enfatiza “nós já temos o museu de paleontologia, nós já temos um atrativo histórico cultural [...] e agora Benigna vem para fechar esse ciclo. [...] o povo tem que acordar para não permitir que outros venham de fora já com esta visão de turismo religioso” (informação verbal)¹⁰⁹.

O vice-prefeito enfatiza que, o povo de Santana, tem que perceber e utilizar, como exemplo, a cidade de Juazeiro do Norte, pois, lá o comércio aumentou consideravelmente em decorrência das romarias. O número de comerciantes/ambulantes de Juazeiro do Norte, vendendo suas mercadorias em Santana do Cariri, é numeroso, por isso, muitas vezes, em nossas conversas, ele fez essa comparação, afirmando que os moradores de Juazeiro possuem um espírito empreendedor. Diante disso, existe esse destaque para que as pessoas da localidade se atentem a isso e tomem atitudes empreendedoras, para que não seja necessário que outras pessoas venham desempenhar algum trabalho que os moradores da cidade desempenhariam.

Em Santana do Cariri, o Poder Público e a Igreja estão interligados no que se refere a causa de Benigna. Notamos que há um evidente incentivo para que ocorra uma programação

¹⁰⁹ João Cabral, *op. cit.*

diferenciada do dia 15, data do nascimento de Benigna, ao dia 24 de outubro, em que se recorda sua morte. Nesse intervalo de dias, ocorrem missas, shows religiosos, testemunhos de milagres, novenas e outros festejos ao longo de toda a semana, de modo que o romeiro se sinta acolhido no local e fique o máximo de dias possíveis na cidade. Considerando que:

O turismo religioso não se limita somente àqueles turistas que estão em busca de penitência. O visitante que tiver interesse em conhecer novas culturas, novos significados, a materialidade cultural de um povo e o mistério envolvido na questão também está praticando a atividade turística religiosa, até porque o contato com os artefatos e as edificações de cunho religioso induz a uma reflexão particular e agrega novos conhecimentos ao indivíduo. (JALUSKA; JUNQUEIRA, 2012, p. 342).

Os turistas nem sempre vem movidos apenas pela fé, muitas vezes eles sentem a curiosidade de conhecer a devoção e os cenários que fazem parte das romarias e outras características que a compõem. Diante disso, consideramos que o complexo Benigna, assim como outros espaços (re)construídos há pouco tempo, fazem parte da constituição de cenários artificiais que corroboram também com a construção e preservação da memória, possibilitando assim, outros espaços de visitas e que outras pessoas, para além dos devotos, possam sentir-se acolhidos nesses espaços. Dessa forma, construindo suas próprias memórias a respeito desses locais de identificação na cidade.

Independente dessas pessoas deslocarem-se em caravanas, com as famílias ou sozinhas, estas vêm dispostas a visitarem os espaços, consumir no local e até conhecer outros lugares na própria cidade. Tanto a Igreja, quanto o Poder Público, esforçam-se para tornar esta estadia o mais confortável e acolhedora possível, pois é rentável para o município e para a paróquia, “principalmente pelo Poder Público [...] ao entender a romaria como evento turístico promove uma série de “atrações”. Durante a estadia do romeiro, gerando expectativa de experiências não religiosas e mudanças no conteúdo das práticas e dos significados” (CORDEIRO, 2010, p. 217). A forma com que o romeiro é tratado no aspecto religioso e não religioso faz com que ele estabeleça uma relação melhor com a cidade e com o sagrado, atribuindo ainda mais significado a sua experiência.

Portanto, a romaria é um evento que envolve passeios, trocas de conhecimentos e experiências para além do sagrado. O roteiro religioso, elaborado pela prefeitura e pela Igreja, ganha, a cada ano, novos pontos turísticos estabelecidos na cidade. Conseqüentemente, esse fluxo de pessoas acaba beneficiando não apenas a Igreja, como todos os setores da cidade. Como destaca Ypsilon:

Benigna é um fenômeno, então esse fenômeno cultural religioso que mexe em vários graus de desenvolvimento, na questão social, na questão cultural, na questão do Turismo e na questão Econômica. Então tem essas outras coisas também que acabam agregando não somente quem é católico, mas que todos acabam ganhando com isso (informação verbal)¹¹⁰.

Como já observamos até o presente momento, a devoção à Benigna envolve várias esferas: escolares, sociais, políticas e econômicas. Contudo, a esfera que está diretamente ligada com a Igreja é o Poder Público. Essa instituição torna-se extremamente importante não apenas no que se refere as partes burocráticas, como também, em projetos e aspectos estruturais da cidade. Nota-se que o Poder Público também contribui para a divulgação das romarias, assim como, impulsiona as redes sociais dedicadas à Benigna, pois, é uma forma de ganhar visibilidade através da causa.

Em publicação compartilhada na página oficial do *instagram* do município de Santana do Cariri @prefeiturasantanadocariri. Observamos duas imagens, que achamos pertinente destacar:

Figura 21 - Número de visitantes no ano de 2022 do Santuário Menina Benigna



Fonte: Página oficial do instagram da Prefeitura de Santana do Cariri (2022).

Na Figura 21, com a chamada “vem pra Santana”, a prefeitura compartilha a quantidade de visitantes que o santuário recebeu. Nota-se um grande fluxo de pessoas que visitam a cidade,

¹¹⁰ Ypsilon Félix, *op. cit.*

inclusive de outros países. Desta forma, afim de obter ainda mais visibilidade e chamar atenção dos internautas para esse incipiente turismo religioso, o Poder Público enfatiza o agradecimento as pessoas que vieram visitar o santuário, onde consta na legenda “agradecemos aos 12.136 visitantes de 26 estados brasileiros e Distrito Federal, 262 municípios e 8 países, que visitaram o santuário da menina Benigna [...] #vemprasantana #meninabenigna #orgulhodesersantanense #santanadocariri¹¹¹. Esse agradecimento através de postagens é uma forma pública de incentivar ainda mais outras pessoas a visitarem o local, uma vez que quando demonstra a quantidade de visitantes em suas localidades, entende-se que aquele espaço é atrativo e vale a pena conhecer. Em outra publicação, observamos, novamente, a mesma imagem do santuário. Contudo, na legenda da postagem, contém um breve relato da história de Benigna:

Figura 22 - Postagem sobre o Santuário Menina Benigna



Fonte: Página oficial do instagram da Prefeitura de Santana do Cariri (2022).

¹¹¹ Destacamos que as hashtags (#) em uma publicação do instagram possibilita que mais pessoas consigam ver a postagem (2022).

Figura 23 - Comentários da postagem sobre o Santuário Menina Benigna

Benigna Cardoso da Silva nasceu no Sítio Oiti, em Santana do Cariri, no dia 15 de outubro de 1928. Ainda com 12 anos de idade, Benigna começou a ser assediada por Raul Alves, quatro anos mais velho que ela. Os dois estudavam no mesmo colégio e o rapaz começou a persegui-la.

Em 24 de outubro de 1941, com seus recém completados 13 anos, Benigna foi ao poço para pegar água e Raul estava à espreita. O jovem tentou violentá-la e, ao recusar ter relações sexuais com ele, Benigna foi brutalmente assassinada com golpes de facão.

Desde então, tornou-se um ícone contra o feminicídio e crimes sexuais contra menores, é considerada heroína da castidade e mártir da pureza.

Em 24 de outubro de 2022, em cerimônia realizada no município do Crato, o Vaticano oficializou a beatificação de Benigna Cardoso, que se tornou a Mártir Benigna, primeira beata cearense.

Visite o local do martírio de Benigna e conheça de perto a sua história.

Fonte: Página oficial do instagram da Prefeitura de Santana do Cariri (2022).

O que nos chama atenção na Figura 23 é o destaque que Raul “tentou violentá-la e ao recusar ter relações com ele, Benigna foi brutalmente assassinada com golpes de facão.” A narrativa do Poder Público é igual à da Igreja. Nesta, assim como em outras, não há menção do estupro que Benigna sofreu, nem mesmo quando falam de feminicídio e violência.

Em uma segunda parte da legenda, podemos perceber esse silenciamento a respeito do estupro quando destaca que Benigna “desde então, tornou-se um ícone contra o feminicídio e crimes sexuais contra menores, é considerada heroína da castidade e mártir da pureza.” Como analisado anteriormente, Benigna não foi considerada esse ícone contra a violência desde seu assassinato, pelo contrário, ela ganhou essas atribuições após o Poder Público começar a intervir na devoção e apropriar-se de sua história.

Entretanto, mesmo ressaltando tais questões, nota-se que o discurso do Poder Público é, na maioria dos casos, uma reprodução do que a Igreja estabelece. O exemplo de heroína da castidade, mártir da pureza, são argumentos estabelecidos pela Igreja Católica, que acabam influenciando no espaço público.

A instituição pública acaba tornando-se também um espaço de disputa religiosa. À medida que prefeitos, vereadores e outras autoridades tentam beneficiar-se e ganhar mais respaldo perante a população, a partir da devoção à Benigna e de suas iniciativas perante essa manifestação religiosa.

Partindo disso, notamos que o ponto máximo desse processo de união entre Igreja e Poder Público, foi a partir do momento em que a cidade de Santana do Cariri e a população em geral, receberam a confirmação da data oficial da beatificação. Esse evento foi anunciado em uma coletiva de imprensa no dia 02 de maio de 2022. A coletiva contou com a presença de padres, do bispo e de jornalistas, gerando uma grande efervescência na cidade e regiões circunvizinhas. Além da divulgação da data de beatificação, foi anunciado que haveria a reconstrução facial da imagem de Benigna com base nos dados faciais de parentes consanguíneos da jovem e ainda teve a apresentação do logotipo oficial da beatificação que falaremos mais adiante.

A data escolhida foi o dia 24 de outubro de 2022. Dia em que marca o martírio de Benigna. Assim, percebe-se o simbolismo dessa data escolhida para ocorrer o evento. Para além da beatificação em si, que já seria um momento de muita emoção para os devotos e aqueles que acreditam na mártir, o dia 24 de outubro proporcionaria um maior sentido a solenidade.

Com o anúncio da beatificação ocorreu um maior engajamento do Poder Público perante essa devoção. Esse deveria ser um evento de grande magnitude e a Igreja iria precisar, ainda mais, de infraestrutura e ajuda dessa instituição para que isso pudesse ocorrer da melhor maneira possível, considerando a necessidade de acolher um grande contingente de pessoas que chegaria em Santana do Cariri.

Deste modo, como afirma João Paulo Cabral “os olhos do mundo estariam voltados para Santana” (informação verbal)¹¹². Foi nesse processo que as redes sociais também ganharam destaque, pois serviram ainda mais para divulgar de forma incisiva a programação que ocorreria no dia que Benigna se tornaria a primeira beata do Ceará.

Nesse aspecto, a Igreja, o Poder Público e a mídia foram extremamente importantes para que a devoção à Benigna ganhasse destaque e visibilidade nacional e internacional. Contudo, foi a fé do povo e a crença, inicialmente da população de Santana do Cariri, e os primeiros incentivadores dessa devoção, Sandro Cidrão e Ary Gomes, que possibilitaram a Benigna tornar-se a primeira beata do Ceará. Perante isso, discutir-se-á a configuração das romarias como espaços sagrados na atualidade, assim como se deu essa cerimônia oficial de beatificação.

4.3 Caminhos da fé no sertão nordestino: os lugares de memória e suas transformações por ocasião da beatificação

¹¹² João Paulo Cabral, *op. cit.*

Após a Causa dos Santos anunciar a data oficial da beatificação, e ocorrer a live organizada pela Diocese e pela casa paroquial de Santana do Cariri, para informar o dia do evento para os devotos e para a comunidade em geral, iniciou-se uma grande efervescência na cidade, principalmente por conta da magnitude desse evento. Muitas pessoas estavam previstas para chegarem em Santana do Cariri para conhecer a terra da primeira beata cearense. Em vista disso, houve ainda mais intensificação nas redes sociais e da mídia em geral para divulgar a história da vida e morte da jovem. A trajetória da “mártir da pureza” e “heroína da castidade” constantemente aparecia nos jornais, blogs e redes sociais. Dessa maneira, foram organizadas reportagens em jornais nacionais e internacionais.

Dentre esses podemos citar a matéria feita pelo Fantástico, programa exibido nacionalmente pela emissora Rede Globo. Essa matéria, exibida e publicada no dia 08 de maio de 2022, tinha como manchete principal: “Brasil ganha nova beata, Benigna; conheça a história dela e veja depoimentos de fiéis sobre possíveis milagres”¹¹³. No decorrer da notícia, nota-se a ênfase nos relatos de graças alcançadas e no resumo da história de Benigna. Contudo, o que nos chamou atenção foi o fato dessa história sempre ser reproduzida com a mesma narrativa que a Igreja Católica apresenta.

Observamos nesse outro trecho da matéria em que consta: “a devoção a Benigna começou pouco depois de seu assassinato brutal. Ela morreu em 1941, aos 13 anos de idade, depois de ter recusado as investidas de um rapaz de 17 anos que tentou violentá-la e passou a ser considerada mártir pela Igreja, tornando-se símbolo de resistência contra o feminicídio e a violência sexual.” Mais uma vez percebemos que a narrativa da Igreja predomina, nos jornais, internet, blogs e outros meios de divulgação. Em pleno 2022, onde os índices de estupro e violência contra as mulheres são altíssimos, mesmo associando o assassinato de Benigna aos casos de feminicídio, não houve sequer uma menção ao fato dela ter sido estuprada.

Nesse intento, mesmo que o processo em que comprova tal ato seja sigiloso e pouco divulgado para o público em geral, percebe-se que não há uma preocupação por parte da mídia e das pessoas que reproduzem esse discurso de que ela sofreu uma tentativa de estupro. Dessa forma, a narrativa da Igreja se sobressai e fica sendo a que tem respaldo para ser divulgada.

As narrativas consideradas “oficiais”, principalmente da Igreja e do Poder Público, são as que são compartilhadas nas redes sociais e outros meios midiáticos. Dessa forma, dão ênfase

¹¹³ FANTÁSTICO. Brasil ganhar nova beata, Benigna; conheça a história dela e veja depoimentos de fiéis sobre possíveis milagres. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/05/08/brasil-ganha-nova-beata-benigna-conheca-a-historia-dela-e-veja-depoimentos-de-fieis-sobre-possiveis-milagres.ghtml>. Acesso em: 02 ago. 2023.

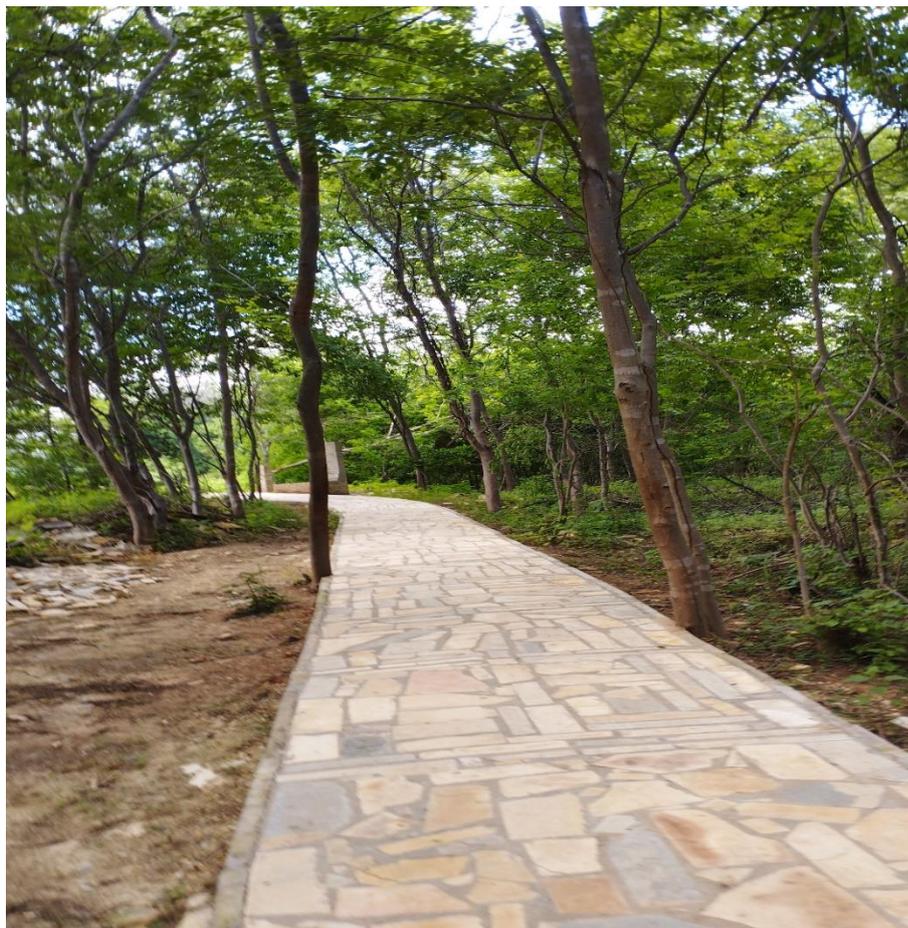
no martírio e na santidade. Por este motivo, Benigna tornou-se a primeira beata cearense, sendo, através desse discurso, que a Causa dos Santos conferiu o título a esta.

E, com isso, o Poder Público da cidade iniciou um rápido processo de organização, sobretudo, estrutural, dos espaços em que os devotos visitam na cidade de Santana. Dentre os considerados espaços sagrados, ou, lugares de memória, que os devotos mais visitam, podemos citar o santuário, que já abordamos anteriormente, o local do martírio, a cacimba e o complexo de Benigna que ainda está em fase de construção, mas que é aguardado pelos devotos como mais um espaço que remete a “santinha”. Iremos, novamente, dar mais ênfase a alguns desses, pois trataremos, sobretudo, da construção e das mudanças estruturais que ocorreram nesses espaços após o anúncio da data de beatificação.

A nova arquitetura e planejamento desses lugares ocorreram para que os espaços pudessem ficar mais “receptivos” e também organizados para o romeiro. Desta forma, concordamos com Ramos (2014, p. 18), quando destaca que “a cidade se faz e se desfaz nos movimentos da história vivida e desejada.” As vivências se concretizam e se materializam nos espaços sagrados de Santana do Cariri, uma vez que a história de Benigna é apropriada pela Igreja, pelo Poder Público e pelos devotos. Diante disso, intitulado como “Caminhos de Benigna”, o percurso em que a jovem percorreu antes de ser assassinada foi alterado de forma significativa. Antes o trajeto era mais longo e sem calçamento. Contudo, quando os devotos realizavam as visitas, muitas vezes, percorriam todo esse trajeto sem chinelo, como forma de penitência, chegavam a se machucar. Realizar esse ritual e andar em meio a essa “vereda” significava para o devoto refazer e lembrar de toda a trajetória de Benigna antes do assassinato.

Com as reformas feitas pela prefeitura junto com o governo do estado, os “Caminhos de Benigna”, foram reformulados e um novo percurso foi elaborado: calçado com pedra cariri e sinalizado com plaquinhas indicando o que representava cada ponto. Os “Caminhos de Benigna” ganharam uma nova roupagem e identidade visual para que se pudesse receber essa maior quantidade de devotos “pós beatificação”. E, por mais que tenham ocorrido um certo estranhamento perante essas mudanças, os devotos continuaram atribuindo significado aqueles espaços por conta da grande carga simbólica que eles concentram. Como podemos observar na Figura 24:

Figura 24 - Trajeto do santuário de Benigna até a cacimba e local do martírio



Fonte: Acervo da autora (2022).

Esse trajeto foi construído meses antes da beatificação, sendo todo calçado em pedra cariri, abundante na região. O percurso liga o santuário de Benigna até a cacimba, local do martírio. Sendo assim, o espaço é aconchegante e arborizado, durante o percurso o devoto pode sentar e descansar, pois existem alguns bancos em cimentos e pontos de apoio.

Os espaços já existentes: tanto a cacimba quanto o local do martírio, ficam um pouco distante do santuário, mas os devotos fazem questão de irem visitar por ser um espaço significativo, no qual Benigna buscou água pela última vez. Consideramos estes como lugares de memória, pois estão imbuídos de sentimentos, significados e de alguma maneira, representam a identidade e a história que marcaram profundamente a vida dessa comunidade.

Poucos metros depois da cacimba podemos encontrar o local do martírio, onde a encontraram morta. Esses dois lugares despertam muita sensibilidade nos devotos, costumamos ver em vários momentos eles chorando e se emocionando quando estão nesses espaços. Tendo em vista isso, concordamos com Nora (1993, p. 13), quando destaca que: “os lugares de memória são, antes de mais nada, restos. [...] o que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta,

mantem pelo artifício e pela vontade de uma coletividade [...] são os marcos testemunha de uma outra era, das ilusões de uma eternidade.”

Esses espaços são marcos do que aconteceu com Benigna. Sendo assim, lembrado e rememorado até os dias atuais. Foram espaços escolhidos pela comunidade e posteriormente pelos romeiros, como a representação concreta do martírio e de sua importância para a coletividade, fazendo que a história da jovem seja eternizada, a partir desses fragmentos do passado.

Assim, à medida que essas pessoas vão conhecendo e tornando desses lugares e eventos significativos para suas vidas, outras memórias vão sendo elaboradas e reelaboradas. E, por mais que ocorra alterações destes, ou até mesmo a criação de outros, enfatizamos que a memória está “aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p. 9). Assim, a memória vai se adequando as mudanças ocorridas nesses espaços e, mesmo suscetível as manipulações, as memórias permanecem vivas, no tempo presente, e em busca de algo que possam materializar-se. Nesse caso, os lugares de memória assumem esse papel de tornar sempre latente a história, os símbolos, as significações e as manifestações de um povo.

Um dos locais, que iremos enfatizar de forma mais incisiva, é o lugar do martírio. As mudanças ocorridas nele aconteceram de maneira gradual, mas de forma significativa. Considerando que esse espaço é vivido e sentido todos os dias, a cada devoto que chega em Santana, as representações também perpassam por este, pois:

O espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário. O espaço vivido é também um campo de representações simbólicas, rico em simbolismo que vão traduzir em sinais visíveis não só o projeto vital da sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura. (CORRÊA, 2001, p. 32).

O simbolismo do local do martírio foi externado através de mudanças, cores e formas que representavam a sociedade e o modelo da romaria. Em vista disso, com o passar dos anos, sobretudo, após a Igreja apropriar-se da devoção, o túmulo foi ganhando outras formas e cores. Houve um período em que o espaço foi pintado de vermelho com bolinhas brancas, simbolizando a cor do vestido que Benigna usava no dia de seu assassinato e representação do vestido que os devotos usavam em homenagem a jovem nas romarias. Como podemos observar na Figura 25:

Figura 25 - Túmulo no local do martírio de Benigna



Fonte: Acervo da autora (2018).

Enfatizamos que, quando o túmulo foi pintado, no ano de 2018, houve uma intensa divulgação por parte da Igreja do modelo de vestido que Benigna usava no dia do assassinato. Percebe-se isso, como uma forma de incentivar ainda mais o devoto a apropriar-se dessa devoção e fazer com que essa indumentária fizesse parte da identidade deles. O imaginário religioso acompanha o sentimento popular, com símbolos e metáforas que vão identificando esses devotos como os “devotos de Benigna” e os diferenciando dos demais, através desses detalhes que destacam a progressiva construção dessa santidade.

Outro ponto que gostaríamos de enfatizar remete aos escritos na lápide. Notamos a frase “heroína da castidade”, título este atribuído à Benigna desde o seu assassinato até os dias atuais. A ênfase na castidade é sempre mantida independente do quanto esses espaços se transformam, pois essa é a essência dessa construção de santidade em torno de Benigna: o martírio, a castidade e sua propensão a santidade desde o nascimento. Para a Igreja, é importante atestar, perante todos, que ela morreu por uma causa, seu amor a Deus e mandamentos divinos.

Portanto, ao longo do ano e, sobretudo, em dias que antecediam as romarias, esse espaço estava em constante transformação. As memórias relacionadas a vida e morte de Benigna estão ali cristalizadas e encontram um refúgio para se materializar. Contudo, o físico, concreto, e o túmulo em si, sofreu e sofre alterações ao longo do tempo. Assim, os lugares de memória dizem respeito, sobretudo, ao conjunto de representações simbólicas que ali estão imbuídos.

Partindo disso, destacamos uma segunda imagem do túmulo, na Figura 25. Este, modificado em 2021. Nota-se que houve a ênfase na pedra cariri típica da região que conservou a lápide com os escritos “Benigna Cardoso da Silva. Heroína da castidade, (1928-1948).”

Figura 26 - Túmulo no local em que Benigna foi assassinada



Fonte: Romaria de 2020. Fotografia do acervo pessoal da autora (2020).

Na Figura 26, observa-se que o intuito é manter esse sentimento de identificação e identidade do povo, a partir do momento em que todo o túmulo é feito de pedra cariri, típica da região e de onde é extraída o sustento de algumas famílias da cidade. Para além da identificação com a história de Benigna, as pessoas identificam-se com a simbologia do espaço. Esses locais produzem significados para os devotos, pois, estes se caracterizam como espaços da memória, a partir do momento em que “a imaginação o investe de uma aura simbólica” (NORA, 1993, p. 21). Tal simbolismo pode ser encontrado na Figura 27, que apresentaremos a respeito do local do martírio.

A Figura 27 retrata sua atual configuração, sendo que essa reforma ocorreu no final de 2022, antes da beatificação, e na mesma obra em que fizeram os “Caminhos de Benigna”. Nesta notamos uma transformação mais expressiva, pois após o Poder Público começar a incentivar

de maneira mais incisiva a devoção, com maior investimento financeiro, foi demolido o túmulo e erguido uma cruz. Ao lado, encontra-se uma lápide de maior extensão com os escritos do padre Cristiano Coelho no livro de batismo de Benigna: “morreu martirizada às 4 horas da tarde, do dia 24 de outubro de 1941, no sítio Oiti. Heroína da Castidade. Que sua alma converta a freguesia e sirva de proteção às crianças e às famílias da paróquia. São os votos que faço a nossa santinha.”

Figura 27 - Local em que Benigna foi assassinada



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora (2022).

Como essas últimas alterações foram feitas em 2022, ano este em que Benigna tornou-se a primeira beata do Ceará, reconhecida oficialmente pela Igreja Católica, notamos que o destaque na lápide com os escritos do padre Cristiano Coelho tem como objetivo consagrar a santidade de Benigna atestada desde o ano de 1941. Fazer com que o devoto volte no tempo e imagine o que Benigna viveu em suas últimas horas de vida. Nesse caso, o intuito é bloquear o esquecimento e fazer com que aquele espaço se transforme para além do lugar de memória, também em um lugar de história, onde o fato ocorreu. Como enfatiza Nora (1993, p. 22):

A razão fundamental de ser um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.

Essa metamorfose no que diz respeito aos espaços sagrados relacionados a devoção à Benigna nem sempre é recebida de maneira agradável pelos devotos, contudo notamos que em nada interferiu na devoção e na fé popular, pois o que importa é o significado que o povo atribuiu ao espaço e a forma com que aquele lugar materializou e ressignificou a morte e o assassinato. Nas romarias, sobretudo nesses últimos anos, o devoto externa uma enorme satisfação ao tocar e pisar no mesmo espaço que Benigna morreu. Ele transforma aquele espaço em um portal que o deixa ainda mais próximo do sagrado.

Isso ocorre não apenas com o local do martírio, como também na cacimba que se encontra há poucos metros dali. Tido como lugar sagrado, a cacimba é um espaço que geralmente é mencionado pelos padres e devotos como espaço que simboliza o trabalho de Benigna, a sua dedicação em ir pegar água todos os dias para ajudar nos afazeres de casa e representa a realidade da população de Santana. Como podemos ver nas Figuras 28 e 29, esse ponto ganhou revitalização e todos os anos centenas de romeiros o visitam.

Figura 28 - Cacimba que Benigna buscava água



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora (2022).

Figura 29 - Devotos enchendo suas garrafas e molhando o corpo com a água da cacimba



Fonte: Fotografia do acervo pessoal da autora (2022).

As pessoas bebem a água, enchem garrafas, levam para casa e acreditam que esta pode curar alguma enfermidade, seja ela física ou espiritual. Muitos devotos até lavam o rosto e saem com a convicção de que algo mudou em sua vida, como afirma dona Antônia, moradora do distrito de Inhumas:

No momento assim, a gente fica sem querer acreditar, mas quando a gente ver o milagre, olha esse olho aqui eu não tô enxergando muito bem, se eu tampar aqui eu vejo só o vulto da senhora aí, aí essa semana eu fui lá na cacimba dela, tinha uma amiga minha que queria ir lá que nunca tinha ido ai ela me chamou pra ir ai eu digo eu vou... chegamos lá a cacimba tava fechada nós tiramos a pedra ai puxamos a agua aí enchemos o tamborzinho dela, ai lavei meu rosto, eu digo, vou lavar meu rosto porque a menina Benigna ela tá vendo meu sofrimento pra eu puxar a agua nessa cacimba só com olho olhando.. ai eu puxei a agua, ai lavei o rosto, ai caiu a agua dentro ai ardeu por que quando eu ia tomar banho em casa não ardia, caia sabonete e não ardia e quando caiu a agua ardeu, eu digo meu olho ainda ta vivo que pra mim tava morto que não tava vendo mais, ai fui em um oculista e ele disse que era uma catarata, se tirar alimpa, ai eu disse que enquanto eu não puder ir tirar essa catarata eu vou lavando com a agua de Benigna, ela vai me curar (informação verbal)¹¹⁴.

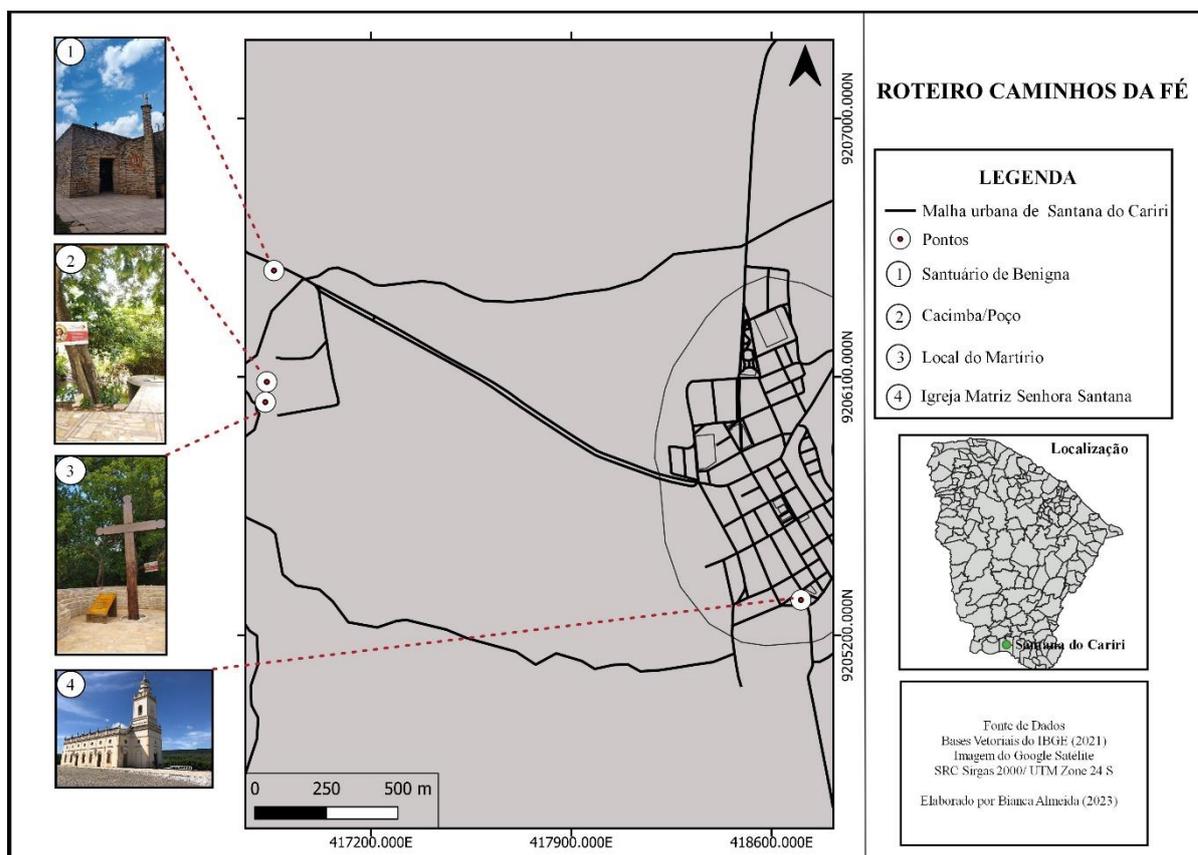
A partir desses testemunhos de fé, percebemos que os devotos depositam na água, nos espaços e na devoção à Benigna, uma maneira de fugir da realidade. Esta, muitas vezes

¹¹⁴ Entrevista realizada com Antônia Barbosa de Brito, concedida a Tatiana Olegário, em 02 de novembro de 2016.

dolorida, sem muitas oportunidades. Assim, ter na figura da jovem beata uma intercessora minimiza o peso do dia a dia. Além disso, os discursos eclesiais reforçam a importância dessa água para a vida e a simbologia presente neste espaço.

Diante os lugares de memória que foram apresentados, destacamos que estes fazem parte, do que consideramos como “Caminhos de Benigna”, pois são espaços que representam o trabalho que Benigna realizava todos os dias. A cacimba, o local do martírio e o santuário construído pelos moradores de Inhumas com ajuda de Ary Gomes e Sandro Cidrão, são para os devotos, espaços que os aproxima com o sagrado. Para além destes, temos a Igreja matriz de Santana do Cariri, referência em visita constante por parte dos romeiros. Assim, para melhor situarmos o leitor, apresentaremos um mapa que destaca esses principais pontos de visita.

Figura 30 - Mapa Caminhos da Fé



Fonte: Idealizado por Tatiana Olegário da Silva. Realizado pela geógrafa Bianca Almeida (2023).

Esse mapa apresenta, além dos lugares da memória, o corredor da fé monsenhor Vitaliano Mattioli que compreende o percurso de 2 quilômetros, ligando o centro da cidade ao bairro Inhumas. Os devotos percorrem do santuário de Benigna até a Igreja Matriz de Santana do Cariri, muitas vezes a pé. Esse trajeto é tomado por uma multidão em procissão, sobretudo,

em dias de romarias, e, é considerado por estes como um espaço sagrado. Essa caminhada muitas vezes é uma forma de penitência, louvor e adoração.

Estes são os espaços mais visitados quando nos referimos a devoção à Benigna, em suas configurações atuais e com as mudanças ocorridas para a beatificação. Como já enfatizamos anteriormente, estes estão em constante transformações, mas as mais significativas se deram em decorrência da solenidade de beatificação que iria proporcionar um grande fluxo de romeiros. Dessa forma, esses lugares precisariam estarem com uma boa estrutura para atendê-los. Para além disso, após a solenidade, esses locais ganharam um significado ainda maior, pois na homilia proferida pelo cardeal que realizou a cerimônia, os espaços que Benigna frequentou ganharam notoriedade e fizeram parte da teia de significados e simbolismos que levaram ela a tornar-se a primeira beata cearense, como iremos abordar adiante.

4.4 Viva, viva!! “Temos uma Beata no céu vestida de chita”¹¹⁵

Mesmo que tenha ocorrido uma construção da santidade de Benigna em torno da sua história de vida e morte, sobretudo, por parte da Igreja, enfatizamos que foi por conta do devoto e através do devoto que ela ganhou visibilidade, os lugares da memória se tornaram significativos e sua beatificação foi aceita pela Causa dos Santos. Assim, o anúncio da beatificação foi um momento de intensa alegria, sobretudo, para os devotos, que se sentiram identificados com a causa. Foi um momento em que eles perceberam que fariam parte de um momento tão importante para a localidade e para a comunidade católica. Os preparativos para a cerimônia foram pensados pelos leigos, pelos devotos, pela Igreja Católica e pelo Poder Público da cidade, sendo divulgado amplamente nas redes sociais.

Vale ressaltar que, uma das primeiras imagens que foram compartilhadas, a respeito dessa ocasião, foi o logotipo da beatificação. Cheia de simbolismos, ela representou a construção da imagem e da santidade de Benigna, assim como a identidade visual desse evento. Como podemos observar na Figura 31:

¹¹⁵ Palavras proferidas pelo então bispo da Diocese de Crato, Dom Magno Henrique, no dia da beatificação de Benigna.

Figura 31 - Logotipo da beatificação



Fonte: Idealizado e realizado pela Comissão Diocesana instituída para organizar a cerimônia de beatificação (2022).

Ao analisarmos esse logotipo, notamos que ele apresenta diversos símbolos que corroboram com a ideia de construção da santidade que enfatizamos até o momento: a cruz, o calcário laminado, a palma, os lírios, o vermelho, branco e o rosto adolescente não foram escolhidos de forma aleatória. Esses símbolos fazem parte da construção visual da santidade de Benigna, a partir de seus significados. De acordo com o padre José Fabiano:

A cruz evoca a centralidade da fé Cristã, o mistério pascal: paixão, morte e ressurreição de Jesus. O calcário laminado predominante na região de Santana do Cariri-CE: referência direta do lugar onde viveu Benigna. Sobre uma mina de Calcário Laminado que Benigna Cardoso sofreu o martírio, banhando-as com o seu sangue e oferecendo a vida sobre a rocha de sua fé. A palma, símbolo do martírio. É um símbolo bíblico colocado pelo livro do apocalipse na mão dos que derramaram seu sangue como Cristo. Os que venceram a grande tribulação e cantam no céu a vitória de Jesus, o Cordeiro imolado e ressuscitado. Os lírios, símbolo de pureza e santidade, referência à vida ilibada que ela conservou por causa do reino de Deus, obtendo no mesmo dia em que entregou sua santa alma a Deus o título de “heroína da castidade”, escrito pelo pároco ao lado do seu registro de batismo. O vermelho e branco, indica a veste que, profeticamente, Benigna trajava por ocasião do martírio. O vermelho lembra o sangue e o branco a santidade de vida. Vestida com sinais de suas heroicas virtudes ela ofereceu o seu exemplo, imitando a Cristo na vida e na morte. Rosto adolescente, o desenho do rosto de Benigna está posto no lugar da cruz onde esteve o senhor e o mestre, a quem ela seguiu o caminho de calvário. Escolheu-se a representação em silhueta, sem muitos detalhes, como um convite para que todos, especialmente os adolescentes e jovens, sintam-se, aí, contemplados na medida em que acolham o evangelho e vivam os valores do Reino de Deus, buscando viver como Benigna viveu (informação verbal)¹¹⁶.

¹¹⁶ Informações fornecidas na coletiva de imprensa do anúncio da data de beatificação de Benigna Cardoso, em 02 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UBRKzY3UMDQ>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Notamos que a simbologia presente no logotipo oficial da beatificação representa a junção de características pessoais, religiosas e culturais. Estas, atribuem a esses símbolos um teor sagrado, possuindo a função de representar a história de vida e morte de Benigna. Legitimando sua santidade popular e eclesiástica que corroborou com a sua beatificação.

A partir desses detalhes destacados a cerimônia foi elaborada e pensada para que cada símbolo, imagem e discurso, fossem sendo costurados em uma teia de narrativas que culminaria na autenticação desse momento. Assim, ocorreu uma preparação antecipada não apenas no que se refere as divulgações, mas também, na infraestrutura que receberia os devotos. A própria celebração em si necessitaria de vários elementos e ritos que ocorreriam antes e no momento da beatificação.

De início, pensando, sobretudo, na estrutura da cidade de Santana do Cariri, a qual não teria espaço suficiente para comportar uma grande quantidade de pessoas, dentre elas: bispos, padres e caravanas que viriam presenciar esse momento. O local escolhido para a realização do evento foi o parque de exposição Pedro Felício Cavalcante, localizado na cidade de Crato-CE, município vizinho a Santana do Cariri.

Os meses que antecederam esse momento foram de intensos momentos espirituais, organização estrutural e divulgações a nível nacional a respeito da história de Benigna. As redes sociais ganharam proporções gigantescas e o Poder Público abraçou a causa ainda mais, valendo-se dessa visibilidade que a cidade estava tendo. A respeito disso, João Paulo destaca:

Acredito que Benigna hoje deve ser [...] comentada na atualidade. O mundo inteiro, o mundo católico fala sobre esta beatificação e fala sobre esse testemunho de fé. Isso atrai olhares para cá, um exemplo são as Relíquias de terceiro grau que estão sendo distribuídas para o mundo inteiro, todos os países católicos da Europa entram em contato com a paróquia de senhora Sant'Ana e pedem relíquias, ou seja, Santana não estava no mapa do mundo e se coloca por conta de Benigna, por conta da beatificação (informação verbal)¹¹⁷.

Apesar de observarmos uma certa generalização nessa fala, a respeito do contato da paróquia de Santana com outros países, ressaltamos que, por Benigna, ser a terceira beata brasileira e primeira no estado do Ceará, possibilitou uma maior visibilidade da comunidade católica para esse acontecimento e para sua história. À medida que a beatificação é divulgada, a história de Benigna é compartilhada. Diante disso, as cidades que iriam recepcionar essas solenidades ganharam mais destaque. Assim como, o local em que ela viveu, torna-se atrativo

¹¹⁷ João Paulo Cabral, *op. cit.*

e motivo de curiosidade para aqueles que não o conheciam. Sobre essa evidência que é atribuída a cidade que Benigna nasceu, João Cabral ainda destaca:

Olhe com o advento do Turismo religioso se fortalecendo com a beatificação dela, dia 24 de outubro o Vaticano vai estar voltado para o Cariri na beatificação de Benigna na igreja da Sé Catedral, a vai receber os bispos do Brasil, vai receber o emissário do Vaticano que é um Cardeal, todo o clero do Nordeste vai estar voltado para o Cariri e conseqüentemente para conhecer o local de nascimento e do martírio de Benigna (informação verbal).

Percebemos que João Cabral enquanto gestor da cidade demonstra essa atenção para os “olhares” que estarão voltados para Santana, Crato e para a beatificação. Toda essa efervescência teria como culminância a cerimônia.

A respeito da solenidade de beatificação, enfatizamos que nem sempre esses ritos ocorreram da mesma forma, eles foram sendo modificados ao longo do tempo de acordo com cada pontífice da época. Contudo, depois do papa Bento XVI, as celebrações não foram mais realizadas pessoalmente pelo papa, o que era comum em pontífices anteriores. Mas, após essas modificações, a realização da cerimônia passou a ficar a cargo das dioceses responsáveis pelos seus respectivos servos de Deus e candidatos a beatificação. Sobre essas alterações feitas pelo papa Bento XVI, Matos (2014, p. 94) destaca:

Inovações foram feitas por Bento XVI (2005-2013) no que tange as beatificações: A primeira é que passaria a ser regra que as beatificações fossem realizadas na diocese que promoveu a causa do novo beato. A segunda alteração informava que se as partes interessadas (Bispos e Promotores da Causa) desejassem que a cerimônia de beatificação fosse realizada em Roma, mas não na Basílica de São Pedro, eles deveriam solicitar à Secretaria de Estado do Vaticano que avaliaria as motivações para justificar o pedido. Por fim, a terceira destacava que o rito da beatificação, deveria ser desenvolvido durante a Celebração eucarística, precisamente depois do ato penitencial e antes do cântico do “Glória”. A exceção seria que por particulares razões litúrgicas ele fosse realizado durante a celebração da Palavra ou da Liturgia das Horas. O rito deveria ser iniciado com a apresentação à Assembleia das características essenciais da biografia do próximo Beato. Esta apresentação deveria ser feita pelo bispo diocesano ou, tratando-se de diversos Servos de Deus, dos respectivos Bispos diocesanos.

A cerimônia de beatificação de Benigna ocorreu de acordo com as normas instituídas por Roma. No dia 24 de outubro, às 15 horas, o evento teve início, com um momento de misericórdia conduzido pelo missionário Geraldinho Correria, fundador do grupo Missão Resgate e grande incentivador da causa. Às 16 horas, ocorreu um musical “A hora do martírio”, organizado pelo padre Monteiro e a comunidade Filhos Amados do Céu. Nessa ocasião, houve uma peça teatral, onde foi encenado o assassinato de Benigna. Esse evento foi acompanhado

por milhares de pessoas que, além de estar ali de forma presencial, também, assistiam através de lives, programas de televisão e ao vivo em diversos meios de comunicação.

Às 17 horas, aconteceu a solenidade de beatificação, presidida pelo enviado e representante do Papa, o cardeal Dom Leonardo Steiner. A celebração foi iniciada com um breve histórico da vida e morte de Benigna, feita pelo padre Wesley Barros. Depois o cardeal leu a carta apostólica: (por ocasião da serva de deus Benigna), com a qual o sumo pontífice a escreveu no livro dos “Bem Aventurados”, a venerável serva de Deus. Após a leitura da carta apostólica, a imagem oficial de Benigna, que estava coberta por panos, foi exibida ao público ao som do hino em sua homenagem. Enquanto isso, as irmãs adotivas de Benigna, Terezinha Alencar, Terezinha Sisnando e alguns jovens de Santana, levavam ao altar a urna com as relíquias da beata. Como podemos observar na Figura 32, representa-se o momento em que a imagem de Benigna foi descoberta e ovacionada por todos os presentes.

Figura 32 - Dia da beatificação



Fonte: Acervo da autora (2022).

Passando esse momento de muita emoção para os devotos e demais que estavam presentes, a celebração prosseguiu. Depois disso, um segundo momento que nos chamou atenção foi a homilia presidida por Dom Leonardo Steiner, este colocou como foco de sua narrativa a história da vida e morte de Benigna Cardoso. Suas características foram enfatizadas

e a trajetória da jovem ganhou uma ligação com os acontecimentos do evangelho, demonstrando que sua vida já estava predestinada a santidade. Concordamos com Teixeira (2014, p. 26), quando destaca que: “a santidade não está dada: ela é construída coletivamente por meio de um encadeamento de elementos que fazem sentido tanto para sustentar a crença dos fiéis, quanto para um enquadramento do santo num conjunto de virtudes que só o santo tem.”

Esse conjunto de virtudes perpassa por todos os aspectos da vida de Benigna, tornando-a única em meio aos demais jovens da época, até seus afazeres diários são colocados como sagrados ou inseridos nesse encadeamento que culminaria na beatificação. Dom Leonardo assim afirmou: “Benigna foi a fonte em busca de água. Conhecia o caminho para matar a sede, servir o de casa, regar as plantas” (informação verbal)¹¹⁸. Essa fala faz uma analogia com o evangelho retirado do livro de João (4,5-15), em que se descreve a passagem da samaritana que vai ao poço em busca de água. Assim, percebemos que o discurso parte de uma construção de narrativas que atestam a santidade de Benigna através da relação de suas vivências no dia a dia com as passagens bíblicas. O poço em que ela frequentou, pela última vez, já estava destinado a fazer parte da sua trajetória.

O cardeal ainda destacou que a morte de Benigna possibilitou seu encontro com Jesus, este a oferece a verdadeira água que jorra da vida para a eternidade: “A mulher vai ao poço em busca de água e encontra Jesus, a fonte que jorra a água da vida eterna”, ele ainda continuou, “Não era só o poço. Era Jesus, a sua fonte. Foi para a fonte Jesus que Benigna voltou sempre. Dessa fonte, recebeu forças para perseverar, resistir e permanecer fiel aos desejos que Jesus suscitava em seu coração” (informação verbal)¹¹⁹. Essa fala reforça o simbolismo atribuído pelos devotos a água daquele poço, a uma água sagrada que cura, renova e batiza novamente.

Suas atividades cotidianas ganharam um significado místico e sagrado. Para além da sua ida ao poço, nota-se que existe, um constante interesse durante toda a celebração para que as pessoas se sintam identificadas com a história de Benigna. Assim como, com suas vestes, com a forma com que ela tratava os demais e com a região em que ela morava. Como afirma Dom Magnus Henrique Lopes:

Que belo e poético para nossa realidade. Realidade de nordestinos, contemplarmos a nossa santinha, como nós carinhosamente conhecemos, com seu vestido vermelho com bolinhas brancas, sinal do martírio e da pureza. Benigna sobe aos altares vestida de chita, chita é o nosso tecido, faz parte da nossa história, é a santa do nosso coração.

¹¹⁸ TV PADRE CÍCERO. Homilia de Dom Leonardo Steiner na solenidade de Beatificação de Benigna. 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KQTy09JV3fo&t=11369s>. Acesso em: 03 ago. 2023.

¹¹⁹ Dom Leonardo Steiner, *op. cit.*

Temos uma beata no céu vestida de chita, na simplicidade de uma menina, pois Deus escolhe os fracos para confundir os fortes (informação verbal)¹²⁰.

Esse relato, do bispo Diocesano de Crato, remete o interesse por parte da Igreja de incentivar o sentimento de identificação das pessoas com Benigna. A figura da menina nordestina, pobre, que não vestia tecidos caros; a menina simples que chegou ao céu por demonstrar essas sutilezas em vida. É esse o modelo, e essa é a imagem que os romeiros reproduzem, sobretudo, do vestido, pois, quando visitam a cidade e vão as romarias, estes geralmente fazem promessas de usar os mesmos trajes de Benigna ou de levarem o vestido como forma de cumprimento da graça alcançada. Como podemos observar na Figura 33:

Figura 33 - Dia da beatificação de Benigna



Fonte: Acervo da autora (2022).

Percebemos que, a representação do vestido que Benigna usava no dia do assassinato, transformou-se na identidade visual de seus devotos. Todos os anos centenas de pessoas chegam em Santana com o vestido, vermelho de bolinhas brancas, simbolizando a devoção à beata. Nesse ano de 2023, até o dia posterior a beatificação, observamos uma grande quantidade de

¹²⁰ TV PADRE CÍCERO. Fala do bispo da diocese de Crato na cerimônia de beatificação de Benigna. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KQTy09JV3fo&t=11369s>. Acesso em: 03 ago. 2023.

devotos. As mulheres, com o mesmo modelo do vestido, e os homens usavam as camisas com a estampa semelhante.

Ainda, nos referindo a programação da solenidade de beatificação, ao passar esse momento da cerimônia no dia 24 de outubro na cidade de Crato, uma outra logística foi elaborada para o dia 25 de outubro. Todos os eventos ocorridos nesse dia destinavam-se a cidade de Santana do Cariri. Em um primeiro momento, á tarde, ocorreu um louvor e a acolhida no distrito de Inhumas, durante todo o dia chegaram devotos de diversas regiões do país que tinham vindo para a beatificação e ficado para ir visitar a cidade de Santana do Cariri. Os romeiros lotavam os caminhos da fé e faziam questão de conhecer ou revisitar cada lugar relacionado a Benigna.

De acordo com Santirocchi (2013, p. 192): “nessa relação mágica com o divino, as práticas rituais são pensadas numa estratégia que permita, um eficaz recebimento da graça ou que se execute um eficiente agradecimento pela graça recebida, numa perspectiva de vida que favoreça a salvação da alma do fiel.” Os devotos pedem, agradecem e mantém uma íntima relação com Benigna afim de garantir a salvação e perdão dos pecados por intermédio da jovem.

O momento mais esperado pelos devotos foi a chegada da carreta do Crato com a imagem de Benigna para ser entronizada em uma missa solene na Igreja de Santana. Diante disso, no horário então destacado na programação, uma multidão de devotos aguardava a tão esperada estátua e o quadro oficial de Benigna para poderem prosseguir em procissão pela cidade.

A imagem, da então beata, foi recepcionada com muitos aplausos, fogos e louvor. A missa ocorreu na Igreja matriz. À noite, a imagem de Benigna foi entronizada no altar da Igreja, para que os devotos e a população da cidade de Santana do Cariri pudessem fazer suas orações. Aquele foi um dos momentos mais marcantes, depois da beatificação, para a Igreja, enquanto instituição e enquanto povo, pois seria inimaginável que Benigna poderia vir a tornar-se beata de forma tão rápida. Fazendo-se, assim, uma comparação com os demais processos de beatificações brasileiros.

Diante o que foi exposto, observou-se ao longo desse capítulo como a figura de Benigna foi sendo reformulada pelo Poder Público, pelas mídias, pelas redes sociais e pela Igreja Católica. Nota-se que, essa construção de santidade perpassa por vários aspectos, além do religioso. Por questões de violência e gênero, mesmo que estas sejam secundarizadas e até ocultadas para atribuição de sua beatidade, uma vez que o foco das narrativas, propagadas pelo Poder Público e pela Igreja Católica, possuem como destaque: a presença da fé cristã e sua adesão a vida religiosa desde o seu nascimento.

Logo, as narrativas sobre Benigna estão situadas em um determinado tempo e espaço. Estes quando físicos, são alterados, construídos e reconstruídos, a fim de atrair o devoto e manter o turismo religioso.

Por conseguinte, a manifestação religiosa que envolve o culto a Benigna possibilitou, dentre outras coisas, visibilidade para a cidade, um maior fluxo de romeiros e leigos que desejam conhecer a causa. Para isso ocorrer, o Poder Público precisou ampliar seus investimentos na cidade, havendo também a reforma e ampliação dos lugares da memória que remetem a vida da jovem.

Com o evento da beatificação, a cidade de Santana destacou-se ainda mais como um centro da religiosidade católica no Cariri cearense, recebendo centenas de visitantes de todos os lugares do país e, até mesmo, de fora. Assim, nesse capítulo, foi abordado a importância dessa construção social e institucional da santidade para a Igreja Católica, os devotos, e, principalmente, para a cidade que irá beneficiar-se por ter, no município, a primeira beata cearense, Benigna Cardoso da Silva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de santidade de Benigna Cardoso é marcada por símbolos, silenciamentos, discursos normatizadores e disputas por visibilidade, mas, sobretudo, pela fé do povo. Foi essa fé que motivou os primeiros devotos e idealizadores a iniciarem o processo de santificação espontânea da jovem, até esta ser reconhecida nacionalmente e internacionalmente como primeira beata cearense.

Destaca-se a importância dos devotos e moradores da cidade, assim como dois nomes que impulsionaram e deram o pontapé inicial nesse processo: Sandro Cidrão e Ary Gomes. Estes foram os idealizadores que colocaram em prática as romarias, a construção do santuário e visibilizaram a história de Benigna e de algumas pessoas que a conheceram. Apesar de, atualmente, eles serem pouco mencionados, considerando a grande contribuição que tiveram nessa causa, é de extrema importância salientarmos que, talvez, sem eles, a devoção à jovem beata não tivesse ganhado uma proporção gigantesca como vemos hoje.

Dessa forma, ir em busca dos fios que engendram a religião e religiosidade, presente na cidade de Santana do Cariri, nos fez acompanhar de perto, e em tempo real, o caminho da santificação e beatificação de Benigna, analisando como os diversos atores e camadas sociais contribuíram para isso. Dessa maneira, buscamos relacionar as esferas que dizem respeito ao institucional, pela Igreja Católica, e não institucional, observando que esses campos estão em constante aglutinação, construindo a identidade dos devotos.

De início, a Igreja ainda manteve uma certa resistência perante a devoção. Assim, sem o incentivo dessa instituição, por muitos anos, a fé em Benigna foi manifestada de maneira local, ou seja, apenas algumas pessoas da cidade visitavam o lugar do assassinato, acendiam velas e faziam seus pedidos. A história de Benigna era pouco divulgada e sua santidade era aceita apenas de maneira não institucional.

Com o passar dos anos, e com o crescente número de devotos, sobretudo, após os idealizadores da causa impulsionarem o culto e o divulgarem de maneira mais incisiva, a Igreja Católica apropriou-se dessa manifestação e teve início uma fase mais institucionalizada. Contudo, compreendemos que a construção da santidade de Benigna começou desde o momento em que o padre Cristiano Coelho escreveu no livro de batismo, que havia sido morta uma “santinha” e “heroína da castidade”. Esse foi o marco inicial do processo de beatificação, e serviu como base para legitimar a santidade de Benigna.

A partir de então, sua história foi ganhando significados especiais, por exemplo, suas vivências, a castidade e o amor incondicional a Cristo. No discurso dos membros da Igreja, estava predestinada, através do martírio, do doar-se por amor a uma causa maior. Benigna tornou-se exemplo para os jovens através de suas ações e sua vida em comunhão com os mandamentos de Cristo. Isso fez com que ela se tornasse um ideal a ser seguido na mesma proporção em que os discursos eclesiais enfatizavam que, assim como ela se tornou santa, seus devotos poderiam viver a vida de santidade que ela viveu.

E, nesse processo de construção da santidade, observa-se a implantação de símbolos que remetiam à Benigna como: os hinos, a ênfase no vestido e em sua vida memorável. Outro símbolo é a sua biografia, que foi um dos primeiros textos mais completos a respeito da vida da jovem, assim como a busca incessante por depoimentos de pessoas que a conheceram e que poderiam relatar suas ações em vida.

À medida que a história de Benigna ia ganhando novos devotos e aumentando o número de romeiros que vinham visitar a cidade, conseqüentemente, os espaços físicos de Santana iam se modificando, ficando mais preparados para receber uma grande quantidade de devotos, ocasionado pelo turismo religioso.

No mesmo tempo, a paróquia de Santana do Cariri, juntamente com o Poder Público da cidade, incentivava e levava adiante o processo de beatificação. A cada conquista, a cada etapa vencida, e a cada título que Benigna ganhava, seja de serva de Deus, venerável ou beata, existiam divulgações em massa, tanto através da oralidade, quanto das redes sociais que foram inseridas na devoção.

Diante disso, as fontes consultadas foram extremamente importantes para que pudéssemos entender como se deu essa construção da santidade. Por este motivo, optamos por não priorizar uma fonte específica, mas externar a importância de todas que foram utilizadas na construção desse estudo.

Através dos relatos orais, imagens, inquérito policial, dentre outros, notamos as modificações ocorridas ao longo dos anos na devoção à Benigna. Dentre esses, o lugar do martírio, o santuário de Benigna, a cacimba e o trajeto que liga esses espaços. Os devotos atribuíram múltiplos significados a esses pontos, que são considerados sagrados e elos de ligação entre o mundo material e espiritual, no qual o devoto faz as orações, conversam com Benigna e sente-se perto de sua intercessora.

Para além do aspecto religioso, a história de Benigna nos fez criticar os altos índices de violência contra as mulheres que ocorreram e ainda ocorrem na região do Cariri cearense.

Infelizmente, Benigna é mais um caso nas estatísticas de jovens que são estupradas e assassinadas por homens que não aceitam a recusa como resposta para suas propostas sexuais.

São diversas e trágicas histórias de mulheres que tiveram suas vidas ceifadas e foram santificadas de maneira espontânea. O túmulo de Benigna, e dessas outras mulheres que foram citadas no primeiro capítulo, ainda hoje continuam sendo, para seus devotos, um ponto de apoio e refúgio nos momentos difíceis.

Hoje, continuamos com os mesmos problemas. Grandes e pequenas agressões estão ocorrendo todos os dias contra as mulheres. O local do martírio, a cacimba e o santuário de Benigna continuam sendo um grande SUS sem fila e sem protocolos desde os anos de 1941 até os dias de hoje, agora, com maiores proporções. E, “na trama ordenada de símbolos, gestos e representações, o catolicismo vai-se entrecruzando com a realidade. Dor, alegrias, esperança, problemas, anseios, festas, novenas e santos vão compondo o cenário do dia a dia” (PASSOS, 2013, p. 257).

A história da beata ganhou o mundo, o vestido vermelho de chita agora é tema de festivais, homenagens e uma série de eventos que lembram a jovem. O aspecto religioso tornou-a uma beata, sendo que, seu assassinato cruel, a tornou símbolo de representação e luta contra o feminicídio em todo o Ceará.

Como foi exposto nesse trabalho, a santidade é uma construção, por parte dos devotos, da Igreja Católica, do Poder Público e de todos os atores envolvidos que fazem com que, através de símbolos, das manifestações religiosas e uma série de narrativas, a vida de uma pessoa tenha significados especiais e miraculosos. Assim, a cerimônia de beatificação, mesmo sendo extremamente importante para a comunidade católica, torna-se apenas a confirmação da dimensão da santidade já estabelecida pelo povo.

Nesse caso, o processo com que ocorreu a beatificação de Benigna foi muito rápido, comparando outros processos, como o do padre Cícero, que até hoje não tiveram tanto êxito como esse. Diante disso, escrever a respeito tornou-se desafiador considerando que vivemos à medida em que os eventos ocorriam e que as informações nos chegavam em tempo real.

Outro aspecto que consideramos pertinente destacar é o fato de podermos analisar Benigna por diversos vieses, a Benigna da Igreja, do Poder Público, dos devotos, dos comerciantes, da era digital e dos mais jovens. Benigna também é estudada em sala de aula. A sua história vai se adequando de acordo com as necessidades e, partindo do ponto de vista de quem vai abordar, nesses aspectos, notamos as disputas, a luta de interesses e as tensões presente na cidade.

Neste sentido, mesmo apresentando a construção da santidade em torno da história de Benigna, nota-se que ainda tem muito a se pesquisar e problematizar. Os silenciamentos quanto ao estupro, os ditos e não ditos presentes no inquérito policial, assim como o perfil de Raul, através das narrativas orais e do inquérito, são exemplos de lacunas deixadas nesse trabalho, que ficarão para pesquisas futuras, mas que também nos auxiliaram a pensar com criticidade o culto para além do que é considerado senso comum ou oficial. Partindo disso, este estudo é apenas uma etapa dessa pesquisa, e cada personagem que compõe a trajetória de Benigna revela questões que podem ser analisadas de uma escala micro para macro. Sendo assim, sua história assemelha-se tanto com outros casos que ocorrem na região cariense, como de outras santas conhecidas mundialmente, abrindo um leque de possibilidades para pesquisas em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. *In: Revista História Oral*, v.8, n.1, p.11 – 28, 2005.
- ALMEIDA, Fábio Chang de. Internet, fontes digitais e pesquisa histórica. *In: BARROS, José D'Assunção. História digital: a historiografia diante dos recursos e demanda de um novo tempo*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- ALMEIDA, Adilson José de. Sociedade armada: o modo senhorial de atuação no Brasil Império. *Anais [...]*. Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.23. n.2. p. 93-138. jul.- dez. 2015.
- ALVES, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Loyola, 1999.
- ALVES, Daniele Ribeiro; FROTA, Maria Helena de Paula; SILVEIRA, Clara Maria Holanda. “Marias dilaceradas e santificadas ”: a história do assassinato e da devoção a Maria de Bil e Isabel Maria no Estado do Ceará. *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 e 13 th Womens Worlds Congress. Anais [...]*. Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.
- ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 37, 2008. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/201>. Acesso em: 22 fev. 2022.
- ANDRADE, Solange Ramos de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 3, n. 7, 2015.
- ANTUNES, Alex Sandro Maciel. **Albertina Berkenbrock - Virgem e Mártir: A Construção de seu martírio e santidade**. 2011. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História), Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina.
- AQUINO, Thulio Andre Moura de. **Caminhos do poder: Práticas Políticas da Família Coelho na Cidade de Petrolina-PE, 1930-1947**. 2011. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.
- ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico sobre o dia de finados**. 2009. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências da Religião), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. **Pobres, honradas e virtuosas: os dotes de D. Francisco e a Misericórdia de Ponte de Lima (1680-1850)**. Barcelos: Editora do Minho, 2000.

AZEVEDO, Bonnie Moraes Manhães de; FERREIRA, Raphael da Silva. Redes sociais e religião: a Igreja Católica diante da sociedade imagética conectada. **Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, v. 21, n. 1, 2018.

AZZI, Riolando. A Espiritualidade Popular no Brasil: um enfoque histórico. **Revista Grande Sinal, Petrópolis, Vozes, Ano**, v. 48, p. 293-304, 1994.

BARRETO, Polliana de Luna Nunes; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho. Gênero e Educação: o feminino santificado no Cariri cearense. **INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar**, v. 16, n. 2, p. 37-56, 2019.

BARROS, José D. Assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia**, n. 103, 2019.

BEATA BENIGNA HINO. **Ó mártir da pureza**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZKZhE77IT2w>. Acesso em: 30 jul. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v. 2. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio de Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORELLI, Viviane. **Mídia e Religião: entre o mundo da fé e do fiel**. Rio de Janeiro: EPapers, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. **Usos e abusos da história oral**, v. 8, p. 183-191, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRITO FILHO, Cleudemir Malheiros. Violência de gênero–Femicídio. **Cadernos de Direito, Piracicaba**, v. 17, n. 32, p. 179-195, 2017.

CARCEDO CABAÑAS, Ana; SAGOT RODRÍGUEZ, Monserrat. Femicídio em Costa Rica: balance mortal. **Medicina Legal de Costa Rica**, v. 19, n. 1, p. 05-16, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. Introdução. **Por uma sociologia histórica das práticas culturais**. A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 13-28, 1990.

CHARTIER, Roger. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna, séculos XVI-XVIII**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras: Revista de História**, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011.

CICILIOT, Valentina. La politica delle canonizzazioni di Giovanni Paolo II. Corso di Laurea specialista in Scienze delle Religioni. **Università Ca' Foscari di Venezia e Università degli Studi di Padova**. 2008.

CIDRÃO, Raimundo Sandro. **Resgatando a memória de Santana do Cariri**. Santana do Cariri: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Município, 1994.

CIDRÃO, Raimundo Sandro. **Ainda Resgatando**. Juazeiro do Norte: Gráfica Universitária, 2001, p. 73.

CIDRÃO, Raimundo Sandro. **Benigna: um lírio no sertão cearense**. Boreau de serviços gráficos: Santana do Cariri, 2014, p. 63.

CIDRÃO, Raimundo Sandro. **Resgatando uma história de fé: Benigna**. Santana do Cariri: 2014, p. 55.

CIDRÃO, Raimundo Sandro. **Resgatando a memória de Santana do Cariri**. 3. ed. 2017, p. 30.

COLUCCIO, Felix. **Cultos y canonizaciones populares de Argentina**. Buenos Aires: ediciones Del Sol, 2003, p. 7.

CONTI, Servílio. **O santo do dia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. Romarias – devoção e diversão. *In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, de 28 a 31 de julho de 2009. Anais [...]*. Rio de Janeiro.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte**. Fortaleza, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. *In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). Geografia: conceitos e temas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 15-47.

- CUBAS, Caroline Jaques. **O corpo habitado: sentidos e sensibilidades na formação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (Província de Nossa Senhora de Lourdes, 1960 - 1980)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *In: VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO)*. **Anais [...]**. 2003.
- DISCINI, Norma. Para o estilo de um gênero / For the style of a gender. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2): 75-94, Jul./Dez. 2012.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora EDUSP, 2009.
- DOSSE, François. **Renascimento do acontecimento**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ELIADE, Mircea. **Patterns in comparative religion**. London: Sheed and Ward, 1958, p. 40.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução Rogério Fernandes. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Apresentação. *In: VARAZZE, Jacopo de*. **Legenda Áurea – Vidas de Santos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 16.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GENEROSO, Welinaidia de Sousa. **Tramas da morte, caminhos da salvação: a construção da santidade de Filomena Lacerda**. 2023. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Samuel Peixoto. **Importância dos eventos religiosos na economia de Juazeiro do Norte**. Fortaleza, 2013.

GRASSI, Pâmela Cervelin. Quando nos despedimos, já estava com saudades dele: as representações e as práticas culturais nos recônditos femininos. *In: XVIII Simpósio nacional de história. Anais [...]*. Florianópolis, 2015.

GUARIZA, Nádia Maria. História de religiosas brasileiras: entre biografias e hagiografias. **Diálogos (Maringá. Online)**, v. 19, n.3, p. 1253-1281, set.-dez./2015.

GUIMARÃES, Francisco Portugal. Proprium sanctorum: o culto a suas relíquias e a seus relicários. **População e Sociedade**, p. 53, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo, 1992.

JALUSKA, Taciane Terezinha; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. A utilização dos espaços sagrados pelo turismo religioso e suas possibilidades como ferramenta auxiliar para o estabelecimento do diálogo entre as nações. **Turismo: Visão e Ação**, v. 14, n. 3, p. 337-348, 2012.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular**. 2004. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

KALMBACH, Pedro. Batismo e confirmação nos primeiros cinco séculos da igreja cristã: aproximações. **Estudos Teológicos**, v. 42, n. 3, p. 17-28, 2002.

KHOURY, Yara Aun *et al.* Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. **Muitas memórias, outras histórias**, p. 118, 2004.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo enxada e voto**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.23.

LOPES, Francisco Régis. **O meio mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Imprensa universitária, 2014.

MALERBA, Jurandi. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, n. 74, 2017.

MANOEL, Ivan Ap. História, religião e religiosidade. **Identidades Religiosas e História**, v. 1, n. 1, 2008.

MARTINS, William de Souza. Mártires, freiras, beatas penitentes e matronas caridosas: modelos de santidade feminina na América Portuguesa (século XVIII). **Caderno Socioambiental**, p. 13-28, 2013.

MATA, Sergio da. História e Religião. Belo Horizonte, autentica editora. 2010, p.120.

- MATOS, Silvana Sobreira de. **A beata Chiara Luce e as transformações e/ou atualizações na santidade católica**. 2014. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia. Recife, 2014.
- MENEGHEL, Stela Nazareth *et al.* Femicide: narratives of gender crimes. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 17, p. 523-533, 2013.
- MESQUITA, Fabio de Azevedo. A Veneração aos Santos no Catolicismo popular brasileiro—Uma aproximação histórico-teológica. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 9, n. 15, p. 155-174, 2015.
- MONTES, Maria Lúcia Aparecida. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. 1998. *In*: NOVAS, Fernando A. (org). **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MORAIS, Álvaro Dellano Rios. **O povo fez sua santa: Canonização espontânea nas narrativas dos devotos de Mártir Francisca de Aurora**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. 125p.
- NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire. La problématique des lieux. **Les lieux de mémoire**, v. 1, p. 23-42, 1984.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC/SP**, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- NOBRE, Edianne dos Santos. **O teatro de Deus: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (Ceará, 1889-1898)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- NORONHA, E. Magalhães. **Direito Penal**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1967. v. 1.
- NUVENS, Jessica Correia Duarte. **O combate à violência de gênero na escola: propostas para o ensino de história**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História), Centro de Humanidades, Universidade Regional do Cariri.
- OLIVEIRA, Cleide Correia de *et al.* Loucura em liberdade: vivências e convivências em Crato-CE (1930-1970). **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 56, p. 138-142, 2003.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Catolicismo popular e mudança social. **CEI Suplemento**, 1975, n. 12, p. 3-11.
- OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho Serra de. Romaria do Bom Jesus da Lapa: prática do catolicismo popular. **Fragmentos de Cultura, Goiânia**, v. 21, n. 4/6, p. 249-268, 2011.

OLIVEIRA, Simone Geralda. **Três santas do povo: um estudo antropológico sobre santificações populares em Minas Gerais**. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Religião), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora.

ORTIZ, Renato. **“Pierre Bourdieu”**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

PALÁCIO, Carlos. O Legado da Gaudium et Spes. Riscos e Exigências de uma nova Condição Cristã. *In: Perspectiva Teológica*. 1995, p. 337.

PALLA, Maria José. **Traje e Pintura**: Grão Vasco e o Retábulo da Sé de Viseu. Lisboa: Editorial Estampa, 1999, p. 65-66.

PASSOS, Mauro. Não abandone o homem aqueles que Deus chamou—“Encomendações de almas” na religiosidade popular em Minas Gerais. **A invenção das devoções**: crenças e formas de expressão religiosa. Belo Horizonte: Editora O Lutador, p. 269-294, 2013.

PAZ, Renata Marinho. **As beatas do Padre Cícero**: participação feminina leiga no movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte. Edições IPESC-URCA, 1998.

PEIXOTO, Maria Cristina Leite. **Santos da porta ao lado**: os caminhos da santidade contemporânea católica. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista brasileira de História**, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Nouveaux mondes mondes nouveaux-Novo Mundo Mundos Novos-New world New worlds, 2005. Consulté le 12 avril 2015.

PINTO, Rooney Figueiredo. **A iconografia mariana no espaço jesuíta português**: culto e devoção à Virgem Maria na Igreja do Colégio de Jesus de Coimbra. 2014. Dissertação (Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural). Universidade de Coimbra. Coimbra, 2014.

PORDEUS JÚNIOR, Ismael. **Uma casa luso-afro-brasileira com certeza**: emigrações e metamorfoses da umbanda em Portugal. São Paulo: Terceira margem, 2000.

POULET, Georges. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. **Universidade, formação e missão**: o movimento dos grupos de oração universitários e carismáticos. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2008.

QUINTAS, Diana Irene de Almeida. **Iconografia das Imagens das Igrejas Paroquiais do Concelho de Espinho**. 2011. Dissertação (Mestrado em História da Arte Portuguesa), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, setembro 2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 447 p.

RÉAU, Louis. **Iconografia Del Arte Cristiano: Iconografía De la Biblia - Nuevo Testamento**. Trad. Daniel 133 Alcoba, Tomo 1, v. 2, Barcelona: Ediciones Del Serbal, 2000, p.192.

RIBEIRO, Silvana Mota. “Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo”. *In: IV Congresso Português de Sociologia. Anais [...]* Universidade de Coimbra, 17-19 de abril de 2000.

RIEDL, Titus. **Últimas lembranças: retratos da morte, no Cariri, região do Nordeste brasileiro**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 93-102.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SALES, Ana Cristina de. **Narrativas sobre o culto à cruz da baixa rasa em Crato/CE: sensibilidades mimetizadas**. 2014. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. O beijo e a festa: o Jubileu do Bom Jesus em Congonhas. **A invenção das devoções: crenças e formas de expressão religiosa**. Belo Horizonte: O Lutador, p. 167-201, 2013.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral**. Fortaleza: UECE, 2009.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Anjos Insubmissos: a tradição oral dos sepultamentos infantis no Sul do Ceará. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, 2010.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. O espaço da morte na tradição oral: o caso da Cruz da Rufina no sul do Ceará. **Revista Espacialidades**, v. 3, n. 02, p. 01-21, 2010.

SANTOS, Lyndon de Araújo. Memória e espiritualidades femininas: um olhar da história das religiões. *In: DIAS, José Alves; ALVES, Ana Elizabeth dos Santos. Diálogos com a memória: reflexões sobre as experiências na América Latina*. 1. ed. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

SBARDELOTTO, Moisés. Deus em bits e pixels: rituais on-line e a experiência religiosa em tempos de internet. *In: Congresso Internacional das faculdades est, 1., 2012. São Leopoldo. Anais [...]*. Rio Grande do Sul: EST, 2012. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/17>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SERAFIM, Vanda Fortuna; PICCOLI, Tonia Kio Fuzihara. Maria Bueno e suas representações: reflexões teóricas sobre as crenças religiosas no Paraná - século XXI. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 411 - 444. maio/ago. 2016.

SILVA, Ariana Nascimento da. **A romaria virtual de Nazaré**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Programa de Pós- Graduação em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2015.

SILVA, Tatiana Olegário da. **O povo fez sua santa, a igreja construiu a mártir**: devoção à Benigna Cardoso em Santana do Cariri/CE. 2021. Trabalho de conclusão de curso.

SILVA, Francisca Sabrina Moraes; QUEIROZ, Zuleide Fernandes. No Cariri B.OS referentes a violência contra mulheres, já concedeu a alguma o papel de santas. *In*: XI Encontro Regional Nordeste de História Oral. 2017. **Anais** [...]. Disponível em: http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1497909194_ARQUIVO_Artigo-SabrinaeZuleide.pdf. Acesso em: 29 jul. 2023.

SILVA, Kelly Karoline Noll da. **“Sangue e silencio na mata virgem”**: a construção da santidade de Albertina Berkenbrock (1950-2008). Florianópolis, 2020.

SILVA, Kelly Caroline Noll da. A escrita de uma vida destinada à santidade: discurso religioso, infância e relações de gênero em biografia da beata Albertina Berkenbrock. *In*: IV Seminário Internacional História do Tempo Presente. **Anais** [...]. ISSN 2237-4078. 2021.

SOARES, Hugo Ricardo. **A produção social do Santo**: um estudo do processo de beatificação do Padre Rodolfo Komórek. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

SPADARO, Antonio. **Quando a fé se torna social**. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo- Editora Paulus, 2016.

TEIXEIRA, Igor Salomão. **Como se constrói um santo**: a canonização de Tomás de Aquino. Curitiba: Editora Prismas, 2014.

TELLES, André. **A revolução das mídias sociais**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2010.

TOLDY, Teresa Martinho. **Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista**. Lisboa: Editora Paulinas, 1998.

VAILATI, Luiz Lima. **A morte menina**: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kenipp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995, 1998. 285 p.

VIEIRA, João Alfredo Medeiros. **Noções de criminologia**. São Paulo: Ledix, 1997.

TIPOLOGIA DAS FONTES

Fontes orais

Entrevista realizada com Sandro Cidrão, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 23 de outubro de 2021.

Entrevista realizada com Sandro Cidrão, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 23 de outubro de 2022.

Entrevista realizada com Padre Paulo Lemos Pereira, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 30 de setembro de 2018.

Entrevista realizada com dona Penha, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

Entrevista realizada com Carlos Sousa, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

Entrevista realizada com Maria Josecisa de Lima, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

Entrevista realizada com Ary Gomes, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 23 de outubro de 2021.

Entrevista realizada com Terezinha de Alencar Nuvens, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

Entrevista realizada com Nair Sobreira, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 25 de maio de 2022.

Entrevista realizada com João Paulo Cabral, concedida a Tatiana Olegário da Silva em 30 de outubro de 2017.

Entrevista realizada com João Paulo Cabral, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

Entrevista realizada com Ypsilon Félix, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 de fevereiro de 2022.

Entrevista realizada com Padre Thiago, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 24 de outubro de 2022.

Entrevista realizada com César Henrique Alves Fernandes, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 04 de março de 2022.

Entrevista realizada com Lica Fontes, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 30 de setembro de 2018.

Entrevista realizada com Antônia Barbosa de Brito, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 02 de novembro de 2016.

Entrevista realizada com Vicência Pereira da Silva, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 02 de novembro de 2016.

Entrevista realizada com Fabiene dos Santos, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 30 de setembro de 2018.

Entrevista realizada com João Paulo Cabra, concedida a Tatiana Olegário da Silva, em 01 novembro de 2019.

Iconográficas

Imagens que foram analisadas neste trabalho.

Escritas

Inquérito policial, 1941.

Jornal “O povo”.

Cordel: heroína da castidade. Autores: Marcos Danilo Estevam Sobreira e Josenildo Estevam da Silva.

Poema: A história da menina que foi matada a facção”, Pedro Bandeira.

Nihil Obstat.

Oração oficial pela beatificação.

Midiáticas

Redes sociais.

Instagram

https://www.instagram.com/martirbenigna/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igshid=OGQ5ZDc2ODk2ZA==

https://www.instagram.com/meninabenigna/?utm_source=ig_web_button_share_sheet

Instagram oficial da prefeitura

https://www.instagram.com/prefeituradesantanadocariri/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igshid=OGQ5ZDc2ODk2ZA==

facebook

<https://www.facebook.com/martirbenigna>

YouTube

<https://www.youtube.com/@paroquiasenhorasantana-san9283>

<https://www.youtube.com/watch?v=KQTy09JV3fo&t=11369s>

<https://www.youtube.com/@MartirBenigna>